

VII Fala *outra* Escola

14 a 17 de julho de 2015



Caderno de Resumos





Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada

VII Seminário Fala (Outra) Escola

“Teu olhar trans-forma o Meu?”

Caderno de Resumos

VII Seminário Fala (Outra) Escola

Diálogo e Conflito: “Teu olhar trans-forma o Meu?”

14 a 17 de julho de 2015

Organizadores

Guilherme do Val Toledo Prado (coordenador)

Daniela Quevedo Pacheco (org)

Heloísa Helena Dias Martins Proença (org)

Liana Arrais Serodio (org)

Luciana Haddad Ferreira (org)

Lucianna Magri de Melo Munhoz(org)

Marciene Aparecida Santos Reis(org)

Marissol Prezotto (org)



UNICAMP

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação - 2015



CAPA



SUMÁRIO

Comissão Científica

Adail Ubirajara Sobral (UCPEL- RS)

Adriana Carvalho Koyama (UNICAMP)

Adriana Varani (UNICAMP)

Adriana Alves Fernandes Costa (UFRRJ)

Adriana de Melo Ramos (UNESP)

Adriana Stella Pierini (UNISAL-SP)

Ana Maria de Campos (UNISAL-SP)

Ana Maria Falcão de Aragão (UNICAMP)

Antonio Simplicio de Almeida Neto (USP)

Carla Helena Fernandes (UNIVAS)

Carmen Lúcia Vidal Pérez (UFF)

Carmen Diolinda da Silva Sanches Sampaio (UFRJ)

Cláudia Regina Alves Prado Fortuna (UEL)

Cláudia Roberta Ferreira (UNICAMP; Fundação Bradesco)

Corinta Maria Grisolia Geraldi (UNICAMP)

Eliane Greice Davanço Nogueira (UEMS)

Elison Paim (UFSC)

Flávia Anastácio de Paula (UNIOESTE)

Francisco Evangelista (UNISAL-SP)

Guilherme do Val Toledo Prado (UNICAMP)

Inês Ferreira de S. Bragança (FFP/São Gonçalo-UFRJ)

Jacqueline de Fatima S. Morais (FFP/São Gonçalo-UFRJ)

José Amâncio Tonezzi Rodrigues Pereira (UFPB)

João do Prado Ferraz de Carvalho (UNIFESP)

João Wanderlei Geraldi (UNICAMP)

Juliana Terra (FACH)

Laura Noemi Chaluh (UNESP)

Liana Arrais Serodio (UNICAMP)

Luciana Esmeralda Ostetto (UFF)

Luciana Haddad Ferreira (UNICAMP)

Mairce da Silva Araujo (FFP/São Gonçalo-UFRJ)

Marcemino Bernardo Pereira (UNICAMP)

Maria Ângela Borges Salvadori (USP)

Maria de Fátima Guimarães (USF)

Maria José de Oliveira Nascimento (IFSP)

Maria Sílvia Duarte Hadler (UNICAMP)

Marisol Barenco Correa de Mello (UFF)

Nara Caetano Rodrigues (UFSC)

Renata Cristina Barichello Cunha (UNIMEP)

Rúbia Cristina Cruz (UNISAL-SP)

Silvia Maria Cintra da Silva (PUCCAMP)

Sumaya Mattar (USP)

Tânia Regina Laurindo (UNIARARAS)

Valdemir Miotello (UFSCAR)

Comissão Organizadora

Adrielli Matias dos Santos

Alexandre Tadeu de Andrade Dias da Silva

Ana Maria Falcão de Aragão

Bianca Fiod Affonso

Bruna Celli Degrecci

Cristina Maria Campos

Daniela Quevedo Pacheco

Fabiana Marques Barbosa Nasciutti

Glória Pereira da Cunha

Grace Caroline Chaves Buldrin Chautz

Heloísa Helena Dias Martins Proença

Juliana Terra

Liana Arrais Serodio

Luciana Haddad Ferreira

Lucianna Magri de Melo Munhoz

Marcemino Bernardo Pereira

Marciene Aparecida Santos Reis

Maria Fernanda Pereira Buciano

Maria Natalina Oliveira Faria

Marissol Prezotto

Mateus Leme de Sousa

Patrícia Regina Infanger Campos

Raul Cabral França

Renata Barroso de Siqueira Frauendorf

Rosaura Angélica Soligo

Wilson Queiroz

Sumário

Apresentação	19
MEMORIAIS DESCRITIVOS DA MOSTRA DE TRABALHOS	
“OS INFINITOS OLHARES DA/NA ESCOLA”	25
Redimensionar e Resignificar espaços escolares através da prática de modalidades artísticas na interface Educando-Educador	26
O jogo no ensino da sequência numérica dos números naturais para os alunos do 1º ano do ensino fundamental.....	28
Proposições corporais em praças públicas.....	30
Educação em Saúde na Educação Infantil: parceria entre Saúde e Educação.....	32
O que te causa inquietação?	34
A colcha que virou livro.....	36
Coletivo cê: cultivando os saberes da experiência.....	38
Entendendo a dengue e ampliando conhecimentos.....	40
Teatro e protagonismo juvenil na escola pública: laboratório sensorial artes dos sentidos-2014	42
Ritmos, sons e africanidades: a construção da dimensão sensível	44
Ousar: aprendendo com o olhar da criança da educação infantil	46
Café da semente de feijão andu: um recorte do projeto flora na comunidade Xucuru Kariri Warkanã de Aruanã-MG e as possibilidades do currículo narrativo	48
Reescrevendo clássicos	50
“Olhar por onde piso” - passos por onde passamos, eu e meus caminhos	52
A língua além das palavras - formação continuada dos professores de língua portuguesa: reflexão, experiências e coletividade	54
Desconstruindo a chapeuzinho – ampliando olhares sobre a construção de personagens	56
Ver com as mãos e tocar com os olhos!	58
“Da caverna à sala-cela”, passando pelo ‘arco dos falsos triunfos’	60
O que é isto?	62
Cultura tradicional da infância: pesquisa, registro e valorização de memórias a partir do levar a brincar	64
Um blog como ferramenta para a educação musical	66
Construir e apropriar-se do espaço pedagógico de uma escola infantil: tessituras da prática de uma Emei em Porto Alegre/RS.....	68

Contaçon do mundo: pois nenhum muro separa a escola da realidade	69
Lunetas mágicas	71
Projeto 25 anos da Escola Municipal Erso Gomes – sequência didática: minha escola conta a história (vídeo com a técnica stop motion).....	73
Monstros do imaginário.....	75

RODA ESCOLA-UNIVERSIDADE/ UNIVERSIDADE-ESCOLA..... 77

Eixo 1: Formação docente e saberes profissionais..... 78

Mesa de Abertura.....	78
Diálogos sobre escola e educação das sensibilidades.....	78
Narrar processos, compartilhar possibilidades: desafios na construção de uma política municipal de formação continuada	79
A Articulação entre Universidade e Escola: os saberes necessários para a participação no Projeto Bolsa Alfabetização.	80
Eu tô voltando pra casa: narrativas sobre formação e desenvolvimento profissional	81
Culturas e Infâncias no cotidiano escolar: práticas e formação.....	82

Eixo 2: Cotidiano e práticas educativas..... 83

Escola de educação integral: cotidiano e desafios de formação	83
Escola e produção do conhecimento: uma relação possível	84
Entrelaçamento entre práticas de formação e narrativas (auto)biográficas	85

Eixo 3: Subjetividades, memória e de educação das sensibilidades..... 86

A Pedagogia Freinet e a Formação Docente.....	86
Memória e Educação das Sensibilidades na Formação de Professores	87
Os professores e seus alunos: aprendizagens compartilhadas em Educação Estética	88
Educação sensível: formação e experiência na docência.....	89
Formação ética: o que a escola tem a ver com isso?.....	90

Eixo 4: Escola como experiência política..... 91

Política e Educação em Africanidades.....	91
Cala a boca já morreu? Experiências de participação política de alunos no ensino fundamental	92
Escola-comunidade: fortalecimento dos processos de participação e pertencimento	93

SESSÕES DE DIÁLOGOS	94
Eixo 1: Formação docente e saberes profissionais	94
A experiência e a afetividade a favor da gestão democrática	95
Características e consequências da dixlexia: Uma questão docente?.....	96
A formação dos alfabetizadores- o que revelam seus relatos (sobre a ótica de uma alfabetizadora)	97
Escola em movimento: experiência de formação na Licenciatura em pedagogia a distância com as crianças pequenas	98
O que pensam os professores?.....	99
Uma abordagem sobre o desenvolvimento da autorregulação e da autonomia por meio da literatura infantil.....	99
Desafios ao educador na transição do quinto para o sexto ano nas escolas públicas do estado de são paulo: uma proposta de formação.....	100
Redes e coletivos docentes: possibilidades de (trans) formação do olhar?	101
PNAIC: compartilhando saberes na diversidade do solo pantaneiro de aquidauana - MS.....	102
Ensaio de possibilidades outras de pesquisa com processos de formação de professores (de música)	103
Um olhar para a cultura africana e indígena na educação brasileira	104
O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Uma dentre várias perspectivas.....	105
Transformando olhares pela pesquisa no/com o cotidiano: a formação da professoraalfabetizadoraapesquisadora	106
Formação continuada, profissionalização de professores: Por uma constituição da terminologia	107
A formação de professores e professoras brincantes: descolonizando olhares.....	108
Experiência estética para além da sala de aula: imagem em cena	109
A formação continuada de professores no contexto /do PNAIC: o que dizem os Orientadores de Estudo sobre esse processo	110
A parceria entre professores experientes e estudantes da Pedagogia: uma discussão sobre o processo de formação no contexto do Pibid	111

Os descaminhos também nos fazem chegar: pesquisa de campo com professores alfabetizadores indígenas	112
A voz de um professor - formador que se inventa e reinventa a partir	113
Formar-se professor de surdos no cotidiano: transformando o olhar a partir da experiência com a surdez.....	114
Metodologias Dialógicas de Formação.....	115
Parceira na sala de aula: possibilidade de formação inicial e continuada de professores.....	116
Narrativas de futuras professoras-pesquisadoras: (trans)formação e grupo de pesquisa	117
Experiências do –dicentes no/do GEFEL	118
Olhares trans-formados do cotidiano escolar: diálogo e reflexões sobre orientação pedagógica e formação docente	119
Práticas pedagógicas e novas tecnologias: o outro na construção / usos de objetos de aprendizagem para a alfabetização de crianças Surdas.....	120
Carreira e identidade docente.....	121
Coordenador Pedagógico: constituição, atribuição e formação.....	122
Gêneros Discursivos: uma reflexão polifônica na formação de professores alfabetizadores no contexto PNAIC-Unicamp	123
Corpo sensível na EAD – UNIRIO	124
Olhar com o outro: trans.formar experiências	125
GRUPAD – Grupo de Estudos Alfabetização em Diálogo: construindo conhecimentos sobre uma escola outra num grupo colaborativo	126
A formação continuada do professor da educação básica nas escolas municipais de São Paulo: o lócus na escola.....	127
As ações de coordenação pedagógica espaço coletivo de construção permanente da prática docente	128
Contribuições da escrita na formação de licenciandos em pedagogia.....	129
Formação docente e saberes profissionais.....	130
Formação e Avaliação: os sentidos atribuídos pelos professores de Língua Portuguesa aos processos de formação continuada no contexto da Avaliação Externa – SARESP.....	131
Narrativas do encontro na educação Pela pesquisa	132

O professor e o cientista	133
Formação docente continuada e a conversação na escola: o olhar do outro na constituição do sujeito professor	134
Reflexões das alunas tutoras sobre suas práticas pedagógicas no ensino superior	135
Linguística e pedagogia: um diálogo necessário.....	136
Pesquisa-formação online: caminhos metodológicos de uma pesquisa com professoras alfabetizadoras.....	137
Prática docente: um agir sociossituado.....	138
A formação continuada de tutores-formadores: interlocuções constituídas em diferentes espaços.....	139
Escritas docentes: que caminhos percorrem na prática docente de professores alfabetizadores?.....	140
PIBID: contribuições na formação inicial de Licenciandos em Pedagogia.....	141
Lições aprendidas na experiência docente coletiva da educação física na escola de educação integral.....	142
O estágio supervisionado em escolas do campo sob o olhar de estudantes de pedagogia	143
Conversas e Formação Docente: Transitar em Vias Interdisciplinares.....	144
Formação contínua na escola: círculo de contribuições.....	145
Diário de campo reflexivo como prática formativa em estágio supervisionado	146
A Poética da criança de 0 a 3 anos e a Arte Contemporânea na Formação Continuada.....	147
A escola como espaço de formação	148
Quando a formação inicial dá lugar à formação continuada: dilemas de professoras iniciantes.....	149
O papel do professor de Educação Básica como formador de seus pares: a experiência de professores-formadores.....	150
Teoria e prática: dialogando com as experiências no espaço escolar	151
Grupos de formação continuada: a interlocução entre Geografia e História	152
Um curso em formação: corpo, arte e natureza – UNIRIO	153
O outro que altera-me e alarga-me: perspectivas de uma “outra” formação de professores	154
Seminário de Boas Práticas na Escola.....	155



O que se encontra quando se encontram os sujeitos da formação: escrita de professoras residentes do Programa de Residência Docente do Colégio Pedro II.....	156
A contribuição da provinha brasil na atuação do professor alfabetizador	157
Flagrantes de uma comunidade de leitores.....	158
A prática da leitura privilegiada como exercício alteritário na pesquisa	159
Quando as palavras contam a matemática: uma experiência de formação de formadores.....	160
Docência e discência – corpo, arte e natureza na Educação infantil.....	161
Narrativas e alteridade entre professores de educação infantil: o Programa de Residência Docente do Colégio Pedro II	162
“Teacher, há uma barreira entre nós”	163
Saberes experienciais na formação continuada de professoras e professores alfabetizadores a partir do PNAIC.....	164
Considerações sobre a importância do relatório de Estágio no processo formativo do licenciando em Geografia.....	165
Metanarrativas bakhtinianas: uma etapa dos estudos do GruBakh	166
(Foto)grafando e (des)velando infâncias.....	167
Formação e prática docente em Língua Portuguesa na Universidade Nacional de Timor-Lorosáe: relato da experiência codocente	168
Como me mostro professora: o discurso imagético sobre práticas pedagógicas.....	169
Olhares trans-formados pela experiência da diáspora acadêmica	170
Ateliê de Arte na Escola: O osso esconde o coração	171
O teu olhar trans-porta o meu?	172
Entre fios e tramas, a confecção de uma peça: eu e minha identidade	173
Formação da prática docente: construção da alfabetização científica de práticas de leituras interdisciplinares.....	174
Práticas educativas e formação de educadores	175
A constituição do habitus e do capital cultural de professores-mestres da primeira turma do mestrado profissional da UEMS.....	176
O olhar do professor formador de professores: relato de experiência.....	177

Eixo 2: Cotidiano e práticas educativas	178
Dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita: uma perspectiva de compreensão.....	179
Além dos muros da escola: reconhecendo a cidade.....	180
Formação de professores continuada. Onde, como acontece?	181
Historiando memórias escolares com alunos/as do ensino fundamental da rede estadual do rio de janeiro	182
Experiências com a tecnologia audiovisual na escola:	183
O teu olhar trans-forma o meu?.....	183
O uso do jogo nas práticas alfabetizadoras: recurso para a aprendizagem	184
Conversa ao pé do ouvido: A transformação pessoal e profissional da gestora.....	185
Vamos ver o que o esguicho pode fazer	186
A escuta e o diálogo como princípios formativos das práticas alfabetizadoras	187
Arte em movimento: o relato de uma experiência	188
Projeto peixe vivo.....	189
Ateliês e cantinhos são a mesma coisa?.....	190
O que te causa inquietação?.....	191
O que pode contar uma carta?.....	192
Um olhar sobre meu bairro.....	193
Profissionais da educação de mãos dadas contando experiências.....	194
O uso do jogo nas práticas alfabetizadoras: recursos para a aprendizagem	195
Um ecossistema artificial: as cidades	196
O ensino de ciências para alunos/as com altas habilidades/superdotação: "tateando" significados no labirinto das narrativas.....	197
O letramento em língua inglesa: uma prática sócio-cultural	198
Orientação sexual.....	199
Reaproveitamento de materiais para a confecção de jogos educativos	200
Alfabetização e cidadania: experiências com educação ambiental e sustentabilidade no cotidiano escolar	201

Entre balbucios e palavras: roda de conversa na creche	202
As transformações no trabalho docente: a escuta do outro	203
Os segundos que duram o eterno: a experiência do tempo na escola	204
O ensino de física em diálogo com projetos de trabalho: acomodando conflitos	205
Momento de leitura literária: um convite à fruição	206
A escola como <i>espaçotempo</i> de criação, invenção e táticas cotidianas.....	207
Espaços de conversa: lugares do narrar	208
Que brincadeira é essa?!	209
Para além das aulas presenciais: preparando os alunos para os vestibulinhos.....	210
Alunos com necessidades educacionais especiais na escola regular e a prática docente: ressignificações em foco	211
Projeto uma lenda, duas lendas, tantas lendas... ..	212
O eu e o outro em um processo teatral coletivo -	213
As relações entre professores e alunos no espetáculo “Hamlet”, da escola de teatro da fundação das artes	213
Contos de Bruxas: vamos produzir?	214
Cabelo crespo e corpo negro na sala de aula	215
Pensamentos, palavras, olhares outros que nos trans-formam: algumas reflexões sobre falas infantisno cotidiano escolar.....	216
Reflexões sobre a construção da identidade negra na sala de leitura	217
Leitura literária em sala de aula	218
Trajetória de um diretor educacional na educação infantil: relações étnico- raciais e a construção da identidade de crianças	219
Projeto aproximando culturas	220
Retalhos de narrativa, escrita e oralidade na educação de jovens e adultos	221
Eu posso participar da assembleia?	222
Leitura e escrita como possibilidade de trans-formação docente e discente no ensino fundamental I.....	223
O texto livre como instrumento pedagógico na alfabetização	224
Pensamentos, palavras, olhares outros que nostrans-formam - algumas reflexões sobre falas infantis no resenhas literárias no youtube: práticas de leituras da cultura juvenil na atualidade	225

A escola popular e o popular na escola: o processo de construção curricular Em uma escola de petroperiferia.....	226
Interarte: entre papéis e tecidos.....	227
Pensamentos, palavras, olhares outros que nos trans-formam: algumas reflexões sobre as falas infantis no cotidiano escolar	228
A interdisciplinaridade em atividades de iniciação científica na escola	229
A integralidade do ser da escola integral: por uma educação mais estética	230
Múltiplos olhares para uma escola que sonha em ser diferente	231
Olhe, meu desenho cresceu! : uma experiência com luz e sombra	232
As potencialidades das histórias em Quadrinhos para o ensino de história no ensino Fundamental	233
Tchau sujeira!	234
Produção de fanzines: sujeitos leitores e escritores em ação na escola pública.....	235
Brincar para integrar e (re)significar	236
Histórias contam outras histórias	237
Viagens imaginárias: a construção de um livro a partir de narrativas criadas na educação infantil	238
Combates na dicotomia rural-urbana dos livros didáticos de geografia	239
Práticas escolares emancipatórias: correlação entre teoria e prática.....	240
O canto ainda tem sentido: estudo sobre o ensino musical em escolas de educação básica em La Unión no Chile	241
O olhar da criança (trans)forma a creche: relato de experiência.....	242
O descobrimento do brasil e suas diferentes rotas para descobrir como se faz história	243
Rodas temáticas.....	244
A formação da prática do educador: alfabetização científica dos saberes das representações socioambientais.....	245
Ressignificando os saberes na sala de aula.....	246
Idas e vindas no registro de uma atividade.....	247
Por um triz	248
A construção do olhar: narrativas de percursos, experiências e aprendizagens na construção coletiva de uma escola de educação de jovens e adultos (EJA)	249
Que bicho será que perdeu a pena?	250
Diga-nos o que sente: ampliar o olhar a partir de perguntas que a escola não faz	251

Eixo 3: Subjetividades, memória e de educação das sensibilidades	253
O Brasil que eu quero	254
O discurso do professor de língua portuguesa: alteridade e subjetividade	255
Uma Homenagem à Maria Carolina: rememorando uma experiência de aprendizado.....	256
A Arte da fotografia na educação infantil: a escola vista pelos olhares das crianças pequenas, dos bebês e dos educadores.....	257
Pracear proposições corporais.....	258
Teatro de bonecos em contexto educacional: em busca de relações dialógicas	259
A esfera do sentido na história do “menino lia e a escola não sabia” tomando como referência o conceito de linguagem escrita na perspectiva histórico cultural.....	260
Transmutar o tempo de formação da professora.....	261
Impressões de estudantes sobre o vestibular: uma educação das sensibilidades na preparação para os processos seletivos.....	262
A escola que eu vejo	263
Le Petit Kirikou - A construção da identidade infantil a partir do (re)conhecimento do outro: uma experiência em Escola de Educação Integral	264
Memória e narrativas: processo de reflexão sobre a escrita e leitura de si na constituição profissional.....	265
A roda da conversa na educação infantil: a criança como sujeito.....	266
Memórias e narrativas fotográficas: sensibilidades docentes (trans)formadas pelo olhar (do) outro	267
Fala outra escola: indicações sobre as tendências dos trabalhos apresentados no evento promovido pelo grupo de estudos e pesquisa em educação continuada (2002 -2013)	268
Objetos artísticos como dispositivos de experiências.....	269
O menino no espelho e o reflexo do aluno	270
Experiência estética e prática docente: O exercício de sensibilidade e formação	271
A ideia de que se faz de um rio.....	272
Narrativas e sensibilidade: aproximações a partir do conceito de talento artístico	273
A instituição escolar e a produção da invisibilidade dos corpos: inquietações em um espaço de exclusão. Por uma educação como possibilidade de liberdade.....	274

A ampliação da percepção visual como caminho para um desenho cultivado: dos rabiscos à figuração	275
As sensações como artifícios potencializadores de memórias e narrativas: cores, sons, cheiros e imagens.....	276
Cultura Tradicional da Infância: pesquisa, registro e valorização de memórias a partir do levar a brincar.....	277
Memórias que marcam a vida docente e redimensionam sua prática no cotidiano escolar.....	278
Um dedo de prosa: encontro narrativo e estético de dois professores em formação.....	279
Reeducando os sentidos para uma educação de corpo inteiro.....	280
Mais do que história de amor: a construção doutro imaginário sobre o gênero romance no ensino médio	281
As pedras bonitas podem falar!	282
Memórias de velhos professores de Itaporanga/SP sobre a docência	282
O (en) canto da Odisséia e as narrativas docentes.....	283
Eixo 4: Escola como experiência política.....	285
A contribuição africana para o cuidado da criança no campo da educação	286
A gestão de uma instituição de educação infantil	287
E o processo de construção coletiva do projeto Político-pedagógico	287
Relações raciais e pedagogias decoloniais na escola básica: narrativas outras e seus entrecruzamentos com práticas pedagógicas emancipatórias e interculturalidade crítica	288
Denúncia e superação: aconteceu no chão da escola	289
Gestão democrática: formação e transformação	290
Refletindo sobre as práticas sociais no desenvolvimento do ensino da leitura e escrita	291
Ei, tem alguém aí?	292
Por uma nova ágora	293
Perspectivas de um coletivo de formação continuada de professoras	294
CADERNO DE PROGRAMAÇÃO	295

Apoio Técnico ao evento

Duini Magalhães Redondo (Comunicação e Divulgação Institucional/FE)

Edgar da Rocha - Ficha de Inscrição (Informática/FE)

Roberta Rabello Fiolo Pozzuto (Webmaster/FE)

Thais Rodrigues Marin (Relações Públicas /FE)

Apoios



Coordenadoria de
Desenvolvimento
Cultural



"Teu olhar trans-forma o Meu?"



VII Seminário Fala (Outra) Escola

"Teu olhar trans-forma o Meu?"

Caderno de Resumos

ORGANIZAÇÃO E REALIZAÇÃO



Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada

Editoração e Arte: Luis Paulo Silva

Imagens e ilustrações: Desenho de Crianças de Escolas Públicas e Particulares de Professoras e Professores participantes do VII Seminário Fala Outra Escola



CAPA



SUMÁRIO

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaboração:

Guilherme do Val Toledo Prado (Coord.)
Heloisa Helena Martins Proença (Org.)
Daniela Quevedo Pacheco (Org.)
Liana Arrais Serodio (Org.)
Luciana Haddad Ferreira (Org.)
Lucianna de Mello Munhoz (Org.)
Marciene Aparecida Santos Reis (Org.)
Marissol Prezotto (Org.)

Elaboração da Ficha catalográfica

Rosemary Passos – CRB-8ª/5771

Realização: GEPEC – Grupo de Estudos
e Pesquisa em Educação Continuada

Se52c Seminário Fala Outra Escola (7. : 2015 : Campinas, SP). Caderno de resumos VII Seminário Fala Outra Escola : o teu olhar trans-forma o meu? [...] / VII Seminário Fala Outra Escola ; 14 a 17 de julho de 2015; Guilherme do Val Toledo Prado (coordenador); Heloisa Helena Martins Proença (organizadora)...[et al]. - Campinas, SP: GEPEC, 2015.

ISBN 978-85-7713-173-0

1. Formação docente. 2. Reflexividade. 3. Saberes docentes. 4. Práticas pedagógicas. I. Prado, Guilherme do Val Toledo (Coord.). II. Proença, Heloisa Helena Martins (Org.) [et al.]. III. Título.

15-057-BFE

20a CDD – 370.71

Julho - 2015

ISBN: 978-85-7713-173-0

® Todos direitos reservados – Permitida a reprodução em qualquer meio, desde que citada a fonte.



Apresentação

VII FALA OUTRA ESCOLA:

“Teu olhar trans-forma o Meu?”

À generosa e delicada Professora
Maria Carolina Bovério Galzerani
in memoriam

1. A Proposta da VII Edição do Seminário:

Teu olhar trans-forma o Meu?

Algumas experiências relatadas e (con)vividas no decorrer de nossos Seminários anteriores, e mesmo preocupações nos encontros realizados em que participavam professores da escola e da universidade, foram trazidas pelos próprios estudantes, que ecoavam em seus dizeres, nos apresentando um desafio que, coletivamente, assumimos como tema do VII Seminário Fala Outra Escola: “Teu olhar trans-forma o Meu?”. Com essa temática, procuramos provocar os participantes do seminário às inúmeras possibilidades de respostas e a produzir diálogos outros à questão colocada.



CAPA



SUMÁRIO

No GEPEC, compreendemos a trans-formação de nosso olhar nas escolas, partindo de nossa singularidade: o nosso olhar é único. Só eu vejo como vejo e é impossível que o outro possa ver como eu, tanto fisiologicamente como em meu modo reflexivo de ser no mundo, como nos ensinou Bakhtin e seu Círculo. Recorremos ao uso do “tu” propositadamente, estabelecendo uma maior proximidade com o outro que nos constitui. Portanto, teu olhar me desloca e me mostra possibilidades que movimentam o meu mundo; teu olhar me (in)completa, me mostra que o meu cenário é inacessível para meus próprios olhos.

O Teu olhar trans-forma o meu? “Não!”, diria alguém. “Ao tentar, em vão, ver com os Teus olhos e te fundir comigo, preciso voltar a mim mesmo e, então, me trans-formar ou não.” Se pensarmos de novo nesse movimento, a trans-formação já estava lá. Só faço uma escolha depois desse Teu olhar me trans-formar, no mínimo, em alguém que precisa fazer uma escolha!

Nas Humanidades, em geral, e na Educação, em particular, lidamos com um sujeito – expressivo e falante – e não com um objeto vazio a ser preenchido com conhecimento. E esse sujeito, fonte inesgotável de sentidos e de significados, sequer coincide consigo em todos os momentos de sua vida. Essa inesgotabilidade do ser não admite que uma cartilha com uma metodologia definida prescreva e dê conta de um ensino que olhe-e-forme um estudante rotulado e coincidente consigo, ignorando a potencialidade de suas realizações.

Inspirados por Bakhtin e por seu Círculo, afirmamos a máscara, a ribalta, o palco, o espaço utópico como formas reais de expressão da representatividade do ser: a interpretação artística. Pois, então, não sabemos que, muito comumente, professores buscam na arte o contraponto para a racionalidade instrumental presente em tantas práticas educativas? E que muitas pesquisas em educação procuram afirmar uma racionalidade estética em sua busca de falar de Outra Escola possível? Pois nós e nossos estudantes, em nossa vida real, con-vivemos, nós nos mobilizamos, com todas as nossas forças, para não aceitar que nos reduzam a mercadoria – ou a algo que não nos representa.

Queremos outros argumentos dialógicos, sejam eles, artísticos, científicos, filosóficos, práticos, pedagógicos, históricos, psicológicos, ou outros de outra ordem, para que nosso olhar único e amoroso se (re)afirme narrativamente e se fortaleça, coletivamente. Só o outro vê como vê e pode me narrar como ele me vê. Só eu vejo como vejo e posso contar como te vejo. A cada um é possível ver o que vê e a narrar ao outro o que vê do que vê. “Só a você é possível ver o que vê e contar o que vê a mim”.

Queremos que os sujeitos da escola nos digam das suas experiências, ao trans-formarem o mundo com os seus olhos. Afinal: em nosso olhar-a-vida-olhando-com-o-outro-na-escola, nos trans-formamos?

2. Histórico do Seminário Fala Outra Escola:

O que construímos...

O GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada - tem sido um espaço privilegiado para sistematizar e aprofundar a produção de conhecimentos e saberes da/na escola e da/na universidade, fomentando estudos e pesquisas de e com profissionais da educação.

Desde 1998, o GEPEC vem buscando mostrar que as mazelas educacionais não são de responsabilidade dos professores, realizando estudos que procuram mapear a compreensão do trabalho docente através de novos olhares, novas alternativas, capazes de ir além de uma representação homogeneizadora do trabalho docente.

A partir de 1999, o Grupo organiza Encontros com objetivo de criar espaços para as diversas vozes da escola veicularem suas produções. Inicialmente, em um Encontro denominado “Fala Professora!”, os docentes tiveram oportunidade de dizer de seu trabalho. Com a intenção de tomar a escola como espaço que transcende a ação docente, em 2002 alteramos o nome para Seminário “Fala Outra Escola”. Buscávamos explicitar as produções elaboradas no chão das escolas, na procura dos indícios para sua legitimação na sociedade, engendrando assim, um campo no qual são manifestas as possibilidades de a escola intervir na construção social de uma educação outra, mais humana, não-mercadológica, pautada na formação do educando como sujeito social e produtor de sua história.

Sua primeira edição foi realizada de 21 a 23 de novembro de 2002, com o objetivo de criar um espaço para as diversas vozes veicularem suas produções, seja na forma de mesas-redondas, palestras, diálogos ou pôsteres. Naquele evento, foram enfatizadas as tensões vividas pelos sujeitos no cotidiano da escola, tensões que perpassam as políticas impostas aos educadores, construindo a imagem da culpabilização do trabalho docente como propulsor do fracasso escolar.

No II Seminário “Fala Outra Escola”, realizado em 21 a 23 de outubro de 2004, enfatizaram-se três eixos que constituem a organização escolar:

1. Escola como espaço-tempo de humanização das relações;
2. Escola como espaço-tempo de produção e trocas culturais;
3. Escola como espaço-tempo de produção de conhecimentos.

Realizado entre 16 a 18 de novembro de 2006, o III Seminário “Fala Outra Escola” (que, então, passou a ser bianual) foi permeado por três eixos norteadores:

- 1.** Parceria com a escola – entendida como uma relação recíproca de aprendizado, compreendendo-a como espaço comum de interlocução;
- 2.** Produção de saberes e conhecimentos – produção sobre/com/na escola, espaço de partilha de descobertas, inquietações e possibilidades de criação, construindo narrativas sobre o cotidiano escolar, organizando conhecimentos e saberes singulares, partilhados no coletivo.
- 3.** Socialização de narrativas de experiências outras – circulação de experiências, de vozes muitas vezes não perceptíveis no âmbito da Escola e da Universidade, experiências que movimentam pesquisas culminando na (re)invenção/ (re)constituição do fazer pedagógico.

O IV Seminário, realizado dos dias 29 de outubro a 1º de novembro de 2008, teve como temática “Histórias Narradas & Cotidianos Vividos”. Com este tema, tivemos o desejo de provocar diálogos, conversas, reflexões, parce-

rias sobre nossas produções cotidianas no trabalho escolar. Elas se materializam pelas narrativas que vimos produzindo na construção de uma “Escola Outra”. Cinco eixos básicos inspiraram nossas discussões naquele Seminário:

1. Formação no cotidiano escolar;
2. Narrativa, memória e autoria;
3. Práticas curriculares em e com diferentes áreas de conhecimento;
4. Experiências pedagógicas compartilhadas;
5. Reflexividade e trabalho coletivo.

Já, o V Seminário, realizado de 20 a 23 de outubro de 2010, teve como tema “Histórias de vida e de docência”. As narrativas de quatro professoras do estado de Sergipe, retratadas no filme “Carregadoras de sonhos”, inspiraram o Seminário “Carregando sonhos”. Vivemos a partilha de experiências que alimentaram sonhos em nossas aulas... Narramos e questionamos, produzindo práticas diferenciadas na construção da escola de nossos sonhos compartilhados.

E o VI Seminário Fala Outra Escola, realizado de 3 a 6 de julho de 2013, teve como tema “Diálogo e conflito: por uma escuta alteritária”. A proposta era a de que o Seminário fosse um exercício consciente de escuta de quem somos quando juntos, de quem somos com os estudantes e de quem são eles em diálogo conosco. É desse diálogo que tratamos, do encontro amoroso entre homens em processo de libertação, como nos ensina o mestre Paulo Freire.

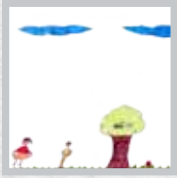
Nessa última edição do Fala Outra Escola, estiveram reunidos cerca de 400 participantes, sendo o público constituído por profissionais de educação da escola básica, desde a Educação Infantil, passando pelo nível Fundamental Médio e Superior, dando acesso a roda de conversa, mesas redondas e podendo, também, publicar trabalhos apresentados nas sessões de diálogos.

As edições do Seminário Fala Outra Escola têm se implicado em proporcionar espaços de divulgação e socialização de experiências e/ou pesquisas que apresentam uma Outra Escola possível, sempre a partir do ponto de vista de seus interlocutores privilegiados: pesquisadores, professores e outros profissionais da educação que consideram a escola como lugar de produção de conhecimento não só para os estudantes, mas também para si mesmos.

3. O VII Seminário Fala Outra Escola: O teu olhar transforma o meu?

Como o tema desta edição é uma provocação à todos os profissionais da educação: “O Teu Olhar Transforma o Meu?”, tem o sentido de suscitar o diálogo entre os participantes às inúmeras possibilidades de respostas que a questão evoca, uma vez que cada um traz, por meio da experiência, seu próprio olhar, seu próprio excedente de visão conforme seu lugar exotópico de admirar o mundo. A pluralidade e a diferença, nesse sentido, se impõem como um ponto de partida às múltiplas miradas possíveis de produzir uma Outra Escola!

Nesta edição, quatro eixos de discussão reunirão as práticas profissionais escolares e/ou práticas de pesquisas com/na/de escolas.



a) Eixo 1: Formação docente e saberes profissionais

Discutir a importância do olhar do outro sobre a formação docente e os saberes profissionais, na formação inicial ou continuada, tanto na escola básica quanto nas instituições e nas universidades, com intervenções dos sujeitos que participam dos processos educativos.



b) Eixo 2: Cotidiano e práticas educativas

Compartilhar vivências e experiências que acontecem no cotidiano escolar, as práticas educativas ali desenvolvidas e registradas de múltiplas formas e que vão constituindo o acontecimento dos sujeitos da escola.



c) Eixo 3: Subjetividades, memória e de educação das sensibilidades

Ampliar os diálogos em torno das práticas das memórias e das sensibilidades na educação e das suas relações com a formação reflexiva dos sujeitos, desvelando a experiência como parte fundamental na constituição das subjetividades.



d) Eixo 4: Escola como experiência política

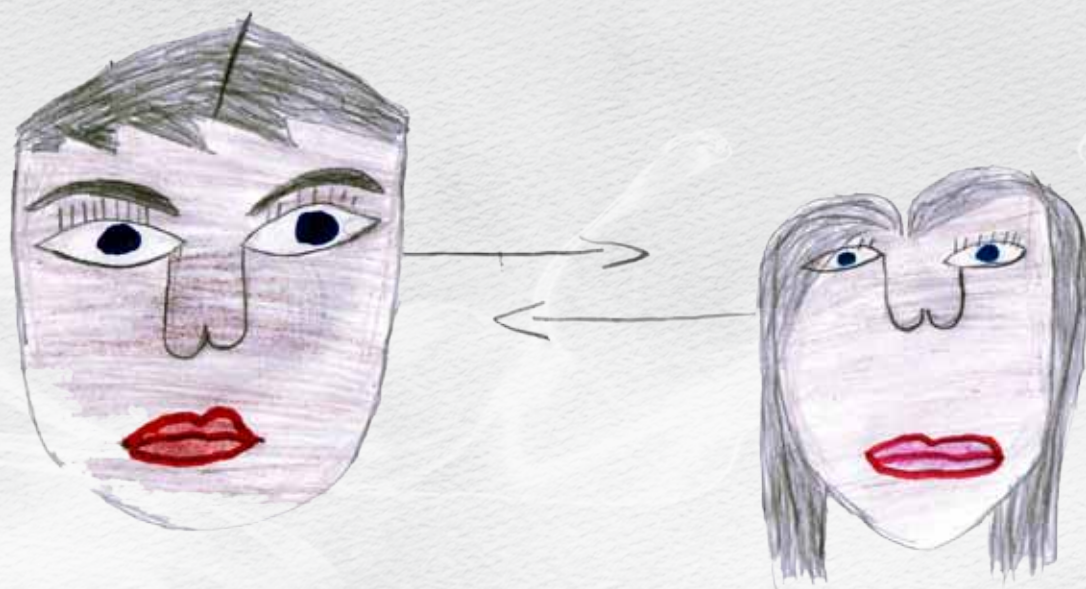
Abordar experiências políticas realizadas frente aos desafios do cotidiano escolar e às relações de poder, na busca da qualidade social da educação, do empoderamento dos sujeitos e grupos/organições/movimentos/e na trans-formação da escola e de suas utopias.

Além disso, teremos a Mostra de Trabalhos Pedagógicos - Os Infinitos Olhares da/na Escola. A proposta da mostra é de apresentar os trabalhos desenvolvidos por estudantes no contexto do trabalho pedagógico de professores/professoras e profissionais da educação, de qualquer área disciplinar ou inter-multi-pluri-disciplinar e de qualquer etapa de formação básica e em qualquer tipo de ensino que valorizem os momentos de experiências ético-estéticas dos sujeitos e seus saberes e conhecimentos.

Sejam bem vindos ao nosso Seminário!

Boa conversa e bons diálogos para todas e todos!!

Adriana Koyama
Ana Maria Falcão de Aragão
Guilherme do Val Toledo Prado
Heloísa Helena Dias Martins Proença
Liana Arrais Serodio



MEMORIAIS DESCRITIVOS
MOSTRA DE TRABALHOS

“

Os Infinitos Olhares da / na Escola

”



CAPA



SUMÁRIO

Redimensionar e Ressignificar espaços escolares através da prática de modalidades artísticas na interface Educando-Educador

Thelma Ragusa Guimarães
alfazemazuis@gmail.com
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Contexto da Proposta Pedagógica

A Pesquisa que se desenvolve em sala de aula alcança espaços e dimensões diferentes através da Arte na Escola.

Esta proposta é um desdobramento do trabalho iniciado na Faculdade de Educação da Unicamp e tendo o término em 2009. Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Unicamp para a obtenção do título de especialista em educação, sob a orientação da Prof^a Dra. Afira Vianna Ripper.

Desenvolvimento

“O contexto facilitará a construção de um educar onde desenvolverão novos modos de comunicação entre os sujeitos-educandos-educadores e onde o desafio não se centrará mais na construção do espaço das artes na educação básica, mas sim em desenvolver a educação básica nas bases desses novos modos de comunicação aí a arte será um instrumento de fundamental importância para as práticas educativas”. (Ragusa G. Thelma, 2009)

Ao ler normalmente (as palavras), entramos nos canais das linhas e da sucessão de linhas. Mas isto não é válido para as organizações do desenho. Os olhos podem eleger sua própria ordem e velocidade na leitura da imagem. Mas “lêem”. E em cada ponto que nos detemos valoramos o que estamos olhando, o que estamos lendo. O movimento específico que executamos com o olhar dependerá de nossas associações. A fruição da leitura textual e imagética depende de competências (repertório) anteriores a esta. (Ragusa G. Thelma, 2009)

Lições da Experiência

Fazer o percurso da aprendizagem com intencionalidade, com o olhar educado, o olhar informado (Garcia, 2008) o olhar revelador, a semelhança da fotografia resignificar e reinventar a própria experiência, para tanto é importante o cuidado estético com tudo o que registramos e documentamos.

Participantes

Thelma Ragusa Guimarães.



O jogo no ensino da sequência numérica dos números naturais para os alunos do 1º ano do ensino fundamental

Marlene Xavier Francisco
marlenexavier_pedagogia@yahoo.com.br
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Contexto da Proposta Pedagógica

Este trabalho foi elaborado para apresentar os resultados de uma pesquisa feita em uma escola pública da região de Campinas, com a participação de alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, na qual teve como objetivo principal mostrar a importância do uso de jogos no ensino da sequência numérica dos números naturais e oportunizar aos alunos momentos de construção de conhecimentos através do uso de jogos.

Desenvolvimento

A metodologia usada foi uma pesquisa de campo qualitativa, com a aplicação de vários tipos de jogos, na qual se constatou que ao jogar, o aluno passa a ter participação ativa no processo de construção de conceitos matemáticos de maneira lúdica.

Jogos utilizados na pesquisa: Material dourado, Dominó, Baralho de números, Tampas coloridas, Dado, Boliche, Preenchimento de tabelas e trilha da sequência numérica, entre outros.

Lições da Experiência

O estudo demonstrou que é possível brincar e aprender simultaneamente. Propostas metodológicas diferenciadas motivam os alunos a desenvolverem suas habilidades com maior fascínio e destreza, havendo assim o crescimento do intelecto de forma passiva e não forçada.

Conforme os resultados obtidos, acredito que é possível fazer uso de jogos em aula de matemática, visto que, o jogo mostrou que é um instrumento eficaz no processo de ensino e aprendizagem da sequência numérica de maneira lúdica.

Participantes

Professora pesquisadora: Marlene Xavier Francisco.

Alunos participantes: João Mateus Nunes, Thalia Ferreira, Ester Maria de Oliveira, Maria Eduarda da Silva e Natan de Jesus Prado.

1º ano do ensino fundamental

Escola: Emef Violeta Dória Lins



Proposições corporais em praças públicas

Maira Leonilda Marchiori
mairaleonildamarchiori@yahoo.com.br
Etec Tenente Aviador Gustavo Klug - Pirassununga - SP

Contexto da Proposta Pedagógica

Investigar noções contemporâneas de corpo com alunos de uma escola técnica a partir de experimentações performáticas utilizando como espaço público, praças do interior de São Paulo (SP), através de imagens obtidas por meio de máquinas fotográficas.

Desenvolvimento

Produção fotográfica de três encontros de processos performativos com nove alunos partindo da premissa do conceito de punctum de Barthes para exercícios fotográficos. As investigações corporais foram registradas no processo por meio de recortes cartográficos nas profusões de movimentos. O montante do processo consiste em trinta fotos 20 x 25 cm dispostas em papel paraná frente e verso e suspensas por cordas de sisal.

Lições da Experiência

Promover a compreensão de corpo contemporâneo em sua relação espacial com locais permeados de memórias e sua representação através de dados fornecidos pelos focos, ângulos, planos e recortes. O processo de construção de diversos olhares sobre experimentações corporais amplia as percepções da multiplicidade de corpos no espaço da educação básica. A intercessão entre escola e praça atenuam fronteiras entre cotidiano e arte, corpo e memória, ação e imagem.

Participantes

Professora: Maíra Leonilda Marchiori

Alunos da Escola Técnica Tenente Aviador Gustavo Klug – Pirassununga - SP (Etec): Ana Letícia Barros Lima, Bianca Claro Mafra de Oliveira, Gabriel de Oliveira Peixoto (1º ano ensino técnico em Informática), Júlia de Miranda Machado e Aryne Garcia (3º ano ensino técnico em Administração), Letícia Maria Mengue dos Santos e Paulo Henrique dos Santos Oliveira (2º ano ensino técnico em Administração), Maria Carolina Castilho (1º ano ensino técnico em Administração), Thiago César de Oliveira Preto (2º ano ensino técnico em Informática).

30



“Teu olhar trans-forma o Meu?”



Educação em Saúde na Educação Infantil: parceria entre Saúde e Educação

Thais Fernanda Oliveira Rolim de Moura
thaisfernanda.fono@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Contexto da Proposta Pedagógica

O trabalho desenvolvido pelo programa Criansaúde Escola visa à promoção e prevenção da saúde através da realização de atividades lúdicas com os alunos e de trocas de informações entre os professores e profissionais da saúde no ambiente escolar, como uma parceria. A equipe do programa é composta por profissionais da área da Fonoaudiologia, Fisioterapia, Nutrição, Odontologia, Psicologia e Terapia Ocupacional. Consiste em um trabalho contínuo que proporciona a vivência dos alunos e professores durante as atividades realizadas pela equipe.

Desenvolvimento

O Criansaúde Escola é um programa desenvolvido desde 1997. Atualmente atua em escolas do setor privado de Campinas e região. As atividades realizadas pelas profissionais da área da saúde são feitas de forma lúdica, onde elas usam fantasias de personagens para sensibilizar os alunos e professores sobre temas da saúde. Os personagens são: Piratolho (Pirata que faz o teste da visão e atividades relacionadas à área da Psicologia), Magicão (Mágico e seu cão com as atividades da área da Fonoaudiologia), Tia Cuca (Cozinheira abordando temas da Nutrição), Boneca Mia (Boneca com as atividades da Terapia Ocupacional), Sereia Mel (Sereia com as atividades da área da Fisioterapia), Fadinha dos Dentes (Fada abordando assuntos da Odontologia), Agente Estopa (Agente secreto da saúde com temas sobre higiene corporal) e Capitão CrianSaúde (um capitão que vai à escola após todos os personagens para rever todos os aprendizados).

Lições da experiência

A utilização de personagens beneficia maior motivação dos alunos em aprender. As trocas de informações entre professores e profissionais da saúde proporciona um olhar mais global da criança, podendo auxiliar em seu desenvolvimento de forma integral. Assim, a relação entre saúde e educação realmente acontece.

Participantes

Equipe Criansaúde Escola: Thais O. Moura, Erika Gallo, Mila Cunha, Melissa Moura, Lucimar Siqueira, Patrícia Lopes, Erika Massaro, Lorena Mani, Melisa Gomez, Vanessa Godoy, Renata Santana, Itamá Magalhães, Ana Paula Coelho, Paula Junqueira, Eduarda Brucieri, Amanda Sales, Mariana Abreu, Bruna Breda.

32





O que te causa inquietação?

Silvania Maria Chaves
sil_chaves@hotmail.com
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Contexto da Proposta Pedagógica

Foi proposto para os alunos e alunas do primeiro ano do Ensino Médio, no ano de 2014, produzir um vídeo, no formato que eles desejassem, com a temática “O que te causa inquietação?”. A atividade teve como objetivo gerar a discussão sobre as questões sociais que inquietam os/as educandos/as na atualidade. Partindo do princípio que um dos objetivos da Sociologia no Ensino Médio é contribuir para o desenvolvimento da autonomia intelectual e da Imaginação Sociológica, possibilitando que reflitam criticamente sobre a realidade e estabeleçam relações entre as suas experiências cotidianas com as questões globais indo além do senso comum.

Desenvolvimento

Trabalhou-se com os/as alunos/as os conceitos de senso comum, conhecimento científico, estranhamento e desnaturalização. Em seguida foi solicitado que eles/as observassem a sociedade em que estavam inseridos/as e divididos em grupos discutiram o que os inquietavam, cada integrante deveria levar para o grupo a sua inquietação e depois de discutirem, deveriam separar uma e transformar em vídeo, para isso eles foram orientados a pensar coletivamente o roteiro, o formato do vídeo e como produzi-lo.

Lições da Experiência

Fiquei encantada com os vídeos realizados pelos/as alunos/as. A atividade mostrou que eles/as estão atentos/as e sensíveis aos problemas sociais existentes. Sensibilidade que pode ser observada no relato dos alunos Kevin e Rafael: “Na vivência deste trabalho pudemos observar que a tecnologia influencia muito na convivência, por esse motivo a escolha do tema. Produzindo as cenas do vídeo mesmo não sendo algo real, apenas encenação pudemos sentir na pele a capacidade que a tecnologia possui sobre as pessoas, até o ponto delas esquecerem o que está ao seu redor.” Esse grupo criou um vídeo com o tema: “A Interferência da Tecnologia na Humanidade”. Acredito que refletir sobre os problemas sociais e principalmente sobre os que mais nos inquietam é o começo para pensarmos a mudança.

Participantes

Professora de Sociologia Silvania Maria Chaves e estudantes do 1º ano do Ensino Médio da E. E. Aggêo Pereira do Amaral: Amanda Corrêa de Oliveira, Ana Laura Santos, Emily Mirelly Santos, Kevin Hideki Feitosa Kondo, Natália Moura de Paula e Rafael Aparecido Ciol Reis.



A colcha que virou livro

Margarida dos Santos
igasantos@hotmail.com
CAP ISERJ/CAPUERJ

Renata Alves
nata_alves@hotmail.com
CAP ISERJ

Livia Pimental
livia.prof@yahoo.com
CERC

Zilda Chaves
zildachaves@bol.com.br
CAP ISERJ

Maria da Penha Eloy
mpliraeloy@hotmail.com
CAP ISERJ

Ana Paula Venâncio
anapaulavenancio@infilink.com.br
CAP ISERJ

Contexto da Proposta Pedagógica

A oportunidade de incluir a nossa Colcha na mostra “Os Infinitos Olhares da/na Escola”, nos ajuda a reconhecer a potência do GEFEL- Grupo de Estudos e Formação de Escritores e Leitores. A Colcha é para nós um símbolo, ela possibilita uma experiência estético-político-pedagógica aos olhos de quem a vê. A ideia de confecção da primeira colcha do GEFEL surgiu no momento em que tivemos um trabalho aprovado no Encuentro Iberoamericano de Maestros y Coletivos Escolares que Hacem Investigación en la Escuela, realizado na Argentina em 2011. No referido trabalho procurávamos compartilhar as nossas experiências do-discentes (Freire) no chão da escola. Além de contribuir para o fortalecimento das redes dos coletivos docentes interessados na investigação das próprias práticas, na Educação Básica.

Desenvolvimento

Era a primeira vez que tínhamos um trabalho aprovado fora do país e fomos informadas que não haveria equipamento midiático disponível para apresentação. Diante do desafio pensamos na Colcha como um belo jeito de apresentar o nosso trabalho. Na época, o GEFEL estudava a importância das diferentes linguagens para o processo de aquisição da linguagem escrita. Discutíamos apoiadas em nossa experiência docente com algumas crianças que, apesar de não se apropriarem facilmente da linguagem escrita, eram capazes de dizer o que sabiam e desejavam usando desenhos, pintura, música. Algumas de nós traziam a experiência de confeccionar colchas e painéis em tecido com os estudantes.

Revisitamos a escrita de nossos memoriais. Durante as rodas de leitura e apreciação dos mesmos, nos ajudávamos a encontrar algo que fosse marcante na trajetória de cada uma de nós. A leitura do texto dialogava o tempo todo com o conhecimento que tínhamos da experiência docente umas das outras. Descobrimos as marcas e partimos para o segundo desafio, marcar o tecido com as imagens. No exercício de dizer para além da oralidade e da escrita vivemos tensos e ricos processos de aprendizagem coletiva, nas Rodas de Confeção. Assim, com tecidos, fios, canetas para tecidos, botões, sianinhas, tintas, retalhinhos coloridos, fitas, papéis diversos, enfrentamos coletivamente o desafio de deixar no tecido as marcas de nossa trajetória no exercício da docência. A cada encontro a noite no ISERJ, ou nas manhãs do outono de 2011, na casa de Maria da Penha, trazíamos a existência a nossa colcha, cujo fio principal era o fio da vida.

Lições da Experiência

O desafio de transformar linguagem escrita em plástica naquele tecido nos fez sentir o quanto era difícil reconhecer e enfrentar o nosso ainda não saber. Na tentativa de ocultar o nosso desconhecimento desvalorizamos algumas práticas. A ponto de uma companheira dizer: “Eu não vou aparecer no grupo para ficar fazendo arte! Não tenho tempo a perder!” A fala da companheira deixava claro a contradição dentro do próprio grupo. Colocava para nós a dúvida se aquele modo de apresentar o trabalho seria adequado. Era a primeira vez que enfrentávamos as nossas diferenças tão claramente. Discordávamos quanto ao uso de uma outra linguagem, que não fosse a escrita para apresentação. Essa questão se tornou tão forte para nós que, ao voltarmos do encontro na Argentina resolvemos dar continuidade aos estudos em torno das Múltiplas Linguagem e o processo de aquisição da linguagem escrita. A temática marcou os encontros GEFEL, o primeiro Colóquio que realizamos e V Curso de Extensão organizado por nós em 2012.

Participantes

Margarida dos Santos, Ana Paula Venâncio, Maria da Penha Eloy, Elaine Matias, Zilda Chaves, Renata Alves, Livia dos Santos Pimentel e Cintia Pio são as autoras da Colcha que virou livro. Professoras que atuam na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e EJA nas redes pública e particular de ensino no Rio de Janeiro.



Coletivo cê: cultivando os saberes da experiência

Hércules Soares Almeida
parahercules@gmail.com
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar - Sorocaba

Contexto da Proposta Pedagógica

Agrupamento de arte-educadores que pesquisam a linguagem do teatro, na antiga vila operária de Votorantim-SP, o Bairro da Chave que visa compreender o “educar-se” mediado pelas ações artísticas de coletivos culturais, que pode se tornar uma prática de transformação social para a emancipação de sujeitos, através de um processo de educação não formal.

Desenvolvimento

O cenário desta proposta de investigação foi constituído em uma perspectiva fabril, uma vila alicerçada sob o regime capitalista de industrialização no início do século XX. Sendo assim, o Coletivo Cê está diante de um espaço que foi construído para minar as nascentes do devir e todo o processo de subjetivação. Nesse contexto, a pesquisa do grupo de arte-educadores traz a possibilidade de atribuir outros olhares para este cenário através da arte, inaugurando assim um ambiente de experimentação, uma busca incessante por nutrir os processos de subjetivação. Sendo assim, essas ações, parece constituir aos integrantes do coletivo e a comunidade um processo de educar-se, com seus pertencimentos históricos e simbólicos, a partir da crença da arte como linha de fuga e potência de vida.

Lições da Experiência

O Coletivo Cê e outros coletivos culturais encontram-se em efervescência nas cidades de Votorantim e Sorocaba, afim de desterritorializar em linhas de fuga, estes que habitam os relevos neoliberais que vem sendo colonizados aos dias que correm. Alçar voos rasantes na pesquisa em educação, é a possibilidade de desenhar novos horizontes para reflexões acerca do educar-se através das experiências artísticas, partilhando assim possibilidades de pistas para esta prática urgente e emancipadora, revelando também o papel do arte educador nas fronteiras movediças da linguagem.

Participante

Hércules Soares de Almeida



Entendendo a dengue e ampliando conhecimentos

Roberta Aun Marchetti Vaz Velota
robertavelota@yahoo.com.br
Secretaria de Educação do Estado de São Paulo

Contexto da Proposta Pedagógica

O Brasil vem sofrendo com epidemias de Dengue há muitos anos e Campinas tem registrado grande número de casos. Os índices de 2014, segundo o site G1, alcançaram 42.664 casos da doença e 10 mortes, já em 2015, até meados do mês de abril os índices foram sete óbitos e 30.324 moradores infectados. Devido essa triste realidade a gestão da Escola Estadual Felipe Cantusio de Campinas-SP teve que se mobilizar, muitas medidas de combate a focos do mosquito transmissor *Aedes aegypti* foram tomadas, pois houve muitos casos de alunos infectados. Nesse contexto havia uma urgência em usar a aula de Ciências para explicar a doença e tirar dúvidas e, a partir disso, surgiu a ideia de montar um projeto com essa temática, sendo constituído por aula teórica, vídeos, textos, perguntas estratégicas e ter como conclusão do trabalho um panfleto dirigido a informar a população, montado pelos estudantes com a bagagem adquirida em aula.

Desenvolvimento

Inicialmente os estudantes assistiram uma aula expositiva feita em Power Point, contendo informações sobre a Dengue: Locais onde ocorre no mundo, com mapa ilustrativo; Agente causador, com foto de microscopia eletrônica e os tipos de vírus e ano em que foi identificado; Imunidade; Origem do nome; Histórico do Agente transmissor no Brasil; Como reconhecer o Agente transmissor e seu ciclo de vida; Doença no Homem, sintomas, tratamento e prevenção. Sobre essa aula foi elaborado um pequeno relatório. Dois vídeos breves foram apresentados, um com Dr. Drauzio Varella, falando sobre a Doença no programa de Televisão Fantástico e outro Ciclo de Vida do *Aedes* feito pela Fiocruz, os estudantes fizeram anotações durante a apresentação dos vídeos. A próxima etapa foi responderem 30 perguntas (divulgadas como as principais dúvidas da população pela prefeitura do município de Vinhedo-SP). Todas as questões foram corrigidas e comentadas.

Dois textos foram lidos: Sobre a Febre Chikungunya, transmitida pelo *Aedes aegypti*, como a Dengue e outro sobre o mosquito transgênico que foi feito para eliminar esse transmissor. Por fim, foi elaborado o panfleto sobre a doença com informações úteis a população.

Lições da Experiência

Dentro dessa temática muito próxima a realidade dos estudantes e que lhes causa grande interesse, o tema foi ampliado e os conhecimentos foram muito além de saber sobre uma doença, foram estudados outros conceitos como: Vírus, sua dimensão, sua estrutura, microscopia eletrônica; Imunidade; Mosquitos introduzidos à fauna brasileira, ciclo de vida do mosquito, insetos, artrópodes; Agente transmissor; Epidemia; Febre Chikungunya; Transgênicos: animais e vegetais, etc. Essa experiência demonstra que ao pensarmos em Ciência a partir de um eixo temático próximo a realidade do estudante, podemos abrir um leque enorme de estudos e conhecimentos sendo adquiridos com muita curiosidade e prazer.

Participantes

Professora Roberta Aun Marchetti Vaz Velota e todos alunos dos 6ºA, 6ºB, 6ºC, 6ºD, 7ºA, 7ºB e 7C de 2015 da E.E. Felipe Cantusio.



Teatro e protagonismo juvenil na escola pública: laboratório sensorial artes dos sentidos-2014

Maria Cristina Silva
mariacristina@arteduca.unb.br
Universidade Nacional de Brasília - UNB

Contexto da Proposta Pedagógica

Após várias discussões sobre as formas de realizar uma exposição para comunidade escolar, apreciar as produções dos estudantes do ensino médio, do Colégio Estadual de Águas Lindas de Goiás-GO em 2014, obtemos um consenso que resulta na montagem de um Laboratório de Exposição Sensorial “Artes dos Sentidos”. Este trabalho emerge a partir dos jogos teatrais e atividades de artes visuais, artesanato, realizado na sala de aula e, enfatiza a referência de um protagonismo e identifica no fazer, apreciar e contextualizar na relação da confiança. A ênfase em todo processo no protagonismo juvenil foi o mote deste trabalho em consonância com a reflexão de quais são os valores sociais e a participação ativa dos jovens e suas consequências para as transformações de sua realidade. Foram utilizados recursos tecnológicos e materiais recicláveis e elementos da natureza para o que os expectadores pudessem experimentar e participar de forma mediada e ativa do laboratório sensorial.

Desenvolvimento

Todo processo iniciou-se pelos estudantes, mediada pela professora de artes. Esta atividade foi organizada em uma sala ampla e expostos objetos artesanais, construído pelos estudantes. Foram inseridos no ambiente música, elementos da natureza folhas, areia, água e fogo (representado por velas). Os expectadores foram guiados pelos mediadores onde houve uma combinação prévia sobre o que o participante iria passar dentro da sala, foi solicitado que colocasse a venda nos olhos e segurasse as mãos do guia, numa completa relação de confiança. O participante passa por diversos momentos na sala, pisa em areia, água, entra em planos altos e baixos, degusta produtos amargos, doce, azedo e salgado. E ao final na saída cada participante é convidado a escrever sobre suas impressões e experiências em um caderno do Projeto.

Lições da Experiência

Viabilizar condições para vivências artístico-culturais na escola que fortalece a presença do fazer, do apreciar e do contextualizar propiciamos ao estudante e a comunidade escolar a oportunidade de refletir sobre os significados das manifestações culturais em seu cotidiano, distinguindo os traços essenciais da arte e a cultura, abrangendo o ensino numa perspectiva político-educacional onde o estudante reconhece, apreende, vivência a experiência, cria e recria.

Participantes

Estudantes do Colégio JK Águas Lindas – GO.



Ritmos, sons e africanidades: a construção da dimensão sensível

Elaine Regina Cassan
elainecassan@yahoo.com.br
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP; Prefeitura Municipal de Campinas SP

Contexto da Proposta Pedagógica

A proposta aconteceu durante o ano letivo de 2015, no Centro de Educação Infantil (CEI) Carrossel, da Secretaria Municipal de Educação (SME) de Campinas/SP, com vinte e cinco crianças, meninas e meninos, do Agrupamento (AG)III B, com idade entre três e cinco anos e suas respectivas famílias. Durante o levantamento dos saberes das crianças, entre os meses de Fevereiro e Março, pude constatar que a necessidade de ampliação do repertório musical, para além daqueles oferecidos pelos meios de comunicação de massa; bem como, a de proporcionar experiências estéticas, que pudessem mobilizar diferentes linguagens e formas de expressão, com especial atenção, ao movimento, aos ritmos e aos sons.

Desenvolvimento

As crianças foram mobilizadas por vivências e brincadeiras musicais, utilizando em especial, algumas propostas do material “Brincadeiras Musicais” do grupo Palavra Cantada. Com a música Pomar, a crianças despertaram para o som forte do tambor, que marca todo o ritmo da música. Tateamos os sons da bandinha rítmica da sala e o interesse aumentou ainda mais por tal instrumento, e por todas as sensações que ele provoca quando é tocado e escutado. Esta vivência foi muito significativa para as crianças ao ponto de influenciar a eleição do nome da turma: TAMBOR. Fomos ampliando as nossas vivências com os ritmos e sons dos instrumentos musicais de percussão, em especial, os africanos. Pelas mãos do personagem Kiriku nós conhecemos a cultura africana, em suas cores, seus ritmos, sons, instrumentos e costumes. Ultrapassamos os muros do CEI e chegamos (professoras, crianças e famílias) à Casa de Cultura Tainã. Com os bonecos Kiruku e Maria, vimos como é gostoso ouvir as histórias que os amigos trazem de casa, e que isso, se faz junto com a família. Descobrimos que o pulso do tambor é o mesmo do nosso coração.

Lições da Experiência

A importância de ampliar os diálogos com outros tempos e espaços além do território do CEI; a necessidade de compartilhar as experiências e responsabilidades com as famílias; o valor de criar condições para a criança participe dos processos decisórios que envolvam o trabalho com a Turma. Isso significa valorizar o fazer junto; a manifestação e o respeito à diversidade; e a história de cada criança que é única e singular.

Participantes

Professora Elaine Regina Cassan e crianças do AGIII B.



RITMOS, SONS E AFRICANIDADES: A CONSTRUÇÃO DA DIMENSÃO SENSÍVEL

Elaine Regina Cassari (elainecassar@yahoo.com.br)
SME Campinas/SP



Ousar: aprendendo com o olhar da criança da educação infantil

Cecilia Alejandra Parra
cecidigs@ig.com.br
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Contexto da Proposta Pedagógica

A proposta foi desenvolvida no CECI (Centro de Convivência Infantil/ UNICAMP) com crianças de cinco anos de idade que, a partir do nome da turma – Turma da Lupa – foram sensibilizadas quanto à importância deste sentido enquanto transmissor de emoções, opiniões, como propulsor de curiosidades e superações quando acreditamos na criança como um ser potente, capaz.

Desenvolvimento

As crianças, a partir do manuseio da lupa, puderam perceber detalhes da natureza que nos cerca, ocultos ao olho nu e, posteriormente, diante do espelho puderam se enxergar com mais atenção, de forma minuciosa, percebendo detalhes em si e representando-os em seus desenhos. Em outra proposta, resolvemos que eles fizessem um boneco de meia que os representasse, iriam costurar com agulha, encher, fechar os bonecos e confeccionar suas roupas. Parecia algo ousado, dar agulhas a crianças de cinco anos de idade, nosso olhar de adulto ainda os censura e não crê em novas possibilidades.

Lições da Experiência

A experiência mostrou-nos que é preciso manter o espaço organizado, dedicar atenção exclusiva ao grupo que trabalha naquela proposta. Mostrar para eles um objeto que lhes causa medo, pois se lembram das vacinas, foi algo muito curioso; mas o mais interessante foi ver o quanto confiaram em nós, adultos, para vencer esse medo, como passaram a segurar a agulha com propriedade, como se alegraram por termos proporcionado algo inusitado e a satisfação pela “obra” concluída. Mais uma vez elas nos surpreendem, digo a um dos meninos: “- Agora, quando você for um adulto, poderá colocar o botão em sua camisa se ele cair!” E ele responde: “- Não professora, vou fazer uma touca para meu filho!”... Educar para as sensibilidades é proporcionar novos prismas, possibilidades, valores para a construção de um novo mundo!

Participantes

Professoras: Cecilia Parra e Michelle Momente. Estagiária: Edna Benício. Crianças: Arthur Manoel, Aurea Fasina, Daniel de Almeida, Gustavo dos Reis, Henrique Andrade, Ingrid Leopoldino, Kawane Assis, Lara Valença, Larissa dos Santos, Lucas Ribeiro, Lucas Reis, Luciana Massucatto, Mateus Vitalino.

CECI – Centro de Convivência Infantil / UNICAMP, 2015



Café da semente de feijão andu: um recorte do projeto flora na comunidade Xucuru Kariri Warkanã de Aruanã-MG e as possibilidades do currículo narrativo

Beatriz Sales da Silva
beatriz.ss@uol.com.br
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Contexto da Proposta Pedagógica

A experiência foi realizada na E.E Indígena Xucuru Kariri Warkanã de Aruanã, Caldas MG que atende a Educação Infantil, anos iniciais do Ensino Fundamental e a partir de 2015 passou a oferecer a Educação de Jovens e Adultos.

Desenvolvimento

Café da semente do feijão Andu é um recorte da experiência vivida na comunidade escolar Xucuru Kariri, Caldas, MG, que teve como referência uma ação pedagógica denominada Projeto Flora, baseado na obra literária de Bartolomeu Campos de Queirós e na história de vida da matriarca da comunidade. Dona Flora foi até a escola para rememorar uma prática antiga ensinando as crianças e professores como se prepara o café da semente de feijão Andu.

Lições da Experiência

Aprender com Flora, ressaltar suas qualidades não visíveis no cotidiano da aldeia é produzir numa tessitura coletiva, um currículo peculiar e local, constituído por narrativas, histórias repletas de sentidos, sentimentos e conhecimentos.

Participantes

Cristiane Melo de Oliveira

Jizelma Maria da Silva

Damiana Santos da Silva

Giselma Ferreira de Brito

Jânio Ferreira do Nascimento

Jânio Ferreira do Nascimento

Flora Ferreira da Silva

48





Reescrevendo clássicos

Ester Malka Broner Giannella
ester.broner@uol.com.br
Escola Castanheiras

Maria Carolina Soares Barretti
carolina.cossi@escolacastanheiras.com.br
Escola Castanheiras

Contexto da Proposta Pedagógica

Considerando que crianças do 2º ano do Ensino Fundamental I apreciam os Contos Clássicos e desenvolvem, desde a Educação Infantil, uma escuta atenta e bom repertório no gênero, foi proposto um projeto interdisciplinar nas áreas de Língua Portuguesa e Artes Visuais, com a reescrita e ilustração de dois contos clássicos, escolhidos pelas crianças. A intenção foi criar oportunidades para que os alunos pudessem alcançar boa fluência na escrita, refletir sobre diferenças entre a linguagem oral e a escrita e ampliar procedimentos de revisão de textos. Ao final, uma exposição do processo demonstrou uma intensa dedicação de todos e uso potente das linguagens envolvidas.

Desenvolvimento

Recém-alfabetizadas, as crianças desta faixa etária, habituadas a escrever textos mais curtos, como listas, poemas, cantigas e outros textos de memória, foram convidadas a reler e reescrever seus contos preferidos de próprio punho. A complexidade da proposta demandou agrupamentos diversos, com experiências de escritas coletivas, como no conto Príncipe sapo, e depois em duplas, como a Princesa e a ervilha. O processo de revisão, desde o início, foi planejado com foco na estruturação e organização da sequência do texto, na necessidade de seguidas leituras para retomada do ponto em que se parou e na escolha de palavras que melhor expressavam o que se queria dizer. Ao mesmo tempo, nas aulas de Artes Visuais, o desafio da ilustração trouxe, pela apreciação coletiva e mediada pela professora, referências importantes de trabalhos de artistas ilustradores, que com seus traços e cores, apresentaram outros modos de contar uma história. O processo, bem como as produções finais foram expostos no corredor da escola para apreciação de toda a comunidade. Revelam, numa estética vertida dos contos clássicos, uma cenografia do encantamento de crianças em processo de aprendizagem.

Lições da Experiência

A última versão dos textos reescritos pelas crianças nos mostrou como os elementos vividos no processo de leituras, apreciações, discussões, e pesquisas da organização textual e estética da narrativa, reapareceram elaborados na trama desse produto final. Da mesma forma, o processo de construção das imagens que acompanham os textos, nutrido nesse percurso, conquista expressividade nos seus elementos gráficos, cores e composições.

Participantes

Ester Malka Broner Giannella, Maria Carolina C. Barretti. Profs.: Ângela Mazari, Fernanda Félix, Daniela Elias, Mayra Paroni, Monica Santos.



“Olhar por onde piso” - passos por onde passamos, eu e meus caminhos

Paulo Cesar Campos
prof.capone@gmail.com
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Contexto da Proposta Pedagógica

O objetivo desta proposta artística realizada por alunos dos ciclos III e IV da EMEF “Ângela Cury Zákia” é, a partir da fotografia, possibilitar que o aluno observe os espaços que fazem parte do seu cotidiano, e que por muitas vezes passam despercebidos ao olhar. Tal observação foi feita através das lentes, de sentidos outros, da arte e de si mesmo. “Olhar por onde piso”, ressignificou e evocou sentidos outros a espaços comuns para estes alunos: “Foram anos andando pelo mesmo caminho até a escola, passando pelas mesmas calçadas e eu nunca percebi quantos desenhos o chão tem.” - relata a aluna Vanessa Mecchi.

Desenvolvimento

Depois do estudo da história da fotografia, da fotografia como arte e da apreciação de obras em sala de aula, partimos para estudos fotográficos no bairro onde os alunos residem e, dentre algumas propostas, o “Olhar por onde piso” propôs que cada aluno fotografasse os caminhos por onde passa durante sua rotina e depois escrevesse sobre suas percepções e reflexões. Os alunos participaram de todo o processo de impressão e montagem da exposição, que foi aberta à comunidade, ao todo foram por volta de 100 alunos fotógrafos, 160 fotografias impressas e incontáveis trans-formações do olhar. Para o VII Fala Outra Escola serão apresentados oito destes registros feito por alunos do 7º ano, as fotos estão no tamanho padrão A4, na posição horizontal e fixadas em placas individuais de carton mousse. Com as bordas, cada trabalho tem 450 x 350 milímetros e pode ser facilmente fixado em uma superfície.

Lições da Experiência

Olhar seu mundo, seu espaço e seu cotidiano através das lentes da câmera na tentativa de imprimir seu olhar para que o outro aprecie sua produção foi o desafio e o resultado deste trabalho.

Participantes

Alunos do 7º ano: Beatriz Falcari, Eloisa Mecche, Bruna Falcaro, Izabela Beraldo, Vanessa Mecchi, Gabriel Alves Santos e Bruno Cipriano.

52





A língua além das palavras - formação continuada dos professores de língua portuguesa: reflexão, experiências e coletividade

Cecilia Alejandra Parra
cecidigs@ig.com.br
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Contexto da Proposta Pedagógica

Esta proposta de formação continuada de professores de Língua Portuguesa da rede pública estadual foi desenvolvida no contexto da Diretoria de Ensino de um município do Estado de São Paulo.

Desenvolvimento

A formação continuada dos professores de Língua Portuguesa, na Diretoria de Ensino onde eu atuo, tem se desenvolvido a partir de uma perspectiva de valorização dos saberes dos docentes, do reconhecimento da importância do trabalho coletivo e da troca de experiências. São oferecidos aos professores as ações propostas pela Secretaria de Estado da Educação e ações descentralizadas planejadas e implementadas pelo Núcleo Pedagógico da Diretoria de Ensino. As ações descentralizadas são planejadas a partir das necessidades apontadas pelos próprios professores, o que permite um maior envolvimento dos mesmos, pois participam da elaboração da ação.

Lições da Experiência

A experiência destes últimos seis anos em que tenho atuado como Professora Coordenadora do Núcleo Pedagógico na Diretoria de Ensino permite observar que as ações de formação continuada que contam com a participação dos docentes na elaboração: sugerindo os temas que serão discutidos, disponibilizando sua prática para ser tematizada ou compartilhando sua experiência com os colegas vem ao encontro dos seus anseios e necessidades. É através do trabalho coletivo, da reflexão do trabalho desenvolvido e das experiências adquiridas, que os professores podem se apropriar dos conhecimentos e utilizá-los no cotidiano da sala de aula.

Participantes

Ana Carolina Medeiros Gatto Vieira Carvalho. Mestranda em Educação, pela Universidade de São Carlos e Professora Coordenadora do Núcleo Pedagógico - Diretoria de Ensino da rede pública estadual, atuando na disciplina de Língua Portuguesa.

54



A LÍNGUA ALÉM DAS PALAVRAS: Formação continuada dos Professores de Língua Portuguesa: reflexão, experiências e coletividade.



Ana Carolina Medeiros Gatto Vieira Carvalho

Desconstruindo a chapeuzinho – ampliando olhares sobre a construção de personagens

Sabrina Vasconcelos de Oliveira Ribeiro
sabinadeoliveira@yahoo.com.br
Programa de Residência Docente Colégio Pedro II - RJ

Contexto da Proposta Pedagógica

Aprimorar a criatividade e a imaginação na escrita de narrativas dos alunos do 3º ano, através da reelaboração de personagens, partindo de uma personagem conhecida e querida pelos alunos.

Desenvolvimento

O projeto decorreu durante uma semana. Nele foram apresentadas três histórias com uma personagem comum: Chapeuzinho, Chapeuzinho Vermelho – Histórias Clássicas de Maurício de Souza, Chapeuzinho Vermelho Uma Aventura Borbulhante e Chapeuzinho Amarelo. Após apresentadas, foram desenvolvidas atividades diversas relacionadas às principais características, semelhanças e diferenças encontradas na personagem Chapeuzinho em cada história. Para a conclusão do projeto os alunos puderam elaborar sua própria narrativa com a sua personagem Chapeuzinho.

Lições da Experiência

O projeto decorreu de modo bastante satisfatório, pois os alunos perceberam-se mais próximos enquanto autores de histórias e reconheceram que podem ser criativos na elaboração de suas personagens. Tanto as atividades individuais como as de grupo foram bem aceitas, e o posicionamento e a argumentação oral dos alunos acerca dos temas relacionados, permitiu que conseguissem expor suas diferentes opiniões, além de ter ampliado sua capacidade de argumentação.

Participantes

Alunos do 3º ano, turma 1.301 da Escola Municipal Bombeiro Geraldo Dias do município do Rio de Janeiro – RJ. Professora regente Sabrina Vasconcelos de Oliveira Ribeiro.



Ver com as mãos e tocar com os olhos!

Benedita Machado de Mello
shangrila@ccja.org.br
CCJA - Centro Comunitário Jardim Autódromo

Contexto da Proposta Pedagógica

Aprimorar a criatividade e a imaginação na escrita de narrativas dos alunos do 3º ano, através da reelaboração de persPartimos da concepção de que as crianças ditam as regras do nosso trabalho, elas nos dão dicas do que estão necessitando naquele momento e nossa intenção foi favorecer novas descobertas oferecendo a elas aquilo que lhes interessava através das sequências de atividades que desenvolvemos.

Propomos um trabalho que transita entre a Arte Contemporânea e as crianças de 0 a 3 anos, apoiados na reflexão do conhecimento sobre o desenvolvimento dos bebês e crianças pequenas.

Nossa inspiração foi a partir do trabalho de Bruno Munari.

- Bruno Munari nasceu em Milão, mas passou a infância e a adolescência em Badia Polesine. Em 1930 experimentou inovações radicais em design gráfico e tipografia.
- Apenas após a segunda guerra mundial começou a projetar e a produzir objetos-livro.
- Em 2009 na exposição "Proibido não tocar" aparecem livros como estes, simples e provocadoras ferramentas de aprendizagem em meio a um percurso polisensorial cujo objetivo era fazer a criança relacionar-se e fazer parte da obra.

Desenvolvimento

Partimos do percurso criador da criança à luz do percurso criador do artista, percebendo como a criança dialoga com a obra do artista. Com o objetivo de alimentar esse percurso de forma intencional o educador apresentava diversos elementos, oferecendo propostas e experiências variadas. Mantendo uma boa escuta no que se refere às explorações e construção de narrativas das crianças.

Fez parte deste trabalho a pesquisa de elementos que favorecem a variedade sensorial, tão importantes para esta fase do desenvolvimento.

Lições da Experiência

AS CRIANÇAS ENTRARAM NA OBRA...

- EXPERIMENTARAM
- INTERAGIRAM
- DESCOBRIRAM
- CRIARAM
- IMAGINARAM
- EXPLORARAM

Participantes

Esilaine Silva Laudicéia Ferreira Antônia Farias Juciane Menezes Público Alvo: Crianças de 0 à 3 anos Berçário I e Mini-grupo II A Direção: Nair Bortoleti Coordenação: Benedita Machado de Mello.



“Da caverna à sala-cela”, passando pelo ‘arco dos falsos triunfos’

Maria José de Oliveira Nascimento
zezeoliveira19@uol.com.br
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Campus Bragança Paulista

Contexto da Proposta Pedagógica

O trabalho desenvolveu-se ao longo de 2014 na disciplina Artes. Nasceu das discussões sobre público/privado e cidadania. O foco é a História da Arte com interface e reflexões sobre o cotidiano, contemporaneidade, incluindo viagens culturais, filmes, debates e produção artística. Refletir sobre a Pré-História e antiguidade despertou o desejo de experimentar materiais como a terra. Relações foram feitas e as comparações inevitáveis. Copa do Mundo de Futebol, denúncias de corrupção, eleições para presidente, textos de Filosofia, Sociologia e o documentário Surplus: aterrorizados pelo Consumo apimentaram o debate e chamaram a atenção para a pilha de cadeira quebradas ocupando o corredor.

Desenvolvimento

Para dar visibilidade ao conteúdo desenvolvido criaram duas instalações artísticas que dialogavam. Pesquisaram sobre o arco do triunfo, a política do “pão e do circo” e construíram o “Arco dos falsos triunfos” com imagens que julgaram representar nossa sociedade: desigualdade, corrupção, violência, consumo exagerado e manipulação da mídia entre outras. Através do arco chegava-se à caverna. As paredes do lado eram as carteiras quebradas e sustentavam o teto, do mesmo material da outra parede: jornal revestido de terra e desenhos de carvão e spray. Os números de patrimônio foram referência para dados da violência. Afixaram frases criadas por eles, fragmentos de Leis e da Constituição. Na continuidade, esta parede torna-se sala, com grades feitas em jornal, e fragmento da música Revanche do Lobão. O espaço final, cercado de grades, mostra um boneco nos representa. Sem cabeça, seu corpo estava ligado, por um fio, ao monitor de um computador.

Lições de Experiência

Mudanças de atitude em relação ao patrimônio público, maior interação e consciência social e ambiental melhorando a no cotidiano e convivência numa instituição em período integral. Premiação na IV BRAGANTEC, Projetos de Extensão com reaproveitamento de materiais, premiação e classificação para Mostra Paulista de Engenharia.

Participantes

Maria José de O. Nascimento, professores do Núcleo de Formação Geral e 86 alunos dos 2ºs anos do Ensino Médio Técnico Integrado em Mecânica e Eletroeletrônica, do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus Bragança Paulista.



O que é isto?

Eliana Maria Cantos
liacantos@hotmail.com
Universidade Estadual de Campinas -UNICAMP

Contexto da Proposta Pedagógica

A ideia de recolher o material trabalhado foi despertada pelos escritos de Walter Benjamin, quando discorre em Canteiro de Obra, sobre o interesse das crianças pelo resíduo.

A atividade foi realizada no Município de Campinas, no CEI Lídia Bencardini Maselli, ano 2013, por Eliana Maria Cantos junto com as crianças do Agrupamento II B (crianças de 1 ano e 5 meses a 2 anos 11 meses).

Ao me deparar com um “resíduo” (um grande carretel de madeira), senti uma inclinação por ele, e resolvi então levá-lo para a creche e apresentá-lo para as crianças.

Desenvolvimento

Ao colocar o objeto na sala, as crianças quiseram sentar-se nele, outras quiseram fazê-lo rolar, outras batiam nele com as palmas das mãos, e até mesmo subir nele quiseram algumas. Num outro dia, levei mais dois carretéis menores e ofereci os três de uma só vez. Após a exploração que durou alguns dias, ofereci tinta e pincéis e começamos a pintar o tal artefato. O intuito seria interagir com um grupo pequeno de crianças, devido a uma espécie de mito que paira nas creches sobre realizar tarefas com grupos maiores de crianças. Ocorre que, quando eu pegava os tais carretéis e as tintas, uma “multidão” de crianças me acompanhava.

Lições da Experiência

A atividade foi visivelmente prazerosa para as crianças e para mim, confirmei dessa forma que, se as crianças estão envolvidas, podemos sim realizar atividades em grupos maiores, alternando as formas de trabalho, entendendo que é possível interação em pequenos e também em grandes grupos, bem como a aparência de uma grande bagunça é parte do processo, garantindo que as crianças envolvidas nessa produção percebam que organizar o espaço após uma atividade é preciso. Foi criada a oportunidade de interagir com objetos não comuns ao cotidiano das crianças, outras possibilidades de relação com a pintura, fora da mesa, cadeira e papel, que é a forma tradicional escolar, tão presente inclusive na Educação Infantil. Esses momentos permitiram estar presente na atividade com o corpo todo, colocando-se de pé, sentado ou deitado, podendo conversar com seus pares e a pessoa adulta presente, trocar o material no momento que desejasse, enfim, uma relação plena de sentido para os (as) envolvidos (as).

Participantes

Atividade realizada no CEI Lídia Bencardini Maselli, ano 2013, por Eliana Maria Cantos junto com as crianças do Agrupamento II B (crianças de 1 ano e 5 meses a 2 anos 11 meses).



Cultura tradicional da infância: pesquisa, registro e valorização de memórias a partir do levar a brincar

Lucilene Ferreira da Silva
lucilene-lu@uol.com.br
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Contexto da Proposta Pedagógica

Este projeto vem sendo realizado desde fevereiro de 2003 a partir das ações do Centro de Estudos e Irradiação da Cultura Infantil e do Centro de Formação do Educador Brincante da OCA Escola Cultural, coordenados por Lucilene Silva. Iniciou-se a princípio com o objetivo de proporcionar às crianças um contato maior com o repertório de brincadeiras tradicionais e aos poucos foi tomando outras dimensões: começou a ação de registro do repertório das crianças e alfabetização das mesmas a partir das brincadeiras; se aproximou das famílias também alfabetizando-as, o que possibilitou o registro do repertório das bisavós, avós e pais; implementou um projeto sistemático dentro da escola Esmeralda Becker de Carvalho; formou adolescentes e jovens, alunos da OCA e da escola para ampliação do projeto; criou um espaço de trocas e formação de professores a partir desta experiência; ampliou a ação de levar a brincar em creches e escolas de educação infantil do município; sistematizou a ação e o repertório através da publicação “Eu vi as três meninas”, música tradicional da infância na Aldeia de Carapicuíba, composta por livro, caderno de partituras, CD e DVD.

Desenvolvimento

A ação de levar a brincar vem sendo desenvolvida na instituição e escola pública desde 2003 aos dias atuais. Neste período o repertório de brincadeiras foi registrado com a participação das crianças, adolescentes, pais, avós e bisavós. A publicação foi realizada no período de 2013 a 2014 também com a participação das crianças, pais e comunidade escolar, seja nos registros feitos em CD, DVD, livro e caderno de partituras.

Lições da Experiência

Um simples gesto de escuta pode nos levar a descobrir muitos tesouros. Ouvir a comunidade nos possibilitou saber e registrar suas infâncias, garantindo que outras gerações brinquem.

Participantes

Aproximadamente 500 crianças passaram pelo projeto OCA ao longo dos últimos treze anos, além de seu pais, avós e bisavós que compartilharam suas infâncias. Na Escola Estadual Esmeralda Becker de Carvalho, foram 800 crianças do primeiro ao nono ano atendidas anualmente. A maior parceira da escola neste projeto foi a diretora Maria Helena Scabelo (in memoriam), brilhantemente substituída pela coordenadora Neide Costa, grande parceira nesta ação até os dias de hoje.



Eu Vi as Três Meninas

MÚSICA TRADICIONAL DA INFÂNCIA NA AILDEIA DE CARAPICUÍBA

LUCILENE SILVA

LIVRO • CADERNO DE PARTITURAS • CD • DVD



Uma documentação de Música da Cultura Infantil de várias gerações e regiões do Brasil, levantada na comunidade da Aldeia de Carapicuíba, através do Centro de Estudos e Irradiação da Cultura Infantil da Oca - Escola Cultural, em diálogo com o Centro de Referência da Cultura Brasileira e Centro de Formação do Educador Itimacim, com a participação de crianças, adolescentes, jovens, mães, pais e avós da comunidade da Aldeia de Carapicuíba, Maria Amélia Pereira (Peco), Lydia Hortelão, Adelson, Rinaldo Martinucci, Moema Cavalcanti, Zezinho Pitoas, Edilson Capelupi e Gianni Puzzo.



Patrocínio



Apoio



Realização



Um blog como ferramenta para a educação musical

Patricia Kawaguchi Cesar
patricia@nocmoon.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Contexto da Proposta Pedagógica

A proposta do blog “Nocturne in the Moonlight” – Nocmoon: <http://nocmoon.com> - é disponibilizar conteúdos referentes a educação musical e música em geral, para estudantes de música, auto-didatas, educadores e leigos. O conteúdo oferecido engloba posts sobre: educação musical, divulgação de cursos e eventos ligados à área de Música e/ou Pedagogia, resenhas de livros e filmes com temática musical, ideias de atividades para aulas, reflexões sobre a prática docente, música e tecnologia, vídeos da autora executando peças no piano, vídeos de práticas com alunos de instrumento, entre outros.

Desenvolvimento

O blog foi criado em 2009, quando a autora ainda nem pensava em se tornar educadora musical. A princípio o blog era um espaço para compartilhar informações sobre música e o estudo do piano e, ao longo dos anos, passou por um amadurecimento junto com a autora. Os posts sobre o vestibular do curso de Música e as provas de habilidade específica acabaram por se tornar alguns dos mais acessados, pois é difícil encontrar informações sobre isso na internet e os vestibulandos pesquisam para se preparar melhor. Em agosto de 2014 o blog se tornou um dos objetos de pesquisa da iniciação científica Os blogs como ferramenta para a educação musical.

Lições da Experiência

O blog é uma ferramenta virtual dinâmica que facilita o contato entre autor e leitor. Graças a ele, a autora pôde responder mensagens e tirar diversas dúvidas relacionadas a teoria musical, além de orientar vestibulandos que posteriormente ingressaram no curso de Música na Unicamp ou em outra universidade. O blog também possibilitou o contato com autores de livros sobre educação musical.

Participantes

Patricia Kawaguchi Cesar (autora e professora)

Melina Ribeiro (aluna)

Thais Costalonga Gavinelli (professora e colaboradora em um projeto artístico)

66



Nocturne in the Moonlight

Um piano e uma rosa azul

INÍCIO SOBRE A AUTORA REPERTÓRIO CONTATO LINKS 2048



Um semestre para estudar instrumento

19 DE MAIO DE 2015
POSTED BY PATRÍCIA
KAWAGUCHI

Oi! Estou atualmente no quarto ano do curso de licenciatura em Música, não vou me formar este ano (ver este post). Refleti bastante, analisei minhas prioridades e a quantidade de trabalho que estou fazendo no momento e decidi "pegar mais leve" nas matérias. Também achei que seria interessante dedicar um semestre à prática de instrumento.



Continue reading -->

POSTED IN SEM CATEGORIA | TAGGED INSTRUMENTOS, PESSOAL, PIANO, UNICAMP | COMENTÁRIOS (8)

Site: vaza do brincar

17 DE MAIO DE 2015
POSTED BY PATRÍCIA
KAWAGUCHI

Patrícia Kawaguchi



Estudante de piano erudito há nove anos. Quarto ano de Licenciatura em Música na Unicamp. Professora de piano, musicalização e teoria musical. Aquela que toca Final Fantasy no vestibular.

Popular

Siga-me!



Find us on Facebook



You and 308 others like Nocturne in the Moonlight



Construir e apropriar-se do espaço pedagógico de uma escola infantil: tessituras da prática de uma Emei em Porto Alegre/RS

Sabrina Garcez
sasagarcez@gmail.com
PMPA - EMEI Miguel Granato Velasquez

Magda Raquel D'ávila Pereira
mrdpereira5@bol.com.br

Contexto da Proposta Pedagógica

Do convite ao apropriar-se da gestão de uma instituição infantil, foram apenas sete dias. Da função ao colocar-se à disposição ao atendimento pedagógico com 160 crianças, foram cerca de setenta dias. Nada disso teria o mesmo caminho e a mesma escolha em outra realidade. Uma escola infantil – modelo do PróInfância – e a tarefa de equipá-la sem recursos e sem uma equipe constituída, mostraram-se desafios cotidianos difíceis e espinhosos para serem vencidos. Como fazer do espaço que tínhamos, um espaço que acreditássemos ser bom o suficiente foi nossa maior vitória.

Desenvolvimento

Em pouco mais de dois meses, constituímos salas de aula, espaços educativos multiusos e diferenciados, utilizando de muita criatividade, paciência e algo de jogo de cintura para driblar dificuldades e pessoas que entravaram o processo. Pautadas na busca por efetivar este espaço um local que privilegiasse o cuidar e o educar, com afetividade, criatividade e o desenvolvimento pleno das crianças, pouco a pouco efetivando essa crença na organização de espaços de trabalho que permitisse às crianças o desenvolver pleno e, principalmente, feliz. Dia a dia, a instituição tomou cara, cor e forma, tornando-se um local que configura-se pela constante transformação em busca do ideal. Durante este desenvolver-se, registramos cada etapa com fotos, frases e vídeos que comprovam e nos mostram o quanto crescemos e como jamais nos tornamos prontos.

Lições da Experiência

As adversidades mostram que nunca estamos completamente prontos. Constituímos-nos no dia a dia da ação, na reflexão e no olhar do e com o outro, na troca entre os pares. A experiência, em permanente construção, nos mostra que sempre podemos um pouco mais do que nos propomos e, que talvez, esse pouco ainda não seja o bastante, principalmente quando falamos em educação, em escola, em movimento contínuo.

Participantes

Sabrina Garcez, Diretora da EMEI Miguel Granato Velasquez, Porto Alegre, RS. Magda Raquel D'Ávila Pereira, Vice Diretora da EMEI Miguel Granato Velasquez, Porto Alegre, RS. Equipe pedagógica da escola.

Contaço do mundo: pois nenhum muro separa a escola da realidade

Priscila Duarte dos Reis
prisciladrtavares@gmail.com
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ

Alice Akemi Yamasaki
lourenco.duarteadvocacia@gmail.com
Universidade Federal Fluminense - UFF

Gauthier Figueiredo Neto
eventosimufrj@gmail.com
Universidade Federal Fluminense - UFF

Contexto da Proposta Pedagógica

O livro ‘Contaço do mundo’ reúne várias histórias, escritas por alunos do 8º e 9º ano do Colégio Estadual Natividade Patrício Antunes, localizado em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense-RJ. Temas como gravidez na adolescência, homossexualidade, drogas, desigualdade social, guerras, meio ambiente, racismo e fome são abordados de maneira enriquecedora aos olhos de jovens que começam a construir sua visão de mundo e a sua contribuição para uma sociedade melhor.

Desenvolvimento

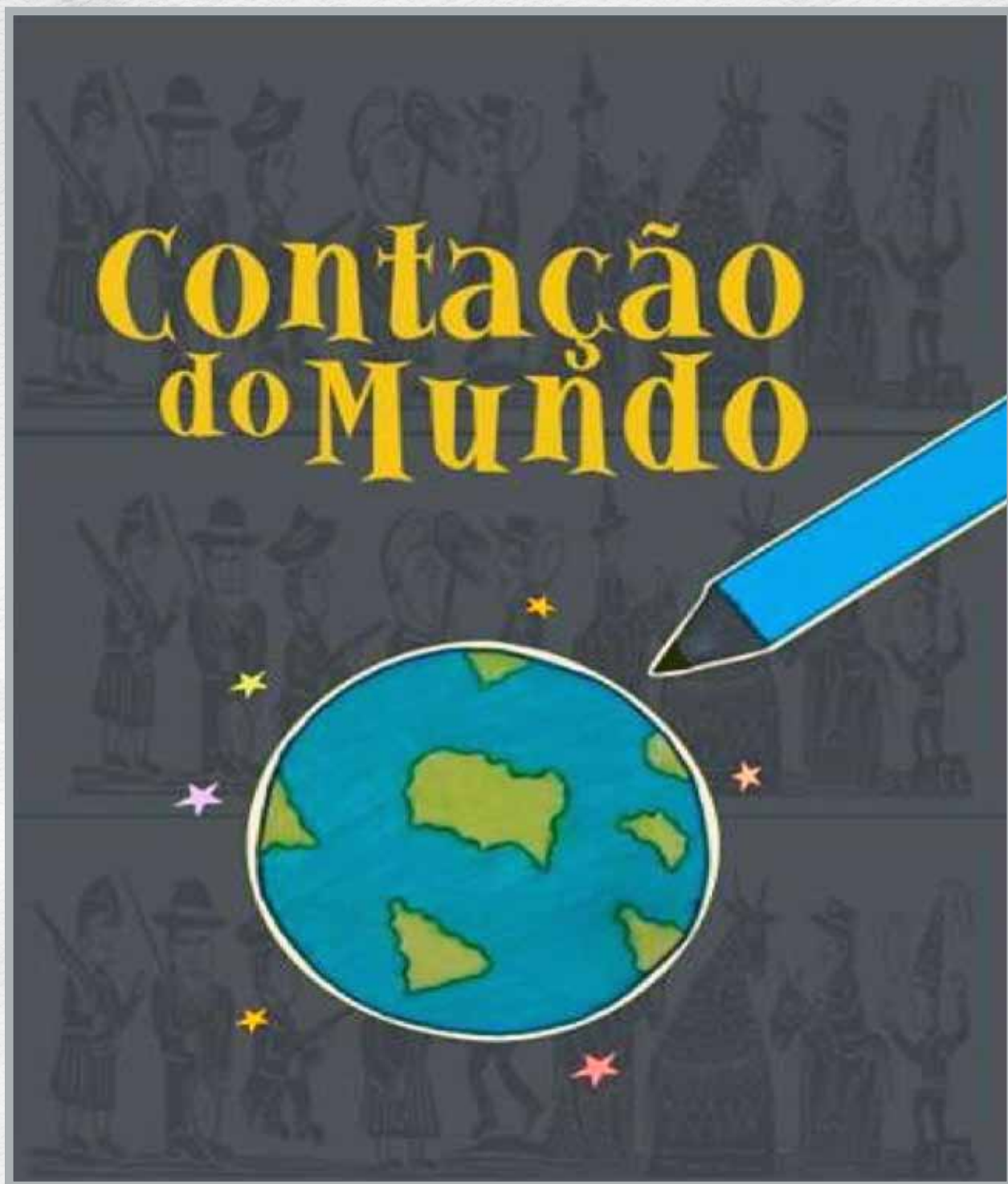
Durante oito meses, o projeto foi desenvolvido através da Oficina de Letramento do Programa Mais Educação do Governo Federal e de um projeto de iniciação à docência da Universidade Federal Fluminense. Com fulcro na pedagogia libertadora de Paulo Freire, buscou incentivar uma livre descrição e um olhar dos alunos sobre sua realidade. Buscando preservar a autoria dos alunos, na organização da Contaço de Mundo, os textos foram transformados num livro integralmente composto com suas vírgulas, seus medos, suas alegrias, sem qualquer muro ideológico ou editorial e agora será distribuído para outras escolas públicas.

Lições da Experiência

A escola pública, apesar de suas limitações estruturais, mostra-se como fértil locus de formação humana, o que nos permite afirmar que ela é rica. O desafio assumido pelo projeto foi o de quebrar os muros que existem entre a escola e a realidade. Cada aluno tem suas particularidades; a gramática é importante, mas a leitura de mundo é primordial; a oralidade necessita de uma atenção maior em sala de aula, por isso o debate a partir de temas e realidades dos alunos mostrou-se mais rico do que qualquer livro didático, potencializando o desejo dos educandos em mostrarem-se protagonistas de suas histórias, reunidas em Contaço de Mundo.

Participantes

Organizadores e coordenadores do livro, Gauthier Figueiredo Netto, Alice Akemi Yamasaki, Priscila Duarte dos Reis. Alunos autores do nono ano (Colégio Estadual Natividade Patrício Antunes) Rodolfo Vieira, Daniel Moraes, Keven Anacleto, Vitória dos Santos, Luiz Gustavo Costa, Fernando Bernardo, Lincoln de Assis, Camila Rodrigues, Thaís Marques, Nicole Marques, Matheus do Nascimento, Nathaly dos Santos, Jonas Henrique dos Santos, Marcos Vinícius da Silva, Ester Santos, Giuliana Leite de Araújo, Letícia Maria de Oliveira Jacinto.



70



Lunetas mágicas

George Luiz França
francalgeorge@gmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Daniela Cristina da Silva
dani.letrasport@gmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Contexto da Proposta Pedagógica

Inserido no trabalho com o gênero romance e o Romantismo brasileiro no segundo ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC, este trabalho visou ressignificar não apenas a leitura do romance *A luneta mágica*, de Joaquim Manuel de Macedo, escolhido como repertório comum às quatro turmas da série, como também o próprio espaço da escola. No livro em questão, o personagem Simplício é míope física e moralmente, porque não consegue pensar por conta própria e acata sempre as opiniões e julgamentos alheios, sendo incapaz de deliberar sobre a justeza destes. Diante dessa dificuldade, conhece um homem enigmático que acaba por lhe dar uma lição. Primeiramente, recebe uma luneta que apenas permite que veja o lado ruim de todas as coisas, o que acaba por afastá-lo de todo o convívio social, por se tornar incapaz de confiar em qualquer pessoa. Essa luneta se parte quando o personagem procura contemplar a si mesmo no espelho, e enxerga sua própria monstruosidade. A segunda parte da lição consiste em fazer com que Simplício seja capaz de ver apenas o bem, o que o torna um sujeito crédulo, a quem todos conseguem enganar, e o leva a querer suicidar-se. Nessa situação extrema, o mago que lhe deu as lunetas, Armênio, resolve fazer com ele uma revisão dos abismos da moral cega, mostrando-lhe a ambivalência dos valores.

Desenvolvimento

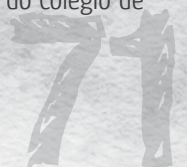
Depois de lermos o romance e o discutirmos em sala, e de feita uma primeira avaliação formal dessa leitura, os estudantes foram instigados a fotografar algo no espaço da escola que pudesse ser visto pelas duas lunetas. Feitas e selecionadas as fotos, a proposta foi escrever um texto de 15 linhas para cada uma das visões sobre as cenas fotografadas. Montou-se, por fim, uma exposição de monóculos, em que as fotos foram reveladas em formato 1,8x2,4 e dispostas junto com os textos para o público.

Lições da experiência

Criação de novos sentidos na leitura de textos literários, para além das exigências de uma visão homogeneizante da literatura canônica. Novas visões do espaço escolar. Produção artística que valoriza a criatividade e a autoria dos estudantes. Reflexão acerca de valores, em especial relativizando as noções de bem e mal, na direção de uma transvalorização de valores.

Participantes

Professores George França e Daniela Cristina da Silva; estudantes do segundo ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação.





Projeto 25 anos da Escola Municipal Erso Gomes – sequência didática: minha escola conta a história (vídeo com a técnica stop motion)

Mareide Lopes de Arruda
mareidelopes@hotmail.com
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

Contexto da Proposta Pedagógica

Este trabalho visa resgatar a história da escola e em especial conhecer o seu Patrono, um homem cuja história de vida se engrena com a história do bairro onde a escola se situa. Porém, demonstra a preocupação com a necessidade de buscar novos caminhos para motivar os alunos quanto as suas produções escolares no que se refere à leitura e a escrita. Esses caminhos apontam para algo mais moderno e prazeroso e que possa despertar de fato o interesse deles. Neste sentido, a narrativa poética da história de vida do senhor Erso Gomes por meio do Stop Motion contribuiu para uma alfabetização com ênfase no letramento de crianças, buscando a socialização por meio de narrativas orais, uma vez que para chegar ao produto final, foi necessária a produção escrita de um roteiro, descrição de imagens e exigiu um cuidadoso planejamento de cada etapa, com o auxílio dos estudantes.

Desenvolvimento

Iniciamos o trabalho conversando com as turmas sobre o que consistia a técnica Stop Motion, para isso exibimos diversos vídeos animados amadores disponíveis no youtube e trechos de filmes como Fuga das Galinhas, (2000), Coraline e o Mundo Secreto (2009), Batalha dos Vegetais (2006) a fim de despertar o interesse pela técnica em questão. Exibimos também um vídeo que mostrava como eram os bastidores desses “filminhos” e quais os procedimentos deveriam ser realizados, desde a escrita do roteiro, material necessário, desenho prévio dos personagens, escolha do “diretor”, do “iluminador”, ou seja, o chamado “story board”, até as sequências de foto e a montagem no programa Movie Maker, por ser o mais simples. Para que os alunos entendessem melhor como ocorre o processo montamos na sala uma sequência de fotos de objetos se movimentando, e com o apoio do Multimídia editamos um exemplo simples do que seria feito. Diariamente realizamos a leitura da biografia e da narrativa poética sobre a vida do Sr. Erso Gomes, o patrono da escola, e informamos aos alunos que com base naquele texto montaríamos o nosso vídeo. Após a leitura os alunos desenhavam como visualizaram a história, o cenário e a partir desses desenhos fizemos a descrição dos elementos que teriam em cada cena. Após fotografar todas as cenas, em sala de aula, as fotos, as falas dos alunos e as legendas, coletivamente escolhemos um fundo musical, que foi a música Bem-te-vi do Grupo Crianças. O vídeo foi exibido às famílias na comemoração de aniversário da escola.

73



Lições da Experiência

Este trabalho oportunizou uma maior socialização entre os alunos, pois trabalhamos em equipe. O desenvolvimento da oralidade, a reflexão da escrita por meio de atividades orais teve sua maior motivação, nas “aulas diferentes”, realizadas com uso da tecnologia em sala de aula.

Participantes

ESCOLA MUNICIPAL ERSO GOMES – Aquidauana – MS; Ensino Fundamental I, Turmas: Alunos do 2º Ano C e D (Vespertino); Professoras: Edilene de Jesus Vieira (Regente), Ivone Maria Satolo (Regente), Zenaide Terezinha Longo Souto (PCLE), Maria José Dellalibera (Arte), Ernestina Soares e Mareide Lopes de Arruda (Coor. Pedagógicas), Luiza Aparecida Velasquez e Renê do Carmo (Diretores).



Monstros do imaginário

Maria Nascimento Pereira
todasasfloresdeabril@gmail.com
Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo

Contexto da Proposta Pedagógica

Trabalhar, refletir, recriar com a materialidade expressiva dos objetos recicláveis. Tendo como eixo de suporte a discussão e o uso do lixo produzido pela família dos alunos o objetivo foi resignificar os objetos bem como a forma como olhamos para os mesmos, tendo-os como matéria prima na confecção de mini esculturas do imaginário das crianças.

Desenvolvimento

Confecção de esculturas com o uso de materiais recicláveis a partir de encontros semanais de cinquenta minutos vividos no período de março a maio de 2015. Partindo do estímulo mental, apoiando-se em memórias, selecionando e manipulando os materiais recicláveis potencialmente expressivos, os alunos dos 5ºs anos do ensino fundamental I vivenciaram a imersão num trabalho individual criado coletivamente, usando técnicas de papiermarchê, colagem, recortes, montagem e pintura.

Lições da experiência

O reconhecimento das potencialidades das ações e dos objetos de uso cotidiano, como mola propulsora na confecção das esculturas, foi a lição mais claramente entendida pelos alunos e professores envolvidos, assim como a valorização da livre criação permitindo-se observar as mudanças, nas esculturas e nas pessoas, decorridas dos encontros.

Participantes

Professora e orientadora de Artes Maria Goreti e alunos regularmente matriculados nos 5º anos A e B do ensino fundamental I da escola estadual Profº André Xavier Gallicho, bairro da Mooca – São Paulo-SP.

75



RODAS

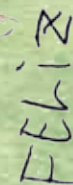
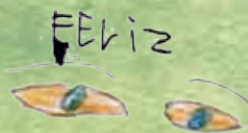
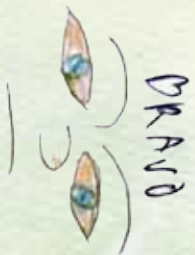


Eixo 1: Formação docente e saberes profissionais

Eixo 2: Cotidiano e práticas educativas

Eixo 3: Subjetividades, memória e de educação das sensibilidades

Eixo 4: Escola como experiência política



Mesa de Abertura

Diálogos sobre escola e educação das sensibilidades

A mesa de abertura do evento é um convite para a interrogação sobre as formas de educação das sensibilidades presentes nos movimentos de formação docente e discente, com e na escola. Tal perspectiva, proposta ao GEPEC pela professora Maria Carolina Bovério Galzerani e abraçada pelos convidados dessa mesa, busca ampliar os diálogos sobre a produção de conhecimento histórico escolar, na relação com os saberes e experiências produzidos por professores e alunos, na escola e no FALA outra Escola. Refletindo sobre algumas das contribuições singulares de nossa muito querida professora, queremos prestar-lhe uma pequena homenagem e expressar um pouco de nossa gratidão por partilharmos de sua convivência intelectual, sensível e amorosa.

Cláudia Prado Fortuna (UEL)

Maria Ângela Borges Salvadori (FEUSP)

Márcia Regina Poli Bichara (GEPEC)

Mediação: Bruno Felipe Vieira (SEE SP)

Narrar processos, compartilhar possibilidades: desafios na construção de uma política municipal de formação continuada

No diálogo que teceremos nesta apresentação, pretendemos compartilhar o desafiante processo de construção de uma política municipal de formação continuada, em consonância com as necessidades apontadas pelos profissionais da rede municipal de educação de Indaiatuba (SP). Assumimos a importância de respeitar os conflitos do cotidiano de atuação de cada sujeito que trabalha direta ou indiretamente nas escolas municipais, colocando-nos em processo de escuta destes profissionais, para que possamos, conjuntamente, valorizar a construção de conhecimento profissional que ocorre no contexto do trabalho. Na formação continuada em desenvolvimento tomamos como princípios os processos reflexivos e dialógicos compartilhados com a rede de ensino, enaltecendo a importância de respeitar as produções de cada sujeito no exercício de suas ações profissionais.

Heloísa Helena Dias Martins Proença
(GEPEC - Colégio Básico de Campinas - Unisal-Liceu/Campinas)

Jacimara Martins Siqueira de Miranda
(NFCI/ PM Indaiatuba/SP)

Kelli Regina Sander
(NFCI/PM Indaiatuba-SP)

Mediadora: Cyntia Simioni França
(GEPEC- UEL)

A Articulação entre Universidade e Escola: os saberes necessários para a participação no Projeto Bolsa Alfabetização.

A partir do pressuposto de que o Programa Bolsa Alfabetização busca a articulação entre a universidade e a escola pública e de que o seu objetivo é a formação de bons professores, buscou-se analisar os motivos de ingresso e a avaliação dos diferentes sujeitos participantes do programa: Alunos Pesquisadores, Professores Regentes e Professores Orientadores, assim como identificar os saberes considerados necessários para atender as demandas que o Programa Bolsa Alfabetização exige”

Marisa Garcia
(SEE/SP)

Marli Amélia Lucas Pereira
(FAAT)

Silvana Saraid da Silva
(FAAT)

Mediação: Renata Barroso de Siqueira Frauendorf
(GEPEC)

Eu tô voltando pra casa: narrativas sobre formação e desenvolvimento profissional

A proposta dessa roda é constituir um diálogo acerca das narrativas de formação com os quais estamos envolvidas na vida e na profissão. Narrar os acontecimentos de formação sob a perspectiva de lugares e tempos diversos serão potentes para os modos como acreditamos numa educação e numa escola outra. Dar a ver ao conjunto de narrativas poderá revelar saberes e fazeres construídos nas relações com o cotidiano da escola, como também, poderá apresentar questões contraditórias do/no processo de desenvolvimento profissional. Nessa roda podemos apresentar um material que favoreça um “voltar pra casa”, um encontro com nossa própria voz e vozes alheias, aquilo que nos constitui a profissional que somos.

Ana Paula Gaspar Melim
(UCDB/MS)

Juliana Terra
(FACH e SEE-SP)

Maria Natalina de Oliveira Farias
(GEPEC; RM Hortolândia)

Mediação: Elizete Oliveira de Andrade
(GEPEC; UEMG/Unidade Carangola)



CAPA



SUMÁRIO

Culturas e Infâncias no cotidiano escolar: práticas e formação

Práticas e formação, pretende compartilhar olhares e saberes sobre a infância pautada na criança como um ser histórico e social. Para tanto apresentara vivências e experiências situadas no espaço do cotidiano de uma sala de aula de Educação Infantil que busca uma educação para a vida, centrada no olhar da criança, onde as relações afetivas se baseiam na cooperação e na autonomia, proporcionando ações metodológicas diferenciadas e voltadas para o trabalho das múltiplas linguagens das culturas da infância.

Tânia Regina Laurindo
(FAM-Unisal)

Roseane Daminelli Gomes
(PMCampinas)

Patrícia Sanches Bodine
(PMCampinas)

Mediação: Lais Rechinelli
(PMCampinas)

Escola de educação integral: cotidiano e desafios de formação

A concepção de Educação Integral que assumimos nessa apresentação é a de que a integralidade do trabalho educativo precisa dialogar com as necessidades formativas dos sujeitos não só nas dimensões cognitivas como também corporal, cultural e social. Nesse sentido, os tempos organizados e os espaços ocupados, dentro e fora da escola, são para o desenvolvimento integral do ser humano em todas as suas potencialidades. O cotidiano do trabalho pedagógico e os desafios da formação precisam interagir entre si, estarem integrados, nas dinâmicas relacionais constituídas entre estudantes, professores e instituição.

Guilherme do Val Toledo Prado
(GEPEC)

Maria Sílvia P. de Moura Librandi da Rocha
(PUC-Campinas/SP)

Maria Fernanda Pereira Buciano
(PMCampinas/SP)

Mediação: Carla Clauber da Silva
(GEPEC-PMJoinville/SC)



CAPA



SUMÁRIO

Escola e produção do conhecimento: uma relação possível

Pretendemos discutir, nesta mesa redonda, sobre o potencial e a responsabilidade da escola em estimular o gosto pela pesquisa e o exercício da autoria, numa perspectiva interdisciplinar. A prática escolar da iniciação científica, assim compreendida, vivenciada no âmbito do Ensino Fundamental, possibilita profundas conexões com questões sociais relevantes que auxiliam os protagonistas da tarefa de pesquisar (educadores e estudantes) a estabelecerem novas possibilidades de relação com o saber, que possam dar outros sentidos sobre o papel da escola em nossos dias.

Nara Caetano Rodrigues
(Colégio de Aplicação/CED/UFSC - PROFLETRAS/UFSC)

José Carlos da Silveira
(ECT/CED/UFSC_Colégio de Aplicação/CED/UFSC)

Lisiane Vandresen
Colégio de Aplicação/CED/UFSC

Estudantes do Colégio de Aplicação/CED/UFSC
Projeto Pés na Estrada do Conhecimento e Iniciação Científica na Escola Básica

Mediação: Fabiana Marques B. Nasciutti
(GEPEC)

Entrelaçamento entre práticas de formação e narrativas (auto)biográficas

O nosso objetivo é discutir as potencialidades das narrativas (auto)biográficas como dispositivos de trans-formação de estudantes, professores(as) e demais profissionais da escola. Serão abordados múltiplos fios teórico-metodológicos, entre experiências, narrativas e memórias, tecidos no diálogo entre e com a Escola Básica e a Universidade. A reflexão a ser partilhada terá como ponto de partida, o relato de experiências de pesquisa-formação em escolas de Campinas (SP), São Gonçalo (RJ) e Itaboraí (RJ) com grupos de estudantes, professores(as) e coordenadoras/orientadoras pedagógicas em espaços de conversa – encontros intencionalmente planejados e coordenados como possibilidades de refletir e construir conhecimento sobre a própria formação e sobre o próprio trabalho e pautados por princípios como o diálogo, a autoria, a autonomia profissional e a indissociação entre pessoalidade e profissionalidade.

Inês Ferreira de Souza Bragança
(UERJ Rio de Janeiro/RJ),

Adriana Stella Pierini
(GEPEC - PM Campinas/SP)

Juliana Godoy de Miranda Perez
(UERJ, PM Itaboraí/RJ)

Mediação: Patrícia Regina Infanger Campos
(GEPEC - PM Campinas-SP)



A Pedagogia Freinet e a Formação Docente

Nos propomos a dialogar com e sobre formação docente continuada a partir do cotidiano escolar, considerando a construção histórica do Projeto Político Pedagógico, a partir do olhar da gestão (Diretora escolar) e do olhar do percurso de formação de uma educadora com a prática e teoria e teoria e prática dos princípios, eixos e ferramentas da Pedagogia Freinet.

Ruth Joffily Dias
(PMPaulínia)

Rúbia Cristina Cruz
(GEPEC-UNISAL-PMCampinas)

Mediação: Lucianna Magri de Melo Munhoz
(GEPEC)

Memória e Educação das Sensibilidades na Formação de Professores

Essa roda Universidade Escola se propõe a refletir sobre memórias, sensibilidades e formação docente na contemporaneidade, trazendo para o debate experiências recentemente desenvolvidas no diálogo entre professores pesquisadores do GEPEC e docentes que atuam nas redes públicas de educação, em Campinas/SP e em Ouro Preto/MG. Em tais experiências, o trabalho com memórias e sensibilidades nos permitiram movimentos dialogais entre diferentes saberes e contribuíram para o fortalecimento dos sujeitos plurais envolvidos, comprometidos com uma dimensão social alargada e humanizada. Assim, continuando o diálogo, buscamos fomentar brechas que fortaleçam a dimensão pessoal e coletiva dos sujeitos históricos, afirmando uma perspectiva racional sensível em suas potencialidades de ação educativa e de formação.

Nara Rúbia de Carvalho Cunha
(GEPEC - SEE/MG)

Adriana Carvalho Koyama
(GEPEC - CMU Unicamp/SP)

Luciane Salado
(PM Campinas/SP)

Mediação: Ruy Braz da Silva Filho
(GEPEC - PM Campinas/SP)



CAPA



SUMÁRIO

Os professores e seus alunos: aprendizagens compartilhadas em Educação Estética

Participação de Estudantes

O objetivo dessa mesa é ampliar o debate sobre a Educação Estética preocupada com a formação reflexiva dos sujeitos, trazendo para esse debate experiências e vozes de alunos e professores como parte fundamental na constituição desses sujeitos. Entre essas experiências, um projeto interdisciplinar envolvendo Arte e História sobre a ditadura militar no Brasil, realizado com alunos dos 9º anos de EF em uma escola pública de Campinas. Existe ainda relatos de experiências de 15 anos de aula com diferentes sujeitos analisando sua história com a escola e a formação do sujeito.

Monica Fernanda Bonomi
(PMCampinas)

Vanessa Paola Rojas Fernandez
(PMCampinas)

Cristina Maria Campos
(PMCampinas)

Mediação: Maria José Oliveira Nascimento
(IFECT/SP-GEPEC)

Educação sensível: formação e experiência na docência

As professoras-pesquisadoras desta Roda se propõem a dialogar acerca das principais contribuições de uma ação pedagógica sensível no desenvolvimento da prática educativa e formação continuada do professor. Evidenciam a escuta e o olhar do outro e de si como elementos constitutivos da identidade docente e da coletividade no espaço da escola. Apresentam, assim, a importância de propostas formativas que prezem pela experiência e reflexividade.

Monica Fernanda Bonomi
(PMCampinas)

Vanessa Paola Rojas Fernandez
(PMCampinas)

Cristina Maria Campos
(PMCampinas)

Mediação: Maria José Oliveira Nascimento
(IFECT/SP-GEPEC)



CAPA



SUMÁRIO

Formação ética: o que a escola tem a ver com isso?

Participação de Estudantes

Trataremos da responsabilidade da escola com a formação ética de estudantes que vivem nesta condição muitos anos - cerca de quinze anos para os que completam a Educação Básica. Com Bakhtin, partimos do princípio que nos constituímos na relação com os outros e que contextos sociais onde atos éticos permeiam as relações tendem a formar indivíduos capazes de compreender e agir também de maneira ética. Porém, temos muitos desafios a enfrentar nestes tempos que vivemos. Como enfrentá-los, na escola? Há práticas educativas possíveis e experiências bem sucedidas a compartilhar? Estes são alguns dos temas sobre os quais desejamos conversar.

Rosaura Angélica Soligo
(Abaporu – GEPEC)

Liana Arrais Serodio
(GEPEC)

Vanessa França Simas
(GEPEC – PMPaulínia)

Mediação: Cláudia Roberta Ferreira
(GEPEC – Fundação Bradesco)

Política e Educação em Africanidades

Participação de Estudantes

Pautada no diálogo com a lei 10639.03, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana, Afro Brasileira e das Relações Étnico Raciais. A proposta desta mesa é apresentar uma panorâmica das ações políticas e pedagógicas da temática, numa perspectiva de pensar a formação de professores, a militância e a construção de práticas pedagógicas cotidianas, com a participação de estudantes da EMEF Oziel Alves Pereira, apresentando suas aprendizagens e produções sobre a temática.

Wilson Queiroz e seus alunos
(PMCampinas)

Luci Crispim Pinho Micaela
(UNISAL)

Mediação: Francisco Evangelista
(UNISAL)



CAPA



SUMÁRIO

Cala a boca já morreu? Experiências de participação política de alunos no ensino fundamental

Participação de Estudantes

Serão narradas experiências de participação dos alunos nos espaços/tempos de discussões existentes na EMEF “Padre Melico Cândido Barbosa”, em Campinas. Privilegiamos dois desses espaços/tempos, exclusivos dos alunos: as reuniões de representantes de sala e as assembleias de sala/turma. A problematização dessas práticas acontece na relação entre as discussões e demandas produzidas nesses espaços/tempo exclusivos e os colegiados oficiais existentes na escola, deliberativos e de avaliação institucional: o Conselho de Escola e a Comissão própria de Avaliação.

Heronilda Alcântara
(PM Campinas/SP)

Marcemino Bernardo
(GEPEC-PM Campinas/SP)

Ana Maria Falcão de Aragão
(GEPEC)

Mediador: Mateus Leme de Souza
(GEPEC)

Escola-comunidade: fortalecimento dos processos de participação e pertencimento

Nesta Roda de Conversa nos aproximaremos do trabalho desenvolvido em escolas públicas da região de Sorocaba/SP, de construção de um ambiente democrático a partir da atuação da comunidade nos Conselhos de Escola. Serão compartilhadas também experiências de um professor da escola básica na construção do processo de pertencimento e de empoderamento de estudantes provenientes de uma comunidade caiçara da Juréia, no Vale do Ribeira. Por fim, serão apresentadas memórias de um trabalho de formação continuada realizado com os diferentes profissionais que atuam nas escolas públicas: secretários, merendeiras, monitoras, coordenadoras pedagógicas, guardas municipais, agentes de serviços gerais, supervisoras, diretoras. Partilharemos essas experiências, pois acreditamos que através do diálogo podemos esticar nossos horizontes, além de reafirmarmos nossa opção por uma educação como prática social comprometida com a liberdade e a transformação dos cenários desumanizantes.

Dulcinéia de Fátima Ferreira
(UFSCar)

Ana Maria de Campos
(GEPEC)

Paulo César Franco
(ONG Amigos da Juréia)

Mediadora: Daniela Quevedo Pacheco
(GEPEC)

EIXO 1

Sessões de Diálogos

Formação docente e saberes

Discutir a importância do olhar do outro sobre a formação docente e os saberes profissionais, na formação inicial ou continuada, tanto na escola básica quanto nas instituições e nas universidades, com intervenções dos sujeitos que participam dos processos educativos.



CAPA



SUMÁRIO

A experiência e a afetividade a favor da gestão democrática

Aline de Sousa Gabos
aline.r.sousa@gmail.com
Prefeitura de Municipal de Campinas - SP

Resumo: Durante o tempo que substitui a vice direção vivenciei situações cotidianas que muito me afetavam no papel de professora e mudaram minha forma de pensar e agir. Estar na gestão de uma escola é ao mesmo tempo uma experiência difícil e encantadora. Difícil por conta da grande demanda burocrática, falta de apoio operacional na secretaria, falta de possibilidade de ação em algumas situações por conta de determinações superiores, entre outras situações que nos afastam da organização pedagógica que julgo ser tão importante. Encontrar a forma de equilibrar os dias e não se afastar do grupo é extremamente complexo e desafiador. Mas também, é encantador poder experimentar gerir um grupo com tanta diversidade de formação e experiências, contribuir para que novos projetos sejam concretizados nas salas de aula, tentar trazer um pouco de conforto e apoio aos profissionais que lidam diretamente com as crianças. Todos os gestores foram professores, porém eu ainda estou sendo professora, pois meu cargo é esse. Além disso, sou professora de Educação Infantil e substitui no mesmo segmento, o que facilitou muito a minha contribuição para a equipe e minha formação docente. Todavia, ficou em minha memória a dificuldade com o trabalho coletivo. Temos na escola um grupo muito heterogêneo. Os agentes de educação infantil/monitores possuem formações diversificadas e com isso visões muitas vezes antagônicas do processo educativo. Administrar essas diferenças de forma a torná-las positivas e produtivas é um processo muito complicado. As reuniões eram intermináveis, os assuntos não conseguiam ser concluídos de forma tranquila e coesa, a agressividade de alguns incomodava muito. Disso tudo, muito pude aprender sobre ser professora e ser afetiva com a gestão. Trago a afetividade, pois sempre acreditei que esse era o elo fundamental para que a relação professor-aluno fosse estabelecida e a aprendizagem acontecesse de fato. E hoje, percebo que falta afetividade por parte dos profissionais para com a gestão e muitas vezes com os pares também.

Palavras-chave: afetividade; formação docente; gestão democrática.

Características e consequências da dislexia: Uma questão docente?

Silvana Chatagnier Borges Perez
silperez@usp.br
Universidade de São Paulo - USP

Resumo: Observa-se hoje em dia um aumento significativo de alunos diagnosticados como disléxicos. Do mesmo modo, nota-se que o termo Dislexia passou a ser utilizado indistintamente no interior das escolas. No entanto, uma primeira leitura indica que são utilizadas formas um tanto vagas e pouco explícitas desse termo. Assim, entende-se como relevante a realização de pesquisas que tenham como objeto de estudo essencialmente a dislexia. Sujeitos diagnosticados como disléxicos apresentam grandes dificuldades na leitura e compreensão de textos, o que acarreta dificuldades em todas as matérias escolares, provocando baixa autoestima em quase todos os portadores deste distúrbio. Essas dificuldades e suas consequências acabam por envolver a família, a escola e, principalmente os professores, que passam a ter um papel ainda mais atuante e significativo no processo de ensino - aprendizagem dos alunos disléxicos. Atualmente, algumas reportagens e bibliografias têm privilegiado o tema dislexia, mas sem a preocupação de orientar ou informar com mais clareza àqueles que possibilitam e realizam formalmente a alfabetização e todo o processo de ensino - aprendizagem desses alunos, ou seja, os professores. Tendo em vista e levando-se em consideração as informações acima, este artigo se propõe a informar e ao mesmo tempo analisar a relevância do papel e dos saberes docentes, ou seja, do papel e dos saberes dos professores, levando-se em conta sua função primária e essencial no processo de ensino - aprendizagem, diante de alunos com dislexia.

Palavras-chave: dislexia; ensino; aprendizagem; saberes; professores.

A formação dos alfabetizadores- o que revelam seus relatos (sobre a ótica de uma alfabetizadora)

Cátia Soares Madaleno Menezes
catia_jk@hotmail.com
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - UEMS

Eliane Greice Davanço Nogueira
eg.nogueira@uol.com.br
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - UEMS

Resumo: Este artigo foi originado através de uma pesquisa sobre a visão que o educador alfabetizador possui de sua formação, qual o pressuposto teórico que trabalha em suas aulas. Trata-se de uma pesquisa instaurada na linha: “Linguagem, Educação e Cultura” do Programa de Pós Graduação em Educação, nível de mestrado, ofertado pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), unidade universitária de Paranaíba. O presente trabalho tem como objetivo contemplar as exigências da disciplina: Concepções de Alfabetização, além de continuar um estudo sobre a importância de se pesquisar o desenvolvimento profissional docente de professores alfabetizadores iniciantes, através de narrativas autobiográficas que abordem a formação, as condições de trabalho e a compreensão da prática alfabetizadora. No desenvolvimento do presente trabalho discutimos as visões que os educadores têm da participação em um grupo de estudo, o que este olhar implica em sua docência e em que as visões destes educadores podem transformar a concepção da formadora-pesquisadora. Para isso, no decorrer deste, apresentamos um relato de uma alfabetizadora iniciante, a qual participa do grupo de estudo aqui pesquisado, materializando a importância de termos um olhar singular sobre nossa prática e aceitar que o olhar do outro pode contribuir para a descoberta dos caminhos do fazer docente.

Palavras-Chave: narrativas autobiográficas; alfabetização; desenvolvimento profissional Docente.

Escola em movimento: experiência de formação na Licenciatura em pedagogia a distância com as crianças pequenas

Márcio da Costa Berbat
Email: marcioberbat@yahoo.com.br
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Resumo: Neste trabalho será abordado o resultado parcial da pesquisa de um grupo de estudo formado por professores (as) e alunos (as) de licenciatura em pedagogia a distância na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) que buscam compreender as crianças pequenas em suas vivências, suas culturas, seus processos de socialização, suas subjetividades, como produzem saberes e conhecimentos, e a qualidade de suas experiências cotidianas. Nossos estudos têm como referência principal as obras de Vigotski, no contexto investigativo e desafiador do cotidiano das crianças (creche e pré-escola), passando pelo conhecimento científico na dimensão sócio histórico e espacial, na perspectiva da geografia da infância e promovendo o aprendizado, que é a base para o desenvolvimento da criança na dimensão de suas territorialidades culturais e sociais. Os resultados demonstram a possibilidade de se fazer pesquisa na graduação a distância, trabalhando com atividades de formação no polo presencial de Niterói, valorizando o trabalho docente no contexto de mediação com o uso de diversas tecnologias e com projeto interdisciplinar, integrando o curso de licenciatura em pedagogia ao cotidiano da educação básica, aos estágios curriculares supervisionados, como processo crucial para a construção de conhecimento sobre as infâncias e práticas pedagógicas na formação do pedagogo.

Palavras-chave: infâncias; pedagogia; educação a distância; cotidiano.

O que pensam os professores? Uma abordagem sobre o desenvolvimento da autorregulação e da autonomia por meio da Literatura infantil

Adriana Batista de Souza Koide
adrianabskoide@gmail.com
Pontifícia Universidade Católica - PUC-Campinas; Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Jussara Cristina Barboza Tortella
jussaratorrella@gmail.com
Pontifícia Universidade Católica - PUC-Campinas

Resumo: O presente relato apresenta uma pesquisa em andamento que pretende contribuir com a discussão sobre a importância da literatura infantil na promoção de aprendizagens que a criança levará consigo para toda a vida. Trata-se de uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa, a partir das perspectivas sociocognitiva e construtivista e tem como objetivo geral compreender como se dá a promoção da autorregulação e da autonomia por meio da literatura infantil com crianças de 3 a 6 anos segundo os professores que atuam em salas multisseriadas na Educação Infantil. Os objetivos específicos são: a) Mapear contribuições teóricas da literatura infantil, da autorregulação e da autonomia e suas implicações na educação infantil; b) Compreender quais práticas pedagógicas e livros infantis os professores participantes do grupo de estudo consideram como os mais adequados para promover a autorregulação e a autonomia com as crianças; c) Observar, conjuntamente com os docentes, o modo como as crianças interagem e participam das atividades propostas; d) Analisar o que relatam os professores sobre a promoção de estratégias autorregulatórias que fortaleçam a autonomia, por meio da literatura infantil em crianças de 3 a 6 anos. Serão participantes oito professoras que atuam em classes multisseriadas (3 a 6 anos) e quatro crianças de cada sala. As crianças serão indicadas pelas professoras. Os instrumentos utilizados são registros do diário de campo, observação, entrevistas, vídeos e fotos. Para a compreensão do material empírico será utilizada a análise de conteúdo. Sua relevância consiste na convergência de suas intenções com o objetivo principal da Educação Infantil: a formação integral do indivíduo, que aqui pode ser entendida como uma educação que conceba a criança pequena como um sujeito com mais iniciativa para refletir sobre o que faz e retirar daí conclusões e com maior capacidade para perceber pensamentos, sentimentos e ações em si e nos outros.

Palavras-chave: educação infantil; autorregulação; autonomia; literatura infantil; psicologia moral.

Desafios ao educador na transição do quinto para o sexto ano nas escolas públicas do estado de são paulo: uma proposta de formação

Renata Sales de Moraes Borges
renatasmb@ig.com.br
Pontifícia Universidade Católica - PUCSP

Resumo: Desafios ao educador na transição do quinto para o sexto ano nas escolas públicas do Estado de São Paulo: Uma proposta de formação

Quinta série... Caos aparente que, “se pudesse”, nenhum professor pegava! Caos aparente que redundava em altos índices de fracasso escolar, camuflado na evasão, que se originam na desmotivação sistemática do grupo de professores. O principal objetivo é abordar a questão da transição dos alunos do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental II no se refere às expectativas em relação a esta nova realidade escolar, com a intenção de compreender porque esta passagem é apresentada como um momento de dificuldades, não alegrias e fragilidade no desempenho escolar. Essa transição exige dos alunos adaptação a esta nova série que, por ter uma organização bem diferente das anteriores, pode se dar de forma mais ou menos conturbada dependendo do trabalho pedagógico que será desenvolvido pelos professores envolvidos neste processo. Nesse período da passagem do 5º para o 6º ano, é muito visível uma dualidade: os alunos não estão preparados para essas mudanças, e os professores e as escolas também não estão prontas para receber esses alunos. No 6º ano surgem novas exigências para os alunos, em um momento bastante conflituoso, e que é visto sem o devido cuidado pedagógico pelos professores e pela instituição escolar.

Será abordada uma discussão com os profissionais em relação ao tratamento diferenciado que o 6º ano necessita, tentando sensibilizá-los quanto ao desenvolvimento social e afetivo das crianças nesta faixa etária. Será necessário promover, uma reflexão dos professores a fim de que eles analisem suas práticas pedagógicas e avaliem se estão sendo condizentes com a realidade desta faixa etária e destas mudanças que tanto interferem na aquisição dos conhecimentos, lembrando que a formação das crianças e jovens para uma participação ativa na vida social é, ou deveria ser, o objetivo mais imediato da escola pública e privada, e que esse objetivo só pode ser efetivado através do trabalho docente.

Palavras-chave: formação continuada; fase transitória; reflexão; relação professor/aluno.

Redes e coletivos docentes: possibilidades de (trans) formação do olhar?

Aline Gomes da Silva
aline.unirio@gmail.com
Instituto Nacional de Educação de Surdos - UNIES

Jacqueline de Fatima dos Santos Morais
jacquelinemorais@hotmail.com
Faculdade de Formação de Professores - FFP/UERJ

Resumo: O presente trabalho faz parte de uma pesquisa concluída em 2014, vinculada ao Mestrado em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais, um programa localizado na Faculdade de Formação de Professores da UERJ em São Gonçalo. Este trabalho discute experiências formativas vividas em um coletivo docente no contexto da cidade do Rio de Janeiro. Os professores/as em foco vêm se desafiando a pensar o fazer cotidiano escolar, assumindo-se como professoras/es pesquisadora/es da própria prática. Compõe este coletivo educadores/as que atuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental de escolas públicas cariocas e professoras vinculadas a universidade. Busca-se nesta relação, que é ao mesmo tempo política e ética, tecer diálogos horizontais e solidários entre escola e academia. O trabalho que socializaremos teve como eixo as perguntas: “o que narram docentes quando estão em um espaço coletivo?” E ainda a questão: “Uma experiência docente narrada/ouvida pode se configurar como formativa?” Para tanto, mergulharemos em algumas narrativas docentes produzidas no Grupo de Estudos e Pesquisa das Professoras Alfabetizadoras e Narradoras (GEPPAN), locus de nossa ação e investigação, buscando, como nos convida Walter Benjamin, as lições possibilitadas pela “experiência transmitida pelo relato comum”. Por fim, o mergulho nas narrativas docentes nos permite compreender que a participação em coletivos docentes, ao possibilitar a interlocução entre as pessoas, contribui para a potencialização dos sujeitos, na medida em que narrar pode também significar aprenderensinar com o outro. Trata-se de abrir-se à dialogicidade, à reflexão e a novas compreensões em um movimento que se faz coletivo.

Palavras-chave: coletivo docente; experiência; narrativa docente



CAPA



SUMÁRIO

PNAIC: compartilhando saberes na diversidade do solo pantaneiro de Aquidauana - MS.

Mareide Lopes de Arruda
mareidelopes@hotmail.com
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS

Resumo: O presente trabalho traz reflexões sobre os momentos de formação realizados como Orientadora de Estudos do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC, junto aos professores alfabetizadores do 3º ano do PNAIC, no município de Aquidauana - MS, durante os anos de 2013 e 2014 tendo como objetivo analisar os saberes profissionais no tocante ao fazer pedagógico em linguagem e matemática, presentes ou não nesta turma. Utilizou-se como metodologia a escuta sensível, por meio de coleta de relatos de experiências dos professores durante as formações, bem como a análise de cenas das rodas de conversa e atividades em grupos, registradas em fotos e vídeos. Buscou-se na análise das cenas e das narrativas colhidas elementos que elucidam os ensinamentos de Freire, Nóvoa e Tardif, que elevam nosso pensar sobre outras formas de estabelecer relações e produzir conhecimento. Assim, compartilhando e socializando experiências, ouvindo e se fazendo ouvir, considerando a si mesmos como sujeitos ativos e produtores de conhecimentos entendeu-se que é ensinando que se aprende a ensinar e se aprende a aprender.

Palavras-chave: PNAIC; formação de professor; saberes.

Ensaçando possibilidades outras de pesquisa com processos de formação de professores (de música)

Rafael de Souza
desouza.rafaelf@gmail.com

Programa Aprendiz/Niterói; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO; Rede de Formação Docente: Narrativas e Experiências - FORMAD

Resumo: Este artigo pretende, narrando uma experiência vivida por mim enquanto educador musical em sala de aula, pensar concepções de produção de conhecimento, de formação de professores e, conseqüentemente, de pesquisa em tal área assumidos por mim na produção de minha dissertação de mestrado. Para tanto o texto, segue um caminho o qual é iniciado por uma discussão e crítica à modernidade enquanto paradigma e à sua epistemologia, entendida aqui como atribuidora de legitimidade apenas aos conhecimentos produzidos na concepção e metodologia da ciência moderna, regida pelo cartesianismo, pela causalidade, pelo determinismo, pela objetificação – lógicas incompatíveis com o cotidiano escolar. Em seguida, é trazida a questão da Colonialidade do poder imbricando-a com as questões apresentadas sobre a modernidade e relacionando ambas à área da formação de professores e a pesquisa na mesma. Tal relação se dá pela subalternidade dos professores, percebida na colocação dos mesmos em um lugar à margem de seus próprios processos formativos, esparando-se deles uma passividade na aplicação de saberes produzidos por outros, pois suas práticas são vistas hegemonicamente como ruins. Reconhecendo tal processo de subalternização, flexibilizo-o com a assunção de muitos dos docentes, sujeitos praticantes dos cotidianos escolares, como astuciosos, como profissionais que fazem usos diferentes dos esperados e realizam táticas, buscando caminhos outros e práticas outras. Assim, em uma ideia que constitui uma contracorrente à ideia da produção de conhecimento moderno em dois âmbitos. Primeiramente, são pensadas as conversas, internas à incontabilidade do senso comum, com tais docentes para que, segundo, sejam narradas suas experiências, tão imbricadas ao sentir, esfera da vida colonializada. Dessa maneira, a escrita inacabada apresentada lança perguntas e tenta desestabilizar a concepção moderna de pesquisa com formação de professores com o intuito de reconhecê-los como autores de sua própria formação e reconhecer os conhecimentos que produzem cotidianamente como válidos.

Palavras-chave: formação de professores; colonialidade; narrativa; conversa; experiência.



CAPA



SUMÁRIO

Um olhar para a cultura africana e indígena na educação brasileira

Henrique L. Dutra
henriquedutra2@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Resumo: Os povos latino-americanos foram colonizados basicamente por espanhóis e portugueses e a identidade brasileira constituída por um caleidoscópio de povos e culturas, em especial as indígenas e as africanas foram marginalizadas. A escola, compreendida como um espaço que reproduz parte das relações sociais do modelo de sociedade na qual esta inserida, durante muito tempo seguiu parâmetros curriculares educacionais que colaboraram para que esta visão eurocêntrica fosse mantida, até que nos últimos 12 anos, professores e escolas tiveram que se adaptar a um projeto de Lei que tornou obrigatório o ensino desses conhecimentos que basicamente se mantiveram através da tradição oral. Este artigo, por meio de levantamento da recente bibliografia especializada sobre o assunto e entrevistas semiestruturadas realizadas com professores durante o projeto Ação Griô na Unicamp, nas edições de 2014 e 2015, pretende uma reflexão sobre a Lei 10.639/03 e 11.645/08, que obrigou respectivamente, o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e História e Cultura Indígena, em todas as escolas particulares e públicas de Ensino Fundamental e Médio no Brasil. A pesquisa aponta para as dificuldades que a comunidade escolar encontra para a implementação da Lei, e apresenta a Pedagogia Griô, uma pedagogia criada dentro do Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô, na cidade de Lençóis - BA, como uma possibilidade de sistematizar as práticas e saberes de tradição oral, baseado nos saberes indígenas e afro-brasileiros para dialogar com o saber formal nas escolas.

Palavras chaves: diversidade étnica-racial, cultura de tradição oral, pedagogia griô, arte-educação

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Uma dentre várias perspectivas

Eliana Aparecida Barbosa Boscolo
eliana_266@yahoo.com.br
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP - Rio Claro

Resumo: Essa comunicação tem como objetivo apresentar e discutir uma pesquisa de mestrado, em desenvolvimento através da Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) da cidade de Rio Claro, realizada por uma orientadora de estudos do município de Campinas em convênio com programa Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa, e referente à formação continuada de professores. Ao mesmo tempo pretende também apresentar o desenvolvimento desse programa, no referente município, indicando seus impactos, encaminhamentos, avanços e retrocessos, a partir de avaliações realizadas aos seus participantes. No tocante à pesquisa, apresentará seus objetivos, que são de levantar e descrever as práticas pedagógicas docentes aplicadas em sala de aulas pelos docentes cursistas da formação em questão, cujos fundamentos advêm dos saberes adquiridos nessa, bem como as condições de trabalho existentes que favorecem a aplicabilidade, ou não, dessa aquisição. Sendo que o intuito desses levantamentos é relacionar os aprendizados docentes adquiridos nessa formação continuada com sua aplicabilidade, às condições de trabalho docente existentes, e mesmo às próprias disponibilidades internas docentes para reestruturação de trabalhos cotidianos. Para finalizar, apresentará suas hipóteses iniciais bem como os procedimentos metodológicos para levantamento de dados, além das fontes bibliográficas que subsidia essa pesquisa.

Palavras chaves: formação continuada; práticas pedagógicas; pesquisa.



CAPA



SUMÁRIO

Transformando olhares pela pesquisa no/com o cotidiano: a formação da professora alfabetizadora pesquisadora

Annete Montes Lanzarotti Hosken
annetehosken@yahoo.com.br
Universidade Federal Fluminense - UFF

Marta Christina Motta Macedo
mchristinamotta@yahoo.com.br
Universidade Federal Fluminense - UFF

Resumo: Ampliando as possibilidades de discussão a partir dos conhecimentos e experiências de duas professoras alfabetizadoras pesquisadoras, interessadas no cotidiano da escola e na vida escolar das crianças, escolhemos apresentar uma narrativa constante numa dissertação de Mestrado quando ressaltamos a experiência de movimentação da pesquisadora no/com o cotidiano em sua constituição como pesquisadora, em seu processo de aprender pensar, olhar, ver, sentir, perceber, escutar. Contando o que ‘experienciamos’ construímos uma lógica legítima do compartilhar, dentro do cotidiano de professoras alfabetizadoras, enquanto momento fundamental de troca de olhares sobre um acontecimento e que nos possibilita novos olhares. Isso acontece sempre que saímos do centro do processo de ensino aprendizagem e nos colocamos como observadores de nossa prática docente. O simples ato de analisar, avaliar, expor e discutir sobre algo que acontece, nos coloca como sujeitos observadores de nós mesmos, de nossas ações e, assim, conseqüentemente, capazes de reavaliar e (re) ver, ou seja, ver de um outro lugar, agora como observador, a mesma coisa de outra forma. É preciso caminhar para o que se fale se afine de tal forma com o que se faz, que práticas e teorias se tornem tão próximas a ponto de serem uma só, e isso já foi melhor posto por Paulo Freire, o que agora reiteramos.

Palavras-chave: pesquisa; cotidiano; professoras; alfabetizadoras; olhares

Formação continuada, profissionalização de professores: Por uma constituição da terminologia

Julio Antonio Moreto
glajuli1@uol.com.br
Pontifícia Universidade Católica - PUC-Campinas

Resumo: O presente trabalho estuda as concepções presentes na formação continuada de professores e a sua profissionalização, enquanto possibilidade de constituição profissional, a partir do que tem influenciado as políticas, os desenhos das políticas públicas, no que se refere à sociedade de mercado e as concepções gerencialistas de educação, mais especificamente tratando-se de uma concepção voltada à mercantilização, numa concepção da falta de profissionais capacitados para dar conta da ordem mercadológica. A revisão na literatura ajudou a construir temas que foram utilizados para a análise dos dados, tais como: formação, enquanto FORMAÇÃO CONTINUADA; FORMAÇÃO CONTINUADA e semi-formação; FORMAÇÃO CONTINUADA e especialização; FORMAÇÃO CONTINUADA como parte de um contiuum; formação como direito à profissionalização; FORMAÇÃO CONTINUADA e conhecimento; e para além de FORMAÇÃO CONTINUADA, a denominação: formação. Pela análise dos temas, FORMAÇÃO CONTINUADA – aliada a um estatuto, além do que a salários dignos, jornada de trabalho adequada à profissão, e a uma expertise para o magistério, concebe o professor enquanto profissional, portador de uma profissão – é uma ação perene, ou seja, que se constitui em um continuum, no coletivo cotidiano dos professores da escola pública, porque interessa aqui a análise deste tipo de escola e da configuração de grupo dos professores, que enquanto humanos os profissionais, no caso professores, são constituídos na/atraves da cultura.

Palavras-chave: formação continuada, professores, profissionalização.

A formação de professores e professoras brincantes: descolonizando olhares

Marta Regina Paulo da Silva
martarps@uol.com.br
Universidade Metodista de São Paulo - UMSP

Rafaela de Ávila Cardoso
rafaeladeavila@yahoo.com.br
Universidade Metodista de São Paulo - UMSP

Rosemeire Silva dos Santos
santosrose04@hotmail.com
Universidade Metodista de São Paulo - UMSP

Talita da Silva Fim
tdsfim@yahoo.com.br
Universidade Metodista de São Paulo - UMSP

Resumo: O presente trabalho objetiva compartilhar reflexões acerca da formação de professores e professoras brincantes a partir da experiência vivenciada pelas autoras no Projeto “Brincadeiras de agora, brincadeiras de outrora: as crianças e a produção das culturas infantis”, este vinculado ao PIBID em uma parceria entre a UMESP e a Prefeitura de São Bernardo do Campo. Esta experiência, em creches e pré-escolas, tem possibilitado a todos/as envolvidos/as no projeto confrontar concepções, valores e práticas a partir do olhar indagador da, para e com a criança. Estas várias direções do olhar, que tem como foco as brincadeiras, tem feito com que o grupo questione certezas, inquiete-se frente ao desconhecido, descolonize olhares hegemônicos que tão somente veem a criança como falta, reconhecendo que as crianças e suas infâncias não cabem em fôrmas teóricas e em práticas pedagógicas que procuram aprisioná-las, não respeitando seus desejos, necessidades e suas múltiplas formas de ler e dizer o mundo. Neste movimento, outros olhares provenientes do campo da pedagogia da infância, da sociologia da infância, da filosofia e da arte iluminam as propostas de atividades tendo por desafio olhar para as crianças reais, acompanhando seu olhar, descobrindo com elas as tantas possibilidades de respostas àquilo que se oferece às mesmas. Nesse sentido, o universo da brincadeira tem sido instigado através de propostas como o Cesto dos tesouros, tapetes e labirintos de sensações, livros sensoriais, trabalho com caixas, cordas, bernal curioso, materiais não estruturados, instrumentos musicais, cantigas de roda, brincadeiras tradicionais, espaços que convidam à brincadeira simbólica, dentre outras. Prazer, desprazer, encantamento, estranhamento, surpresa, dúvida, inquietação são algumas das sensações vividas.

Palavras-chave: crianças; culturas infantis; formação docente; brincante; olhares.

Experiência estética para além da sala de aula: imagem em cena

Lana Costa Faria
lanacostafaria@gmail.com
PROFARTES/UnB; SEE/ Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte

Resumo: Esta experiência traz como reflexão o universo da dança partindo da compreensão crítica da imagem tendo como base a prática pedagógica vivenciada no curso de Dança, ministrado pela professora Lana Costa Faria no Centro de Estudo e Pesquisa “Ciranda da Arte” órgão vinculado a Secretaria de Estado da Educação de Goiás é um espaço de formação continuada para professores em suas diferentes áreas de formação para o ensino de Arte, modulados na disciplina dança. O interesse em tornar o curso de dança citado em objeto de investigação e intervenção nasceu quando professores vivenciaram a proposta de ensino de dança mediada pela discussão entre os diferentes espaços que as imagens, sejam elas em movimento ou fixa ocupam em nossos modos de ver no contexto contemporâneo. Vivenciar essa experiência pedagógica que viabilize uma prática educativa que propicie a comunicação e o diálogo com universo artístico do estudante. Propomos discutir as possibilidades, via imagem fixa, da tomada de consciência, corporal formação identitária de criação de movimentos capazes de contextualizar vozes na maioria das vezes ausentes das vivências em dança, no contexto escola. Propomos utilizar os artefatos visuais e criarmos novas imagens dialogando com o universo do aluno num processo dialógico. O objetivo dessa proposta é sistematizar e refletir sobre práticas educativas em dança com grupo de professores, a partir de imagens fixas, para propiciar comunicação e diálogo com o universo artístico dos estudantes. Nome dos professores de dança participantes que atuam na rede estadual Lana Faria, Warla Giany, Edelweis Vieira, Thais Gomes, Andréa Bruno, Renata Silva, Rosirene Santos, Eliene Nunes.

Palavras-chave: experiência; reflexão; imagem; ação



CAPA



SUMÁRIO

A formação continuada de professores no contexto do PNAIC: o que dizem os Orientadores de Estudo sobre esse processo

Daniela Gaspar Pedrazzoli Bagnasco
danigpedra@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Giovana Azzi de Camargo
giovanaacamargo@hotmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo: O presente trabalho espera discutir os dados provenientes da experiência da Unicamp no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), no âmbito do estado de São Paulo em 2013/2014 sobre a formação continuada de professores. Trata-se de um recorte dos dados do Projeto Formação, Alfabetização e Letramento: a experiência do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa no contexto do estado de São Paulo, n. 408692/2013-8. Considerando que as redes públicas de ensino têm recebido da esfera federal iniciativas de formação de professores da educação básica, além das propostas articuladas pela própria rede. No âmbito da alfabetização, o Pacto soma-se a outras iniciativas formativas oferecidas anteriormente pelo governo federal. Nesse sentido, o objetivo geral do projeto é conhecer como essa formação desembarca nas redes municipais. Em especial, nessa apresentação, atentamos para a formação continuada de professores vivenciada no contexto do PNAIC, problematizada a partir das contribuições dos Orientadores de Estudo (OEs) nos momentos de formação. Para isso, foram realizadas entrevistas com professores da rede pública participantes do Pacto a partir dos pressupostos da História Oral. Como também, as narrativas orais e escritas produzidas pelos OE no contexto dos encontros de formação. Por fim a análise documental tendo como base os Cadernos do PNAIC.

Palavras-chave: formação de professores; formação continuada de professores; alfabetização

A parceria entre professores experientes e estudantes da Pedagogia: uma discussão sobre o processo de formação no contexto do Pibid

Giovana Azzi de Camargo
giovanaacamargo@hotmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo: O interesse sobre os impactos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) para a formação inicial de professores em um curso de Pedagogia mobilizou a realização desta pesquisa de doutorado, ainda em andamento. Com isso, buscamos investigar como o contato do estudante de Pedagogia com o cotidiano da escola pode (ou não) colaborar para sua formação para atuar na docência. A participação desses estudantes no Pibid ganha relevância devido às fragilidades identificadas no Estágio Supervisionado, na instituição focada na pesquisa. Nesta apresentação abordaremos o processo de constituição da relação entre os professores da escola e os bolsistas do Pibid no decorrer da execução do subprojeto do programa e as possibilidades formativas advindas desse contato. O referencial teórico é amparado pela contribuição de Anne M. Chartier sobre os processos de pesquisa da ação docente e as contribuições para a formação. Hébrard sobre a história das práticas escolares e a contribuição desta para o processo de formação. Charlot ao tematizar a formação e a relações do docente com a pesquisa. Nóvoa sobre a participação dos professores experientes na formação dos futuros docentes. Além dos estudos sobre o Estágio Supervisionado nas licenciaturas e outras experiências que buscam aproximar o futuro do professor da escola. A metodologia de pesquisa escolhida é a pesquisa qualitativa. Os dados foram gerados a partir de entrevistas com cursistas da Pedagogia e participantes deste programa, orientados pela contribuição dos estudos da História Oral. Somado a isso, para compor a análise recorreremos aos documentos produzidos pelos integrantes do programa como relatórios e diários de bordo.

Palavras-chave: formação do professor; formação inicial do professor; pedagogia; Pibid



CAPA



SUMÁRIO



Os descaminhos também nos fazem chegar: pesquisa de campo com professores alfabetizadores indígenas

Micilene Teodoro Ventura
micilene85@hotmail.com
Secretaria de Estado de Educação - MS

Sandra Novais Sousa
sandnovais@hotmail.com
Secretaria de Estado de Educação - MS

Resumo: Este artigo traz um recorte da pesquisa empírica desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação da UEMS, que teve como objetivo analisar a proposta de ensino bilíngue de uma escola localizada em terras indígenas, na Aldeia do Bananal, município de Aquidauna/MS, sob o olhar dos professores participantes. Neste texto, trazemos também o percurso metodológico e os obstáculos encontrados na pesquisa de campo em território indígena, a fim de contruibuir para uma visão de pesquisa que fuja da tradicional ideia de que o que deve ser apresentado são apenas os sucessos, deixando ocultos os descaminhos e os entraves encontrados pelo pesquisador. Utilizamos de narrativas de si, produzidas em ambientes formativos, para investigar como a proposta de educação indígena, preconizada nos textos legais, como a LDB, a Constituição Federal e resoluções afins, é entendida e posta em prática pelos professores da etnia Terena da Aldeia do Bananal. Encontramos como resultados a resistência da comunidade ao ensino da língua materna em contexto escolar, a falta de situações de letramento e o descompasso entre as recomendações oficiais e o ensino efetivamente ofertado, assim como a falta de investimento em formações docentes que atendam às especificidades desses professores, especialmente em relação à alfabetização inicial e as questões linguísticas envolvidas no ensino bilíngue.

Palavras-chave: educação escolar indígena; alfabetização bilíngue; formação de professores alfabetizadores; narrativas de si.

A voz de um professor - formador que se inventa e reinventa a partir

Renata Barroso de Siqueira Frauendorf
rsfrauendorf@globo.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo: O objetivo desta comunicação é partilhar o processo desenvolvido até o momento, em minha pesquisa de mestrado intitulada: A voz de um professor - formador que se inventa e reinventa a partir da/com/na escola, tendo a investigação e a produção de narrativas como uma das metodologias utilizadas.. Como pesquisadora me proponho a analisar o meu percurso como formador externo durante um programa de formação continuada na rede pública de modo a investigar as transformações ocorridas neste processo a fim de refletir o que me fez ficar mais implicado com os dilemas, movimento, produção de conhecimento que acontecem na escola. O uso da narrativa na investigação tem se mostrado muito acertada por partir do princípio de que somos sujeitos contadores de histórias podendo vivê-las individual e socialmente num determinado contexto com certas condições de produção. Neste momento pretendo dialogar sobre a relevância de organizar e inventariar os dados e guardados do pesquisador, partilhar algumas descobertas, momentos de sombras e luzes experimentados no percurso que não finda. Para este diálogo busco referências em autores como Vigotsky, Benjamin, Clandinin e Connely, Larrosa, Prado entre outros.

Palavras-chave: formação de formadores; formação continuada; pesquisa narrativa



CAPA



SUMÁRIO

Formar-se professor de surdos no cotidiano: transformando o olhar a partir da experiência com a surdez

Tiago Ribeiro
trsunirio@gmail.com

Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES); Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Aline Gomes da Silva
aline.unirio@gmail.com

Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES; Rede de Formação Docente: Narrativas e Experiências - Rede Formad.

Resumo: Este trabalho tece reflexões acerca da formação do professor de surdos a partir do processo formativo que vem sendo vivido por uma professora e um professor no dia-a-dia do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos, na cidade do Rio de Janeiro. O texto defende a formação docente na perspectiva da experiência e o cotidiano como fonte de construção e transformação de saberes e conhecimentos pedagógicos. Nesse movimento, problematiza a (falsa) ideia de que o sujeito pode ser preparado em definitivo para atuar com “o diferente”, “o deficiente”, uma vez que inexistente o sujeito pronto, porque inacabado. Assim, destaca a importância da escuta e do olhar atentos na relação pedagógica e a experiência do encontro com o outro como potencialidade para o formar-se professor cotidiana e continuamente. Ainda, no desenvolvimento dessa discussão, indaga a ideia do surdo como deficiente, como “o diferente”, e convida a pensar na diferença como uma relação entre sujeitos em uma conversação alteritária. Assim, o trabalho provoca-nos a pensar na potencialidade do encontro e da aprendizagem com os sujeitos surdos para a formação do professor e da professora que com eles atuam, convida-nos a pensar a surdez como uma forma singular de ser, estar e habitar o mundo: não uma deficiência, mas uma experiência visual. Atuar, partilhar e ensinar/aprender com esses sujeitos ajuda-nos a ampliar nossos olhares, afinal, o seu olhar transforma o meu!

Palavras-Chave: formação de professores; cotidiano escolar; surdez

Metodologias Dialógicas de Formação

Rosaura Soligo
rosaurasoligo@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo: A proposta deste diálogo é compartilhar algumas reflexões sobre a formação continuada de profissionais da educação e a importância de metodologias e atitudes dialógicas para favorecer experiências formativas. Tendo a conjuntura educacional como contexto, a perspectiva é evidenciar alguns desafios, encaminhamentos e processos de naturalização que, ocultando a complexidade das questões, tendem a nos levar a falsas soluções. Essas reflexões decorrem de um processo de produção de conhecimento pela pesquisa de minha experiência de formadora, constituído a partir de uma pergunta que me instiga – quais encaminhamentos metodológicos são mais potentes para favorecer experiências formativas? – e para a qual busco respostas no percurso do trabalho de formação; do “diálogo” com interlocutores – teóricos e companheiros formadores – que contribuem para a minha compreensão; e da análise de informações que alimentam um movimento contínuo de ação-reflexão-ação que vai sendo documentado e compartilhado com os grupos dos quais participo. O pressuposto orientador desse processo é de que formação é uma palavra com dois sentidos relacionados, porém distintos: é experiência pessoal, única e intransferível de aprendizagem – que responde a uma necessidade ou mais – e é ação planejada para favorecer esse tipo de experiência. Em qualquer caso, a formação acontece num contexto marcado por características complexas, ainda mais quando reunidas: precária escolaridade básica e repertório cultural restrito de boa parte do magistério; condições de trabalho geralmente desfavoráveis; meio social adverso e valores em transformação; fortalecimento de visões de mundo conservadoras; falta de engajamento e de vitalidade de muitos profissionais, descrédito no poder da educação, na capacidade dos alunos e nas próprias possibilidades. As propostas, os encaminhamentos e o compromisso de avançar o conhecimento no campo da formação vieram desse contexto. A convicção é de que, quanto mais clareza tivermos da real dimensão dos nossos problemas, mais chance teremos de encontrar algumas respostas. É sobre elas esse diálogo.

Experiência; formação de formadores; metodologias dialógicas.

Parceira na sala de aula: possibilidade de formação inicial e continuada de professores

Pamela Aparecida Cassão
cassaopa@gmail.com
Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" - UNESP - Rio Claro

Resumo: Sou docente em uma escola de Ensino Fundamental da Rede Municipal de Rio Claro/SP e responsável por uma turma de 5º ano. Desde 2014 recebo em minha sala, semanalmente, uma discente do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia (UNESP, Rio Claro), bolsista vinculada ao Programa do Núcleo de Ensino da (UNESP/Prograd). Ao longo desse período temos desenvolvido um trabalho coletivo que tem como objetivo incentivar a prática da leitura através do trabalho com obras da literatura infanto-juvenil. A nossa parceria nos permitiu refletir acerca de nossas práticas, nossas posturas junto aos alunos, do conhecimento produzido no espaço escolar e, principalmente, sobre a nossa constituição enquanto professoras. Essa experiência compartilhada me estimulou a desenvolver uma pesquisa (em andamento) qualitativa, desde uma perspectiva da investigação narrativa de experiências do vivido, que objetiva compreender o sentido do trabalho docente desenvolvido a partir de uma parceria entre uma professora em exercício e uma futura professora. Os dados serão produzidos a partir do meu diário de bordo; o diário de bordo da futura professora; o meu caderno de pesquisadora; os relatórios semanais da futura professora; nosso caderno de diálogos (no qual escrevemos sobre as experiências compartilhadas em sala de aula) e as escritas dos alunos. Os dados serão analisados a partir do paradigma indiciário. Considero que esta pesquisa poderá contribuir com uma possibilidade para se repensar a dimensão do trabalho coletivo nos processos de formação inicial e continuada de professores, e também a escola como um dos espaços disponíveis para essa formação.

Palavras-chave: formação; parceria; trabalho coletivo; universidade; escola.

Narrativas de futuras professoras-pesquisadoras: (trans)formação e grupo de pesquisa

Jaqueline Regina Mota da Costa
Jackregina2@gmail.com
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ - campus São Gonçalo

Rosilda Ferreira Costa
Rosildacosta25@hotmail.com
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ - campus São Gonçalo

Jacqueline de Fátima dos Santos Morais
Jacquelinemorais@hotmail.com
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ - campus São Gonçalo

Resumo: Qual o papel de um grupo de pesquisa na formação de estudantes do curso de pedagogia? Como este espaço é vivido individual e coletivamente? Que lições ele traz para os que pretendem ser docentes? O presente trabalho busca refletir sobre estas e outras questões a partir da experiência das autoras como participantes de um grupo de pesquisa na Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Tal grupo é formado por estudantes da graduação, pós-graduação e mestrado. A relevância deste trabalho está na possibilidade de reflexão sobre processos de formação de futuras professoras que vão se assumindo como pesquisadoras. Esta assunção tem sido um importante objetivo a constituir os espaços de formação docente, tanto os chamados de formação inicial, quanto os denominados por formação continuada. Tomamos como material de investigação narrativas produzidas durante as reuniões do grupo de pesquisa, conversas (na perspectiva proposta por Carlos Skliar) com membros do mesmo grupo e narrativas escritas que constituiram três monografias de graduação, todas produzidas por membros do grupo. As narrativas que trazemos ao trabalho, sejam escritas, sejam orais, nos ajudam a compreender a complexidade da formação docente num curso de pedagogia, que não se restringe a sala de aula mas se amplia em outros espaços e tempos: espaços de diálogos coletivos, conversas, estudos, grupo de pesquisa, participação em congressos e palestras, dentre outros.

Palavras-chave: formação docente; experiências, narrativas, professor/a-pesquisador/a



CAPA



SUMÁRIO

Experiências do –dicientes no/do GEFEL

Margarida dos Santos
igasantos@hotmail.com
CAp ISERJ/CAP UERJ

Alzira Alve
lsatil@ig.com.br
GEFEL

Joana Braz
zuleia39@gmail.com
ISERJ

Lidia Soares
lsatil@ig.com.br
SME-RIO

Marlucia da Costa
marluciacosta@pop.com.br
SME-Caxias

Zilda Chaves
zildachaves@bol.com.br
CAp ISERJ

Renata Alves
nata_alves@hotmail.com
CAp ISERJ

Resumo: A possibilidade de participar do Fala Outra escola, mais uma vez, é recebida com muita alegria pelo GEFEL- Grupo de Estudos e Formação de Escritores e Leitores. Reconhecemos o Fala como espaço –tempo de encontros entre educadores e educadoras interessados em conversar sobre uma escola que pulsa, que sente, que cria e se recria cotidianamente. Também se constitui um espaço-tempo de empoderamento do professor, da professora, dos estudantes e das famílias, sujeitos que lutam para fazer da escola um lugar a favor de uma vida descente para Todos, como nos lembra Boaventura(2000). Decidimos não desperdiçar a experiência . Assim, apesar das dificuldades que o grupo tem enfrentado para escrever coletivamente, nos desafiamos porque pensar e escrever são fundamentalmente questões de resistência, concordando Susan Sontag acrescentaríamos ainda, é uma questão de sobrevivência. Sobreviver no chão da Escola Básica como um coletivo de professores que se dedica a pensar, investigar, estudar, partilhar processos de aquisição da linguagem escrita, é o que desejamos. Ao longo de 20 anos temos vivido no GEFEL um processo, nada linear. A caminhada tem sido marcada por momentos muito orgânicos e coesos, mas também de fragilidade. Acreditamos que no diálogo com outros coletivos nos fortalecemos. Razão pela qual nos desafiamos a escrever alguns fragmentos das nossas experiências do-dicientes(Freire, 1997). Enfrentamos o desafio da escrita para conversar sobre a importância do olhar do outro(criança , jovem , adulto, idosos) na formação docente e na produção dos saberes profissionais. Seja na formação inicial ou continuada, na escola básica e/ou na universidade. Nos desafiamos a encontrar no vivido, o que nos tomba, nos afeta. Fragmentos da experiência, para muitos insignificante, mas que nos toca de modo singular. Quando essas experiência encontram ancoragem nos encontros do GEFEL, se tornam ensinamentos preciosos.

Palavras-chave: formação docente; experiência; resistência; linguagem escrita, coletivo

Olhares trans-formados do cotidiano escolar: diálogo e reflexões sobre orientação pedagógica e formação docente

Patrícia Regina Infanger Campos
patriciainfanger@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP; Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: Esta comunicação revela o meu olhar como orientadora pedagógica que encontra no cotidiano escolar e no desenvolvimento do próprio trabalho importantes fontes de pesquisa e produção de conhecimento. Parto do pressuposto de que as experiências provenientes das narrativas são constituintes do próprio sujeito e produzem significados capazes de articular dimensões temporais, espaciais e pessoais, que se potencializam como processo de formação. Proponho-me a discutir possíveis relações existentes entre a formação docente e a orientação pedagógica, promovidas pela perspectiva narrativa em diálogo com a pesquisa no/do/com o cotidiano. Tomo por base as experiências narradas do lugar de orientadora pedagógica em momentos de reflexão sobre o próprio trabalho em consonância com o trabalho pedagógico desenvolvido pelos professores dos anos iniciais de ensino fundamental de uma escola da rede municipal de Campinas-SP. A consciência de que minhas funções voltam-se para a promoção da formação docente permite que os tempos e os espaços escolares sejam organizados com finalidades formativas. Por defender que a aprendizagem acontece por meio das relações entre sujeitos, entendo que as narrativas mencionadas revelam olhares trans-formados da orientadora e dos professores sobre os desdobramentos do trabalho pedagógico da escola em questão. Transformação que se concretiza por meio do constante exercício do diálogo e da reflexão sobre a ação pedagógica e suas relações com o cotidiano escolar ao longo das reuniões de trabalho docente coletivo. A clareza da intencionalidade pedagógica na definição dos rumos da escola com vistas ao trabalho coletivo e à valorização dos saberes docentes produzidos por meio de experiências pessoais e profissionais tem-se constituído em elemento fundamental para a trans-formação dos olhares sobre a escola e o próprio trabalho.

Palavras-chave: orientação pedagógica; formação docente; narrativas; cotidiano escolar.



CAPA



SUMÁRIO

Práticas pedagógicas e novas tecnologias: o outro na construção / usos de objetos de aprendizagem para a alfabetização de crianças Surdas

Janaina Cabello
cabello.jana@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo: O trabalho configura-se como um desdobramento da dissertação de mestrado da autora (em andamento) e discute as potencialidades das tecnologias digitais para a alfabetização (e letramentos) de crianças surdas, a partir da apropriação destes artefatos nas práticas pedagógicas dos professores (ouvintes e Surdos). Apresentamos um objeto de aprendizagem (OA) desenvolvido sob uma perspectiva bilíngue de educação de surdos, em que a presença da Língua Brasileira de Sinais (Libras) é indispensável para a apropriação da escrita pela criança surda. Em sua arquitetura pedagógica, buscamos contemplar o lúdico, o dialógico, considerando ainda as percepções de um professor surdo para sua (re) elaboração. Com o material, pretendemos propiciar espaços para que o aluno surdo possa fazer o “preenchimento de sentidos”, numa tentativa de estabelecer uma relação mais interlocutiva (BAKHTIN, 1986), apresentando atividades lúdicas nas quais as crianças surdas pudessem estabelecer relações mais autônomas com o material. Trabalhamos com as possibilidades de transgressão ou, ainda, com uma “concepção da ética do olhar” (LARROSA, 2012). A partir de um referencial teórico ancorado na Psicologia histórico-cultural vigotskiana e no aspecto dialógico da linguagem bakhtiniano, pretendemos, com o desenvolvimento do OA, apresentar possibilidades de inscrever outras práticas pedagógicas no contexto escolar. O trabalho problematiza, nesse sentido, a inserção (e/ou a dificuldade de inserção) de outros/novos materiais didáticos (impressos ou, no caso, digitais), em um cenário que parece regimentar materiais e seus modos de uso para os processos de alfabetização (de crianças ouvintes e surdas), a partir de uma aparente gramática escolar, legitimada no que se constitui como uma cultura escolar mais ampla.

Palavras-chave: alfabetização, letramento, surdez, objetos de aprendizagem, material didático digital.

Carreira e identidade docente

Pâmela Christina Gonçalves de Moraes
demoraismelora@gmail.com
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP

Luiz Augusto Normanha Lima
lanlima@rc.unesp.br
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP

Resumo: Esta pesquisa analisa discursos de professores de escolas de ensino fundamental públicas, no intuito de compreender e revelar a subjetividade da construção da carreira e da identidade docente. Não obstante a divulgação de que a educação tem sua importância e que o professor deva ter reconhecimento pelo seu trabalho, o cotidiano é de um cenário de desprestígio e descontentamento – recentemente, pudemos observar mais uma greve do professorado reivindicando por uma educação e condição de trabalho melhores. Dada a atual conjuntura e o discurso recorrente sobre a insatisfação no trabalho em diversos sentidos é dirigido à atenção para o profissional que está em sala de aula atualmente, procurando compreender sua identidade, seu papel social e como pensam a desvalorização de sua carreira. As sucessivas mudanças sofridas pela educação, desde meados do século XIX até os dias atuais, interferiram e ainda interferem diretamente na estruturação da carreira docente e na identidade da pessoa-professor. A pergunta norteadora dirigida aos professores para a coleta de seus discursos foi: a motivação para o ser docente trata-se de vocação, desejo de fazer a diferença ou crédito real na educação? Sob a ótica do método fenomenológico, foram coletados discursos de professores. Nesta apresentação, será exposto para exemplificar como foram realizadas as análises o discurso de duas professoras. O método de pesquisa de análise do fenômeno situado objetiva uma investigação direta e a descrição de fenômenos que são experienciados conscientemente, sendo o mais livre possível de convicções iniciais e “pré-conceitos”. Nos resultados, percebemos que embora díspares em muitos níveis, houve consenso: sala de aula é local de mudança e ser professor é ensinar.

Palavras-chave: identidade; carreira; docência; professores.



CAPA



SUMÁRIO

Coordenador Pedagógico: constituição, atribuição e formação.

Lenine Ferreira da Silva
lefise@hotmail.com
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - UEMS

Resumo: A pesquisa buscou analisar e refletir sobre o profissional designado como coordenador pedagógico, transpondo os limites de um levantamento de dados puramente quantitativo ou descritivo, para confrontar o movimento de configuração deste profissional, suas atribuições e a importância de sua formação continuada de forma histórica. A partir do coordenador pedagógico do município de Campo Grande – MS buscou-se referências bibliográficas que ajudaram a caracterizar este profissional, que segundo a pesquisa tem como principal função a formação de seus professores, dentre suas várias atribuições, porém para desenvolver esta função é necessário cuidar de sua própria formação continuada. A pesquisa trouxe além de autores que falam do tema, documentos municipais e nacionais com o intuito de evidenciar que estes coordenadores estão submetidos às legislações e não se fazem de forma autônoma e descontextualizada da sociedade a qual pertence. O texto evidencia que o coordenador pedagógico tem papel fundamental na organização do trabalho didático, pois, trabalha como os diferentes atores do contexto escolar o que o permite desenvolver um trabalho de integração e articulação na escola. Busca-se assim, contribuir para o reconhecimento e a valorização deste profissional como sujeito capaz de contribuir para o processo de ensino e aprendizagem, bem como para a qualidade do ensino em nossas escolas.

Palavras-chave: coordenador pedagógico; atribuições; formação continuada.

Gêneros Discursivos: uma reflexão polifônica na formação de professores alfabetizadores no contexto PNAIC-Unicamp

Heloísa Helena Dias Martins Proença
heloisamartinsproenca@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Lígia Formico Paoletti
lipaoletti@gmail.com
Centro Universitário Padre Anchieta - UniAnchieta

Resumo: Neste trabalho apresentamos uma reflexão realizada a partir da experiência de formação continuada da Unicamp no Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), no âmbito do estado de São Paulo em 2013/2014, sobre a formação de professores alfabetizadores. Trata-se de um recorte dos dados do Projeto de Pesquisa Científica Intitulado “Formação, Alfabetização e Letramento: a experiência do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa no contexto do estado de São Paulo”, n. 408692/2013-8, financiado pelo CNPq. O objetivo geral do projeto de pesquisa é de investigar os impactos da proposta do PNAIC na formação do professor no contexto do estado de São Paulo e da atuação da Unicamp na formação continuada de professores alfabetizadores. Neste artigo, procuramos tecer algumas análises sobre os aspectos teórico-práticos que envolvem os gêneros discursivos, abordados no processo de formação desenvolvido com os orientadores de estudo (OEs) e a forma como foram incorporados nas práticas cotidianas dos professores no ciclo de alfabetização (1º ao 3º anos do Ensino Fundamental). Recorremos ao conceito bakhtiniano de polifonia para analisar o material produzido por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas com orientadores de estudos e professores alfabetizadores que participaram do processo formativo, tanto na Unicamp quanto em seus municípios, a depender se professor alfabetizou ou orientador de estudo.

Palavras-chave: alfabetização; gêneros discursivos; polifonia.



CAPA



SUMÁRIO

123

Corpo sensível na EAD – UNIRIO

Ana Paula Poubel Canela
ana.poubel@gmail.com
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Resumo: O presente trabalho visa refletir sobre a formação estética e sensível dos discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) na modalidade de Ensino à Distância. Esse curso se dá através de uma parceria entre algumas instituições de ensino e o Governo do Estado do Rio de Janeiro através do consórcio CEDERJ. Por meio de Oficinas de Corpo, Movimento e Artes ministradas pelo grupo de pesquisa e extensão FRESTAS (Formação e Ressignificação do Educador: Saberes, Troca, Arte e Sentidos) dentro do projeto Território e Trabalho - CEAD-UNIRIO, levamos experimentações práticas no campo do sensível aos alunos, estimulando a reflexão a respeito das experiências vividas durante as Oficinas e no cotidiano, e sobre como a experiência de si através do corpo pode influenciar a formação docente e a prática em sala de aula. As Oficinas de Corpo, Movimento e Artes tiveram início neste ano de 2015 e estão circulando alguns pólos de Ensino à Distância no interior do Estado. Pretende-se atender o maior número possível de polos do CEDERJ que ofereçam Pedagogia através da Unirio, e expandir esta ação, que hoje ainda é pontual, para ações mais regulares, e possivelmente oferecer um curso de extensão em alguns dos pólos mais distantes da capital. Partindo desse desejo de continuidade, estamos acompanhando através de registros fotográficos, relatos, vídeos e comunicação via email e redes sociais alguns dos participantes dessas Oficinas. Buscando uma integração cada vez maior entre discentes das modalidades à distância e presencial, e entre eles e diferentes atores da EAD, tais como os tutores presenciais, tutores à distância e docentes; promovemos constantemente fóruns, aulas abertas e seminários, bem como a conquista de bolsas de Iniciação Científica e PBID para os alunos da modalidade EAD.

Palavras-chave: formação; sensibilidade; corpo.

Olhar com o outro: trans.formar experiências

Marissol Prezotto
marissol.prezotto@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP; Escola Comunitária de Campinas - ECC; Kroton Educacional

Marciene Aparecida Santos Reis
marciene@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP; Escola Comunitária de Campinas - ECC; Kroton Educacional

Resumo: Trabalhar em parceria é estar com o Outro! Com esse olhar atento de que nos formamos no pelo com o Outro, duas professoras do Ensino Fundamental 1 trocam narrativas que desvelam o formar-se no cotidiano da escola. Muitas vezes, o próprio olhar atento provoca reflexões que transformam a maneira de ver e de ser, potencializando em si mesmo e no Outro, as práticas docentes instauradas na escola através dos registros que vão se constituindo como interlocutores da autoformação e formação continuada. Nesse sentido, uma experiência acaba por se tornar desveladora de outra quando possibilita o compartilhamento de aprendizados, angústias e conquistas, ao reconstruir-se no olhar do Outro e na relação com as outras histórias, como em um movimento de compreensão do que fazemos e pensamos. Reconhecer a presença do Outro na própria formação é assumir a perspectiva da existência de diálogo sobre o que vemos, escutamos, fazemos e compreendemos – de maneira única. Na troca das narrativas, encontram-se reflexões acerca das experiências, dos questionamentos em relação à docência, ao saber fazer, ao cotejamento das teorias e práticas que são postos em evidência no cotidiano da escola e no estabelecimento das relações entre as crianças, o professor e o conhecimento, fazendo dos olhares momentos de trans.formar experiências.

Palavras-chave: Formação docente; cotidiano da escola; narrativas.



CAPA



SUMÁRIO

GRUPAD – Grupo de Estudos Alfabetização em Diálogo: construindo conhecimentos sobre uma escola outra num grupo colaborativo

Adriana de Cássia Facio Serrano
dricaserrano@hotmail.com
E.E.Dr. Manoel Alexandre Marcondes Machad – Campinas/SP

Ana Luiza Tayar Lima
ana100lui@gmail.com
EE Dom Barreto – Campinas/SP

Cristina Campos
cristina.crishop@gmail.com
EMEF “Angela Cury Zákia” – SME/Campinas/SP

Heloísa Helena Dias Martins Proença
heloisamartinsproenca@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Idelvandre Vilas Boas Santana Santos
idelvandre@gmail.com
EMEF Profº Ciro Exel Magro – SME/Campinas

Maria Cláudia Belluzzo Maia
mclaudiamaia@gmail.com
Diretoria de Ensino Campinas Leste – Secretaria de Estado da Educação

Maria Teresa Cruz de Moraes
mtcmoraes@gmail.com
E.E. Conjunto Vida Nova III – Campinas/SP

Rafaela Martins
prorafaela@hotmail.com
E. E. Profª Magali Valério – Campinas/SP

Renata Barroso de Siqueira Frauendorf
rsfrauendorf@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Tatiane Gaspar Lima
tatiane.gaspar@zipmail.com.br
Colégio Vivendo e Aprendendo – Campinas/SP

Resumo: Nesta apresentação procuramos narrar a experiência de participação em um grupo colaborativo de estudos e reflexões formado por profissionais da educação envolvidos com a Educação Básica, especialmente com os processos de alfabetização. Compartilhamos as experiências reflexivas fruto da partilha que acontece no GRUPAD – Grupo de Estudos Alfabetização em Diálogo – que está vinculado ao GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada – da Faculdade de Educação da Unicamp. Ao longo deste processo, construímos narrativas que expressam as experiências individuais dos participantes do grupo, revelando muito dos diálogos ocorridos, tanto nos encontros presenciais como também por meio de interações virtuais. Dessa forma, buscamos desenvolver um processo de estudo tendo como referência autores como: Bakhtin, Lerner, Freire e Ferreiro, entre outros, que colaboram para que possamos compreender quais as relações existentes entre a leitura e o entendimento dos textos lidos nos contextos escolares. Nossas produções têm sido mobilizadas pelo interesse e pela busca de alternativas que nos ajudam a lidar com o desafio de trabalhar com os textos em sala de aula, na atuação docente. Temos aprendido que as experiências compartilhadas são fundamentais para o aprofundamento de nossos processos reflexivos. Assim, valorizamos a elaboração coletiva das pautas, de forma que todos os participantes sejam responsáveis pelo desenvolvimento e organização das atividades do grupo.

Palavras-chave: grupo colaborativo; diálogo; coletivo.

A formação continuada do professor da educação básica nas escolas municipais de São Paulo: o lócus na escola

Maurício de Sousa
sousama@ig.com.br
Prefeitura Municipal de São Paulo - SP; Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo: A formação continuada do professor ocupa um espaço central nos debates educacionais há muito tempo. Atualmente, a maioria das pesquisas acadêmicas aponta que a formação continuada do professor tem a reflexão da prática docente no próprio espaço educacional. Neste sentido, nas escolas municipais da cidade de São Paulo, este espaço foi conquistado com muita luta dos professores, desde o início dos anos 90. Esta a formação nas escolas municipais de São Paulo é regulamentada através de lei (Portaria 901/14) que denomina de Projetos Especiais de Ação. De acordo, com esta portaria, a formação dos professores fica a cargo dos coordenadores pedagógicos. Como coordenador pedagógico, descrevo brevemente duas experiências de formação que resultaram na reflexão da ação pedagógica em uma unidade escolar. No ano de 2013, a principal experiência foi a troca de práticas pedagógicas entre o professor das séries iniciais (1º ao 5º ano) e o professor do 6º ao 9º ano sobre o processo de alfabetização. A maioria dos professores de 6º ao 9º ano, tinham a visão de que a alfabetização era realizada nos moldes da cartilha. Mediante este fato, realizamos um estudo sobre psicogênese da escrita. As professoras apresentaram o trabalho com letras móveis, o uso das sondagens da escrita, o trabalho com os gêneros textuais e o letramento. No ano de 2013, a reflexão foi sobre a possibilidade de trabalho com os diferentes gêneros textuais, a partir do uso dos livros didáticos, já que nesta unidade escolar este é o principal veículo condutor da ação docente. O objetivo foi o professor perceber que era possível uma mudança da ação pedagógica a partir da exploração de outros gêneros textuais no livro didático. Estes dois exemplos demonstra que a garantia de um espaço de formação do professor pode trazer mudanças na ação pedagógica em sala de aula.

Palavras chaves: formação continuada; escola; coordenação pedagógica



CAPA



SUMÁRIO

As ações de coordenação pedagógica espaço coletivo de construção permanente da prática docente

Ana Luiza Tayar Lima
ana100lui@gmail.com
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: Com o intuito de articular trabalho e formação, a comunicação traz como tema: as ações de coordenação pedagógica espaço coletivo de construção permanente da prática docente, tendo como foco de estudo a coordenação pedagógica, a formação continuada de professores, o acompanhamento do trabalho do professor em sala de aula e a devolutiva. O trabalho se realiza em uma escola de educação básica da rede estadual de ensino de Campinas/SP, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, apoiando-se na resolução se 75/2014, que dispõe sobre a função gratificada de professor coordenador. O objetivo é realizar visitas sistemáticas de acompanhamento às salas com vistas a analisar: o desenvolvimento da aula, objetivos, estratégias de ensino utilizadas, gestão da sala (organização dos alunos, do tempo), participação dos alunos, fechamento da aula. Também procura-se observar os diferentes instrumentos de registro (cadernos dos alunos, relatórios, rotina do professor, portfólios da turma). A partir deste acompanhamento orientar os professores, por meio de devolutivas, na implementação de mecanismos de apoio à aprendizagem dos alunos nos anos iniciais, auxiliando-os na organização de sua rotina de trabalho, subsidiando o planejamento das atividades semanais e mensais, de acordo com o currículo oficial da rede estadual. Os critérios de acompanhamento e observação foram socializados e definidos em reunião pedagógica com os professores, nas aulas de trabalho pedagógico coletivo – ATPC, estabelecendo previamente os conteúdos e o cronograma dessas observações. A partir da intensificação dessa prática na escola, pode constatar uma mudança significativa por parte de alguns professores, no planejamento e na gestão de sala de aula.

Palavras-chave: formação continuada; acompanhamento; devolutiva.

Contribuições da escrita na formação de licenciandos em pedagogia

Hayla Emanuelle Torrezan
hayla_emanuelle@hotmail.com
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP - Rio Claro

Laura Noemi Chaluh
lchaluh@rc.unesp.br
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP - Rio Claro

Resumo: O presente trabalho socializa parte dos resultados produzidos a partir de uma pesquisa que objetiva contribuir para uma melhor sistematização e análise da produção científica que trata da prática da escrita na formação inicial (Pedagogia e Licenciaturas). A partir de uma pesquisa bibliográfica foi feito levantamento de artigos localizados nos Anais do Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (ENDIPE), no período 2004-2012, e nos Anais do Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA), no período 2006-2012. Neste trabalho socializamos os resultados obtidos a partir da análise de artigos selecionados do CIPA, focalizando apenas aqueles que discutem essa prática em cursos de Pedagogia. As produções selecionadas revelam que as práticas de escrita promovidas nesse curso ocorrem sobre a forma de narrativas, memoriais, registros, relatórios, diários e cartas. O estudo evidencia a contribuição dessa prática em diferentes dimensões: a) como estratégia formadora emancipatória que possibilita a investigação e compreensão do fazer pedagógico e do trabalho docente; b) na mobilização, organização e aquisição de saberes; c) na valorização e (re)significação de experiências vividas; d) na constituição da identidade pessoal e profissional e da subjetividade; e) na legitimação dos graduandos enquanto produtores de conhecimentos; f) na possibilidade que os graduandos assumam o lugar de enunciadores, se reconheçam como autores dos seus textos e da sua história, se apropriem de seus processos de aprendizagem e formação e, deste modo, tecam sua trajetória formativa (autoformação).

Palavras-chave: formação inicial de professores; linguagem; escrita.



CAPA



SUMÁRIO

Formação docente e saberes profissionais

Katia Salvador de Souza Coutinho
dkvcoutinho@ig.com.br
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Maria de Fátima Dias Almagro
MFatima.almagro@terra.com.br
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: A escola é um importante campo de relações sociais em constante mutação, onde o educador tem papel fundamental, sendo, imperativo que o educador se prepare para os novos e crescentes desafios que estão surgindo a partir das construções, desconstruções e reconstruções na (e da) sociedade. A formação consiste em buscar a formação e renovação das equipes de educadores, visando despertar a relação entre a formação e a prática profissional reflexiva, com sustentação nas teorias que deverão estar entremeadas com as práticas diárias, proporcionando o estabelecimento da relação teoria-prática, resultando na ressignificação dos conceitos de educador, de criança, de suas relações, de creche, de escola de Educação Infantil. Considerando que a Formação Continuada não se esgota, ela deve ser vista como um processo contínuo, construído no cotidiano da escola, através do debate, das discussões e reflexões que a prática diária produz, entremeados de fundamentação teórica que permeiem o cuidar e o educar. Pretendemos contribuir para a constituição de Grupos de Estudos que sejam espaços de formação contínua, com oportunidades de reflexões e retomada de posturas e de olhares críticos sobre as rotinas, os espaços e fazeres pedagógicos, nos quais, juntos, tenhamos momentos para olhar e analisar o tipo de Educação Infantil que desenvolvemos em nossas Unidades Educacionais e em nossa Rede, refletindo sobre de que maneira nossas ações podem contribuir para uma Educação Infantil de qualidade, que conceba a criança como autora de seu próprio conhecimento, e o educador, em conjunto com sua equipe, assumindo seu papel de facilitador e mediador do conhecimento, consciente de que o cuidar e o educar são indissociáveis, sendo, portanto, função a ser desempenhada pelo mesmo profissional.

Palavras-chave: educação; formação continuada; cuidar; educar.

Formação e Avaliação: os sentidos atribuídos pelos professores de Língua Portuguesa aos processos de formação continuada no contexto da Avaliação Externa – SARESP

Ana Carolina Medeiros Gatto Vieira Carvalho
carolvieiracarvalho@gmail.com
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar- Sorocaba

Adriana Varani
drivarani@gmail.com
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar- Sorocaba; Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo: Este trabalho iniciado em 2014 tem como objetivo investigar quais os sentidos atribuídos pelos professores de Língua Portuguesa da Rede Pública Estadual de um município do Estado de São Paulo sobre as principais ações de Formação Continuada implementadas pela Secretaria da Educação nos últimos cinco anos (2009-2014) no contexto do Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP). Esta pesquisa nasce de minha inquietação vivida como profissional da rede pública estadual, uma vez que estou envolvida na formação dos professores como Professora Coordenadora do Núcleo Pedagógico junto à Diretoria de Ensino e vivo intensamente a dimensão dos discursos de avaliação sobre e em minha prática. Tal implicação possibilitou a construção da inquietação de pesquisa. Os dados da pesquisa têm três fontes: análise documental, aplicação de questionários e entrevistas semi-estruturadas. Iniciei a análise documental das propostas e regulamentos dos principais cursos de formação continuada em Língua Portuguesa oferecidos pela Secretaria da Educação e dos documentos oficiais do SARESP, com a finalidade de observar se estes explicitam a relação entre avaliação externa e formação continuada, foco desta pesquisa. Também já apliquei um questionário a todos os professores de Língua Portuguesa da rede pública estadual do município pesquisado e selecionei quatro professores para entrevistas semi-estruturadas. Para discussão da temática do projeto os referenciais teóricos serão: VYGOSTKI (1998), para compreensão dos sentidos; BALL (2001), para análise das “diretrizes políticas globais”, LUCKESI (2008), AFONSO (2009) e BARRIGA (2008) para as discussões sobre avaliação; GATTI (2006) e PÉREZ GÓMEZ (1992) para formação de professores; EZPELETA e ROCKWELL (1989) para pesquisa do cotidiano escolar e ANDRÉ e LUDKE (2013) para abordagem qualitativa da pesquisa em educação. Os resultados desta pesquisa podem contribuir para reflexão sobre a importância das percepções dos professores às políticas públicas e a ressignificação no cotidiano escolar por esses sujeitos.

Palavras-chave: formação de professores; avaliação externa; políticas de formação



CAPA



SUMÁRIO

Narrativas do encontro na educação Pela pesquisa

Nima I. Spigolon
professoranima@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Elaine R. Cassan
elainecassan@yahoo.com.br
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: O artigo traz narrativas de duas professoras tecidas por elas e pela rememoração de experiências vividas no campo da Educação com a pesquisa. Objetiva-se a partir do primeiro encontro em 2010 e aqui alinhavado ao tempo presente, dar visibilidade aos sentidos atribuídos desde então durante o percurso formativo-acadêmico e que segue influenciando. Sua caracterização vinculase à reflexão numa perspectiva humanizadora e político-pedagógica das relações entre formação, docência e pesquisa; indissociável das relações entre pensar, fazer, dialogar e sentir nos tempos, lugares e espaços partilhados na universidade e na escola pública. A possibilidade do encontro e da convivência, favorecida no âmbito de um grupo de pesquisas, se efetivou tanto na atuação, ambas pesquisadoras e inseridas uma na escola pública e outra na universidade, quanto dinamizou movimentos da constituição como sujeitos, mulheres, professoras, pesquisadoras. A perspectiva teórico-metodológica apoia-se na abordagem qualitativa, pois ao se conhecer os projetos de pesquisas, as inquietações e angústias, as conquistas e alegrias, são acessadas dimensões e percepções mais sensíveis aproximando uma a outra, tornando os processos mais solidários. Os projetos de pesquisa têm temáticas afins e se inserem no escopo do GPPE, na FE/UNICAMP, realizados mensalmente sob a coordenação e orientação da Professora Débora Mazza, orientadora de Doutorado das professoras e que agora são partícipes de outras parcerias. Tais encontros coadunam com elementos, por exemplo: o registro escrito, dialético e dialógico, eivado por narrativas que capturadas em fragmentos do real identificam subjetividades e constroem percursos, com efeitos de sentido conferidos à ação pessoal e coletiva. Sua estruturação acontece na articulação humanidade-realidade-conhecimento para criar narrativas, descrever percursos, recuperar memórias, investigar processos, como sendo (também) forma de ensinar e aprender, de transformar-se e transformar a sociedade. Por fim, aponta-se que o desenvolvimento profissional, pessoal e acadêmico é marcado por relações que estabelecemos na vida mediatizadas pelo meio.

Palavras-chave: narrativas; professoras; educação; pesquisa; convivência.

O professor e o cientista

Tainá da Rosa Vilela
taina.rvilela@gmail.com
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP - Rio Claro

Ana Carolina Sales Pacheco
caroltuca@hotmail.com
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP - Rio Claro

João Pedro Pezzato
jpezzato@rc.unesp.br
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP - Rio Claro

Resumo: Este trabalho é um recorte de uma pesquisa em Educação que discute a ideia e o papel da ciência e do cientista a partir de relatos de professores acadêmicos e de professores da rede pública. Os dados deste trabalho foram produzidos em uma pesquisa participante por meio de entrevistas semi-estruturadas e registros de observação obtidos durante atividades no cotidiano dos professores do ensino fundamental. O estudo ocorreu em um período de sete meses, durante o ano de 2014, no decorrer de um curso de formação continuada inspirado no modelo colaborativo. Os encontros ocorreram em horários de ATPC de duas escolas da rede pública municipal, localizadas no litoral sul do estado de SP, Brasil. O referido curso de formação tinha como temática a divulgação científica sobre aspectos da bacia hidrográfica do Rio Itanhaém. Contou-se também com relatos de professores acadêmicos. Com base no material coletado discute-se a autonomia do fazer do professor frente ao empoderamento dos conhecimentos científicos. Verifica-se neste estudo que há uma distância entre as percepções dos profissionais acadêmicos e as dos professores do ensino público municipal sobre o que seja a ciência e o papel desempenhado pela academia. Além disso, é possível inferir que desponta um desejo de mudança nas representações sobre seu próprio fazer por parte dos profissionais acadêmicos e que os professores municipais reconhecem-se como conhecedores de suas práticas profissionais e as valorizam, mas, num primeiro momento, não veem em si o potencial investigativo de pesquisa na sua atividade profissional.

Palavras-chave: formação continuada; professores da rede municipal; professores acadêmicos; ciência.



CAPA



SUMÁRIO

Formação docente continuada e a conversação na escola: o olhar do outro na constituição do sujeito professor

Marcilena Assis Toledo
marcilena@gmail.com
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVAS

Carla Helena Fernandes
carlahelenafernandes@yahoo.com.br
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVAS

Resumo: A escola da contemporaneidade vem sofrendo um processo de grandes mudanças. O desafio das instituições e dos professores está em buscar espaços formativos que favoreçam a construção de consciência crítica de si e do contexto que habitam. Nesse sentido, das necessidades atuais, entende-se a formação continuada como processual e que tenha como referência a reflexão individual e coletiva sobre o exercício docente e os contextos de trabalho. A pesquisa, desenvolvida em uma escola da rede estadual de ensino de Pouso Alegre – MG, teve como objetivo investigar, em um espaço coletivo criado na escola, em que medida os dilemas vividos pelos professores e partilhados com seus pares podem ser mobilizadores de reflexões sobre a prática docente e de formação profissional. A pesquisa de abordagem qualitativa fez uso da técnica da Conversação: dispositivo clínico psicanalítico para trabalho com grupos. Os encontros aconteciam semanalmente, com a participação de doze professores do Ensino Fundamental e Médio e a analista/pesquisadora, e foram audiogravados. Na análise, tendo-se como referência os conceitos-chave da pesquisa, a saber: formação na escola, dilemas docentes e interlocução, Buscou-se pela emergência de temáticas a partir dos relatos dos professores e a escuta da analista/pesquisadora. Um dos pontos da análise evidencia a relação constitutiva do professor com o Outro e reflexões sobre o lugar do docente na escola e na sociedade, como sujeito e profissional. As conclusões apontam que o coletivo escolar, espaço da Conversação, adquire o estatuto de formativo ao promover a (re)significação de saberes compartilhados, possibilitando novas formas de atuação.

Palavras-chave: formação; dilemas docentes; conversação.

Reflexões das alunas tutoras sobre suas práticas pedagógicas no ensino superior

Lezinete Regina Lemes
lezinetelemes@yahoo.com.br
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMS

Elispaula Inácio Pinheiro de Souza
ellis.souza.20@hotmail.com
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMS

Weslaine Evaristo Soares
weslainevaristo@gmail.com
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMS

Resumo: O Programa Tutoria de Língua Portuguesa tem por objetivo ajudar os alunos recém-chegados à Universidade, apresentando-lhes conteúdos da Educação Básica. Compreende-se que esses conteúdos são fundamentais para o desenvolvimento de diversas práticas de linguagem, realizadas por esses discentes na graduação. Além desse propósito, o Programa oportuniza aos acadêmicos dos cursos de Licenciatura vivenciarem a docência, antes de realizarem os estágios de observação e regência. A iniciação à docência é importante para que os discentes não desistam da carreira docente como também fortalece os cursos de formação de professor. Considerando esse contexto, este trabalho traz algumas experiências vivenciadas pelas alunas tutoras e pela professora responsável pelo Programa de Tutoria de Língua Portuguesa do Campus Universitário de Rondonópolis da Universidade Federal de Mato Grosso. As alunas tutoras são responsáveis pelas aulas, quer dizer, ministram os conteúdos para os acadêmicos participantes do Programa. Para isso, há um conjunto de atividades desenvolvidas pelas alunas tutoras e pela professora tutora do projeto para cada conteúdo a ser abordado. Essas atividades dizem respeito ao planejamento didático das aulas, à elaboração do material didático, aos exercícios a serem aplicados, à revisão teórica dos conceitos. Desse modo, a participação dos discentes no Programa Tutoria permite a eles aproximarem a teoria e a prática a partir de um construto teórico estudado de forma sistematizada. Esse estudo sistematizado permite às alunas tutoras compreenderem o tratamento didático para um determinado objeto de ensino antes de ele ir para a sala de aula. Tal fato nos mostra a importância que o professor formador tem no exercício da profissão desses discentes, pois cabe a ele orientar esses futuros professores para que cada vez mais tenham autonomia para exercerem seu ofício.

Palavras-chave: tutoria de língua portuguesa; iniciação à docência; formação.



CAPA



SUMÁRIO

Linguística e pedagogia: um diálogo necessário

Isabella de Cássia Netto Moutinho
isabella.bel@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo: Observam-se, atualmente, diversas correntes teóricas que abordam o período de aquisição da leitura e da escrita nos cursos de formação docente. Algumas tratam da questão a partir de uma visão biologizante, considerando erros frequentemente cometidos pelas crianças na escrita – as chamadas trocas omissões e inserções de letras – como sintomas de uma patologia, tal qual a Dislexia; outras consideram as relações que a criança construiu culturalmente com a linguagem e buscam na Linguística e em suas áreas específicas, como a fonética e a fonologia, explicações para tais erros e formas de intervir na escrita da criança. Desta forma, os problemas de escrita das crianças não seriam erros, mas hipóteses que ela construiu sobre a escrita. Diante de tantas perspectivas teóricas, o professor não sabe a qual recorrer e acaba encaminhando o aluno com dificuldades a um profissional da área clínica, que tampouco adquiriu conhecimentos linguísticos e utiliza testes padronizados em suas avaliações. Nota-se, assim, um aumento significativo na quantidade de diagnósticos de patologias relacionadas ao aprendizado atribuídas aos alunos em fase de aquisição da escrita. A Neurolinguística Discursiva, área desenvolvida no IEL/UNICAMP pela professora Maria Coudry, tem se dedicado à investigação deste aumento de diagnósticos, valendo-se do recurso metodológico de acompanhamentos longitudinais de crianças que receberam laudos, e aponta que muitos não se confirmam, já que as crianças em acompanhamento participam de práticas de leitura e escrita que, diferentemente de muitas utilizadas na escola, fazem sentido para elas e se alfabetizam. O diagnóstico, porém, quando tomado como verdade, acaba por estigmatizar a criança e determinar negativamente todo seu percurso escolar. Desta forma, um diálogo mais profundo entre Pedagogia e Linguística se faz necessário, para que os professores não interpretem como sintoma de patologia questões de escrita comuns ao processo de aprendizado, evitando assim uma vida de dificuldades e sofrimentos.

Palavras-chave: leitura; escrita; dislexia; patologias do aprendizado; linguística.

Pesquisa-formação online: caminhos metodológicos de uma pesquisa com professoras alfabetizadoras

Denise Rezende
rezende.denise16@yahoo.com.br
CAPES-PDSE, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Colégio Pedro II (CPII)- RJ

Resumo: Neste trabalho apresenta-se os caminhos trilhados numa proposta de pesquisa-formação online com um grupo de professoras alfabetizadoras de Redes de Ensino no Rio de Janeiro. Um dos principais objetivos da pesquisa de doutorado em andamento é compreender como as professoras se relacionam com outras e com conhecimentos no grupo virtual criado numa rede social, buscando perceber o movimento de autoria e fortalecimento docente na criação de materiais pedagógicos que supere o papel de meros consumidores de recursos didáticos. Investi na criação de um grupo no Facebook apoiada na teoria de Santos, apostando na possibilidade de educação online (SANTOS, 2006). A ideia foi dar continuidade às reflexões iniciadas nos encontros presenciais e perceber a possibilidade de criação de gêneros docentes multissemióticos e o papel deles na formação. Foi necessário compreender os usos que as professoras faziam da interface para buscar compreender as relações interdiscursivas se estabeleciam. A maneira com que professoras e pesquisadoras lidavam com os aparatos tecnológicos disponíveis alterava o modo como podiam ser lidas e, portanto, a possibilidade de interlocução naquele grupo. Este trabalho trata de silêncios, deslocamentos, exotopia, dialogia e multissemiose. Esses conceitos basilares na pesquisa foram provocando em mim um deslocamento e suscitando questões no decorrer da pesquisa: Quem lê, curte, posta? Como faz? Quem não faz? Porque não faz? Para o trabalho de análise do discurso a partir de enunciados postados, apoiamo-nos na proposta metodológica de Bakhtin, prevê na análise o lugar da fala, relações de poder, os modos de produção e o conteúdo desses discursos.

Palavras-chave: pesquisa-formação online; professoras alfabetizadoras; relações interdiscursivas.

Prática docente: um agir socio-situado

Lezinete Regina Lemes
lezinetelemes@yahoo.com.br
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMS

Jeane Maria Rodrigues
gjtropical@hotmail.com
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMS

Resumo: Este trabalho visa apresentar reflexões sobre a prática docente, vivenciada pelos sujeitos envolvidos na execução do projeto Produção de Textos Acadêmicos. Este projeto está vinculado ao Programa Tutoria de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Mato Grosso. As reflexões dessa prática estão embasadas nas teorias desenvolvidas pela didática, em que se focaliza o planejamento como ação didática. A ação docente deve ser conduzida pela análise da realidade com a qual o professor está envolvido a fim de que possa ter dados concretos e, ao mesmo tempo, prever alternativas de ação. Essa linha de pensamento foi assumida por nós, professora tutora e alunas tutoras, para a realização das atividades do projeto, as quais envolvem estudo, pesquisa, ditatização de objetos de ensino, planejamento de aula e exposição dos conteúdos em sala de aula. Essa sequência assumida para o desenvolvimento do projeto reafirma a visão dos pesquisadores da área da didática. Segundo eles, a sistematização das atividades que serão realizadas pelo professor deve levar em consideração os alunos, para quem a sequência de atividades de ensino é destinada. Com o objetivo de demonstrar a importância do planejamento de aula para eficácia da prática docente, realizou-se, no 1º semestre de 2014, uma pesquisa com 30 alunos participantes da Tutoria de Produção de Textos Acadêmicos. As questões objetivavam saber desde o material didático elaborado para o projeto até o desempenho didático das alunas tutoras. Os resultados dessa pesquisa mostram a importância do trabalho concomitante entre o ato de planejar e a utilização dos métodos de ensino, para que os objetivos delineados para as aulas sejam alcançados. Assim, o planejamento contribuiu com a formação dos futuros professores, demonstrando que a atividade docente é complexa, uma vez que exige do professor um agir socio-situado, em que se busca não apenas transmitir conteúdo, mas levar os alunos a participarem de várias práticas sociais e de linguagem de forma autônoma e crítica.

Palavras-chave: tutoria; prática Docente; planejamento; métodos de ensino.

A formação continuada de tutores-formadores: interlocuções constituídas em diferentes espaços

Adriana Soares
adriana.soares12@yahoo.com.br
Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Resumo: Este trabalho apresenta um recorte da pesquisa intitulada “A formação dos formadores: um encontro com as práticas discursivas de sujeitos tutores e professores”. O campo da pesquisa foi o Programa Pró-Letramento da área de alfabetização e linguagem do Ministério da Educação. O objeto de investigação são os discursos constituídos no ato da formação continuada, na busca pelos enunciados expressos na interlocução entre tutores-formadores e professores sobre os conhecimentos do campo do letramento e alfabetização. A análise incidiu sobre os enunciados que estavam presentes nas diferentes instâncias formadoras (reuniões de elaboração do planejamento da formação continuada para os tutores-formadores, os encontros de formação continuada dos tutores-formadores com os professores e os encontros de formação do tutor com os professores nos municípios.) marcando os atravessamentos produzidos e constituídos nesses diferentes espaços. O exercício exotópico bakhtiniano na constituição do lugar de pesquisadora criou a possibilidade de um deslocamento de posição. Dessa forma foi possível ir ao lugar da professora e à(s) posição(ões) de formadora de professores/tutora-formadora, identificando os excedentes de visão. Tal movimento revelou as experiências tanto de tutores-formadores como dos professores nos espaços de formação continuada desvelando, para ambos, a grandeza e a dimensão das narrativas para a constituição de seus próprios saberes. Na conclusão, uma das considerações aponta para uma contribuição da perspectiva discursiva da linguagem para o campo do currículo de formação de professores e de tutores-formadores.

Palavras-chave: formação continuada de professores alfabetizadores; formador de professor; alfabetização; letramento; discursos.

Escritas docentes: que caminhos percorrem na prática docente de professores alfabetizadores?

Mônica Pinheiro Fernandes
monicapinheiro@uol.com.br
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ

Resumo: Neste artigo apresentamos alguns resultados preliminares da pesquisa intitulada Escritas docentes: caminho pedagógico para a construção da autoria profissional. Ela propõe-se a dialogar com professores alfabetizadores acerca de suas práticas docentes e de suas formas de registro. Ainda que seja necessário ressaltar que grande parte dos estudos da “epistemologia da prática” e do “professor reflexivo” estejam impregnados do universo ideológico neoliberal e pós-moderno, a ênfase nas histórias de vidas e de memoriais de formação, podem ser tomados como caminhos possíveis de fortalecimento docente, se o sujeito for entendido em sua perspectiva sócio-histórica e política. A linguagem escrita, instrumento de legitimação autoral, fortalece sua voz. A escolha teórico-metodológica baseia-se nos estudos bakhtinianos da linguagem. Tomamos o discurso como instância de significações, realizado nas interações que enunciam dialógica e dialeticamente sentidos sobre saberes, conhecimentos e práticas. Entendemos todo espaço de formação de professores como lócus privilegiado de diálogo, no qual os envolvidos fazem circular saberes e conhecimentos distintos. Por alinhar-se ao entendimento de que toda escrita é produzida em uma esfera discursiva, a pesquisa optou por proporcionar aos professores um curso de extensão de trinta horas para discutir e experimentá-la como elemento de constituição autoral. O curso contou com a presença de dezoito professores de diferentes redes de ensino e doze alunos de graduação de Letras e Pedagogia. A partir das análises iniciais das escritas produzidas, pudemos observar, através das narrativas docentes que, quase sempre, a escrita é utilizada para atividades burocráticas no dia a dia da escola. Com o exercício de escritas memorialísticas e analíticas, foi possível perceber a necessidade de se criar caminhos didáticos para a inserção da escrita docente, a fim de contribuir para a paulatina construção autoral da prática docente.

Palavras-chave: escritas docentes; formação de professores; autoria

PIBID: contribuições na formação inicial de Licenciandos em Pedagogia

Isabele Candioto Sacilotto
isa_candioto@hotmail.com
Universidade Estadual de São Paulo “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP - Rio Claro

Laura Noemi Chaluh
lchaluh@rc.unesp.br
Universidade Estadual de São Paulo “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP - Rio Claro

Resumo: O Programa Institucional de Iniciação à Docência (Pibid), proposto pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) desde 2007, objetiva melhor qualificar o início da docência a partir de propostas de trabalho sustentadas na parceria entre a escola e a universidade. O referido programa outorga bolsas para graduandos dos cursos de licenciaturas, professores das universidades que coordenam os subprojetos Pibid e aos professores de escolas públicas, caracterizados como professores supervisores dos alunos bolsistas, legitimando que eles são co-formadores dos licenciandos. O presente trabalho é parte de uma pesquisa (em andamento) que trata do Programa Institucional de Iniciação à Docência, cujo objetivo é sistematizar e analisar a produção científica que discute essa temática. Foi feito levantamento bibliográfico nos Anais do Congresso Estadual sobre Formação de Professores nos anos de 2009, 2011 e 2014 na busca por artigos que discutissem o Pibid no curso de Pedagogia e nas Licenciaturas. Para a seleção dos artigos definimos como critério de busca que a palavra-chave Pibid estivesse contida no título. Neste trabalho, socializamos as contribuições que o Pibid traz para a formação dos bolsistas de Iniciação à Docência vinculados aos cursos de Licenciatura Plena em Pedagogia. Os estudos deixam em evidência que o Pibid atinge o objetivo de melhor qualificar a iniciação à docência, a partir de propostas de atividades construídas em parceria com a escola; possibilita que o bolsista de Iniciação à Docência vivencie o cotidiano escolar nas suas diferentes dimensões, promovendo a constituição docente e contribuindo para afiançar a permanência na profissão.

Palavras-chave: Pibid; formação inicial; pedagogia



CAPA



SUMÁRIO

Lições aprendidas na experiência docente coletiva da educação física na escola de educação integral

Maristela Marçal
marismarcal@gmail.com
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Jaqueline de Meira Bisse
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: Este estudo apresenta o relato de experiência do grupo de professores de Educação Física a respeito do Projeto de planejamento e implementação da Escola de Educação Integral (EEI) Padre Francisco Silva, da rede municipal de Campinas. Nesse contexto, defendemos a educação visando à formação do ser humano em sua integralidade. Para atingir nossos objetivos foi necessário pensar e agir apresentando valores, concepções, estratégias e metodologias, entre outros aspectos, de modo diferenciado, e ainda significar os tempos/espacos de ensino e aprendizagens dos alunos e também dos docentes. Esta proposta, também exige outra estrutura organizacional e curricular na dinâmica escolar. Perpassa o trabalho coletivo entre os profissionais da equipe que subsidiará a Escola de Educação Integral. Para tanto foram necessários os tempos destinados às reuniões coletivas já conhecidas na rede municipal - o trabalho docente coletivo (TDC) e o trabalho docente individual (TDI) - e também outros. Sugerimos e entendemos serem necessários momentos que dão o suporte e os encaminhamentos para os planejamentos, as ações e as avaliações do que realizamos. Estes novos momentos denominados Trabalho Docente de Formação Coletiva (TDF) e o Trabalho Docente entre Pares (TDEP) são fundamentais para a escola. Esse estudo também trata, especificamente, da área de Educação Física e da importância do tempo/trabalho docente entre os pares. Foram nestes encontros que os professores buscaram formações, saberes e ações planejadas coletivamente que proporcionaram novas formas de planejamento das aulas, da dinâmica da dupla docência, dos rodízios de espaços para aula, das estratégias e metodologias utilizadas, dos agrupamentos de diferentes faixas etárias e do acesso e compartilhamento de saberes com estudantes estagiários. Entendemos que a ação-reflexão-ação é propulsora de mudanças da relação de nós professores com a escola e com o seu cotidiano.

Palavras Chave: educação integral; formação docente; educação física.

O estágio supervisionado em escolas do campo sob o olhar de estudantes de pedagogia

Elizete Oliveira de Andrade
elizeteprofessora@gmail.com
Universidade Estadual de Minas Gerais - UEMG - Unidade Carangola

Resumo: Trata-se neste texto de experiências vivenciadas na prática pedagógica de Estágio Supervisionado em escolas do campo (anos iniciais do Ensino Fundamental) realizado por estudantes do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas – Unidade Carangola. O objetivo principal foi enfatizar a importância do estágio para a formação docente, bem como analisar as impressões dos estudantes sobre as práticas pedagógicas realizadas nas escolas do campo. O estágio é de fundamental importância para a formação docente, pois é através de sua prática que a relação teoria e prática é fortalecida. A aproximação da realidade escolar possibilita ao estudante refletir sobre a profissão que exercerá articulando os saberes teóricos aos saberes-fazeres vivenciados no cotidiano da escola. Este texto foi escrito com base nos relatórios de estágio dos estudantes no que se refere às observações das escolas: as salas de aulas, os alunos, as professoras, o entorno e as relações sociais ali estabelecidas. Como resultados, apontamos que o estágio contribui para a superação da dicotomia teoria/prática estabelecendo uma visão dialética para a formação docente na qual a reflexão-ação-reflexão se faz presente. Os relatórios de estágio dos estudantes possibilitaram problematizar a diversidade das escolas do campo permitindo refletir sobre as mesmas a partir de suas próprias características, do que lhes é peculiar. A pesquisa permitiu ainda compreender a existência de dois cenários da educação do campo nas escolas pesquisadas: o de experiências politicamente conservadoras que apresentam conhecimentos alheios à realidade local e, o de experiências progressistas nas quais a escola tem se configurado como agência política com fortes exemplos de enraizamento local.

Palavras-chave: estágio supervisionado; escolas do campo; práticas docentes; formação de professores.



CAPA



SUMÁRIO

Conversas e Formação Docente: Transitar em Vias Interdisciplinares

Aghatha Amaral Andrade
aghattha.amaral@gmail.com
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Resumo: Compartilho aqui narrativas de caminhos da formação docente e relatos de conversas que tecem espaços de formação. Abordo a pesquisa dentro de uma perspectiva interdisciplinar. Trago encontros como lugar de pensar coletivamente múltiplas possibilidades de trabalhos com a escola, criando redes de trocas entre licenciandos, estudantes de pedagogia, pós-graduação e escola básica. A escolha e a construção do ser educadora hoje e aqui é uma criação cotidiana que se reinventa de modo compartilhado nos espaços onde vivemos educação. Como nos atravessa o viver escola pública em múltiplas situações sociais históricas políticas culturais. Cotidianamente construindo perspectivas e melhorias nas condições da docência, enfrentamos estruturas precarizadas de trabalho nas salas de aula. Trabalhamos com diferentes áreas que trazem em comum o ser professora/or, uma pluralidade de ideias construídas a partir de saberes específicos de cada sujeito. Trazer a escrita autoral, onde a voz de quem fala carrega suas memórias e histórias, entrelaçando o pessoal, uma tensão entre diferenças que enriquece e possibilita novos diálogos, não buscando uma homogeneidade de posturas mas uma relação ecológica entre diferentes. Investigamos a construção de sistemas de crença, hierarquias de saberes, propostas emancipatórias a partir do vivido. Valorizando atos cotidianos como forma de tecer relações mais horizontais. A dimensão política da pesquisa quando valoriza relatos de vivências na escola carregados de pistas sobre o momento sócio histórico em que escrevemos. Busco teorias e ações que possibilitem novos caminhos a percorrer e pensar realidades que podem existir. Penso que todo conhecimento é autoconhecimento quando escrevo sobre educação, trago meu olhar construído nas escolas que trabalhei, nos livros que li, nos shows que assisti, em tudo que vivi assim a dimensão pessoal e social se misturam atravessadas pelo sentido em nós.

Palavras-chave: formação docente; narrativas; cotidiano escolar; currículo

Formação contínua na escola: círculo de contribuições

Keila Santos Pinto
keila_sp22@yahoo.com.br
Universidade Estadual de São Paulo “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP

Resumo: O presente trabalho faz parte da investigação inicial de uma pesquisa de mestrado em andamento, e tem por objetivo apresentar as interlocuções existentes na escola, a partir da perspectiva sócio-histórica, as quais possibilitem um olhar diferenciado para o processo de formação contínua. Como professora coordenadora, há quatro anos, de uma escola de Educação Infantil, em um município localizado no interior do Estado de São Paulo, pretendo junto às educadoras compreender como se constituem o espaço de formação na escola a qual atuamos. A interlocução será mediada pelo diálogo e pela escrita de cartas e diários pela professora coordenadora e professoras, os quais irão compor narrativas de formação, que permitirão a aproximação das vivências, necessidades, desejos e sentimentos de tais educadoras, e consequentemente a reflexão sobre as potencialidades e as limitações das práticas formadoras existentes na escola. Nossa pretensão é centrar a formação em um círculo de contribuições, ao constituir um espaço de coletividade, almejando a co-responsabilidade para com a Educação, a partir do olhar para o outro, sendo o diálogo inserido no dinamismo de alteridade. Como educadora, professora coordenadora, formadora, pesquisadora apresento-me defensora de reais práticas democráticas que favoreçam na escola as interações dialógicas e a postura de escutar, a partir das múltiplas percepções das educadoras sobre complexidade do cotidiano educacional. É a partir desses movimentos, pautados na teoria enunciativa da linguagem de Bakhtin, que se pretende compreender como se dá o processo de formação da professora coordenadora e das professoras. Dessa forma, as escritas investigadas nos trazem indícios sobre o trabalho pedagógico na escola e permite a organização dos espaços de formação, considerando os significados atribuídos pelas educadoras a estes momentos.

Palavras-chave: interlocução; formação contínua ; professor coordenador.



CAPA



SUMÁRIO

Diário de campo reflexivo como prática formativa em estágio supervisionado

Juliana Cristina Chaves Buldrin Baiocchi
jbuldrin@gmail.com
Instituto de Educação e Ensino Superior de Campinas - IESCAMP

Resumo: Esse diálogo pretende compartilhar a experiência dos alunos do quinto semestre do curso de Pedagogia do Instituto de Educação e Ensino Superior de Campinas – IESCAMP, na escrita de diário de campo reflexivo para a disciplina de estágio supervisionado. A partir da exigência de observação e participação nas escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, os estudantes foram levados a utilizar a escrita narrativa como instrumento de registro. Foram desafiados a não apenas descrever o que observavam, mas a tecer reflexões sobre, estabelecendo diálogo com as teorias estudadas. Diários de campo foram produzidos na tentativa do registro narrativo, conforme a proposta apresentada inicialmente, revelando alguns limites e possibilidades diante da mesma. Tal experiência se mostrou desafiadora, pois os alunos relatavam a dificuldade em escrever narrativamente e de forma reflexiva. E também demonstrou o quanto a escrita narrativa reflexiva pode contribuir com a formação de futuros professores, uma vez que os mobiliza a produzir conhecimento a respeito das práticas vivenciadas. Alguns autores como Prado e Soligo (2007), Larossa (2007), Benjamim (1987), foram introduzidos para fundamentação teórica junto aos estudantes e os mesmos contribuíram para o entendimento teórico metodológico em que a escrita narrativa se situa e colabora, sobretudo no universo acadêmico de formação inicial.

Palavras-chave: escrita reflexiva; formação inicial docente.

A Poética da criança de 0 a 3 anos e a Arte Contemporânea na Formação Continuada

Benedita Machado de Mello
shangrila@ccja.org.br
Centro Comunitário Jardim Autódromo -CCJA

Resumo: Como Coordenadora Pedagógica (CP) e responsável direta pela formação da equipe docente do CEI, esse trabalho se deu no desafio de olhar para a formação com leveza, e a pureza do olhar das crianças, desaprender para aprender no coletivo. Apresento o recorte de um grupo do CEI, partindo da observação e olhar cuidadoso para a criança e educadores deste grupo – MG II (3 a 4 anos). Trabalhar efetivamente com objetivos voltados para as interações adulto - criança, criança - criança. Propor uma gestão de aprendizagens com foco do CP na observação e no registro. Com diversas ações formativas, refletir a relação entre o brincar, a arte contemporânea e a organização dos ambientes na perspectiva da criança de 0 a 3 anos. A primeira fase desse trabalho foi a observação das crianças: O que estou vendo e escutando? O que as educadoras sabem sobre as muitas linguagens das crianças? Como se expressam e se comunicam, expressão corporal, expressão oral? Que lugares utilizam para se expressar? Com foco na observação e registro contribuir com uma gestão de aprendizagens onde o educador tem papel relevante, mas não é o centro das atenções e relações, e sim aquele que cria condições para que as crianças estejam em interação articulando ideias e pensamentos. Apoio e mediação do CP no planejamento e tomadas de decisões. Manter ambiente fértil de formação e possibilidades de estudo e pesquisa garantindo novos olhares.

Palavras-chave: arte contemporânea; educação; infantil; observação.



CAPA



SUMÁRIO

A escola como espaço de formação

Dejanira Fontebasso Marquesim
dejaniraf@gmail.com
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: Este trabalho tem como objetivo discutir a formação continuada de professores a partir da compreensão da escola como espaço de formação. Na experiência de implementação e consolidação da Escola de Educação Integral, em período integral, no Município de Campinas/SP foi criado, na jornada de trabalho dos professores, um Tempo Docente de Formação (TDF) incluído na jornada de trabalho do professor e cumprido dentro da unidade educacional junto ao coletivo de docentes. Trata-se de 4 horas aula de trabalho semanais destinadas a discussão coletiva dos dados de realidade do trabalho desenvolvido pelo coletivo. Formalizou-se um espaço formativo no interior da escola contribuindo para a superação da “lógica escolar” que a formação continuada vem assumindo ao longo do tempo. Esse espaço para trabalho e discussão formativo coletivo vem auxiliando no processo de valorização dos professores como sujeitos protagonistas do seu processo formativo individual e coletivo. A escola transformou-se num local de aprendizagem, não só para os alunos como também para os professores, possibilitando uma ressignificação do trabalho docente e proporcionou uma nova concepção para a formação continuada. A experiência de um ano com o processo formativo realizado em grupo, no coletivo, na escola Piloto de Educação Integral Padre Francisco Silva (Campinas/SP) traz indícios de como a constituição docente no individual e coletivo pode ressignificar o trabalho docente, implicando diretamente nas dimensões inerentes à profissão: a formação, o desenvolvimento profissional, as competências necessárias para o desempenho da profissão, a dimensão social do trabalho do professor, além, é claro, de dar um sentido dialético às práticas didático-pedagógicas na relação aluno-professor.

Palavras-chave: formação continuada; trabalho docente; ressignificação do trabalho.

Quando a formação inicial dá lugar à formação continuada: dilemas de professoras iniciantes

Bruna Fabiane Baptistella
fabi_bruna@hotmail.com
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP

Christiane Fernanda da Costa
chrischristie@ig.com.br
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP

Luana Priscila de Oliveira
luoliveira923@yahoo.com.br
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP

Resumo: Este é um trabalho de professoras iniciantes que se veem confrontadas com a formação que receberam no curso de formação inicial docente com a formação continuada que vêm recebendo estando na escola regular. Discute-se aqui a formação continuada de professores vivenciada por nós, enquanto professoras de uma rede municipal de ensino do interior de São Paulo. Para tanto, o presente artigo se vale dos registros escritos por uma dessas professoras, nos quais socializa os momentos de formação continuada que acontecem durante o Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) específico, que consiste na reunião dos docentes em turmas divididas por série/ano e vai além dos HTPC's que cumprimos semanalmente na escola. Esses HTPC's específicos acontecem uma vez por mês e são conduzidos por professoras da própria rede municipal afastadas de suas salas de aula para assumirem o cargo de ATP (Apoio Técnico Pedagógico). Esses espaços-tempos são preparados pelas ATP's e, de maneira geral, dedicados à formação continuada com vistas a discutir questões da prática do ensino em sala de aula. O que pretendemos realizar neste trabalho são reflexões acerca da metodologia empregada nesses HTPC's específicos, da dinâmica que assumem e das marcas que deixam em nós, que somos professoras participantes e, assim como todo docente, encontramos-nos em constante constituição. Isto é relevante porque pode contribuir para se pensar e re-pensar esse momento formativo da rede de ensino público municipal como espaço de diálogo, troca de experiências e formação na coletividade.

Palavras-chave: formação docente; prática de ensino; saberes docentes.



CAPA



SUMÁRIO

O papel do professor de Educação Básica como formador de seus pares: a experiência de professores-formadores.

Clayton José Budin
claytonbariri@gmail.com
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP – Rio Claro

Flavia Medeiros Sarti
fmsarti@rc.unesp.br
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP – Rio Claro

Resumo: Este trabalho consiste na apresentação de alguns dos resultados obtidos por meio de uma pesquisa de mestrado que analisa o papel e o lugar que os professores de Educação Básica realizam ou podem realizar na formação continuada docente. Para tanto, tem como referencial empírico os denominados "Grupos de Formação Curricular" (GFCs) organizados em uma rede municipal de ensino, nos quais os próprios professores da educação básica exercem o papel de formadores de seus pares. Como procedimento metodológico, a pesquisa organizou-se por meio da discussão de conceitos de formação continuada, profissionalização docente, saberes docentes, além da análise documental e entrevistas semi-estruturadas com os sujeitos envolvidos diretamente com os GFCs, na figura de dois dos responsáveis pela escolha dos professores-formadores, bem como a entrevista dos oito professores-formadores. As análises realizadas apontaram como resultados os aspectos relativos à figura dos professores-formadores, no que se refere à distinção de sua atuação junto aos demais professores e as características do papel que os mesmos desempenham no trabalho formativo. Desta maneira, demonstra-se a existência de um lugar bem acentuado para esses formadores, afinando-se ao processo de profissionalização docente. Entretanto, os dados analisados também sinalizam para certas fragilidades que se conferem à ação desses formadores de professores, impedindo-lhes de se identificarem como formadores, e desta forma, dificultando-lhes a ocupação um lugar mais central na formação continuada docente do referido município.

Palavras-chave: formação docente; grupos de formação continuada; professores-formadores.

Teoria e prática: dialogando com as experiências no espaço escolar

Jeanne Chaves Rodrigues
Jeanne-gg@hotmail.com
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ-IM

Mariana Quinelato Ferreira Medeiros
mariquinelato@yahoo.com.br
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ-IM

Mônica Pinheiro Fernandes
monicapinheiro@uol.com.br
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ-IM

Resumo: Assim como todos os seres humanos têm suas histórias de vida, que de maneiras distintas descrevem-se e são construídas em seu contexto social, da mesma forma, as práticas de letramento estão nas experiências de vida das crianças, dando sentido às suas enunciações e oralidade. Sendo assim, seus conhecimentos, subjetividades, são tecidos em suas ações. Podemos perceber que a diversidade está presente na escola de modo significativo e constante. Tal presença precisa ser vista, por nós professores, por um novo ângulo que apresente notoriedade ao processo, para que o espaço escolar tenha uma nova postura frente ao desafio de reconhecer as práticas socioculturais das crianças. A fim de enfrentar esta problemática, nós bolsistas do PIBID INTERDISCIPLINAR/ CAPES, do grupo PED Letramentos da UFRRJ-IM, estamos acompanhando uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, focalizando, especialmente, as práticas sociais, a valorização da cultura e da linguagem das crianças, a fim de colaborar para que as mesmas se reconheçam como sujeitos históricos no cotidiano da escola. Para dialogar com a teoria e a prática utilizaremos atividades como simulações de experiências culturais e oficinas, além de observarmos as ações docentes frente a oralidade e a escrita das crianças. Visamos, assim, compreender, no que diz respeito às crianças, suas expectativas, frustrações e curiosidades no ambiente escolar. Dentro deste contexto, usaremos como referencial teórico Mikhail Bakhtin (2002, 2003) e Paulo Freire (2003, 2008) com o intuito de fundamentar nossas reflexões em bases sócio-históricas, além da dialogicidade, para o processo de ensino e aprendizagem da linguagem.

Palavras-chave: oralidade; linguagem; práticas sociais; simulações.



CAPA



SUMÁRIO

Grupos de formação continuada: a interlocução entre Geografia e História

Clayton José Budin
claytonbariri@gmail.com
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Fabiana Bardela Lopes
fabibardela@yahoo.com.br
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Acacia Aparecida da Silva
acaciageo@bol.com.br
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Heronilda de Alcantara
Hero.alcantara@uol.com.br
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Maximiliano Elias
max.elias@ig.com.br
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Rafael Fernandes da Mata
damatageo@gmail.com
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Marcos Zacarias Farhat Junior
marquinhos1717@gmail.com
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: Este trabalho tem como foco apresentar as atividades desenvolvidas por professores de História e Geografia em grupos de formação continuada. Esses grupos reúnem professores da rede Municipal de Campinas e tem como objetivo principal realizar estudos sobre o Currículo a partir do documento das Diretrizes Curriculares desenvolvido coletivamente por professores da rede municipal. Além disso, visam realizar estudos, pesquisas e debates de temas específicos dos componentes curriculares e de temas gerais da educação. Até o ano de 2013, os grupos se reuniam exclusivamente dentro de cada componente curricular; no entanto, como metodologia de trabalho para 2014, os grupos se fundiram e passaram a realizar um trabalho conjunto na área de humanidades, refletindo sobre temas afins e do âmbito geral da educação, aproximando os professores dos dois componentes para que, juntos, pudessem pensar em atividades didático-pedagógicas. Neste mesmo ano, houve a composição de dois grupos: um no período da manhã e outro no período da tarde, ambos reunindo professores de Geografia e História. Embora os grupos tivessem percorrido caminhos distintos, a ideia de aproximar os professores dos componentes que possuem afinidades foi mantida e ambos os grupos realizaram trabalhos muito interessantes. Como resultado, teve-se a realização dos trabalhos por meio da leitura, reflexão, diálogo e elaboração de textos coletivos, a partir de temas como maioria penal, disciplina e indisciplina escolar e avaliação; além disso, a elaboração de oficinas pedagógicas com as temáticas da cultura africana e indígena, bem como da questão ambiental. Por fim, os professores destacaram a importância desta atividade inovadora na SME, a sua potencial continuidade para os próximos anos, além de sugerirem abertura de espaços de discussão nas escolas para que o mesmo trabalho possa ser realizado com outros componentes curriculares.

Palavras-chave: grupos de formação curricular; formação continuada; Geografia e História.

Um curso em formação: corpo, arte e natureza – UNIRIO

Adriane Ogêda Guedes
adriane.ogeda@gmail.com
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Nuelna Vieira
nuelnavieira@gmail.com
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO/Casa Monte Alegre

Greice Duarte Brito Silva
greicedbrito@hotmail.com
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO/SME

Michelle Dantas Ferreira
michaduda@yahoo.com.br
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO/SME

Resumo: Assim como todos os seres humanos têm suas histórias de vida, que de maneiras distintas descrevem-se e são construídas em seu contexto social, da mesma forma, as práticas de letramento estão nas experiências de vida das crianças, dando sentido às suas enunciações e oralidade. Sendo assim, seus conhecimentos, subjetividades, são tecidos em suas ações. Podemos perceber que a diversidade está presente na escola de modo significativo e constante. Tal presença precisa ser vista, por nós professores, por um novo ângulo que apresente notoriedade ao processo, para que o espaço escolar tenha uma nova postura frente ao desafio de reconhecer as práticas socioculturais das crianças. A fim de enfrentar esta problemática, nós bolsistas do PIBID INTERDISCIPLINAR/CAPES, do grupo PED Letramentos da UFRJ-IM, estamos acompanhando uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, focalizando, especialmente, as práticas sociais, a valorização da cultura e da linguagem das crianças, a fim de colaborar para que as mesmas se reconheçam como sujeitos históricos no cotidiano da escola. Para dialogar com a teoria e a prática utilizaremos atividades como simulações de experiências culturais e oficinas, além de observarmos as ações docentes frente a oralidade e a escrita das crianças. Visamos, assim, compreender, no que diz respeito às crianças, suas expectativas, frustrações e curiosidades no ambiente escolar. Dentro deste contexto, usaremos como referencial teórico Mikhail Bakhtin (2002, 2003) e Paulo Freire (2003, 2008) com o intuito de fundamentar nossas reflexões em bases sócio-históricas, além da dialogicidade, para o processo de ensino e aprendizagem da linguagem.

Palavras-chave: oralidade; linguagem; práticas sociais; simulações.



CAPA



SUMÁRIO

O outro que altera-me e alarga-me: perspectivas de uma “outra” formação de professores

Liliane Neves
lilianenevesmoura@gmail.com
Colégio de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Resumo: Conversas no cotidiano escolar tem sido objeto de observação e pesquisa para mim, e tantos outros sujeitos que entendem a perspectiva do mundo e do humano como polifônicas. Ao tentar compreender as relações sociais da linguagem, Bakhtin traz à nossa discussão o conceito de polifonia. Neste texto buscamos refletir, com as muitas vozes que nos constituem, a importância desta teia de enunciações na nossa formação, enquanto professores, considerando o sujeito como único e lembrando que o “ser professor” é uma parte do sujeito que não se descola quando ele sai do ambiente escolar. Trazemos Bakhtin à conversa porque os conceitos que ele discute nos incitam a pensar e olhar a vida e nossas relações de forma diferente da que a hegemonia nos demonstra. A refletir sobre a necessidade dialógica do ser, a considerar a constituição do sujeito socialmente, através de suas interações e diálogos. Neste trabalho as conversas no cotidiano escolar são apresentadas como uma possibilidade de, ao ouvir o outro formar-nos e transformar-nos continuamente. Uma formação continuada em que as vozes sejam equipolentes e plenas, ao invés de momentos de “palestras de reciclagem” monológicas. A busca de um movimento de alargamento e alteridade no processo de formação de sujeitos professores, em que a imiscibilidade de consciências seja considerada. Uma lógica que suscita toda a complexidade do ser, mas também toda uma possibilidade de uma formação inicial e continuada mais significativas.

Palavras-chave: formação de professores, cotidiano escolar, conversas

Seminário de Boas Práticas na Escola

Rafaela Martins
prorafaela@hotmail.com
E.E Professora Magali Valério

Resumo: Há tempos pergunta-se sobre a atuação do Coordenador Pedagógico, considerando – o como importante articulador e transformador da realidade educacional . Neste sentido apresentamos o projeto de Intervenção desenvolvido na Escola estadual professora Magali Valério, percurso e resultados obtidos na ação que fortaleceu o trabalho entre coordenação e escola: O Seminário Interno de Boas Práticas docentes. Pensamos Seminário como uma instância de formação, onde se trata de questões importantes em sua ampla complexidade, faz com que os professores se tornem conscientes do seu trabalho, teoria e prática. A partir disto, decidimos incidir e analisar o percurso que incidiu em um trabalho com bons resultados. Buscamos Perscrutar peculiaridades que validam o sucesso de boas práticas dos docentes desta unidade escolar. O percurso de seleção, organização, planejamento para exposição oral, enfim todas etapas para apresentação do seminário interno foram realizadas em parceria entre os professores e a coordenação. Como diz Lerner, Délia ao procurar a informação necessária para preparar o texto da exposição, ao selecionar a informação mais importante e hierarquiza – lá, ao tomar notas, revisa-las conseguindo assim, aprimorar o texto a ser apresentado. As experiências vividas pelas professoras, de narrarem o vivido junto aos seus alunos, deram sentidos ao que se emerge do cotidiano escolar. Possibilitou uma experiência formativa muito importante para a relação coordenador e professor, de otimização , uma oportunidade impar de compartilhar entre os pares seus saberes, descobrindo – se capaz. Compreendendo as narrativas como gênero do discurso, este momento foi privilegiado aos professores, pois produziram saberes e conhecimentos socializando e trazendo junto suas concepções que emergem suas práticas, desenvolvendo a própria reflexão.

Palavras chaves: seminário; ATPC ; escola.



CAPA



SUMÁRIO

O que se encontra quando se encontram os sujeitos da formação: escrita de professoras residentes do Programa de Residência Docente do Colégio Pedro II

Luísa Guedes

luisaazevedoguedes@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Colégio Pedro II (CPII), RJ, Brasil.

Resumo: O programa de Residência Docente do Colégio Pedro II funciona desde 2012 como um programa de pós-graduação, cujos formadores são professores do Ensino Básico. Em linhas gerais, visa oferecer uma formação continuada que complemente a formação inicial do professor em exercício na Escola Básica das redes municipal e estadual do Rio de Janeiro e que contribua na sua atuação cotidiana. Ele surge em meio ao contexto de discussões acerca do professor pesquisador, do professor reflexivo e do professor iniciante. A pesquisa apresenta dados parciais de uma tese de doutorado, ainda em desenvolvimento, cujos objetivos são experimentar um currículo teórico-prático, que esteja de acordo com uma perspectiva dialógica de formação continuada de professores e investigar as possíveis reverberações dessas experiências de formação nos seus discursos profissionais. A formação é aqui concebida como um lugar de enunciação de discursos orais e escritos em suas múltiplas vozes. Do encontro entre os sujeitos da formação – alunos-crianças, alunos-professores e formadores-professores – tecem-se novos caminhos que podem contribuir para que professores encontrem suas formas de dizer sobre seu fazer docente. Este trabalho visou perceber se tal experiência de formação tem possibilitado aos professores estarem mais próximos de sua prática, num sentido autoral, de reflexão e de criação. Como recorte para este trabalho, foram analisados os memoriais circunstanciados de três professoras residentes da primeira turma da área dos Anos Iniciais. A escolha das professoras deveu-se ao fato de serem professoras iniciantes que concluíram a formação. Para o desenvolvimento das análises, apoiada em Bakhtin, busquei relacionar as questões por elas percebidas no seu cotidiano que mobilizaram a procura pelo programa com as reflexões sobre o seu trabalho durante o período de formação. Em seus textos, de maneira geral, elas apontaram deslocamentos vividos por elas e por seus alunos, sem deixar de produzir um olhar crítico sobre o programa.

Palavras chaves: residência docente; formação de professores; professor iniciante; dialogismo; escrita docente.

A contribuição da Provinha Brasil na atuação do professor alfabetizador

Celi Traude Kellermann
celitraude@hotmail.com
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS

Eliane Greice Davanço Nogueira
eg.nogueira@uol.com.br
Universidade estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

Resumo: Apesar da conquista democrática da universalização do ensino, não se conseguiu eliminar os obstáculos que dificultam a apropriação do conhecimento pelo aluno, a qual fomenta sua exclusão. O Sistema de Avaliação Nacional do Ensino Fundamental, dentre os quais está a Provinha Brasil, apresenta dados de desempenho bem abaixo do nível de ensino correspondente na alfabetização, o que gera críticas às ações implementadas na escola pública brasileira, com uma preocupação maior em melhorar os índices nacionais perante a comunidade internacional do que garantir um ensino de qualidade. Em busca de melhorar o nível de educação, governo fez grandes investimentos em formação continuada, no entanto os resultados continuam insatisfatórios. Nesta perspectiva, este trabalho procura contextualizar a alfabetização no Brasil, a forma como vem sendo avaliada através da Provinha Brasil e a sua influência na prática do cotidiano do professor. Para perceber esse efeito, o instrumento a ser adotado para esta investigação é a narrativa, a partir de uma entrevista, tendo como sujeito uma coordenadora de uma Escola da Rede Estadual de Ensino do Estado de Mato Grosso do Sul, que acompanha a vivência e a prática do professor em sala de aula. Conclui-se que a necessidade da Escola em alcançar índices e metas, o que a leva preocupar-se mais em alcançar índices e não habilidades avaliadas. No entanto, a Provinha Brasil tem contribuído para a reflexão do professor sobre sua prática, com um trabalho mais sistematizado e com foco no aprendizado do aluno.

Palavras-chave: avaliação; Provinha Brasil; alfabetização; formação docente.



CAPA



SUMÁRIO

Flagrantes de uma comunidade de leitores

Maria Teresa Cruz de Moraes
mtcmoraes@gmail.com
E.E.Conjunto Vida Nova III

Resumo: Esta apresentação tem o objetivo de partilhar o trabalho envolvendo situações de leitura realizado na E.E. Conjunto Vida Nova III no ano de 2013. Partimos da necessidade de trazer para dentro da escola a leitura como acontece fora dela, visando abarcar toda comunidade escolar em práticas de leitura, além de contribuir para ampliar as aprendizagens e o gosto pela leitura de nossos alunos. Sendo assim, muitas ações e reflexões foram possíveis a partir de algumas indagações como: Se queremos desenvolver a leitura com proficiência, que leituras e espaços temos em nossas escolas para que se realize? O que estamos oferecendo? Que investimentos temos feito em relação a práticas de leitura? Nossos alunos estão lendo o quê? Para quem? Quando? Como? No decorrer do trabalho direcionamos nosso olhar para os espaços de leitura que a escola dispunha, assim como analisamos o que as paredes da escola diziam acerca das práticas de leitura. Nessa perspectiva, a partir dos resultados observados a equipe gestora iniciou algumas ações para o desenvolvimento de uma comunidade de leitores como: organização de espaços, reconfiguração de velhos murais, definição de gêneros para serem trabalhados, mais pontualmente, nos diferentes anos para alimentar tais espaços. Pais, alunos, funcionários e gestão foram envolvidos por considerarmos a leitura um conteúdo importante a ser ensinado. Durante o trabalho foi possível, registrar alguns flagrantes desta comunidade de leitores, um fato que acabou por dar nome ao nosso projeto de intervenção. Todos perceberam a importância da participação, o trabalho foi muito bem aceito e as crianças foram as maiores beneficiadas, pois descobriram o prazer da leitura dentro e fora da escola. Uma ação simples e possível que possibilitou inclusive o fortalecimento do trabalho do professor e do coordenador como formador dentro da escola. Como acontece em muitas escolas o quadro de professores se renova e sempre há a necessidade de retomar com o grupo a continuidade do projeto.

Palavras-chave: leitura, práticas leitoras, comunidade leitora, formação docente

A prática da leitura privilegiada como exercício alteritário na pesquisa

Liana Arrais Serodio
laserodio@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Claudia Roberta Ferreira
clauferreira72@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP; Fundação Bradesco

Resumo: As pesquisas de um grupo de pesquisa em uma faculdade de educação em uma universidade pública paulista têm sido produzidas em metodologia qualitativa denominada pesquisa narrativa. Seu tema principal é a formação discente e docente e são geralmente realizadas por pesquisadores/as da própria prática, invariavelmente profissionais da educação em relação direta com os sujeitos produtores da objetividade da pesquisa. Assumindo a pesquisa de maneira não neutra, como sujeitos participantes do contexto de produção narrativa, comumente entramos em contato com os acontecimentos estudados enquanto acontecem outros, muitas das vezes narrados e integrados aos objetos de pesquisa, quando a sua relevância para a pesquisa se impõe ao pesquisador. Nesse processo (form)ativo-participante de produção das narrativas e das narrativas dos processos narrativos da pesquisa, na busca encarniçada de dar forma a uma intuição, expressão a uma impressão, imagem a um excedente da visão estética, emerge a noção de escrita-evento como produtora de conhecimento. Apresentamos ao diálogo o papel da prática da leitura privilegiada como um instrumento potente nesse processo de pesquisa narrativa em sua radicalidade, onde além de produzirmos narrativas, levarmos nossos sujeitos de pesquisa a produzi-las, reconhecemos a narrativa como o modo humano de pensar, realizarmos nosso texto final em forma narrativa e durante o tempo da pesquisa, que pode começar muito antes do tempo institucionalizado dentro de um programa de pós-graduação, procedermos a interpretações metanarrativas ou meta-análises narrativas, para que o pesquisador possa retornar de sua viagem, acolhido pelo reconhecimento do olhar do outro.

Palavras-chave: pesquisa narrativa; excedente de visão; leitura privilegiada; escrita como evento



CAPA



SUMÁRIO

Quando as palavras contam a matemática: uma experiência de formação de formadores

Maria Ângela de Melo Pinheiro
mariapineiro.2005@uol.com.br
Formadora PNAIC – Professora aposentada da Rede Municipal de Ensino de Campinas

Adriana Stella Pierini
adstpier@gmail.com
Formadora PNAIC – Orientadora Pedagógica aposentada da Rede Municipal de Ensino de Campinas

Resumo: Esta sessão de comunicação pretende relatar parte da experiência vivida por duas profissionais da área da educação no lugar de formadoras de Língua Portuguesa do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) nos anos de 2014 e 2015. Em parceria com os colegas da área de Matemática, desenvolveram o trabalho de formação com os grupos de Orientadores de Estudos (OEs) de professores atuantes em classes dos três primeiros anos do ensino fundamental, tendo como foco a alfabetização na perspectiva do letramento no que se refere à Matemática. Os pressupostos deste trabalho se ancoram na centralidade da formação a partir dos sujeitos, no acolhimento da singularidade nos processos formativos e na afirmação do conhecimento produzido na/com a escola, apresentando reflexões acerca da importância da escrita como potente dispositivo reflexivo sobre a prática profissional. A partir da análise das escritas produzidas pelos (as) Orientadores (as) de Estudos sobre os encontros de formação, podem ser observados aspectos significativos quanto à sua forma e conteúdo que nos remetem à reflexão sobre a interdisciplinaridade, sobre a constituição de vínculos que tecem a identidade de um grupo de trabalho e sobre a prática do registro reflexivo como elemento fundamental para a construção do conhecimento sobre o trabalho cotidiano.

Palavras-chave: formação continuada; escrita de professores; reflexão sobre a prática

Docência e discência – corpo, arte e natureza na Educação infantil

Isis Lucena Carvalho
isislcp2@gmail.com
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Resumo: O presente trabalho se propõe a analisar e refletir sobre o curso de extensão “Educação Infantil: arte, corpo e natureza”, oferecido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), em parceria com o Ministério da Educação (MEC), tendo como público alvo docentes de Educação Infantil (creches e pré-escolas) do município do Rio de Janeiro. Este projeto de extensão foi realizado em duas edições. A primeira, no segundo semestre de 2013 e a segunda, no segundo semestre de 2014. A metodologia proposta pelo curso, teve por objetivo oferecer aos professores, vivências práticas que articuladas com referencial teórico apresentado, pudessem ser incorporadas à prática docente. Por entender que a dinâmica interna deste curso, que visa contribuir para a consecução das políticas públicas de formação de profissionais de magistério da educação básica, proponho discutir sua relevância na contribuição efetiva da prática docente destes profissionais de educação. Como instrumentos de análise para apresentação desta proposta, farei uso de materiais recolhidos ao longo do curso, tais como: questionários, diários de bordo, albuns e entrevistas com discentes. Para refletir sobre as indicações legais que respaldam a necessidade de formação estética das crianças, utilizarei os documentos que normatizam a educação infantil, refletindo sobre suas implicações legais, a fim de tornar clara a importância desta formação docente.

Palavras-chave: docência, formação de professores, educação infantil



CAPA



SUMÁRIO

Narrativas e alteridade entre professores de educação infantil: o Programa de Residência Docente do Colégio Pedro II

Camila Machado de Lima
camila.cmlima@hotmail.com
Colégio Pedro II - RJ

Resumo: O Programa de Residência Docente do Colégio Pedro II é um curso de especialização, apoiado pela Capes, que tem como público-alvo professores de redes públicas de ensino, recém-formados e/ou com menor idade. Seu objetivo principal é contribuir para a melhoria da prática destes docentes em suas escolas de origem e nas suas áreas específicas. Os professores residentes são acompanhados por professores supervisores que são efetivos no Colégio Pedro II. Este trabalho se interessa pela relação residentes e supervisoras da área de Educação Infantil, compreendendo o vínculo entre elas como parceria indispensável na formação docente. As perguntas que motivaram a pesquisa foram: O que provoca nas professoras supervisoras os olhares das professoras residentes a respeito de sua prática? O que provoca nas professoras residentes os olhares das professoras supervisoras a respeito de sua prática? Que saberes emergem dessa relação de alteridade? Defendendo a conversa como procedimento metodológico, as narrativas produzidas através dela pelas residentes e supervisoras, acerca do olhar do outro, apontam a potência do estranhamento, dos sentidos múltiplos construídos com as crianças no cotidiano escolar e dos saberes constituídos no processo formativo entre pares docentes. Desse modo, o olhar do outro aparece como fonte de partilha de experiências e de produção de saberes sobre a própria prática.

Palavras-chave: programa de residência docente; conversa; alteridade; formação docente

“Teacher, há uma barreira entre nós”

Dirlaine Beatriz França de Souza
dirlainebeatriz@hotmail.com
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - UEMS

Resumo: Este diálogo tem como objetivo partilhar a experiência docente ocorrida em uma escola estadual do noroeste paulista durante o ano de 2014. Eu ministrava aulas de Língua Inglesa em dezesseis salas de aula, com duas aulas semanais de cinquenta minutos, ao todo, quinze salas do ciclo II no ensino fundamental e uma sala no ensino médio e foi, mais especificamente, em um sétimo ano/sexta série, durante o terceiro bimestre do ano letivo, que alguns alunos deram-me um susto, pois deparei-me com o seguinte posicionamento: “_ Teacher, há uma barreira entre nós”. Este fato inesperado desestruturou-me, fez com que eu me sentisse impotente, por isso, despertou-me para o estabelecimento de uma parceria com a coordenadora pedagógica. A primeira ação desenvolvida pela coordenadora pedagógica foi a proposta de uma produção escrita pelos alunos que quisessem, para serem entregues a mim como espaço revelador da barreira que mencionavam. Dos 31 alunos que compunham a sala de aula, 19 escreveram. De posse desses instrumentos, as análises foram organizadas em dois eixos construídos a posteriori, a saber: a professora que eles enxergavam e as especificidades da barreira. Nesse processo, os alunos foram identificados em números de 01 a 19, porque a identificação do nome na escrita foi opcional. Dessa forma, dispus-me a ouvi-los, considerando uma escuta alteritária e sensível para se identificar as fragilidades de minha atuação/formação. Todavia, as reflexões foram construídas acerca da ótica dos alunos, pessoas em formação que desconhecem o fazer docente e suas peculiaridades, mas que podem contribuir significativamente para este. Por fim, alguns sentidos produzidos por esta vivência serão compartilhados no espaço de diálogo que buscam articular a tríade: formação docente, ensino de língua inglesa e relação professor-aluno.

Palavras-chave: formação docente; língua inglesa; relação professor-aluno; escrita narrativa.

Saberes experienciais na formação continuada de professoras e professores alfabetizadores a partir do PNAIC

Sabrina Garcez
sasagarcez@gmail.com
Prefeitura Municipal de Porto Alegre - RS

Magda Raquel D'Ávila Pereira
mrdpereira5@bol.com.br
Prefeitura Municipal de Porto Alegre - RS

Resumo: A formação continuada de professores das redes municipais e estadual de ensino no Rio Grande do Sul, proposta pelo Pacto Nacional pela Alfabetização da Idade Certa PNAIC, através de uma parceria entre o MEC e as Universidades Federais com os demais entes públicos municípios e Estados se propõe a revisitar aspectos teóricos a partir dos saberes experienciais de professores alfabetizadores, com objetivo de garantir a alfabetização de todas as crianças até os oito anos de idade. Experiência e análise da trajetória da formação continuada, enquanto formadoras da Universidade Federal de Santa Maria UFSM, junto ao polo de formação localizado no extremo Norte do RS município de Santa Rosa e os desdobramentos da formação enquanto ação continuada. Embora sem resultados estatísticos provando os avanços alcançados pelo PNAIC desde sua implantação em dezembro de 2012, enquanto um política pública nacional, em alguns municípios e instituições que acompanhamos como formadoras da UFSM no Estado do Rio Grande do Sul, é possível perceber diferenças significativas na ação docente, com a inclusão de ambientes mais alfabetizadores, a leitura deleite como prática cotidiana e o lúdico sendo privilegiado no espaço escolar. Ainda, quanto às crianças, percebe-se que as vivências lúdicas, voltadas ao corpo e a exploração do espaço, proporcionam aprendizagens para além da simples decodificação da alfabetização por métodos, tornandoos sujeitos participantes e apropriados de seu próprio processo de aprendizagem.

Palavras-chave: formação continuada alfabetização PNAIC saberes docentes.

Considerações sobre a importância do relatório de Estágio no processo formativo do licenciando em Geografia

Monique Fernanda Setin
monique_setin@yahoo.com.br
Universidade Estadual Paulista - UNESP - Rio Claro

José Renato Ribeiro
josereneratorbr@gmail.com
Universidade Estadual Paulista - UNESP - Rio Claro

Resumo: O presente trabalho busca relatar as considerações feitas em nosso relatório final de Estágio Supervisionado IV cuja proposta era expor as situações que marcaram o nosso processo formativo, dentre as quais, a forma como as disciplinas são planejadas e ministradas pelos docentes, exibindo uma verdadeira lacuna entre o bacharelado e a licenciatura. Explicando de forma sucinta a estrutura do relatório aqui apresentado é buscar relatar são as reflexões acerca da formação inicial que nós, enquanto alunos licenciados do curso de graduação em Geografia têm construído até o momento, através de disciplinas comuns e outras específicas às modalidades licenciatura e bacharelado. Pensando numa perspectiva histórica de construção do ser social, entendemos essa construção enquanto um processo contraditório, resultado de uma dinâmica social marcada por contrastes e desigualdades profundas. O resultado final do relatório é expor considerações importantes e conclusivas sobre a nossa formação. Dessa forma, em um primeiro momento é importante entender a Geografia enquanto uma ciência que estuda a construção do espaço social ao longo do tempo e que demonstra as diferentes determinações e contradições presentes na sociedade. O ensino de Geografia nesse sentido deve considerar que o conhecimento ensinado na escola deve fazer sentido ao aluno, através do esforço em se conhecer estes através de uma relação alteritária e entendendo o contexto histórico na qual ele esta inserido. Ao pensar a importância do ensino de Geografia na escola percebemos a sua contribuição no que tange a formação do aluno com senso critico, atuantes na sociedade e comprometidos com a construção de um espaço mais justo e igualitário. Assim, o ensino de geografia defendido por nós deve privilegiar a construção social do aluno e possibilita-lo que transcenda as suas contradições por meio de seu desenvolvimento enquanto sujeito histórico.

Palavras-chave: escola; ensino; geografia.



CAPA



SUMÁRIO

Metanarrativas bakhtinianas: uma etapa dos estudos do GruBakh

Liana Arrais Serodio
laserodio@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Guilherme do Val Toledo Prado
toledo@unicamp.br
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo: Apresentamos um projeto de pesquisa vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC), da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP-SP), denominado Grupo Bakhtiniano (GruBakh), com o propósito de compartilhar uma etapa de nossos estudos. O objetivo específico é aprofundar alguns conceitos bakhtinianos na busca de compreensão da pesquisa narrativa como a temos realizado no Gepec. No percurso de estudos e reflexões com os participantes, durante o ano de 2014 e início de 2015, a indicação da leitura da obra “Por uma filosofia do ato responsável” fomentou outras leituras e outros debates. Nossas reflexões têm nos ajudado a reafirmar que as narrativas de acontecimentos experienciados por seus autores carregam sentidos da vida realmente (con)vivida. Além disso, favorecem o entendimento de que narrar as experiências possibilita um acabamento estético de um ato ético de professores e outros profissionais da educação que se colocam inteiros no que fazem, possibilitando a realização, na unidade da sua responsabilidade, da impossível interpenetração do mundo da cultura (Filosofia, Artes, Ciências) e do mundo prático (do cotidiano). Em nossa vida diária não pensamos abstratamente a cada ato realizado. Ao narrarmos, implicados com o outro, por quem não somos indiferentes, produzimos um artefato cultural que imbrica o que vivemos e o que pensamos do que vivemos. Isso que reconhecemos porque sentimos em nosso corpo, em nosso pensamento e em nossos sonhos, somos responsivamente impelidos como o poeta a seus poemas, o compositor à sua música, a compartilhar nossas escritas autorais. Assim, chegamos às nossas pesquisas, assim planejamos nossas aulas... impelidos pelas relações com quem e para quem produzimos nossas aulas ou nossas pesquisas. Com essa lição, nos colocamos o desafio de fazer narrativas das narrativas, metanarrativas bakhtinianas.

Palavras-chave: estudos bakhtinianos; pesquisa narrativa; formação docente

(Foto)grafando e (des)velando infâncias

Andréia Regina de Oliveira Camargo

alglmachado@gmail.com

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP - Rio Claro; Prefeitura Municipal de Sorocaba - SP

Resumo: Considerando que nossas concepções orientam nossas práticas, e que os modos que concebemos a infância impactam as formas como trabalhamos com as crianças, a presente pesquisa propõe desvelar e compreender as concepções de infância implicadas nas fotografias registradas pelos professores da creche na qual atuo como diretora, como possíveis disparadoras de reflexões. Dialogando com o referencial teórico das ideias filosóficas da infância, e as relacionadas à leitura de imagens fotográficas, buscarei deflagrar novos olhares, velar pela infância e disparar reflexões sobre as práticas e as relações de ensino no/do/com o cotidiano escolar. Evidenciarei a importância das imagens fotográficas no cotidiano escolar para além da mera ilustração, disparando possibilidades de produção de registros, documentos, linguagens, sentidos; como fonte de conhecimento, descoberta, formação, informação, atenção e memória; desvelar de concepções e ações, descoberta e compartilhar de experiências pedagógicas que enriqueçam cada vez mais o cotidiano escolar; espaçotempo de encontro de saberes, no qual professores aprendam a olhar, compreender, ver e intervir no cotidiano. Nesse sentido, investirei nas fotografias registradas pelos professores como uma forma de dar visibilidade, refletir e discutir os modos de fazer desses profissionais no cotidiano escolar, alterando a lógica dos lugares ocupados, abrindo espaço para a discussão sobre as práticas efetivadas e oportunizando a construção de novos sentidos sobre a infância e a educação.

Palavras-chave: infância; fotografias; cotidiano escolar; formação docente.



CAPA



SUMÁRIO

Formação e prática docente em Língua Portuguesa na Universidade Nacional de Timor-Lorosaé: relato da experiência codocente

Samuel Penteado Urban
samuelurban15@yahoo.com.br
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Resumo: Desde a decisão pela oficialização da Língua Portuguesa em 2002, o Timor-Leste vem buscando políticas destinadas a sua difusão, a partir de cooperações internacionais, dentre as quais se destacam as cooperações brasileira e portuguesa. A cooperação brasileira, pela qual exerci atividades durante 18 meses sendo 2 semestres na Universidade Nacional de Timor-Lorosaé (UNTIL), possui como foco principal a formação de professores em diversos níveis das instituições de ensino timorenses através da Língua Portuguesa. Nesse sentido, o presente relato visa destacar alguns pontos referentes ao trabalho codocente realizado na Faculdade de Ciências Sociais e Políticas da UNTL a partir de uma visão freireana sobre o processo de co-laboração envolvendo aí, o diálogo. Os resultados aqui se baseiam exclusivamente numa experiência que gerou alguns apontamentos. A atividade codocente foi realizada durante o ano de 2014 no âmbito de seis disciplinas, com destaque para a disciplina de História Geral e de Timor-Leste ministrada na turma de Desenvolvimento Comunitário. No desenrolar da atividade, houve alguns desafios e o principal deles foi a dificuldade com a língua. Acredita-se, após essa experiência, que o trabalho codocente não é algo estanque, mas um processo de ensino e aprendizagem relacionado com a formação e a prática docente, no qual os envolvidos ensinam e aprendem juntos.

Palavras-chave: codocência; formação docente; prática docente; trabalho colaborativo; Língua Portuguesa

Como me mostro professora: o discurso imagético sobre práticas pedagógicas

Denise Rezende Barboza
rezende.denise16@yahoo.com.br
Bolsista CAPES-PDSE, Universidade Federal do Rio de Janeiro -UFRJ, Colégio Pedro II (CPII), RJ, Brasil.

Resumo: Este trabalho apresenta a análise inicial de dados de uma pesquisa de doutorado em andamento sobre a formação continuada de professoras alfabetizadoras em interlocução numa rede social. Analisa-se, nesta proposta, o discurso das professoras a partir das fotografias que utilizam para apresentar suas práticas em arquivos de apresentações de power point projetados nos encontros presenciais e postadas no grupo virtual do facebook. Roland Barthes, em seu livro “A Câmara Clara”, nos chama a atenção para o fato de que a realidade nunca coincide com a imagem, portanto não pode ser considerada registro dela. O autor cita algumas possíveis funções para sua utilização: informar, representar, surpreender, fazer significar, dar vontade (BARTHES, 1984.p.48). A fotografia, para Barthes, pode ser considerada o “advento de mim mesmo como outro”. Tal formulação contribui para entendermos o processo de produção do discurso das professoras. Assim como escolhem palavras para compor seus discursos, as professoras escolhem as fotos que utilizarão, selecionando o que querem mostrar das suas identidades pedagógicas. Nesse processo de mostrar e esconder como na foto-retrato descrita por Barthes, passeiam por diferentes imaginários: aquele que me julgo, aquele que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo me julga e aquele de que ele se serve para exibir sua arte. Esses imaginários parecem ajudar a pensar as publicações das professoras no facebook, bem como suas seleções das imagens que comporão seu discurso na/para a apresentação de suas práticas na formação (BARTHES, 1984).

Palavras-Chave: fotografia; subjetividade docente; professoras alfabetizadoras

Olhares trans-formados pela experiência da diáspora acadêmica

Bianca Fiod Affonso
biaffonso@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Júlia Nunes Tsuda
ju.nunes.t@hotmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Mariana Teixeira Vasconcelos
maritvascon@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo: Durante o primeiro semestre de 2014, nós, estudantes do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UNICAMP, participamos do programa de intercâmbio UNIBRAL para a Alemanha, coordenado pelo professor Rogério Moura, com bolsa de estudos fornecida pela CAPES. Estudamos e moramos na cidade de Siegen, localizada no estado da Renânia do Norte. O projeto intitulado “Pegadas de professores na diáspora da formação inicial”, do qual nosso intercâmbio fazia parte, previa aulas da língua estrangeira, disciplinas do curso de Pedagogia – Inclusão e Desenvolvimento do Sujeito, bem como algumas atividades de estágio, que foram realizadas em uma escola de ensino primário multisseriada, localizada nas proximidades de Siegen. As experiências formativas vivenciadas em outro continente enriqueceram sobremaneira a nossa formação inicial, possibilitando expandir nossos olhares sobre o campo educacional, conhecer um diferente sistema de ensino, ampliar nossas concepções sobre educação, explorar diferentes aspectos culturais, a partir da troca de saberes e experiências com nativos e outros intercambistas, bem como refletir sobre a educação no Brasil considerando parâmetros internacionais. Morar, estudar, pesquisar, estagiar e, acima de tudo, viver em outro país, trans-formou os olhares de cada uma de nós, para além da educação, trans-formando nossos modos de ver, ouvir e sentir, as pessoas e o mundo.

Palavras-chave: intercâmbio; experiência; formação.

Ateliê de Arte na Escola: O osso esconde o coração

Luciana Mendes Velloso
luclavebr@yahoo.com.br
Escola Guignard; Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG

Rosvita Kolb Bernardes
rosvitakolb@gmail.com
Escola Guignard; Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG

Resumo: O trabalho que propomos para esta partilha fala de um ateliê de arte talhado por muitas mãos. Um ateliê desejado em muitos sonhos, um ateliê construído dentro de uma escola do ensino fundamental da rede pública na cidade de Belo Horizonte. A proposta de concepção e montagem deste espaço nasceu em 2013/2014 em parceria com a Secretaria Municipal de Educação da cidade de Belo Horizonte, junto com a Escola Guignard/UEMG. O caminho escolhido foi não só o de investir na construção de um espaço dentro da escola formal que pudesse se dedicar à arte e seu ensino, como também um espaço-campo para formação continuada dos estudantes do curso de Licenciatura em Artes Plásticas, da Escola Guignard/UEMG. Campo em que experimentação, estímulo, partilha e reflexão foram o fio condutor. O que é ser professor de arte? Por que a arte e seu ensino solicitam um espaço específico? Como seria o professor pesquisador em arte? O que é um ateliê de arte? Como organizar um espaço na escola, onde ambientação, estética, adequação do mobiliário e a disponibilidade de material, podem propiciar às crianças, professores, pais e comunidade a experiência, vivência e a construção de conhecimento em diversas expressões artísticas. Estas foram algumas das questões que permearam nossa prática, nosso cotidiano, nossa experiência vivida neste projeto. Ao chegarmos na escola nos deparamos com uma paisagem de paredes de tijolos: expostos, refratários, vazados. Tijolos de argila cozida, terracota. Da janela, do espaço onde seria então o ateliê, o morro, casinhas aglomeradas, subindo a serra, deixando à vista sua pele tijolo terra-cor. Então, pensamos quem sabe da terra, do tijolo, não começamos essa história? Assim decidimos pela cerâmica, erguer as paredes da nossa casa ateliê onde o osso esconde o coração!

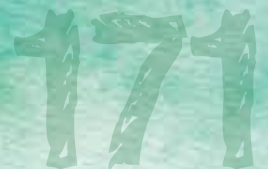
Palavras Chave: formação docente; arte; ateliê; educação estética



CAPA



SUMÁRIO



O teu olhar trans-porta o meu?

Glória Pereira da Cunha
glocunha@yahoo.com.br
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo: O teu olhar trans-forma o meu?

Não definitivamente não, um não redondo é a resposta, mas a culpa de tudo é sua e de sua pergunta; poderias ser mais modesto e comum, mas a transformou e agora aí está ela, trans-Formada e me obrigando a dar uma resposta que não gostas mesmo de ouvir: não, não e não mesmo.

Certo, o teu olhar tem lá certa importancia para o meu, não nego e nem nunca neguei o tal o Efeito Borboleta, mas alto lá, ele não tem esse poder todo que queres e menos ainda a culpa: do barro do teu olhar, não saí, eu!

TraduçãoTradiçãoTraiçãoTranscriçãoTrans-criação

Interpretar é traduzir, uma negociação entre a transcrever e trair, apimentada pela tradição e seus inúmeros sabores. Interpretar é entender, é olhar de tal forma que o novo surge, transcrito pela viagem do olhar do intérprete.

O professor é um intérprete!

O alheio, o outro que tenho que entender é aquele pra quem falo e não aquele que escreveu a música ou o livro. A partir do entendimento deste alheio dou forma à aula, que nasce assim, como produto/filha de nós dois, deste encontro para ao final morrer; a próxima aula será uma aula diferente, sempre reinterpretada. Ensinar gera infinitos saberes quando é encontro entre olhares e não a restrita informação sobre o valor quantitativo de 2+2.

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem, isso quem disse foi Bakhtin e Guilherme Prado transcriou dizendo que Só eu vejo como vejo, está no folder do FALA. Concordo! Então Para chegar ao outro é preciso criar empatia com o outro que me olha, me colocar no seu lugar, ver com seus olhos, mas o olhar de Hitler trans-forma o meu?

Palavras-chave: formação de professor, professor intérprete, saberes docentes, trabalho de tradução

Entre fios e tramas, a confecção de uma peça: eu e minha identidade

Errivaine Aparecida Ferreira Gomes
errivaine@yahoo.com.br
Secretaria Estadual da Educação - MS

Resumo: Este memorial é fruto do trabalho de conclusão da disciplina Formação de Professores no Brasil, na pós-graduação stricto sensu da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul/MS. Tem como objetivo identificar, por meio de minhas experiências, enquanto professora, a construção de minha identidade profissional. Para isso, utilizei-me de meu memorial formativo, enquanto instrumento de pesquisa e de formação. Com ele, acredito, pude retratar a minha história dentro de um espaço-tempo, tempo esse que também é histórico e nessa perspectiva acredito que as histórias de vida se entrecruzam e podem ser recontadas contribuindo para a construção identitária de outros professores.

Palavras-chave: identidade profissional; memorial formativo; professores



CAPA



SUMÁRIO

Formação da prática docente: construção da alfabetização científica de práticas de leituras interdisciplinares

Jacinto Pedro Pinto Leão
jacintoleao@yahoo.com.br
Universidade Federal de Rondônia - UFRO

Janine Fêlix da Silva
janinesilva@hotmail.com
Universidade Federal de Rondônia - UFRO

Sandra Andréa de Miranda
andrea.eadunir@gmail.com
Universidade Federal de Rondônia - UFRO

Rosemeire Ferrarezi Valiante
rosevaliante@hotmail.com
Universidade Federal de Rondônia - UFRO

Resumo: O presente estudo objetiva apresentar a experiência prática dos acadêmicos dos cursos de licenciatura em Letras e Pedagogia, na construção de alfabetização científica de práticas e de saberes de processos de leituras interdisciplinares do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, do Campus de Guajará-Mirim/RO. Desde março de 2014, no subprojeto interdisciplinar do PIBID, são construídos, com os acadêmicos-bolsistas dos cursos de Letras e Pedagogia, processos de alfabetização científica das práticas de leituras interdisciplinares que desenvolve ações didáticas e pedagógicas de ampliação da leitura e interpretação de textos e contextos mediante à alfabetização científica, aos alunos de três escolas da rede pública de ensino, sendo duas municipais de ensino infantil e fundamental e uma escola estadual de ensino fundamental, todas do município de Guajará-Mirim/RO. Os resultados evidenciam que a formação da prática docente de alfabetização científica tem ampliado a formação inicial dos acadêmicos e, também intensificado a alfabetização dos alunos das escolas da rede pública de ensino no que se refere à leitura interdisciplinar de textos e contextos. A formação constante da prática docente de alfabetização científica é construída no incessante fluxo da vida cotidiana, tendo as práticas de leituras interdisciplinares das linguagens de textos e contextos, para apreender os sentidos e os significados das palavras faladas, escritas e caladas, intencionalmente, dentro e fora das instituições de ensino e das políticas públicas de educação.

Palavras-chave: formação da prática docente; alfabetização científica; leitura.

Práticas educativas e formação de educadores

Débora de Lima Marreiro
escolatotal@santos.sp.gov.br
Prefeitura Municipal de Santos - SP

Resumo: O Programa Escola Total surgiu em 2006, com o desafio de implementar a Educação Integral no município de Santos. A Educação Integral tem sido um ideal presente na legislação educacional brasileira e nas propostas voltadas à educação em nosso município. A ampliação do tempo na escola não garante por si só a integralidade do desenvolvimento do aluno. Faz-se necessário promover a sua essência e construir uma educação que emancipe e forme o indivíduo em uma perspectiva humana global que considere suas necessidades educativas e sociais. A educação integral prevê uma nova organização curricular que compreenda as necessidades da comunidade escolar, propicie a participação comunitária, valorize as características do entorno em uma gestão democrática e emancipatória. Para garantir a concepção e premissas em que estão pautadas o Programa de Educação Integral, a Equipe de Orientação Pedagógica do Programa elaborou uma matriz de avaliação e monitoramento com indicadores em cinco dimensões da qualidade do Programa. Ao final da avaliação analisaram os dados e compararam com dados oficiais do IDEB por escola para que se tivesse uma avaliação externa como elemento comparativo. Enfim, o desafio é imenso, mas as ações voltadas à realização dessa proposta de educação integral, democrática e participativa já começaram a dar os primeiros indícios de que esse é o melhor caminho. Para ampliar a vivência sociocultural, as atividades realizadas na ampliação da jornada são desenvolvidas em três eixos: Desporto, Artes e Orientação Pedagógica. Há inúmeras possibilidades de trabalho e oficinas voltadas a esses eixos, considerando as condições físicas das escolas e dos espaços, a faixa etária dos alunos atendidos e a possibilidade de adequação dos espaços.

Palavras-chave: avaliação; monitoramento; qualidade em educação integral



CAPA



SUMÁRIO

A constituição do habitus e do capital cultural de professores-mestres da primeira turma do mestrado profissional da UEMS

Sandra Novais Sousa
sandnovais@hotmail.com
Secretaria Estadual de Educação - MS

Resumo: Este trabalho se apresenta como uma pesquisa empírica qualitativa, que pretende analisar a constituição do habitus e o desenvolvimento do capital cultural de cinco professores mestres egressos da primeira turma (2012-2014) de Mestrado Profissional da UEMS, participantes do Grupo de Estudo e Pesquisa em Narrativas Formativas (GEPENAF) e atuantes em diferentes níveis da educação escolar (Educação Infantil, Educação Básica, Educação Superior). A pesquisa empírica se valerá de narrativas autobiográficas interpretadas hermenêutica e epistemologicamente por meio das categorias de análise social defendidas por Bourdieu, com destaque para os conceitos de habitus e capital cultural.

Palavras-chave: habitus professoral; capital cultural; narrativas autobiográficas; mestrado profissional; grupos de pesquisa

O olhar do professor formador de professores: relato de experiência

Alda Mendes Baffa
aldambaffa@osite.com.br
Universidade Metodista de São Paulo - UMSP

Resumo: A história começa longe. Nesta caminhada pelo magistério como professora alfabetizadora, professora de ensino médio e professora formadora de professores, prestei muita atenção na troca de olhares e palavras entre alunos e professores. São olhares e palavras que nos transformam e nos completam, como seres incompletos que somos. Para que isto aconteça o olhar e as palavras do professor precisam interagir e estabelecer o grande diálogo com seus alunos. Olhares que os complementem, porque só o outro pode me olhar e me ver de um jeito que eu não posso me ver. E assim completar os seus alunos no dialogismo das palavras que os toquem e os transformem em seres sensíveis a um processo dialógico e transformador que é a Educação. É preciso que reflitam sobre a importância dessa interação feita com amorosidade, quando o olhar e a palavra do professor chegam ao aluno e ligam-no ao mundo de uma maneira amorosa, democrática, dialógica. O olhar do professor (e outros olhares dos outros pela vida afora) é uma “atividade constitutiva” do sujeito, que se forma e se completa neste tipo de interação. Então indagamos: qual o papel do outro na formação do sujeito? Ele forma e transforma o sujeito, visto que o olhar do outro e suas palavras penetram literalmente no indivíduo, nas suas relações de colaboração e nos encontros fortuitos de sua vida cotidiana.

Palavras-chave: formação de professores ; incompletude do sujeito; transformador



CAPA



SUMÁRIO

EIXO 2

Sessões de Diálogos

Cotidiano e práticas educativas

Compartilhar vivências e experiências que acontecem no cotidiano escolar, as práticas educativas ali desenvolvidas e registradas de múltiplas formas e que vão constituindo o acontecimento dos sujeitos da escola.



CAPA



SUMÁRIO

CONTÉUDO

Dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita: uma perspectiva de compreensão

Aline Gasparini Zacharias
aline.gasparini15@gmail.com
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP - Campus Rio Claro

Andréia Osti
andrea.osti@gmail.com
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP - Campus Rio Claro

Resumo: Este trabalho é parte de uma pesquisa¹ que objetiva compreender o processo de aprendizagem da leitura e escrita, por meio da análise das dificuldades de aprendizagem apresentadas por alunos em processo de alfabetização. A pesquisa se baseia na perspectiva qualitativa e procura investigar como a temática vem sendo discutida no contexto brasileiro. Atualmente, há uma crescente demanda de alunos que não conseguem ser alfabetizados no decorrer do ano letivo, ou que apesar de estarem alfabetizados apresentam considerável defasagem em sua produção escrita. Essa realidade direciona essa pesquisa na busca de melhor compreensão sobre esse fenômeno. O desenvolvimento do trabalho pautou-se em pesquisa bibliográfico-documental. Primeiramente buscou-se explorar a produção acadêmica dos últimos cinco anos que tratam sobre o tema, de modo a se ter uma visão em menores proporções do panorama geral sobre a temática no Brasil, diante disso, não foi abordado o ensino e a mediação. Em um segundo momento surgiu a necessidade de compreender quais são as dificuldades específicas desses alunos e quais suas características. Para tanto, realizou-se a análise da produção escrita de um grupo de crianças do Ensino Fundamental de escolas públicas de Rio Claro, através de intervenção pedagógica, que participam do projeto de extensão intitulado “Formação de Professores para Atendimento Educacional Especializado a alunos com Dificuldade de Aprendizagem”², buscando compreender teoricamente e na prática, o que configura essa dificuldade de aprendizagem. Esta pesquisa levará ao entendimento das necessidades dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita e dos meios, recursos e metodologias que devem ser adotados para possibilitar a esses indivíduos a superação destas dificuldades, viabilizando assim o desenvolvimento e aprendizagem efetiva. Não obstante, compreende-se como algo essencial o entendimento do conceito de dificuldade de aprendizagem específica em leitura e escrita, e dos processos que envolvem sua superação no âmbito educacional.

Palavras-chave: dificuldade de aprendizagem; desempenho escolar; leitura; escrita; alfabetização.

Além dos muros da escola: reconhecendo a cidade

Pedro Henrique Oliveira Gomes
geografopedro@gmail.com
Escola Sá Pereira -RJ

Resumo: A cidade é o espaço privilegiado para encontros, para as convergências, intervenções, para lutas, para a relação com alteridade e para aprendizagens. Porém, nos últimos tempos, a cidade e a rua foram demolidas e marginalizadas por práticas de privatização do espaço público e/ou pela autosegregação nos espaços privados como condomínios residenciais e centros comerciais sofisticados. O desdobramento deste fenômeno na escola foi o aumento do cercamento dela e o afastamento dos alunos das práticas espaciais no espaço público. Pensando nisso, a proposta deste trabalho é chamar atenção para práticas escolares que rompam com o pensamento único das práticas escolares entre muros e relatar uma experiência de ensino-aprendizagem que privilegia o viver a cidade e as relações que nela podem ser potencializadas. Para isso, além de uma justificativa teórica, vamos explorar a experiência dos alunos de nono ano da Escola Sá Pereira durante um estudo de campo pela zona portuária do Rio de Janeiro realizado anualmente, na qual, além de estudar o projeto Porto Maravilha, eles tiveram a oportunidade de conhecer o desconhecido e estabelecer novas relações com a cidade em que moram e se relacionam. Neste trabalho, os alunos praticaram uma série de procedimentos de pesquisa que estimularam o ganho de autonomia no estudo, bem como puderam conhecer novas ferramentas para analisar o espaço geográfico – indo além dos registros do caderno e dos textos informativos. Analisando a experiência da prática escolar, avaliamos como positiva para sensibilizá-los para as demandas sociais, como uma boa oportunidade para conhecer o outro (lugares e pessoas) e como uma ampliação da concepção das práticas escolares, ou seja, uma prática escolar na cidadania. Acredita-se que o processo de ensino-aprendizagem tornou-se mais significativo para os alunos.

Palavras-chave: Cidade; estudo de campo; aprendizagem significativa; Porto Maravilha; espaço público.

Formação de professores continuada. Onde, como acontece?

Elaine Cristina de Oliveira Nunes
enunes4@gmail.com
Prefeitura Municipal de Sumaré - SP

Resumo: Realizar um debate sobre as políticas de formação continuada da rede municipal de ensino da cidade de Sumaré, região metropolitana de Campinas, é discutir a implantação da jornada do piso, conhecida através da Lei Federal nº 11.738, de 16 de julho de 2008, que prevê em seu texto a composição da jornada de trabalho, com limite máximo de 2/3 (dois terços) da carga horária para o desempenho das atividades de interação com alunos, e no mínimo 1/3 da jornada de trabalho deve ser destinado às chamadas atividades extra classe. Em face da lei do 1/3 da jornada, a rede municipal de ensino implantou cursos de formação, obrigatórios aos docentes, visto que compõem a jornada semanal de trabalho, com temas de formação voltados para a aprendizagem da leitura e escrita. Diante destas formações, elaboradas com o material didático da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo – Ler e Escrever – fiz questionamentos sobre a proposta de tais formações, ocasionando um profundo “mal estar docente”; concomitantemente passo a dialogar com os registros dos meus alunos (alunos de 5º ano dos anos iniciais), onde relatam sobre a professora, sobre a aulas da professora, sobre a “cara de cansada da professora”, inicio um processo de formação diária, de (re)construção da prática pedagógica, de quebra dos mais profundos paradigmas docente.

Palavras-Chave: formação continuada; lei do piso; narrativas discentes; trabalho docente



CAPA



SUMÁRIO

Historiando memórias escolares com alunos/as do ensino fundamental da rede estadual do rio de janeiro

Karyne Alves Baroldi
karynealves@oi.com.br
Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro - RJ

Resumo: O trabalho refere-se a uma atividade pedagógica desenvolvida com turmas de alunos/as do ensino fundamental e médio do Colégio Estadual Trasilbo Filgueiras, situado no Estado do Rio de Janeiro. A escola foi criada há quase cinco décadas no bairro Jardim Catarina, periferia do município de São Gonçalo. O bairro é caracterizado como o maior loteamento da América Latina, devido ao grande número de domicílios. Com quase cinquenta anos de existência, a instituição escolar atua na formação escolar dos/as centenas de moradores/as do bairro e adjacências. No arquivo escolar e nas memórias individuais de centenas de moradores do local, encontram-se inscritas os momentos vividos naquele espaço escolar, é que atualmente veem seus filhos/as, netos/as, sobrinhos/as, parentes e vizinhos/as escolarizasse no mesmo espaço o qual um dia frequentaram. Assim, trago o registro de uma atividade pedagógica desenvolvida nas turmas de ensino fundamental e médio da referida escola, que buscou o reconhecimento e valorização da história local, rememorando as histórias escolares. A partir do (re) conhecimento sobre o contexto escolar, a história do bairro, da escola, visita aos espaços da instituição e reflexões foi proposto aos/as alunos/as o desafio da pesquisa sobre as trajetórias escolares junto a ex alunos/as da instituição escolar, no que tange as memórias escolares e de vida. A metodologia do trabalho deu-se a partir da pesquisa de campo, com a realização de entrevistas realizadas a partir de algumas perguntas elaboradas, trabalhando com o universo dos significados, das crenças e dos valores, cujo objetivo é pensar a história e suas interfaces com o local, o nacional e o mundial. Busquei com os/as alunos/as a construção das ferramentas de investigação no contexto da sala de aula. Na busca pelas memórias, as narrativas têm grande importância, pois apontam para a existências das histórias, que por vezes são silenciadas.

Palavras-chave: memória escolar; pesquisa; trajetória escolar; história de vida.

Experiências com a tecnologia audiovisual na escola: O teu olhar trans-forma o meu?

Maria Paula Pinto dos Santos Belcavello
mariapaulauff@gmail.com
Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF

Resumo: A presença das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nos diversos setores sociais, impõe à Educação um desafio duplo: “adaptar-se aos avanços tecnológicos e orientar o caminho de todos no domínio e apropriação crítica desses novos meios”. Foi nesse sentido que este trabalho procurou caminhar. Para tanto, fomos ao encontro de alguns “Nativos Digitais” na intenção de compreender essa linguagem tão peculiar, buscando atender, especialmente, suas necessidades. Estamos falando dos alunos do 5.º ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Pública Municipal de Ensino de Matias Barbosa/MG. Neste trabalho, o recurso apresentado para a produção audiovisual foi a tecnologia “Celular”. A escola em questão enfrenta, principalmente, o problema do uso indevido do celular, dentro e fora da sala de aula, o que tem gerado um clima de tensão em seu interior. Além desse problema, há um outro muito sério no bairro onde essa escola se situa: o acúmulo de lixo nas ruas. E foi nesse contexto que a proposta de trabalhar com a produção audiovisual, unindo a tecnologia “Celular” com a questão ambiental, surgiu. Razões pelas quais este trabalho encontrou, sobretudo, sentidos éticos e políticos específicos para o seu desenvolvimento. Com essa experiência de olhares e saberes e afetos e sentidos e..., percebemos que não basta a presença das tecnologias na escola, é preciso que essas sejam pensadas e articuladas com a Educação, sendo colocadas a seu favor. Tudo isso em um processo no qual professores e alunos, juntos, farão uso desses recursos tecnológicos como mais uma possibilidade de ensino-aprendizagem e de relações afetivas. Eis aí uma das funções sociais da escola atual: democratizar o acesso ao conhecimento das tecnologias, bem como suas linguagens, possibilidades e consequências dessa relação humana-tecnológica no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: educação; tecnologia; nativo digital; celular; audiovisual



CAPA



SUMÁRIO

O uso do jogo nas práticas alfabetizadoras: recurso para a aprendizagem

Tatiana Andrade Fernandes
tatiana.andfer@gmail.com
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP - Rio Claro

Andréia Osti
aosti@rc.unesp.br
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP - Rio Claro

Resumo: Este trabalho é parte de uma pesquisa que objetiva investigar qual a contribuição da utilização de jogos, enquanto recurso pedagógico, para o processo de alfabetização e letramento inicial. O desenvolvimento do trabalho pautou-se em pesquisa bibliográfica, focando publicações dos últimos dez anos, e análise documental. Primeiramente, buscou-se explorar quais trabalhos vêm sendo publicados sobre a temática e compreender as conceituações que se constituíram, no decorrer da história, acerca do lúdico e, especificamente, do conceito de jogo, visto que este possui uma definição ampla e discrepante, inclusive no contexto educacional, pois, enquanto algumas concepções entendem os jogos como viabilizadores da aprendizagem, há outras concepções, divergentes, que não os consideram como recursos para este processo. Num segundo momento, realizou-se uma análise dos registros de uma professora que lecionou no 1º ano do ensino fundamental, em uma escola pública no interior de São Paulo, e que, em sua prática, utilizou jogos pedagógicos como forma de viabilizar a aprendizagem de seus alunos. A professora também participou da formação Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, oferecida pelo Governo Federal. A análise desse material permitiu investigar de que forma a utilização dos jogos podem contribuir para a aprendizagem do sistema de escrita alfabética. A temática do jogo na educação, conforme apontado, não apresenta uma concepção unívoca, contudo, pode-se inferir que, embora se encontre muitas publicações sobre o tema jogo, são poucos os trabalhos que se referem à alfabetização, o que indica que a pesquisa por esse tema é ainda escassa. Não obstante, compreende-se que o jogo pode ter um papel importante na prática docente e que apresenta contribuições no processo de aprendizagem e, especificamente, no processo de alfabetização, desde que sua utilização seja planejada e intencional.

Palavras-chave: jogos; alfabetização; aprendizagem; ensino; didática.

Conversa ao pé do ouvido: A transformação pessoal e profissional da gestora

Andrea de Andrade Marangoni Rodrigues
andrademarangoni@hotmail.com
Universidade Estadual de Campinas - SP - UNICAMP

Resumo: Escrever a respeito de uma experiência com uma criança que apresentou dificuldades para permanecer no ambiente escolar, depois de frequentar várias instituições, algumas públicas, outras particulares, é refletir sobre o trabalho do gestor e a maneira como as experiências escolares cotidianas transformam esse profissional. É tentar compreender por meio de um relato pormenorizado os dizeres de John Dewey (2007), que nos levam a compreender os caminhos escolhidos por aquele que necessita agir frente ao inesperado e o quanto o contato com uma determinada criança e sua família colaborou para a formação profissional e pessoal daqueles que resolveram olhar de frente para o problema apresentado. É valorizar e perceber o espaço escolar como um lugar privilegiado, onde pessoas são transformadas pelas experiências que ali vivenciam. O texto faz referência a obra de Marina Colasanti (2006), como metáfora sobre as mudanças repentinas que, de uma hora para outra, mudam os espaços do vivido. Há uma narrativa detalhada sobre a história de Felipe e seu medo de ficar num espaço coletivo sem a presença de seus pais, além de um detalhamento sobre os caminhos escolhidos pela gestora à luz dos ensinamentos de Dewey (2007), quando ele nos ensina sobre o pensamento reflexivo. Relatar essa experiência tão singular é mais do que narrar, é buscar um significado maior para o trabalho do gestor, dando ênfase às experiências escolares, vistas como lições a serem aprendidas, essenciais para a formação profissional daqueles que administram os espaços escolares. Nesse sentido, Lück (2012) e Paro (2001) nos ajudam a pensar sobre uma nova concepção, quando falamos sobre liderança, ou sobre gestão participativa, um exercício reflexivo em prol de um trabalho educacional, no qual o diretor (ou gestor) assuma responsabilidades em relação às pessoas e às ações que se constroem por detrás dos muros escolares.

Palavras-chave: experiência; gestor; formação; pensamento, lições.



CAPA



SUMÁRIO

Vamos ver o que o esguicho pode fazer

Andressa Lutiano
andressa@wishanaliafranco.com.br
Wish Educação Bilingue

Resumo: A proposta desse trabalho é discutir e validar a importância das atividades auto-dirigidas na rotina das crianças na escola. Ao longo de meses, coletamos momentos em que as crianças estão livres para explorar e criar. Quais as potencialidades desses momentos? O que elas aprendem quando não há direcionamento por parte do educador? Há muito valor e uma fonte de aprendizado inesgotável nas atividades iniciadas e conduzidas pelas crianças. Vamos contar nossas experiências nesse sentido: como conseguir deixar o controle da situação para ver o que as crianças são capazes de fazer? Como registrar esses momentos e os aprendizados que resultam dele? É possível para o educador se portar como um recurso de aprendizagem nesse momento (um entre tantos outros) e ficar à disposição das crianças intervindo somente se solicitado? Refletimos sobre o trabalho do educador no sentido de preparar o espaço, alocar o tempo e possibilitar as condições necessárias para que as crianças, produtoras de cultura que são, se sintam autorizadas, ouvidas, permitidas a explorar, investigar, ousar, perseguindo sua curiosidade e buscando seus interesses genuínos. Pensamos sobre como (e se) é possível integrar os conteúdos de currículos fixos, pré-estabelecidos com as demandas reais das crianças e observamos como, através da brincadeira livre, não direcionada, as crianças estruturam seu comportamento, ganham confiança no que são capazes de realizar, regulam suas emoções e impulsos, interagem com crianças de diferentes idades, tomam suas próprias decisões, resolvem conflitos e problemas e aprendem num ambiente livre da ansiedade causada pela instrução forçada.

Palavras-chave: desenvolvimento infantil; escola; experiência

A escuta e o diálogo como princípios formativos das práticas alfabetizadoras

Katia Ferreira Moreira
kfmoreira@gmail.com
Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ

Resumo: Este trabalho representa parte de um conjunto de reflexões que venho tecendo em minha pesquisa no Mestrado em Educação – processos formativos e desigualdades sociais. O objetivo é discutir extratos de narrativas de experiências docentes vividas no cotidiano escolar, as quais foram socializadas nos encontros de uma atividade de formação continuada chamada Fórum de Alfabetização Leitura e Escrita (FALE) do Rio de Janeiro Trago para aprofundar o tema autores como Paulo Freire (1996) e Mikhail Bakhtin (2011). A investigação realizada envolveu 5 professoras e um professor que lecionam em turmas de alfabetização e que são vinculados à Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro. A pesquisa aponta que estes docentes, tentando driblar os modos hegemônicos de se pensar e construir a escola, os quais negam a complexidade desse espaço educativo, narram a possibilidade de uma alfabetização outra. As narrativas transcritas e compartilhadas neste trabalho possibilitam compreender alguns dos princípios formativos constitutivos das práticas alfabetizadoras apresentadas no FALE: a escuta e o diálogo. Esses relatos nos mostram a existência de outros modos de alfabetizar. A metodologia deste trabalho baseia-se na análise qualitativa de narrativas reconhecidas e defendidas nesta pesquisa não apenas como instrumento de investigação, mas, sobretudo, como rico lugar de experiências.

Palavras-chave: narrativa de experiência; saberes docentes; práticas alfabetizadoras.



CAPA



SUMÁRIO

Arte em movimento: o relato de uma experiência

Carine de Mendonça Alves
saluca@uol.com.br
Prefeitura Municipal de São Paulo - SP

Resumo: Esse trabalho tem como objetivo relatar a experiência de uma Escola Pública da cidade de São Paulo, que desde 2011 desenvolve com os alunos do ensino fundamental II, no horário do contraturno escolar, o projeto Arte em Movimento. Desde o primeiro ano de implantação, o projeto desenvolve-se com o foco em dois principais objetivos: o protagonismo estudantil e a experiência com a criação em artes cênicas. Ao longo do ano os alunos vivenciam aulas de dança contemporânea com um trabalho de consciência corporal fundamentado na educação somática, jogos teatrais, elementos da linguagem circense como acrobacias, malabares, clown e também exercícios de voz. Todas as aulas são propostas como vivências com uma estrutura básica, um aquecimento para promover prontidão, no desenvolvimento da aula experimentações com as diferentes linguagens cênicas e ao final da aula um momento de criação a partir dos exercícios propostos, onde o aluno é estimulado a criar e compor cenas. O trabalho é desenvolvido ao longo de um ano e todo o planejamento é feito a partir de uma estrutura trimestral, no primeiro trimestre o foco do trabalho é o corpo e o espaço, no segundo é o corpo na relação com o outro, e no terceiro trabalhar a expressividade do aluno a partir das escolhas que eles fazem a fim de produzir a peça teatral que encerra o trabalho do ano. Até hoje foram produzidas três peças teatrais: 'Sonhos' em 2011, tratava das histórias das famílias dos alunos, 'Eu' em 2012, trazia para a cena a personalidade de cada aluno e 'Não era uma vez' em 2013, recontava alguns famosos contos de fadas. Os alunos se tornam colaboradores no processo de criação coletiva e a professora então se torna diretora do processo criativo dos alunos.

Palavras chave: protagonismo; artes cênicas; escola.

Projeto peixe vivo

Juliana Terra
juliterra@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP

Lais de Ramos Rechinelli
lais.rechinelli@icloud.com
Prefeitura Municipal de Campinas -SP

Resumo: este trabalho realizamos o relato de nossa experiência vivenciada ao longo do segundo semestre de 2014 em um agrupamento III de uma Escola Municipal de Educação Infantil de Campinas – SP. Trata-se de um projeto elaborado e realizado em parceria entre a estagiária do curso de Pedagogia e a professora da Turma da Dona Aranha, cujo foco principal foi apresentar outra possibilidade de expressão corporal a partir da dança de roda. Buscando, portanto, trazer um novo olhar para esta linguagem, tentamos fazer com que o projeto não se desvinculasse dos direcionamentos pedagógicos que a Turma da Dona Aranha estava vivenciando. Assim, a proposta foi dividida em quatro etapas, que ocorreram em dias diferentes e com tempos variados de etapa para etapa. Na primeira delas, as crianças reconheceram cores, texturas e formas a partir de imagens de peixes em diversos materiais, como isopor e lixa. Na segunda etapa, o objetivo foi que as crianças contassem os peixes (reconhecimento de quantidade) e “confeccionassem” as fantasias que seriam usadas na dança. Na etapa seguinte, apresentamos para as crianças a cantiga “Peixe Vivo”, a partir da qual as próprias crianças criaram a coreografia. Na última etapa, após vários ensaios, a dança de roda foi apresentada para outras pessoas, que também foram convidadas a dançar. Os resultados do Projeto foram promissores, permitindo enriquecer a formação inicial da estagiária, a formação continuada da professora e estimulando a iniciativa própria, o senso crítico e a criatividade das crianças.

Palavras-chave: estágio; educação infantil; formação inicial; formação continuada; linguagem corporal



CAPA



SUMÁRIO

Ateliês e cantinhos são a mesma coisa?

Lucianna Magri de Melo Munhoz
luciannamagri@hotmail.com
Centro Universitário Salesiano - Campinas - UNISAL

Resumo: Nos cursos de formação para professores de Educação Infantil sobre a Pedagogia Freinet que ofereço, surge com frequência, a dúvida sobre as diferenças e semelhanças entre os cantinhos e o ateliês. Em linhas gerais, podemos dizer que os cantinhos oferecem às crianças a oportunidade de participarem de atividades em diferentes linguagens, e exigências, de acordo com a idade e capacidade de cada uma. Por outro lado, cabe ao professor a escolha da atividade que cada criança participará, bem como o tempo que nela permanecerá. Tal postura se distância da Pedagogia Freinet, pois Freinet concebe a criança como um cidadão em formação, que tem seus direitos garantidos, e portanto pode escolher. Bem como, produtor de cultura e saberes. E, por que não dizer, um trabalhador, que se realiza por meio de ações e criações. A sala, quando organizada em ateliês, assemelha-se a uma grande oficina, na qual cada um escolhe onde irá trabalhar. Todos os ateliês possuem a mesma importância. Entre eles, destacamos: pintura, desenho, construções, jogos simbólicos, biblioteca, modelagem, recorte e colagem, jogos, fichas, texto livre. Os materiais devem estar previamente organizados, disponíveis na altura das crianças para que possam acessá-los e guardá-los ao final do dia. A organização para a escolha dos ateliês deve ser clara e estar exposta para as crianças. Para os pequenos, a rotina pode ser afixada na parede sob forma de varal, já para os maiores, a escolha dos ateliês é registrada no Plano de Trabalho, tabela de dupla entrada com as atividades disponíveis nas quais as crianças podem escolher e se inscrever. Esta dinâmica permite o direito à escolha, a autonomia e possibilita que o professor tome consciência da frequência das crianças em cada ateliê. Os ateliês não são um fim em si mesmo, mas meios para a realização de um projeto individual ou coletivo.

Palavras-chave: freinet; educação infantil; cantinhos; ateliê.

O que te causa inquietação?

Silvania Maria Chaves
sil_chaves@hotmail.com
Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR; Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de compartilhar uma proposta pedagógica desenvolvida com os/as alunos/as do primeiro ano do Ensino Médio. Em especial o vídeo com o tema “A Interferência da Tecnologia na Humanidade”, produzido pelos estudantes: Amanda Corrêa de Oliveira, Ana Laura Santos, Emilly Mirelly Santos, Kevin Hideki Feitosa Kondo, Natália Moura de Paula e Rafael Aparecido Ciol Reis. Eles foram orientados a produzirem um curta, no formato que desejassem, com a temática “O que te causa inquietação?”. A atividade teve como objetivo gerar a discussão sobre as questões sociais que inquietam os/as educandos/as na atualidade. Partindo do princípio que um dos objetivos da Sociologia no Ensino Médio é contribuir para o desenvolvimento da autonomia intelectual e da Imaginação Sociológica, possibilitando que reflitam criticamente sobre a realidade e estabeleçam relações entre as suas experiências cotidianas com as questões globais indo além do senso comum. Após serem debatidos em sala os conceitos de senso comum, conhecimento científico, estranhamento e desnaturalização, solicitou-se que eles/as observassem a sociedade em que estavam inseridos/as e divididos em grupos discutissem o que os inquietavam, cada integrante deveria levar para o grupo a sua inquietação e depois de discutirem, deveriam separar uma e transformar em vídeo, para isso eles foram orientados a pensar coletivamente o roteiro, o formato do vídeo e como produzi-lo. A diversidade de temas abordados pelos grupos, mostrou que eles/as estão atentos/as e sensíveis aos problemas sociais existentes. Acredito que refletir sobre os problemas sociais e principalmente sobre os que mais nos inquietam é o começo para pensarmos a mudança. Por fim, compartilhar uma experiência pedagógica que de certo, permitirá a reflexão sobre as nossas práticas educativas e poderá contribuir para o fortalecimento de outros modos possíveis de se pensar a educação.

Palavras-chave: educação; mudança; inquietação; autonomia intelectual; vídeo.



CAPA



SUMÁRIO

O que pode contar uma carta?

Gabriela Caldeira Aranha
gabrielaped@gmail.com
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Gislaine Cristina Bonalumi Ferreira
gibonalumi@yahoo.com.br
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: A partir da necessidade das crianças e professoras de estabelecer interlocução entre as turmas, inicia a prática de troca de bilhetes, convites e cartas com o desejo de contar algo para o outro. Os assuntos predominantes das trocas foram: divulgação dos nomes das turmas, convites para brincadeiras e para espetáculos realizados pelas crianças, envio de presentes, por exemplo, de livros que contribuíssem para os estudos do grupo, até cartas carinhosas para quem eles gostam. Nesse movimento as crianças foram se apropriando desse tipo de gênero discursivo e as correspondências foram ganhando outros detalhes, para além do texto escrito: os selos, as assinaturas, os envelopes e outros enfeites. A entrega da correspondência é planejada e realizada pelos pequenos, como um grande acontecimento, que escolhem o local onde a deixará. A professora, nessa prática, assume a função de escriba e de mediadora do processo de negociação para a tomada de decisão pelas crianças sobre o que escrever, como, em que suporte etc. Por meio dessa grande brincadeira as crianças têm demonstrado a vontade de constituírem-se como autoras.

Palavras-Chave: letramento; correspondência; crianças autoras.

Um olhar sobre meu bairro

Rafael Vigentin
rafael-vigentin@hotmail.com
Secretaria de Educação do Estado de São Paulo - SP
Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR

Resumo: A atividade proposta foi realizada com alunos de cinco salas (centro e cinquenta alunos) do primeiro ano do Ensino Médio e consistia em organizar uma exposição de fotografias sobre algumas questões presentes nos bairros em torno da escola. O projeto tinha um caráter interdisciplinar e foi organizado por professores de cinco disciplinas, Sociologia, Rafael Vigentin; Filosofia, Luís Faria; Arte, Luciana Sayuri Yamamoto; Educação Física, Cristina Bidinoti Zuffo; Geografia, Denise Beiroco Fantini. Para cada disciplina, foi estabelecido um enfoque, sendo Sociologia os problemas sociais; Filosofia, uma cena de estranhamento; Arte, uma patrimônio cultural material ou imaterial; Educação Física, boas práticas de vida; Geografia, a realização de um mapa localizando onde foi tirada cada fotografia. Para a realização da atividade, os alunos se organizaram em grupos e cada grupo deveria tirar quatro fotografias e produzir um mapa. Foi solicitado aos alunos que tirassem as fotos com seus próprios celulares ou com máquinas fotográficas e que as trouxessem reveladas. Após entregarem o material, alunos e professores montaram a exposição das fotografias, onde ficaram expostas por duas semanas, em espaços por onde transitavam os alunos, como corredores, escadas, pátio, etc. O projeto contou com uma boa aprovação dos alunos participantes, que puderam lançar um olhar para questões nem sempre observadas de seu próprio dia a dia, mas também teve um papel importante no processo de socializar a produção cultural para além do interior das salas de aulas, compartilhando com toda a escola.

Palavras-chave: escola; fotografia; interdisciplinariedade; olhar



CAPA



SUMÁRIO

Profissionais da educação de mãos dadas contando experiências

Grace Caroline Chaves Buldrin Chautz
gbuldrin@gmail.com
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Diana Julia Silveira Vignatti Gomes
iveteadavis@gmail.com
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: Esse diálogo pretende contar como se dá o trabalho pedagógico da turma do Agrupamento II – B (crianças de 2 a 3 anos de idade) de uma escola de Educação Infantil da Rede Municipal de Campinas, onde monitoras e professora relacionam-se buscando ressignificar seus papéis, para assim, dialogarem com uma prática que visa o ser/estar pleno da criança na escola. Crianças tão pequenas que escrevem em linhas sinuosas suas vontades e aprendizagens, mesmo diante de uma rotina engessada. Contaremos, através de fotos e vídeos, como se dá (ou não) essa rotina, respeitando uma concepção de infância, pensada pelas Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil, construída pelas profissionais (professoras, orientadoras, coordenadoras e diretoras) da rede municipal em questão. Além do compartilhar das experiências, pretendemos dialogar sobre a relação desses profissionais na visão da política pública impetrada pela Rede Municipal de Ensino contrapondo-as com a visão constituída pela relação estabelecida no chão da escola, defendendo que o profissional monitor de crianças necessita estar inserido no quadro do magistério tendo seu devido reconhecimento em um espaço em que o cuidar e o educar são indissociáveis. Enfim, um diálogo que pretende trazer à tona um assunto que inquieta e divide e que vem sendo utilizado como estratégia de um sistema político excludente e contraditório.

Palavras-chave: experiência; cotidiano escolar; prática educação Infantil

O uso do jogo nas práticas alfabetizadoras: recursos para a aprendizagem

Tatiana Andrade Fernandes
tatiana.andfer@gmail.com
Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" - UNESP - Rio Claro

Andréia Osti
aosti@rc.unesp.br
Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" - UNESP - Rio Claro

Resumo: Este trabalho é parte de uma pesquisa¹ que objetiva investigar qual a contribuição da utilização de jogos, enquanto recurso pedagógico, para o processo de alfabetização e letramento inicial. O desenvolvimento do trabalho pautou-se em pesquisa bibliográfica focando publicações dos últimos dez anos e análise documental. Primeiramente, buscou-se explorar quais trabalhos vem sendo publicado sobre a temática e compreender as concepções que se constituíram, no decorrer da história, acerca do lúdico e, especificamente, do conceito de jogo, visto que este é um conceito amplo e discrepante, inclusive no contexto educacional, pois, enquanto algumas concepções entendem o jogo como viabilizador da aprendizagem, há outras concepções, divergentes, que não compreendem os jogos como recurso para a aprendizagem. Num segundo momento realizou-se análise dos registros de uma professora que lecionou no 1º ano do ensino fundamental, em uma escola pública no interior de São Paulo, e que, em sua prática, utilizou jogos pedagógicos como forma de viabilizar a aprendizagem de seus alunos. A professora também participou da formação Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, oferecido pelo Governo Federal. A análise desse material permitiu investigar de que forma a utilização dos jogos podem contribuir para a aprendizagem do sistema de escrita alfabética. A temática do jogo na educação, conforme apontado, não apresenta uma concepção unívoca, contudo, pode-se inferir que embora se encontre muitas publicações sobre o tema jogo, são poucos os trabalhos encontrados em relação à alfabetização, o que indica que a pesquisa por esse tema é ainda escasso. Não obstante, compreende-se que o jogo pode ter um papel importante na prática docente e que apresentam contribuições no processo de aprendizagem e, especificamente, no processo de alfabetização, desde que sua utilização seja planejada e intencional.

Palavras-chave: jogos; alfabetização; aprendizagem; ensino; didática.



CAPA



SUMÁRIO

Um ecossistema artificial: as cidades

Juliana Andréa Manfrinato
julianamanfrinato@yahoo.com.br
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: O progresso é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade, trazendo-lhe muitos benefícios, mas ele também pode afetar o ecossistema, ocasionando a poluição da água, do ar e do solo, o esgotamento dos recursos naturais e a extinção de várias espécies biológicas, entre outros problemas. Um dos desafios de nossa sociedade é continuar a progredir de forma sustentável. Para isso, é preciso que cada cidadão seja responsável por suas ações e use os recursos naturais com consciência e de forma moderada. Entender as cidades como um ecossistema artificial e como a ação humana pode potencializar os problemas é de extrema importância para mudanças de atitudes. O objetivo deste trabalho é conhecer e compreender a cidade de Campinas como um ecossistema, ajudando os alunos a entender a necessidade de uma atitude sustentável, ampliando a percepção sobre as mudanças de atitude que se fazem necessárias para que os cidadãos possam atingir a sustentabilidade. A cidade de Campinas foi dividida em cinco regiões: Leste, Noroeste, Sul, Sudoeste, Norte, cada grupo de alunos do 7º ano pesquisou uma das regiões: polo industrial, serviços, polo de ciência e tecnologia, rodovias e principais avenidas. Após a pesquisa houve o planejamento e montagem de um modelo que demonstrasse a dinâmica da cidade de Campinas (o que entra e o que sai dela) através da construção de uma maquete. Após a produção da maquete cada grupo apresentou sua região para os demais grupos.

Palavras-chave: ecossistema; cidade; sustentabilidade.

O ensino de ciências para alunos/as com altas habilidades/superdotação: “tateando” significados no labirinto das narrativas

Fernando Fidelis Ribeiro
fidelis500@live.com
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

Eliane Greice Davanço Nogueira
eg.nogueira@uol.com.br
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

Resumo: O presente trabalho refere-se ao atendimento educacional especializado (AEE) de alunos identificados com características de altas habilidades/superdotação que frequentam a sala de enriquecimento curricular em ensino de ciências da natureza, do Núcleo de Atividades em Altas Habilidades/Superdotação – NAAH/S – vinculado à Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul (SED/MS–Campo Grande). O objetivo foi apontar e descrever, mediante as (re)interpretações (re)significações das narrativas de sete alunos, como eles perceberam/percebem as atividades ou as práticas científica-educativas desenvolvidas no cotidiano daquele núcleo. Empregou-se, pois, a investigação qualitativa com características descritivas e interpretativas; tendo como pressupostos teóricos conceitos associados, sobretudo, à narrativa (auto)biográfica. Assim, margeado pela produção de narrativas dos alunos participantes desta pesquisa, foi possível tecer os seguintes apontamentos: a) Constatou-se que aqueles alunos possuíam conhecimentos prévios em um nível mais elevado, além de um envolvimento com as tarefas acima da média nas áreas de seus interesses; b) Notou-se, também, na fala deles, o quanto as práticas pedagógicas desenvolvidas na sala de enriquecimento curricular em ensino de ciências da natureza contribuíram para estimular a prática do pensamento e do fazer científico. É salutar também observar que pesquisados e pesquisador puderam se (re) constituir mediante os caminhos possíveis da aprendizagem naquele ambiente quando ambos, simbioticamente, tiveram vontade de saber.

Palavras-chave: educação especial; altas habilidades/superdotação; narrativas.



CAPA



SUMÁRIO

197

O letramento em língua inglesa: uma prática sócio-cultural

Rodrigo Avella Ramirez
roram1000@hotmail.com

Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza - CEETEPS - FATEC Zona Sul

Resumo: Este artigo propõe-se analisar, à luz da teoria social do letramento, o processo de aquisição da língua inglesa por um grupo de quarenta calouros universitários do ensino tecnológico em uma universidade pública estadual de São Paulo. Utilizando-se de teorias que valorizam o saber proveniente da experiência e do cotidiano escolar, um estudo de caso foi conduzido com o objetivo de analisar como o letramento se dá em uma prática social bastante específica: uma entrevista de emprego. Esta entrevista é marcada por relações assimétricas de poder que se materializam através da linguagem e o aluno, proveniente de um sistema de ensino que reforça o uso constante da tradução como único recurso compensatório, sente-se incapaz e inseguro em utilizar a língua-alvo sem recorrer à língua materna. Portanto, esse estudo visa demonstrar como esse discurso sobre letramento é uma construção histórico-cultural que impede o aluno de desenvolver uma consciência crítica sobre a aprendizagem autônoma de língua estrangeira. Os resultados obtidos foram analisados à luz da própria narrativa dos alunos que revelam suas histórias de vida, em uma sessão realizada após as apresentações evidenciando nas palavras uma tomada de consciência sobre os benefícios de se adotar uma postura social de letramento em processos de aquisição em língua estrangeira.

Palavras-chave: letramento; língua inglesa, prática social, narrativa.

Orientação sexual

Juliana Andréa Manfrinato
julianamanfrinato@yahoo.com.br
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: Ao tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano. Engloba o papel social do homem e da mulher, o respeito por si e pelo outro, as discriminações e os estereótipos atribuídos e vivenciados em seus relacionamentos, o avanço da AIDS e da gravidez indesejada na adolescência, entre outros, que são problemas atuais e preocupantes. O objetivo deste trabalho é desenvolver nos alunos o respeito pelo corpo (o próprio e o do outro), refletir sobre as diferenças de gêneros e relacionamentos, dar informações sobre gravidez, métodos anticoncepcionais e doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e conscientizar sobre a importância de uma vida sexual responsável. Este projeto foi realizado com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, sendo utilizadas diferentes ferramentas para abordagem dos temas. As dinâmicas foram utilizadas para conhecer os alunos e estabelecer uma relação de confiança entre alunos e professora, envolvendo os alunos emocionalmente e intelectualmente.

Tema 1: “Mudar é uma arte”. Os alunos produziram desenhos sobre a infância e fizeram uma comparação de como eram e como são agora; em grupo discutiram essas mudanças da puberdade.

Tema 2: “Jogo das aparências”. Dinâmicas para trabalhar estereótipos e DSTs

Tema 3: “Jogo a corrida dos espermatozoides”. Jogo de tabuleiro IB (USP); Fecundação

Tema 4: “Gravidez na adolescência”. Vídeos: a-) Minha vida de João; b-) Era uma vez outra Maria. (Brasil 2001, Produção ECOS, Instituto PAPAI).

Tema 5: “Prevenção”. Métodos contraceptivos.

Palavras-chave: prevenção; DSTs; adolescentes.

Reaproveitamento de materiais para a confecção de jogos educativos

Fabiana Bardela Lopes
fabibardela@yahoo.com.br
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Domenico Gallicchio Neto
domenicog@uol.com.br
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Juliana Andréa Manfrinato
julianamanfrinato@yahoo.com.br
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: Este trabalho visa apresentar o projeto interdisciplinar desenvolvido nas aulas de ciências, geografia e matemática em uma escola de educação integral (EEI), na área de educação ambiental. O trabalho interdisciplinar é imprescindível nas escolas, ainda mais em uma EEI, onde os alunos têm 9 h/aula por dia. Utilizar como tema norteador o “Meio Ambiente” é de extrema importância para desenvolver atividades no meio escolar que sensibilizem os alunos e provoquem mudanças nos seus hábitos e costumes, de modo que passem a incorporá-los em seu dia a dia. O trabalho iniciou-se com discussões, leitura de textos e exibição de vídeos sobre a questão do consumo, do lixo e dos problemas ambientais associados. Nesta primeira etapa foi trabalhada a ideia dos 3Rs (reduzir, reutilizar e reciclar) com o intuito de responder a seguinte questão: “O que podemos fazer para diminuir a grande quantidade de lixo que a população em geral produz diariamente?”. Neste contexto, e em consonância com a demanda da escola por algumas atividades lúdicas, optamos por trabalhar com o reaproveitamento de materiais inorgânicos para confecção de jogos educativos que pudessem ser utilizados pelos próprios alunos no horário de almoço. Foram realizadas visitas à Ecobrinquedoteca do Parque Ecológico, local que oferece cursos de formação e construção de jogos. Nossos alunos, através das oficinas realizadas, puderam perceber a imensa variedade de materiais que podem ser utilizados na confecção dos jogos. Na sequência foram separados os materiais e produzidos jogos em sala de aula, como o Sudoku, jogos de tabuleiro, tamanduá, Kalah, entre outros.

Palavras-chave: reaproveitamento; jogos; sustentabilidade.

200



CAPA



SUMÁRIO

Alfabetização e cidadania: experiências com educação ambiental e sustentabilidade no cotidiano escolar

Alessandra da Costa Abreu
Alessandra.abreu@oi.com.br
Prefeitura Municipal de São Gonçalo-RJ

Sandra dos Santos Pinto da Conceição
sandraspconceição@ig.com.br
Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ

Luisa Marques Dias
Luisa.mgeo@gmail.com
Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ

Danusa Tederich Borges de Faria
Danusa.tererich@hotmail.com
Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ - CNPq

Resumo: Este artigo tem como objetivo compartilhar e problematizar e entrelace entre as experiências vividas no cotidiano escolar e os encontros do grupo de pesquisa, no qual fazemos parte: “Alfabetização, Memória e Formação de professores: Entrelaçando práticas e saberes no diálogo com a escola básica” (ALMEF). No diálogo amoroso entre as práticas escolares e as leituras de Freire, entendemos por Alfabetização, a relação entre educando, educador e o mundo, mas sempre mediada pela busca da transformação. Nesse sentido e acreditando que para transformar o mundo que vivemos é necessário conhecer os problemas enfrentados, seja no âmbito social, político e ambiental é que os resultados obtidos nesta pesquisa trazem a compreensão de que o processo educativo das crianças nos seus primeiros anos de escolaridade precisa ser pensado numa prática investigativa, onde estes se reconheçam como integrantes desta investigação e se sintam convidados a debruçar-se sobre esse processo de alfabetização e cidadania e nos levam a compreender que os questionamentos trazidos pelas crianças transformam o nosso olhar de pesquisadoras e nos conduzem a novas investigações.

Palavras-chave: alfabetização; cidadania ; sustentabilidade



CAPA



SUMÁRIO

201

Entre balbucios e palavras: roda de conversa na creche

Edwirges Regina Tancredo Zambonini
regina.zambonini@gmail.com
Prefeitura Municipal de Monte Mor-SP

Michelle Guidi Gargantini Presta
mipresta@hotmail.com
Prefeitura Municipal de Monte Mor-SP

Resumo: A roda da conversa é um momento valioso para dar voz e vez às crianças de forma mais direcionada e com espontaneidade, porém dentro de um contexto. Hoje em dia, é fato a importância de se comunicar, saber ouvir, respeitar o posicionamento do outro frente a determinadas situações bem como, argumentar. Na escola, onde tudo isso começa? Lá na Educação Infantil, na creche, no simples ato de sentar em roda e bater um papo gostoso, mesmo com balbucios e simples palavras. Algo que se tornou incomum na correria do dia a dia, aprender a ouvir, esperar a vez, refletir sobre um assunto, conviver e resolver os conflitos com diálogo, tem sido uma busca constante com os pequenos. O assunto em questão era inquietante às professoras, já que nessa faixa etária as crianças ainda não falam ou falam pouco, então como equipe gestora, propusemos momentos de reflexão e ação dentro do universo da roda de conversa. Nos momentos de formação na escola, buscamos através da leitura de textos e pesquisas, recursos que pudessem nos direcionar e encontramos nos materiais com imagens, personagens infantis e músicas, mecanismos para dar início a conversa com os pequenos, incentivando a fala e trazendo pra sala de aula assuntos significativos e prazerosos. O planejamento dessa atividade requer atenção para ajudar as crianças a desenvolverem seus pensamentos, escutar e acolher a opinião de todos, problematizar as ideias, e aos poucos estabelecer momentos de aprendizagem mútua. É na Educação Infantil, através da roda da conversa, que investimos em valores de respeito, diálogo, convivência e autonomia. Como retorno tivemos o prazer de ouvir, com todos os sentidos, o que as crianças sabem e pensam sobre determinados assuntos, ainda num singelo trabalho, mas que gerou bons frutos e esperamos que na formação diária com as professoras outras sementes sejam germinadas.

Palavras-chave: educação infantil; creche; roda de conversa.

202



CAPA



SUMÁRIO

As transformações no trabalho docente: a escuta do outro

Carolina Silva Costa
caroli_costa@yahoo.com.br
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Crislaine M. Silva Modesto
criselcler@gmail.com
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Milena Batista da Silva
milenabatistasilva@hotmail.com
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: Somos professoras-pesquisadoras numa escola de Educação Integral, e que há um ano e três meses de implementação, vivemos vários desafios. Estamos lutando para que o atendimento em tempo integral em nossa escola se traduza em uma educação de qualidade que possibilite aos nossos alunos avançarem em suas aprendizagens e superem suas dificuldades, educando-os para a vida, seja no trabalho, nos procedimentos de estudos, no lazer, nos esportes, na cultura. A partir de alguns questionamentos, temos discutido a organização de nossa prática docente que não se limitasse as portas fechadas e reflexões individuais. E elencamos estes a seguir como norteadores: Como fazer com que as crianças aprendam? Como elas dão sentido (ou não) ao que fazem na escola? Buscando entender essas questões e também encontrar sentido em nossa prática, trocamos idéias, opiniões e abrimos as portas de nossas salas de aula para outros professores. Conversando sobre os estudantes e sobre quais as melhores estratégias para estes ou aqueles, planejamos ações conjuntas onde duas professoras mediam as aulas no mesmo espaço, para as mesmas crianças, ao mesmo tempo. Isto vem acontecendo de duas formas conosco: duas professoras com uma turma ou duas professoras com duas turmas. É um momento em que propomos as atividades que planejamos, observamos e depois pensamos sobre as atividades e como elas têm feito (ou não) os meninos e meninas crescerem. E o que temos avaliado dessa experiência? Este trabalho coletivo tem nos proporcionado valiosos momentos de reflexão e diálogo sobre nossas práticas, tem fortalecido nossa formação.

Palavras-chave: formação; trabalho coletivo; dupla docência.



CAPA



SUMÁRIO

Os segundos que duram o eterno: a experiência do tempo na escola

Kaluany Honda Leone
kaluanyhl@hotmail.com
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Gabriela Castro Andrade
bibicastroandrade@hotmail.com
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Resumo: Este trabalho surge a partir de uma atividade proposta dentro do grupo de pesquisa “Tempos”, da Universidade Federal de Juiz de Fora, realizada em uma escola pública na mesma cidade. Nosso objetivo era conhecer como os alunos experienciavam o tempo da escola. Quando falamos sobre o tempo, pensamos no tempo Chrónos, Kairós e Aión. Não significa que sejam três tempos diferentes, mas diferentes maneiras de lidar com o tempo. O tempo Chrónos está relacionado com a linearidade dos acontecimentos, é o tempo cronológico, possui um princípio e um fim. O tempo Kairós é o tempo do acontecimento de coisas especiais, significa que há um tempo para tudo na vida. O tempo Aión não possui uma medida precisa, é o tempo da criatividade, da experiência, a manifestação subjetiva do tempo Chrónos. Ao conhecermos essas variáveis perceptivas do tempo, chegamos à questão: o tempo é experienciado igualmente em todas as situações da vida? A experiência é algo que não faz parte de meus sentimentos, meus pensamentos, não faz parte do que eu quero e ainda assim, acontece em mim. Experienciar o tempo é algo subjetivo, a experiência do passar do tempo, do correr dos ponteiros em nós, em nossas vidas, nossos movimentos, produz diferentes significados. A atividade descrita neste texto foi realizada com uma turma de 4º ano de uma escola pública de Juiz de Fora. Iniciamos a atividade com a leitura do livro “Armando e o Tempo”, da autora Mônica Guttmann, a partir de então, experienciamos e fizemos os alunos experienciarem a fragmentação do tempo e a distanciamento desse tempo fragmentado da concretude da vida. Armando descobre que o tempo do relógio não é o mesmo para suas diferentes emoções e pensamentos, assim, busca descobrir os mistérios do tempo e nós embarcamos nessa viagem junto com ele.

Palavras-chave: experiência; tempo; escola.

O ensino de física em diálogo com projetos de trabalho: acomodando conflitos

Cláudio Barcellos
barcellos.claudio@gmail.com
Universidade Federal Fluminense - UFF; Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro - RJ

Resumo: Historicamente, a prática educativa é marcada pela fragmentação do conhecimento em disciplinas, que pode decorrer de uma preocupação que se teve com a sistematização da sua transmissão, ou de uma questão de leitura do passado quando, no Positivismo, a História passou a ser construída nos moldes cartesianos. Com isso, deixa-se a impressão de que a estrutura disciplinar direciona o processo de ensino-aprendizagem. O problema é que o aluno já possui uma leitura de mundo anterior à escola, requerendo uma busca de conciliação, que entenda o conhecimento dele tão pleno de valores quanto o escolar. Disso surge a possibilidade do aluno obter controle/apropriação do conhecimento, superando o autoritarismo pela cooperação, típica de um ensino direcionado por projetos. Nota-se um conflito tanto de instância instrumental, quanto filosófica, que traz para o plano da prática a percepção do processo analítico da fragmentação disciplinar como facilitador, ao reduzir o complexo em partes, e o processo sintético da visão globalizada na abordagem em tema, como propiciador de um conhecimento relacional. A opção pela segunda abordagem parece adequar-se melhor ao mundo em constante mudança que exige tomada de decisões, fazer e interpretar relações entre informações. Uma possibilidade de conciliação está em perceber a visão analítica como mais uma contribuição. Com isso, as disciplinas, em conjunto aos conhecimentos prévios, tornam-se ferramentas. Na prática escolar realizou-se o uso de elementos como globalização e saber relacional. O olhar sobre a prática teve um caráter exploratório e qualitativo, respeitando a intersubjetividade da intervenção no ambiente escolar. Observou-se aumento nos fatores motivacionais e a percepção, pelos envolvidos, da integração de saberes. A sensação de que o professor apenas propôs algumas atividades dentro de um ambiente sem controle, contrariando o imaginado por processo de ensino aprendizagem é contra-argumentada pelo fato do protagonista, na ação pedagógica, ser o aluno em sua construção de saberes.

Palavras-chave: ensino de física; ensino por projetos; integração de saberes.



CAPA



SUMÁRIO

Momento de leitura literária: um convite à fruição

Fabiana Cristina Ventura
fc-ventura@hotmail.com
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP - Rio Claro

Cláudio Barcellos
barcellos.claudio@gmail.com
Universidade Federal Fluminense - UFF; Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro - RJ

Resumo: A leitura literária é essencial para e na formação humana, ao ler o indivíduo interage não apenas com a palavra escrita, mas com outras experiências, com outras existências, portanto, ler conduz ao encontro com os outros e consigo mesmo. Nesse aspecto, é necessário que a literatura na escola seja abordada, em primeiro lugar, contemplando a sua especificidade - estética - só assim suscitará nos educandos-leitores o desejo de desbravar as muitas “terras literárias”. Esse trabalho versa sobre uma pesquisa desenvolvida em uma escola pública da Rede Municipal de Ensino da cidade de Rio Claro – SP. O estudo teve uma abordagem qualitativa, sendo uma observação participante, objetivando analisar quais espaços e momentos eram disponibilizados à literatura nessa escola. Socializo aqui minha experiência ao acompanhar o trabalho realizado por uma professora do 5º ano que fazia, diariamente, o Momento de Leitura Literária. Nesse Momento a educadora: lia obras escolhidas por ela ou indicadas pelas crianças; preparava o ambiente; utilizava algumas estratégias antes, durante e depois da leitura (lia a sinopse, o nome do autor e do ilustrador, indagava a turma sobre o que imaginavam que iria acontecer na história, dava entonações diferentes de acordo com o personagem e a situação, fazia pequenas pausas para mostrar as ilustrações e ouvir os apontamentos das crianças); dialogava, constantemente, com os educandos acerca da leitura (no tocante a fruição, as sensações e as impressões despertadas). As observações, dessa prática adotada pela professora-inspiradora, possibilitaram perceber o seu compromisso com a formação de leitores, o envolvimento das crianças com a leitura, o encantamento suscitado pelas obras, a forma como os educandos se identificaram com os personagens, e, o modo como a literatura extrapolou a escola e passou a fazer parte das práticas cotidianas das crianças. A análise dessas observações está sustentada no paradigma indiciário (GINZBURG, 1989).

Palavras-chave: formação de leitores; literatura infanto-juvenil; práticas de leitura.

A escola como *espaçotempo* de criação, invenção e táticas cotidianas

Igor Helal
igor.helal@gmail.com
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Resumo: Este artigo tem como objetivo tecer algumas discussões acerca de pesquisas que discutem, teórico-político-metodologicamente, práticas de professores e professoras em uma escola pública carioca, privilegiando suas narrativas e encontros como potencial formativo (BENJAMIN, 1989; CONNELLY; CLANDININ, 2008). Aproximando escolas de universidades em um movimento dialógico, esse texto traz relatos docentes que potencializam práticas, o trabalho coletivo e a importância pessoal-profissional de professores e professoras que estão nas escolas e que vêm tentando assumir uma postura investigativa (ESTEBAN; ZACCUR, 2003) para com saberes-fazer alfabetizadores produzidos cotidianamente. Para o campo dos estudos com cotidiano (ALVES, 2003; GARCIA, 2003; OLIVEIRA; SGARBI, 2008; FERRAÇO, 2003), esse texto desafia a abrir frentes para que outros conhecimentos surjam a fim de movimentá-lo, com novos conflitos e sugestões epistemológicas. Demais, o diálogo com Boaventura de Sousa Santos (2000; 2005; 2010) e Antônio Nóvoa (1992; 2009) vem fortalecer nossa crença de que nenhuma hegemonia é absolutizante, o que nos move a recuar de repetições e exclusões presentes em práticas cotidianas. O que as narrativas nos dizem sobre o processo criativo nas escolas? Que táticas cotidianas surgem dessas e com essas práticas? Essas perguntas norteiam esse texto e me ajudam a praticar a pesquisa atentos ao que nela é volátil, imprevisível e complexo, em comunhão com a escola e toda sua também complexidade.

Palavras-chave: cotidiano escolar; narrativas; produções docentes; táticas.



CAPA



SUMÁRIO

207

Espaços de conversa: lugares do narrar

Adriana Stella Pierini
adstpier@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo: É objetivo deste trabalho, tratar de pesquisa tecida a partir de vivências específicas de um grupo de coordenadoras/orientadoras pedagógicas em espaços de conversa – encontros que foram intencionalmente planejados e coordenados para serem oportunidades de refletir e construir conhecimento sobre o próprio trabalho e pautados por princípios como o estabelecimento do diálogo (a expressão das ideias, a escuta atenta), a autoria (a afirmação, o acolhimento e a problematização das ações cotidianas), o exercício da autonomia e a indissociação entre a personalidade e a profissionalidade. Por meio do ensaio de análise de determinados registros escritos das experiências aí compartilhadas, algumas propostas se revelaram muito formativas para essas profissionais, o que faz supor serem também formativas no trabalho com os professores e demais profissionais das escolas. São elaboradas considerações sobre procedimentos formativos em espaços coletivos como a produção e leitura de escrita reflexiva, a expressão por experiências sensíveis outras, modos de instituição de relações entre os saberes dos profissionais e os saberes pedagógicos e científicos, bem como sobre diferentes dimensões da ação da propositora do grupo. As aprendizagens tomadas como as lições da pesquisa foram apresentadas por meio de um pretense diálogo entre as experiências formativas da orientadora pedagógica-OPesquisadora-propositora – a profissional que refletia no grupo sobre seu trabalho ocupando o lugar de propositora num grupo de OPesquisadoras outras – e as experiências formativas da pesquisadora-autora-escritora quando conseguia se reconhecer nas próprias contradições vividas no ato de se escrever. Trata-se, portanto de reflexões sobre o percurso vivenciado pela pesquisadora ao revelar suas aprendizagens no decorrer da pesquisa sobre/no/com o cotidiano e durante a escrita sobre esse processo: escrita que emerge de escritas outras.

Palavras-chave: formação profissional; narrativas; cotidiano

Que brincadeira é essa?!

Cristina Maria Campos.
cristina.crishop@gmail.com
Prefeitura Municipal Campinas - SP; Universidade Estadual Campinas - UNICAMP

Paulo Cesar de Campos
Prof.capone@gmail.com
Prefeitura Municipal Campinas - SP; Universidade Estadual Campinas - UNICAMP

Resumo: O que é ser criança em um mundo contemporâneo, onde a busca por melhores condições de vida levou famílias a abandonarem a vida calma e sossegada das pequenas cidades e correrem para os grandes centros urbanos sem segurança e qualidade de vida. As crianças moradoras desses grandes centros urbanos passam grande parte do tempo em casa ou em escolas de período integral, muitas vezes sem garantia de uma socialização que permita sua saúde física e social. As que vivem em casa com certeza passam mais tempo expostas a situações violentas, porque se tornam vítimas de mídias vorazes e ferozes, com jogos e programas de TV, onde existe a violência social e sexual. Com o objetivo de propiciar um ambiente favorável à criação de culturas infantis e, ademais, com o objetivo de favorecer um sentimento de autoria em relação à própria produção, desenvolveu-se uma pesquisa participativa/pesquisa-ação. Dois professores de uma escola de Ensino Fundamental, sendo uma Alfabetizadora e outro de Artes, em uma turma de 1º ano, sugeriram o trabalho “Que Brincadeira é Essa?”, proposta que trouxe para a infância das crianças, entre 6 e 7 anos, além do convívio com a família, o resgate de antigas brincadeiras de rua, o contato com a rua e a natureza, através de brincadeiras que a modernidade e os games fizeram desaparecer. Brincadeiras essas feitas durante o recreio e/ou em aula, em um trabalho interdisciplinar. Ao resgatar as brincadeiras da cultura popular a criança não teve apenas acesso ao brincar, mas também o acesso a história de sua família, bem como tornaram-se autores de um livro sobre o tema discutido durante o ano. Essa pesquisa, apresentou como resultado inicial a publicação de 150 livros dos textos escritos sobre as brincadeiras realizadas pelos mais jovens autores do país como: amarelinha, pular corda, carrinho de rolimã entre outras.

Palavras-chave: infância; criança; brincadeiras; culturas infantis; família.



CAPA



SUMÁRIO

2009

Para além das aulas presenciais: preparando os alunos para os vestibulinhos

Lieko Sakamori
liekos@yahoo.com
Prefeitura Municipal Campinas - SP

Resumo: O projeto “Aprofundamento”, iniciado em 2013, na EMEF Corrêa de Mello, localizada na cidade de Campinas, SP, tem como principal objetivo proporcionar aos alunos de oitavos e nonos anos um aprimoramento em seus conhecimentos em diferentes disciplinas, como também prepará-los para avaliações de entrada em escolas técnicas públicas. Por conta da falta de espaço físico na referida escola, a partir de 2015, além das aulas presenciais, foram incluídas aulas a distância, utilizando-se como plataforma provisória um grupo criado na rede social Facebook, em que professores postam atividades semanais para os alunos, sendo estas realizadas no prazo de uma semana. Dessa maneira, o intuito é, além do objetivo descrito anteriormente, que os alunos experienciem uma educação a distância (EAD) e saibam utilizar diferentes meios que os auxiliem na aprendizagem. A receptividade dos alunos quanto à proposta das aulas a distância tem sido positiva, já que se trata de um formato diferenciado de aprendizagem e mais próximo de sua realidade. No entanto, ainda há alguns entraves que foram identificados como falta de organização para cumprir as atividades e dificuldades de leitura para entendê-las. Espera-se que, em breve, uma plataforma definitiva aos moldes da EAD seja criada, proporcionando assim mais recursos, formação continuada docente em EAD e organização dos conteúdos e atividades.

Palavras-chave: ensino-aprendizagem; educação a distância; redes sociais; ensino público

Alunos com necessidades educacionais especiais na escola regular e a prática docente: ressignificações em foco

Maria Inês de Almeida Pelegrini
inespellegrini@hotmail.com
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS - Pouso Alegre - MG

Carla Helena Fernandes
carlahelenafernandes@yahoo.com.br
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS - Pouso Alegre - MG

Resumo: Fundamental sobre a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais na classe comum, identificando sua prática pedagógica e os saberes docentes que a constitui. A partir da década de 90, a chamada inclusão escolar, um grande projeto nacional ainda em construção, tem solicitado a organização de contextos educacionais adequados à aprendizagem escolar, no ensino regular, de todos os alunos, inclusive aqueles com necessidades educacionais especiais. Para tal, faz-se necessário refletir sobre a reorganização das escolas e salas de aula; a ressignificação das práticas pedagógicas solicita uma reflexão sobre os saberes dos professores e sua formação, o que esta pesquisa de abordagem qualitativa, se propôs investigar. Optamos pela coleta de dados através da entrevista semiestruturada com 14 professores de três escolas públicas da rede estadual de Minas Gerais, que respondeu a contento as questões da pesquisa. Seus resultados indicam que algumas práticas pedagógicas ainda refletem o processo de exclusão historicamente construído e precisam ser transformadas; outras práticas, ao contrário, se referem a novas formas de ensinar e aprender. Ao assumir como meta a educação para todos, os sistemas, as escolas e os professores precisam alargar suas concepções, provocando rupturas no tecido que (re)constrói seus saberes e prática.

Palavras-chaves: Educação inclusiva; prática pedagógica; saberes docentes



CAPA



SUMÁRIO

Projeto uma lenda, duas lendas, tantas lendas...

Sezilia Elizabete Rodrigues Garcia Olmo de Toledo
professorasezilia@gmail.com
Prefeitura Municipal Campinas - SP

Resumo: O trabalho foi realizado na EMEF Padre Francisco Silva, no ano de 2013, nos anos iniciais do Ensino Fundamental com uma turma de 5º ano, teve como objetivo a produção de um livro de autoria da sala com textos do gênero lendas, envolvendo a aprendizagem da re-escrita, revisão textual, trabalho coletivo, socialização, cooperação e estreitamento de vínculos de amizade. Se iniciou com a leitura diária em voz alta pela professora de textos do gênero lendas, presentes no livro de textos do aluno do Programa Ler e Escrever e demais livros do acervo da sala. Concomitante com as leituras, os alunos realizaram as atividades propostas na Coletânea do Aluno (parte do Programa Ler e Escrever), intitulada como projeto “Uma lenda, duas lendas, tantas lendas...”, sendo o produto final proposto a autoria de um livro. Para alcançar o objetivo, os alunos se organizaram em duplas para pesquisar lendas na internet e lê-las para a sala em voz alta no início da aula. Encerradas as leituras, cada dupla realizou a re-escrita de uma das lendas lidas e ilustrações. Semanalmente ocorreu uma revisão textual coletiva com o auxílio do projetor e a participação ativa de todas as crianças envolvidas. Formulou-se uma sinopse coletivamente e decidiu-se por votação a capa e que o livro seria no formato vertical e as lendas organizadas em ordem alfabética de acordo com o título. A professora agiu como mediadora do saber, organizando coletivamente as etapas e datas a serem seguidas para que se conseguisse alcançar o produto final e apresentá-lo na mostra de trabalhos da escola, evento “Escola Aberta”. Nas auto avaliações, as crianças relataram que aprenderam a trabalhar em grupo, conquistaram mais amigos, aprenderam aceitar a opinião dos colegas, reconhecer os próprios erros, além de terem ficado mais unidos ao término do trabalho.

Palavras chave: projeto; lendas; re-escrita; revisão; coletividade.

O eu e o outro em um processo teatral coletivo – As relações entre professores e alunos no espetáculo “Hamlet”, da escola de teatro da fundação das artes

Sérgio de Azevedo
sergiodeazevedo@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP; Fundação das Artes de São Caetano do Sul - SP

Maria Célia Luca
celialuca@yahoo.com.br
Fundação das Artes de São Caetano do Sul - SP

Danilo Araujo de Oliveira
danieliver@yahoo.com.br
Fundação das Artes de São Caetano do Sul - SP

Marco Aurélio Domingues
marcoareliomd@gmail.com
Fundação das Artes de São Caetano do Sul - SP

Resumo: Descreve, a partir do olhar de dois professores e de dois alunos, procedimentos de trabalho e principais práticas pedagógicas e artísticas do processo de ensaio e temporada de Hamlet, espetáculo da Escola de Teatro da Fundação das Artes de São Caetano do Sul, cujo período de ensaios iniciou-se em agosto de 2014 e que realizou temporada de março a maio de 2015. As práticas pedagógicas e estéticas dos professores inspiraram-se em suas experiências como artistas e também nas proposições de Eugênio Kusnet, as quais destacam o ator como um dos centros criativos do processo teatral. A partir das proposições do ator e professor russo, em especial de seu livro Ator e Método, o texto se propõe a analisar como o trabalho dos professores-diretores e alunos-atores se afetou mutuamente. Descreve escolhas, descobertas e procedimentos investigativos, os quais, no processo de trabalho, tiveram como objetivo ampliar a participação e autonomia do ator na investigação da obra e composição da cena. Destaca também as atividades realizadas no processo contínuo de pesquisa após a estreia do espetáculo, durante a temporada. O presente trabalho pretende contribuir com elementos que ampliem uma compreensão possível das múltiplas relações de afetação entre professores-diretores e alunos-atores na construção colaborativa e participativa em um processo teatral cujo foco seja o trabalho do ator.

Palavras-chave: trabalho do ator, formação em teatro, escola de teatro, arte e educação, Eugênio Kusnet.



CAPA



SUMÁRIO

Contos de Bruxas: vamos produzir?

Camila de Oliveira
profa.camila.oliveira@gmail.com
Analista Técnico Educacional - SESI-SP

Resumo: O trabalho foi realizado com o 2º ano do EF, na rede SESI- SP. A ideia surgiu da necessidade de contribuir para que os alunos desenvolvessem as habilidades de ler e produzir textos de autoria, respeitando as características do gênero e o contexto. O tema “Contos de Bruxas” foi escolhido a partir do interesse demonstrado pelos alunos por meio de leituras realizadas durante as aulas. Primeiramente, incorporei esse gênero nas leituras diárias, visando repertoriar os estudantes. Depois, proporcionei não só momentos de leitura, com foco na entonação, como também reli trechos direcionando questionamentos, com o objetivo de confirmar as interpretações dos estudantes. Para complementar esse trabalho, confeccionamos um cartaz com três colunas: título do livro, nome da bruxa e características da obra, a fim de levar os alunos a localizarem informações explícitas e implícitas no texto. Num segundo momento, propus uma produção de texto em duplas, considerando os níveis de escrita dos alunos. Para nortear essa produção, levantamos algumas questões: onde viviam as bruxas, se elas poderiam ser boas, com quem se relacionavam etc. Após isso, realizei a correção dos textos e devolvi para que eles fizessem as readequações necessárias. Para concluir, criamos uma Galeria de Bruxas para expor à comunidade escolar. Para isso, solicitei que elaborassem um texto descritivo de uma bruxa e ressaltei a importância de elegerem algumas informações para caracterizá-la, como nome, aspecto físico e personalidade. Ao ler os textos dos estudantes, percebi o uso escasso de recursos descritivos, promovi, então, uma discussão e orientei a revisão. Para finalizar, fizemos uma dobradura de bruxinha e escolhemos um dos murais da escola para expor nosso trabalho. Após a realização dessas atividades, constatei evolução no desempenho dos estudantes que, ao perderem o medo de escrever, adquiriram autonomia em seus textos, respeitando as características do gênero abordado.

Palavras chave: contos de bruxa; texto autoral; ampliação de repertório.

Cabelo crespo e corpo negro na sala de aula

Beatriz Regina Barbosa;
beatrizr.barbosa@yahoo.com.br
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Marta Menezes Santos;
mms_marta@hotmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo: O presente trabalho foi resultado do relatório final da disciplina de Estágio em Educação Infantil, oferecida em caráter obrigatório no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Campinas. Ele pretendeu apresentar relatos decorrentes de intervenções pedagógicas realizadas pela estagiária e pela professora de uma turma do agrupamento III, composta por 25 crianças, com idades entre 4 e 5 anos de uma creche localizada na região Metropolitana de Campinas. As transcrições de falas das crianças e situações vivenciadas, registradas no Diário de Campo da estagiária foram fundamentais para a reflexão. A presença da estagiária, que era indagada pelas crianças sobre seu cabelo crespo e a cor de sua pele, contribuiu para a realização das intervenções em relação à temática étnico-racial (Lei 10639/03) e as questões de gênero, pensadas pela professora e estagiária. Elas foram realizadas com leituras de histórias, para as crianças e a reescrita de uma das histórias, desenhos com tinta guache e canetinhas, pelas crianças, sendo possível perceber as representações sociais que elas tinham do sujeito negro, inclusive os apresentados nas histórias. As reflexões compartilhadas neste trabalho visaram multiplicar as discussões, intervenções e reflexões sobre temáticas importantes como estas e tantas outras, presentes em espaços educativos. Este trabalho permitiu comprovar, mais uma vez, a importância da representação positiva do sujeito negro, e a importância de pensarmos a arte e a(s) estética(s) negra(s) enquanto ferramentas importantes na construção da identidade e empoderamento das crianças negras. Garantirmos para todas as crianças, independentemente do seu pertencimento étnico-racial, o direito à uma educação que valorize as diversas linguagens e culturas, que não só as eurocênicas, é um dos caminhos para alcançarmos uma sociedade mais justa e com igualdade de direitos.

Palavras-chave: relações étnico- raciais; representatividade; educação infantil; estética



CAPA



SUMÁRIO

215

Pensamentos, palavras, olhares outros que nos trans-formam: algumas reflexões sobre falas infantisno cotidiano escolar

Daniel de Oliveira
profoliveira.d@gmail.com
Faculdade de Formação de Professores - FFP-UERJ e Secretaria Municipal de Educação - RJ

Mairce Araújo
mairce@hotmail.com
Faculdade de Formação de Professores - FFP-UERJ e Secretaria Municipal de Educação - RJ

Rose Mary Magdalena
triz.magdalena@yahoo.com.br
Secretaria de Educação do Município de São Gonçalo - SEMED-SG

Ruttyê Abreu
ruttye@gmail.com
Faculdade de Formação de Professores - FFP-UERJ e Secretaria Municipal de Educação - RJ

Resumo: Os olhares, as vozes e as atitudes das crianças trans-formam os meus? Essa é uma pergunta que acreditamos atravessar implícita, e por vezes explicitamente, as narrativas que trazemos nesse texto. Produzido no âmbito do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Memória e Formação de Professores –ALMEF, na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro –FFP/ UERJ, traz a narrativa de três experiências vividas por duas professoras e um professor da educação básica com suas turmas, cujas discussões foram tecidas nos encontros deste grupo com sua coordenadora. Nos três episódios, as vozes das crianças, através de seus modos de olhar para o mundo, desafiaram nossas lógicas e perspectivas adultas, exigindo-nos constantes exercícios de flexibilização para tornar nossos olhares mais atentos e nossas escutas mais sensíveis às pistas que elas nos mostram sobre como leem seu espaço-tempo. Três atividades envolvendo um cartaz produzido, um trabalho sobre memória e cultura e a produção de curtas animados suscitam, respectivamente, questões sobre identidade e relações étnico raciais, política e direito à participação infantil. Nesses contextos, as relações com as crianças revelaram rumos, nem sempre planejados, pelos quais nos desafiamos ao percorrê-los, mas que se tornaram férteis espaços-tempos formativos para elas e para nós, na medida em que nos apropriamos reflexivamente, juntos, dessas situações imprevisíveis do cotidiano. Nesse sentido, as experiências aqui relatadas produziram reflexões que apontam para nós alguns caminhos para compreender o cotidiano escolar como um terreno rico de possibilidades de construção de saberes que atravessaram os currículos oficialmente instituídos, de forma viva e orgânica.

Palavras-chave: alfabetização; infâncias; cotidiano; identidade.

Reflexões sobre a construção da identidade negra na sala de leitura

Lenita dos Santos Ferreira

lenita.peoli@gmail.com

Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - RJ

Resumo: Em meio às demandas do cotidiano escolar e à emergência dos estudos étnico-raciais na academia, principalmente os voltados para a negritude, realizei uma pesquisa-ação que culminou na dissertação de mestrado. Neste texto, relato os percursos trilhados na construção do trabalho pedagógico e investigativo cuja questão norteadora é: quais as possibilidades da construção da identidade negra a partir do trabalho na sala de leitura? O tema surgiu em uma convergência entre a necessidade acadêmica e uma urgência do cotidiano sinalizada pelos estudantes. As crianças com quem trabalhei estavam no terceiro ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal da cidade do Rio de Janeiro, situada em um bairro da Zona Norte. A proposta foi realizada no âmbito da Sala de Leitura, a partir das literaturas infanto-juvenis africanas e afrobrasileiras. Nas aulas semanais, realizamos rodas de leitura e conversa que visavam a problematizar e refletir sobre a negritude. Reconhecer as identidades, entendendo a diferença como constitutiva destas, tornou-se um movimento de empoderamento das crianças frente às relações raciais desiguais. Os contextos produzidos pelos textos, encharcados de elementos culturais, se mostraram possibilidades de trabalho férteis no campo da educação para as relações étnico-raciais. As experiências vividas com os sujeitos crianças possibilitaram pistas de que o caminho da literatura traz contribuições para a construção da identidade negra.

Palavras-chave: cotidiano; identidade; relações étnico-raciais; negritude; literatura.



CAPA



SUMÁRIO

217

Leitura literária em sala de aula

Nathalia Ferraz Rodrigues
nathalia.fr@hotmail.com
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP - Rio Claro

Pamela Aparecida Cassão
cassaopa@gmail.com
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP - Rio Claro

Resumo: Neste texto socializaremos um trabalho em parceria, desenvolvido por uma graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia e uma professora da Rede Municipal de Rio Claro/SP. Iniciamos um trabalho no início do ano letivo de 2014, em uma escola de Ensino Fundamental da Rede Municipal, com o objetivo de incentivar a prática da leitura entre os alunos, utilizando obras da literatura infanto-juvenil. Nosso foco era desenvolver estratégias para promover o hábito da leitura em um grupo de alunos de 5º ano que não demonstravam interesse pela literatura. Instituímos rodas de leituras semanais seguidas de debates sobre as temáticas abordadas nos livros, essas discussões eram utilizadas como percussoras de atividades realizadas em grupo ou individualmente. Os alunos também realizavam a leitura individual de exemplares disponibilizados pela escola. Utilizamos a produção escrita como aliada ao nosso trabalho, propondo a produção de um diário pessoal onde os alunos abordavam tanto assuntos relacionados ao seu cotidiano como questões relacionadas com as leituras realizadas em grupo. Outros portadores textuais foram utilizados objetivando que os alunos compreendessem a existência de variados tipos de textos. O trabalho desenvolvido mostrou a intensificação do contato dos alunos com a literatura, uma vez que estes demonstraram envolvimento com a prática da leitura em suas casas e, alguns deles, procuraram adquirir exemplares dos livros trabalhados nas rodas de leitura realizadas em sala de aula.

Palavras-chave: parceria; literatura; coletividade; escola; leitura.

Trajetoária de um diretor educacional na educa o infantil: rela oes étnico- raciais e a constru o da identidade de crianças

Marcus Venícius de Brito Coelho
coelho.marcus@yahoo.com.br
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: Este trabalho procura descrever a trajetória de um diretor educacional na busca de um trabalho efetivo na implementa o da Lei 10.639/2003 que trata do ensino de História e Cultura africana e de afrodescendentes. Esta lei faz parte de uma política p blica¹ de a o afrimitiva referente   invisibilidade do negro na forma o da sociedade brasileira e na busca de uma sociedade democrática. Deste modo, este profissional narra suas experiências referentes às rela oes étnico-raciais no interior das unidades escolares nas quais atuou. A narrativa da trajetória trata do trabalho executado em duas unidades de educa o infantil: Cemei Lídia Bencardini Maselli e Emei Guilherme de Almeida, ambas localizadas na região sudoeste da cidade de Campinas. Nesses trabalhos o eixo norteado foi a identidade², como forma de contemplar a implementa o da lei acima citada. Para tal tarefa foram utilizados contos africanos que trazem contribui es da cultura africana, histórias infantis que tratam de problemas enfrentados por crianças negras e afrodescendentes em seu cotidiano. Foi utilizado o material educativo do projeto A cor da Cultura da Funda o Roberto Marinho, principalmente os livros animados tendo como referência do trabalho executado o parecer do CNE 03/2004; a Diretrizes Curriculares Nacionais de Rela oes  tnico Raciais. Acredita-se que este trabalho possa trazer contribui es para os profissionais que querem ou que já trabalham com a temática étnico-racial no sentido de troca de experiências e materiais de trabalho com a temática.

Palavras-chave: Lei 10.639/2003; rela oes étnico-raciais; identidade; educa o infantil.



CAPA



SUMÁRIO

219

Projeto aproximando culturas

Josane Batalha Sobreira da Silva
jsobreira@portoseguro.org.br
Colégio Visconde de Porto Seguro (CVPS)

Debora Noemi Inouye
dnoemi@portoseguro.org.br
Colégio Visconde de Porto Seguro (CVPS)

Ghislayner Aparecida dos Santos
ghislayner@portoseguro.org.br
Colégio Visconde de Porto Seguro (CVPS)

Resumo: Por meio da rede social educacional FACEDUC, alunos do 4º ano do Colégio Visconde de Porto Seguro (CVPS) corresponderam-se com estudantes de escola indígena do Pará, com o intuito de compartilhar informações sobre determinados temas e comparar o modo de vida de ambos os grupos. O projeto trabalhou conteúdos do currículo de História-Geografia do 4º ano do nosso Colégio. O envolvimento dos alunos através da troca entre pares em uma aprendizagem cooperativa, conforme proposto por Vigotsky, Lev Semenovich e os resultados de trabalho por projetos, de acordo com Hernandez, Fernando, tornaram-se importantes fatores para o sucesso desse trabalho. Os alunos formularam perguntas dentro dos temas: meios de transporte/escola, moradia/alimentação. Brincadeiras/festas típicas para alunos da mesma série da Escola Indígena Antônio de Souza Pedroso. Os professores postavam vídeos e fotos apresentando lugares da cidade, comparando rios, modos de vida e culturas. Assim, analisaram a situação dos alunos de uma comunidade indígena nos dias atuais e perceberam a comunidade indígena como “um outro” diferente, mas não inferior. A plataforma permite inclusão digital, novos métodos de trabalho, o intercâmbio de conhecimento entre os alunos do interior da Amazônia com alunos de Valinhos/SP. O projeto abre novo espaço para a educação das crianças indígenas do Pará. Ao ler os relatos sobre o que aprenderam com essa experiência, percebemos que essa troca pôde estabelecer correlações entre o conteúdo estudado em História e Geografia e a realidade. O trabalho foi finalizado com uma videoconferência onde, através do Skype, os alunos puderam se conhecer em tempo real, conversar e finalizar esse trabalho de forma emocionante. Após a troca de informações, os alunos registraram suas reflexões no iPad, que foram publicadas em um livro virtual. Esse trabalho mostrou a diferença entre o “dar aula” e “fazer aula” e a dimensão do que é ultrapassar os muros da escola.

Palavras-chave: iPad, comunidade indígena, rede social educacional, diversidade cultural

220



CAPA



SUMÁRIO

Retalhos de narrativa, escrita e oralidade na educação de jovens e adultos

Karina Mayara Leite Vieira
karina_letras@yahoo.com.br
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: Nascida no interior de São Paulo, filha de advogada e neta de alfaiate, alfabetizada nos primeiros anos de escola, sou professora, professora de língua portuguesa, professora da educação de jovens e adultos. Eu, a minha história e o meu trabalho somos atravessados pela escrita. Meus alunos, suas histórias, suas atividades diárias, sua relação com o trabalho, porém, são marcados pela palavra falada. São eles narradores, cujas histórias que (lhes) contam e que vivem são costuradas no tecido da oralidade. Como narradora, sinto-me muito mais próxima do mundo da escrita que do universo da oralidade. Ensinar a escrita foi, aliás, meu objeto de pesquisa durante o mestrado. Vejo-me, agora, tentando outro caminho, algo entre, entre a escrita e a oralidade. Para narrar experiências que acontecem a mim e aos meus alunos, proponho tecer um diálogo entre e uma reflexão sobre a escrita e a oralidade na escola. Costuro, pela narrativa, retalhos do cotidiano como professora de língua portuguesa de alunos da educação de jovens e adultos. Partilho cenas do meu trabalho pedagógico, recortado por práticas que tateiam ensinar e aprender a escrita cedendo espaço à oralidade. Nessa partilha, busco como narradora aproximar-me das narrativas orais, alinhavando a minha voz e minha história, atravessadas pela escrita, à voz dos meus alunos narradores e suas histórias.

Palavras-chave: narrativa; oralidade; escrita; educação de jovens e adultos; ensino de língua portuguesa.



CAPA



SUMÁRIO

221

Eu posso participar da assembleia?

Marciene Aparecida Santos Reis

marciene@gmail.com

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP; Escola Comunitária de Campinas - ECC; Kroton Educacional

Marissol Prezotto

marissol.prezotto@gmail.com

Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP; Escola Comunitária de Campinas - ECC; Kroton Educacional

Resumo: A professora titular e a auxiliar da classe do 3º ano do Ensino Fundamental I do município de Campinas trocam diferentes experiências formativas, mas foi com a pergunta “Eu posso participar da assembleia?” que os olhares se dispararam e palavras não ditas se instauraram no ar. O convite foi reafirmado pela professora titular que insistiu na partilha do momento de Assembleia com os alunos. A Assembleia de Classe segue a orientação do Eu crítico - Eu felicito – Eu sugiro. Neste momento, uma das crianças é sorteada pela professora para registrar a pauta anotada ao longo da semana e dos encaminhamentos feitos pelas crianças e mediados pelas professoras. É neste espaço que é possível trabalhar princípios que norteiam o cotidiano da escola: trabalho democrático, solidário, crítico, autônomo e participativo entre os sujeitos envolvidos. É também neste espaço que é possível pensar nos valores e práticas da/na escola perante princípios pautados na democracia, justiça, respeito, ética, cidadania, solidariedade e cooperação para um ambiente reflexivo e formador tanto para o professor quanto para as crianças, uma vez que ao compartilhar situações do cotidiano da escola que são felicitadas e que são criticadas pelas próprias crianças, é possível não só dar voz às situações que as permeiam, como também potencializar a reflexão sobre estas ações, o que possibilita a elaboração de novas propostas de como conviver no coletivo.

Palavras-chave: assembleia de classe; cotidiano da escola; convivência.

Leitura e escrita como possibilidade de trans-formação docente e discente no ensino fundamental I

Juliana Cristina Chaves Buldrin Baiocchi
jbuldrin@gmail.com
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: Esse diálogo pretende compartilhar experiências docentes e discentes no trabalho com a leitura e a escrita no terceiro e quarto ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de Campinas. Através de um plano de trabalho docente construído junto com os estudantes, que tem a leitura e a escrita como eixo estruturante e articulador na integração das diferentes disciplinas curriculares, é que o trabalho foi e é desenvolvido. O mesmo é constituído a partir de um projeto que considera a leitura, escrita e a expressão oral como expressão de si, permeando as práticas do cotidiano e tendo o registro como prática social. Nesse sentido, algumas ações são desenvolvidas, tais como, a construção de um livro da sala com as escritas narrativas individuais e coletivas da turma acerca de assuntos que os inquietam no cotidiano e que revelam como e o que a escola produz nas crianças em termos formativos. Leitura diária feita pela professora, pelas crianças, de forma oral, individual e coletiva, a socialização com outras salas e ampliação do repertório literário, entre outras. As produções das crianças na interlocução com a professora, revelam a possibilidade de trans-formação pessoal/profissional no exercício da cidadania. As diferentes ações em torno da leitura e a escrita são desenvolvidas de forma a colocar as crianças como protagonistas, produtoras de conhecimento, e a professora como interlocutora, mediadora e aprendiz nesse processo.

Palavras-chave: Leitura e escrita; escrita narrativa; expressão oral; expressão de si; cotidiano



CAPA



SUMÁRIO

O texto livre como instrumento pedagógico na alfabetização

Ana Flávia Valente Teixeira Buscariolo
af_valente@yahoo.com.br
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: No presente trabalho o texto livre, instrumento pedagógico tal como proposto por Celestin Freinet, é colocado como objeto de reflexão e investigação. Para investigar tal instrumento - seu caráter pedagógico, seu uso em sala de aula, seu estatuto no processo de alfabetização - busco sustentação teórica nos trabalhos do próprio Freinet e de Lev Vigotski, autores que, apesar de apresentarem percursos distintos em suas elaborações, trazem em seus constructos teóricos os mesmos pressupostos e a preocupação com a aquisição da forma escrita de linguagem pela criança. Assumindo a posição de professora pesquisadora, e utilizando sistematicamente o “texto livre” em sala de aula de primeiro ano, com crianças de seis anos ingressantes no ensino fundamental, passo a “desconfiar” desse instrumento, procurando suspender as certezas que tinha com relação a ele. No esforço de problematização e objetivação do instrumento e de seus usos no processo inicial de alfabetização das crianças, tomo como material empírico as produções de meus próprios alunos no decorrer dos dois primeiros anos letivos do Primeiro Ciclo, assim como relatos e registros (escritos, fotografados e filmados) de minha prática em sala de aula. As análises explicitaram que a relação de ensino - que se estabelece entre as crianças, entre professor e aluno, entre a criança e a escrita como objeto de conhecimento e meio/modo de dizer sobre o mundo e a vida - se sobrepõem ao instrumento em si. Ao mesmo tempo, esse instrumento se mostra extremamente válido e viável desde o início do processo de alfabetização, na medida em que incita as crianças a que arrisquem suas primeiras hipóteses de escrita, amplia as possibilidades para que explorem as formas e as condições de produção e assumam a autoria de seus textos.

Palavras-chave: texto livre; Freinet; Vigotski ; alfabetização

Pensamentos, palavras, olhares outros que nos trans-formam - algumas reflexões sobre falas infantis no resenhas literárias no youtube: práticas de leituras da cultura juvenil na atualidade

Alessandra da Costa Abreu
Alessandra.abreu@oi.com.br
Prefeitura Municipal de São Gonçalo - RJ

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir sobre novas práticas que se configuram através do espaço da internet. Para isso, destaca para discussão e análise as resenhas literárias do You Tube. Os protagonistas e autores destas resenhas são jovens e adolescentes que parecem gostar muito de ler e por isso buscam, através da internet propagar este fascínio que a literatura os proporciona para outros pares. A partir desta análise interessada sobre esse fenômeno, venho com a ajuda de Bakhtin, identificando que assim como outras práticas da internet, este conteúdo vinculado à mídia digital não se trata de uma única autoria, mas de uma autoria coletiva, em que a palavra não permanece ao falante unicamente, mas também ao ouvinte está presente de algum modo. Nesse sentido todos são autores, quem escreveu o livro, quem leu o livro e deu a sua opinião, o protagonista que apresenta a resenha, quem assiste a resenha e percebe a necessidade de divulgar as resenhas dos livros que leu. Enfim, todos que dialogam desta experiência.

Palavras chave: juventude; tecnologia digital; práticas de leituras e resenhas literárias



CAPA



SUMÁRIO

225

A escola popular e o popular na escola: o processo de construção curricular Em uma escola de petroperiferia

Douglas Rodrigues Ribeiro
profdouglas@ig.com.br
Prefeitura Municipal de Macaé - RJ

Resumo: Dialogar com uma escola de petroperiferia urbana requer um mergulho com todos os sentidos na especificidade do cotidiano escolar. Nossa proposta de doutoramento consiste investigar a constituição de uma escola que se apresenta como popular, bem como o processo de construção do seu currículo escolar. Pensamos esta escola na tríade, “escola, problemática social e conhecimento”, enxergando em suas práticas pedagógicas cotidianas se a denominada cultura popular é parte central desta escola, de seu currículo. A instituição escolhida localiza-se em uma petroperiferia do município de Macaé, a “Capital Nacional do Petróleo”, sendo o Colégio Municipal Botafogo, situado entre as favelas do Botafogo e Malvina, uma ilha fluvial. Esta Petroperiferia tem início na década de 70, com a exploração do Petróleo na região. A Petrobrás instala-se em Macaé e muitos migram para a cidade. Caracterizei as favelas desta região como petroperiferia, pelo modelo de desenvolvimento e tensão no lugar. É importante perceber no cotidiano, as tensões e conflitos provocados por um contexto de pobreza e violência marcado pelo tráfico de drogas, e suas derivações e impactos na Escola–sujeito da pesquisa. Acreditar na escola popular e possível é crer nos seus sujeitos como atores no processo de construção curricular para especificidade desta escola de petroperiferia. Desafiemo-nos a fazer uma leitura compreensiva desta escola em diálogo com a linguagem musical. Os sons ecoados nesta escola revelam seu currículo ideal ou real? Ou um currículo que urge ser produzido nas circularidades intercultural (GARCIA, 2012) que aproxima e distancia os sujeitos escolares e sua complexidade?

Palavras-chave: interculturalidade; construção curricular; escola popular; linguagem musical

Interarte: entre papéis e tecidos

Karina A. G. Baggio
karinagodoy13@yahoo.com.br
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Célia M.R. Idrani
celiaidrani@gmail.com
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Rosemary A.S.F. Paulino
rosefpaulino@hotmail.com
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Fernanda L. Santoro
fernandaliras@gmail.com
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: A inclusão é uma realidade na educação infantil, diante disso, precisamos aguçar nossa criatividade e proporcionar experiências que contemplem a todos, e estimulem as aprendizagens. Portanto, nossa proposta foi integrar crianças de 2 a 6 anos das quatro turmas do período da tarde do CEI Domingos Walter Schmidt (Campinas-SP), estimulando a criatividade, utilizando materiais diversificados, criando histórias, transformando olhares. Utilizamos como norteadores dois livros imagens “O jornal” e “O lenço”, além de jornais e diferentes tipos de tecidos. Inicialmente as crianças foram questionadas sobre o que poderia ser feito com jornal. Depois apresentamos o livro “O jornal” e a partir das imagens, as crianças produziram uma história, que foi socializada com as outras turmas. Partindo da ideia de brinquedos feitos com jornal, as turmas se reuniram novamente para confeccionar e brincar com espadas, barcos, chapéus, bonecas, etc. Em outro momento, dando sequencia ao projeto, foi apresentado às turmas crianças puderam brincar, interagindo com tecidos de diversas estampas, cores e texturas. Na roda, os tecidos foram tocados com as mãos e os pés e depois brincaram livremente. E finalizando, as crianças puderam brincar com tecidos e jornal ao mesmo tempo. Considerando que a inclusão deve ser estendida a todas as crianças, o trabalho realizado proporcionou vivências, questionamentos, atos criativos e participativos que geraram muitas aprendizagens. Podemos inferir que todas as crianças se sentiram capazes e demonstraram suas produções, falas, entusiasmo, criatividade e souberam explorar os recursos oferecidos produzindo novos conhecimentos. A proposta de trabalho trouxe perspectivas de produções que vão além do senso comum, ampliando assim, a visão de conhecimento e aprendizagem.

Palavras-chave: inclusão; interação; educação infantil.



CAPA



SUMÁRIO

227

Pensamentos, palavras, olhares outros que nos trans-formam: algumas reflexões sobre as falas infantis no cotidiano escolar

Daniel de Oliveira
profoliveira.d@gmail.com
Faculdade de Formação de Professores - UERJ/ Secretaria Municipal de Educação - RJ

Mairce Araújo
mairce@hotmail.com
Faculdade de Formação de Professores - UERJ

Rose Mary Magdalena
triz.magdalena@yahoo.com.br
Secretaria Municipal de Educação de São Gonçalo

Resumo: Os olhares, as vozes e as atitudes das crianças trans-formam os meus? Essa é uma pergunta que acreditamos atravessar implícita, e por vezes explicitamente, as narrativas que trazemos nesse texto. Produzido no âmbito do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Memória e Formação de Professores – ALMEF, na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/ UERJ, traz a narrativa de três experiências vividas por duas professoras e um professor da educação básica com suas turmas, cujas discussões foram tecidas nos encontros deste grupo com sua coordenadora. Nos três episódios, as vozes das crianças, a partir de seus modos de olhar para o mundo, desafiaram nossas lógicas e perspectivas adultas, exigindo-nos constantes exercícios de flexibilização para tornar nossos olhares mais atentos e nossas escutas mais sensíveis às pistas que elas nos mostram sobre como leem seu espaço-tempo. Três atividades envolvendo um cartaz produzido, um trabalho sobre memória e cultura e a produção de curtas animados suscitam, respectivamente, questões sobre identidade e relações étnico raciais, política e direito à participação infantil. Nesses contextos, as relações com as crianças revelaram rumos, nem sempre planejados, pelos quais nos desafiamos ao percorrê-los, mas que se tornaram férteis espaços-tempos formativos para elas e para nós, na medida em que nos apropriamos reflexivamente, juntos, dessas situações imprevisíveis do cotidiano. Nesse sentido, as experiências aqui relatadas produziram reflexões que apontam para nós alguns caminhos para compreender o cotidiano escolar como um terreno rico de possibilidades de construção de saberes que atravessaram os currículos oficialmente instituídos, de forma viva e orgânica.

Palavras-chave: alfabetização; infâncias; cotidiano; identidade.

A interdisciplinaridade em atividades de iniciação científica na escola

Nara Caetano Rodrigues
nacaetano@yahoo.com.br
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Colégio de Aplicação/CED

Resumo: Uma das questões que tem nos inquietado é a produção de conhecimento na escola básica, pela fragmentação das disciplinas a despeito das reflexões, produzidas principalmente nas últimas três décadas, sobre a importância de abordar o conhecimento dos objetos de estudo em sua unidade, rompendo as fronteiras disciplinares que o fragmentam. As indicações dos documentos oficiais apontam para uma escola que forme alunos capazes de lidar com diferentes linguagens e articular conhecimentos de diversas disciplinas para atuar na sociedade como um cidadão crítico e responsável. Uma das possibilidades de implementar as propostas oficiais é o desenvolvimento de atividades interdisciplinares dentro de uma outra organização curricular que viabilize um aprendizado mais significativo com a utilização de recursos que contemplem diferentes linguagens e habilidades. Nosso objetivo, nessa comunicação, é problematizar a experiência com iniciação científica, desenvolvida há 16 anos no Projeto Pés na Estrada do Conhecimento – atividade permanente interdisciplinar que, em 2010, passou a ter 2h/a na grade curricular do 9º ano do Colégio de Aplicação da UFSC. Ao longo do ano, são desenvolvidos dois estudos mais sistemáticos, contemplando dois grandes eixos: 1º – A questão da geração de energia no Brasil e 2º – O Brasil Colonial (Séculos XVII e XVIII). Cada etapa envolve encontros de orientação, que ocorrem nas aulas de Iniciação Científica, para elaboração do projeto de pesquisa; saída a campo (1º semestre – Itá/SC e 2º semestre – cidades históricas/MG); sistematização; socialização das pesquisas. O que temos constatado é uma apropriação do conhecimento de modo significativo, pelo agenciamento das vozes de diferentes sujeitos produtores de conhecimento (representantes de hidrelétricas e do MAB, agricultores atingidos por barragens, guias, moradores das cidades-campo das pesquisas). Além disso, esse modo de apropriação do conhecimento têm viabilizado um exercício de autoria do estudante-pesquisador e uma relação professor-aluno diferente, pois ambos se constituem como orientador e pesquisador, respectivamente.

Palavras-chave: escola básica; produção de conhecimento; interdisciplinaridade; iniciação científica



CAPA



SUMÁRIO

A integralidade do ser da escola integral: por uma educação mais estética

Bárbara Prudente de Almeida Rodrigues
barbaraprua@ig.com.br
Secretaria Municipal de Educação - RJ

Michelle Dantas Ferreira
michaduda@yahoo.com.br
Secretaria Municipal de Educação - RJ - SME/RJ; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: A escola é um lugar de possibilidades, muitas vezes a única, principalmente em comunidades de extrema pobreza. As instituições escolares de horário integral tem em si uma dinâmica que as difere das outras e impulsionam atividades que integrem não só os seres que lá estudam e seus formadores, mas também afetem seus próprios corpos, agindo de dentro para fora, reverberando, sensibilizando, dialogando. A proposta é promover atividades que sensibilizem, agucem sentidos, aflorem questionamentos, propiciem vivências corporais em crianças da Educação Infantil, em faixa etária de quatro e cinco anos. A Educação Estética surge nesse contexto como mobilizadora das ações e a Arte como uma das ferramentas para uma educação mais sensível. A pesquisa se desenvolve e dialoga com as vivências-ações que são propostas para duas turmas de Educação Infantil do Município do Rio de Janeiro, em um Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) e se resignifica a cada momento de troca e experimentação. As atividades são então discutidas, sugeridas, vivenciadas e refletidas tendo as crianças como centro da proposta e as professoras como mediadoras e participantes desse processo. Os resultados são obtidos diariamente, na afirmação e propagação da autonomia, do protagonismo, da aprendizagem e atuação infantis e as práticas são constantemente avaliadas e transformadas em novas possibilidades de experimentação.

Palavras-chave: infância; educação estética; educação integral

Múltiplos olhares para uma escola que sonha em ser diferente

Vânia Medeiros Gasparello
vania.mg@uol.com.br
Faculdade de Formação de Professores - UERJ

Clarissa Moura Quintanilha
clarissa_quintanilha@hotmail.com
Faculdade de Formação de Professores - UERJ

Brenda Cristina de Oliveira Corrêa
b-crustubaiku20@gmail.com
Faculdade de Formação de Professores - UERJ

Resumo: : Este trabalho é fruto de uma pesquisa-ação em uma escola estadual no município de Niterói, no estado do Rio de Janeiro. A partir de um encontro transdisciplinar para discutir novas possibilidades para a escola, uma coordenadora pedagógica relatou que estava começando um processo de mudança nas práticas pedagógicas da escola em que trabalhava, inspirada na escola da Ponte, em Portugal, e que tinha interesse em uma parceria escola-universidade neste movimento. O nosso grupo de pesquisa, que investiga processos de trans/formação do adulto no ambiente educativo, dialogando com a abordagem (auto) biográfica, a psicologia analítica e a teoria complexa do conhecimento e da vida; imediatamente aceitou o desafio. A metodologia da pesquisa-ação que utilizamos trabalha com oficinas para professores, nas quais os participantes são estimulados a problematizar a sua história de vida e práticas pedagógicas por meio de vivências transdisciplinares e da escrita. Contudo, nessa escola, não foi possível trabalharmos com oficinas, pois os professores praticamente não tinham momentos de reunião. Como mudar uma escola sem momentos de discussão coletiva dos projetos, sonhos e dificuldades cotidianas? A coordenadora lutou por um espaço coletivo de reunião e conseguiu ampliá-lo. O grupo de pesquisa também reformulou sua metodologia e desenvolveu uma pesquisa-ação começando com uma observação participante, com as bolsistas podendo contribuir no que a escola considerasse pertinente. Três pesquisadoras entraram na escola e perceberam/sentiram diferentes questões. Cada pesquisador tem uma história de vida e uma singularidade que possibilita múltiplos olhares para uma escola que sonha em ser diferente. Olhares e fazeres na escola que mudam práticas cotidianas de professores e alunos. Reflexões conjuntas que, no grupo de pesquisa, instauram novas maneiras de perceber o outro, a escola, a vida. Modelos arquetípicos de ensino tradicional, matriarcal, de alteridade e de totalidade que se expressam em diferentes momentos, entrecruzados, complexos.

Palavras-chave: pesquisa-ação; escola em mudança; diferentes olhares; modelos arquetípicos de ensino.



CAPA



SUMÁRIO

Olhe, meu desenho cresceu! : uma experiência com luz e sombra

Elaine Ferraresi Serediuk
elaineferraresi@hotmail.com
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: Refere-se a um relato de experiência sobre ampliações de desenhos de crianças pequenas por meio de um retroprojeto: “uma máquina mágica” que faz os desenhos crescerem. Tais produções infantis foram nomeadas pelas crianças por: “Quadros”. O objetivo inicial foi instigá-las a respeito dos fenômenos luz e sombra, mas ampliaram-se em variadas experiências táteis, imagéticas e artísticas. Os desenhos produzidos em transparência pelas crianças retrataram seus olhares sobre situações vividas, sentimentos, coisas da vida real e imaginadas. Depois de ampliados, os desenhos foram riscados ao serem projetados em cartolina branca e, posteriormente, coloridos com tintas produzidas pelas crianças, utilizando para isso diferentes suportes. Essa experiência também ilustrou que a arte está presente no cotidiano da educação infantil, especificamente nesta turma, pois é entre melecas, pincéis, variadas texturas, modelagem e objetos que as crianças inventam maneiras de expressar com criatividade o que querem e pensam. E até mesmo pela dinâmica da organização do trabalho – por Projetos – as crianças têm experimentado diferentes linguagens e todas elas se entrelaçando, se emaranhando nos significados que isso tem para cada uma ali. Este processo de criação dos Quadros, onde a luz e a sombra estiveram presentes, extrapolou o uso do papel (bidimensional), pois outras vivências tridimensionais aconteceram: transformação dos desenhos em fantoches; histórias coletivas; brincadeiras com as mãos e corpos criando sombras nas paredes e no chão, que ganharam vida com seus movimentos. A ampliação dos desenhos utilizando luz e sombra foi uma experiência inusitada e interessante para as crianças e demonstra a importância de se garantir espaços para que elas possam tatear, inventar e se expressar, percebendo que suas falas e ideias são respeitadas.

Palavras-chave: Desenho infantil; educação infantil; diferentes linguagens; luz e sombra.

As potencialidades das histórias em Quadrinhos para o ensino de história no ensino Fundamental

Marcel da Silva Nascimento
mdsnascimento@gmail.com
Centro Universitário Salesiano de São Paulo-UNISAL

Francisco Evangelista
francisco.evangelista@am.unisal.br
Centro Universitário Salesiano de São Paulo - UNISAL

Resumo: O presente trabalho de pesquisa tem como objetivo apresentar as potencialidades do uso das Histórias em Quadrinhos (HQs) para o ensino de História no Ensino Fundamental. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa, de natureza qualitativa, junto a alunos de 6º ano de uma escola da rede municipal de ensino de Monte Mor – SP, que teve como foco promover o diálogo e a socialização do conhecimento entre os indivíduos envolvidos no processo de aprendizagem. O conteúdo base para o desenvolvimento das atividades junto aos alunos foi a Mitologia Grega - A Lenda do Minotauro. O trabalho também busca apontar como a Pedagogia Social pode servir como base para ações da educação formal. O aporte teórico foi baseado principalmente em autores como Paulo Freire (2006; 2010; 2011) e Waldomiro Vergueiro (2010), para tratar fundamentalmente, respectivamente, a Pedagogia Social e o uso das HQs. A pesquisa revelou, a partir das análises das produções dos alunos, que o uso das HQs valoriza o conhecimento individual de cada um, favorece o diálogo e a participação de todos, pois possibilita que os diferentes “mundos” existentes em sala de aula sejam colocados em evidência através das narrativas em formato de histórias em quadrinhos.

Palavras-chave: metodologia do ensino de história; história em quadrinhos; pedagogia social.



CAPA



SUMÁRIO

Tchau sujeira!

Tatiane Gaspar Lima
tatiane.gaspar@zipmail.com.br
Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

Resumo: Nesta apresentação estarei narrando à experiência de um trabalho realizado em uma escola pública de Campinas com alunos de 4º Ano-RI (Recuperação Intensiva), que ainda não atingiram as expectativas para o ano/ciclo. O trabalho realizado resultou em grandes avanços na aprendizagem e autoestima dos aprendizes. Nesta fase, onde se espera que já estejam alfabetizados e produzindo bons textos, o maior desafio profissional é resgatar nestas crianças que elas acreditem que são capazes de ler, escrever e ter estas, entre outras habilidades e capacidades. Trago nesta narrativa a importância de se ter um sentido na transmissão dos conteúdos específico, despertando uma nova forma de experiência vivida, levando o aluno a pensar, criar e refletir sobre o que se quer ensinar. Nesta perspectiva foi desenvolvido o projeto que denominamos de “Tchau Sujeira” com o foco no processo de aquisição da leitura e escrita e produção de textos com coerência e coesão, tematizado com os cuidados do corpo, tendo como referência os PCN’S de saúde. Etapas importantes foram realizadas para que o produto final do projeto fosse concluído com sucesso, sendo assim a produção de textos informativos escritos pelos aprendizes, em duplas, com o intuito de conscientizar a comunidade escolar sobre a importância dos hábitos de higiene pessoal ficou pronto e proporcionou resultados significativos no processo de ensino e aprendizagem dos envolvidos. O projeto foi elaborado e concluído contando com os profissionais especialistas de Arte, Educação-física, Leitura, Direção e Coordenação da escola e também Profissionais do Centro de Saúde do bairro. A parceria e envolvimento de todos foram fundamentais para os resultados positivos que foram obtidos. Repercutindo o projeto na rede Estadual de Ensino.

Palavras-chave: escola; pedagogia de projetos; produção de textos.

Produção de fanzines: sujeitos leitores e escritores em ação na escola pública

Eva Pereira da Rocha
litereva@hotmail.com
Faculdade Unida de Suzano – UNIESP; Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

Resumo: Esta discussão pretende problematizar a questão da necessidade de fomento à leitura e escrita no contexto da escola pública, bem como da compreensão do aluno como sujeito ativo do/no processo de leitura e escrita e do espaço da escola como locus legítimo para o letramento. Para tanto, discute os desdobramentos de uma ação desenvolvida e implementada em uma escola da rede paulista de ensino de São Paulo, qual seja, o projeto “Fanzine: criador e criatura”, que culminaram em outras ações pedagógicas desenvolvidas no contexto de outra escola pública no ano de 2015. A reflexão aqui pretendida parte da concepção de homem como ser social, de linguagem, produtor de cultura e que se comunica por meio de gêneros (Marcuschi, 2008). Ademais, seguindo a premissa vigotskiana de que a interação sócio-cultural orientada a um determinado fim possibilita a produção de conhecimento, traz em seu bojo ações que partem da realidade concreta da escola no que diz respeito aos conhecimentos relacionados à leitura profunda do texto e à expressão escrita (Fiorin & Platão). Trata-se de um conjunto de ações que têm seu ponto de convergência na necessidade atual de ampliação da leitura e da escrita (conforme os índices das avaliações internas e externas), como necessidade mesma de expressão crítica e argumentativa na sociedade, ou seja, com a ampliação dos instrumentalizadores culturais Leitão (2011). Dialoga, também, com a práxis (Magalhães, 2009) e com a construção de conhecimento criativa, conforme a orientação de Vigostki (1984/2000), necessárias a qualquer ação que se pretenda transformadora de pontos de vista historicamente cristalizados.

Palavras-chave: leitura; instrumentalizadores culturais; fanzine; escola pública.



CAPA



SUMÁRIO

235

Brincar para integrar e (re)significar

Anália Bressane Lazaretti Froldi
analicia0912@gmail.com
Escola Comunitária de Campinas - ECC

Solange Aparecida Corrêa
solangeapc600@gmail.com
Escola Comunitária de Campinas - ECC

Resumo: Significar os conteúdos matemáticos no cotidiano escolar nos aproximou do lúdico e nos fortaleceu o prazer de estarmos com nossos alunos na arte de ensinar e aprender. Buscamos possibilidades para sensibilizar nosso olhar e perceber as situações que possibilitam uma aprendizagem matemática mais motivadora e significativa. Apresentaremos relatos de experiência que trazem duas situações desenvolvidas na prática com Projetos, as quais possibilitaram a integração dos conceitos matemáticos, muitas vezes trabalhados de forma compartimentada na própria disciplina. Os alunos mais novos, do 2º ano, por meio do jogo com garrafas pet, foram estimulados na construção e utilização das estratégias de cálculo mental, registro do pensamento matemático, conceito da divisão e adição, assim como estimulados à reflexão a respeito da importância da brincadeira expressa através dos jogos. Os alunos do 5º ano, por meio de um campeonato com aviõezinhos de papel, (re)significaram os conteúdos desenvolvidos nas aulas de Matemática ao estimar medidas de comprimento, medir distâncias, registrar números decimais, calcular média aritmética, verificar retas e ângulos. Compartilhar essas situações, vivenciadas com as crianças do 2º ano e do 5º ano do Ensino Fundamental 1, traduz uma forma de potencializar nossa sensibilidade na busca do sentido do fazer, aprender, integrar e significar Matemática no cotidiano de nossos alunos.

Palavras-chave: brincadeira infantil; conteúdos matemáticos; cotidiano

Histórias contam outras histórias

Bianca Bellini Emmanoelli biancabef@gmail.com
Instituto Integral - Campinas - SP

Gabriella Missio Von Ah
gabriella.vonah@integral.br
Instituto Integral - Campinas - SP

Juliana Rigacci
julianarigacci@bol.com.br
Instituto Integral - Campinas - SP

Resumo: Ao apresentar determinada obra literária às nossas crianças, alunas de 2º ano do Ensino Fundamental, buscávamos inicialmente ampliar o repertório de histórias conhecidas e promover momentos de leitura fruição com o grupo. Surpreendemo-nos, entretanto, com os inúmeros desdobramentos decorrentes do trabalho com literatura na sala de aula e percebemos que ao ler com / para os alunos, um novo universo de descobertas se abria. Dentre as atividades elaboradas e vivenciadas com nossas turmas, destacamos a correspondência que os alunos rapidamente faziam com os contos de fadas tradicionais, trazendo para debate a importância da memória e as diversas possibilidades de leitura e compreensão de uma mesmahistória. Instigamos as crianças a identificar elementos que diferenciassem os contos clássicos das versões contemporâneas. O Ipad e outros suportes digitais também foram apresentados como possibilidades de exploração e criação de histórias. Ainda como parte deste projeto, foram desenvolvidas habilidades de criação textual como a percepção de paragrafação, caracterização de personagens, uso de pontuação, coerência e ampliação de repertório de palavras.

Palavras-chave: Contos de fada; diferentes versões; tecnologia



CAPA



SUMÁRIO

237

Viagens imaginárias: a construção de um livro a partir de narrativas criadas na educação infantil

Luciane Martins Salado
lumsalado@gmail.com
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Ruy Braz
ruyotiba@yahoo.com.br
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: Tudo começou com a junção de muitas coisas diferentes, que se entrelaçaram e acabaram resultando em um livro. Numa turma de uma creche pública municipal de Campinas, em 2014, crianças e adultos se envolveram em uma produção que partiu das atividades realizadas no dia a dia, ora com bastante planejamento e sistematização, ora com os passos do devir. Este pequeno livro ilustrado, com imagens, cenários e falas das crianças, que relata brincadeiras que vivemos juntos, criando uma história simples e divertida, é a prova da capacidade de realização desses pequenos sujeitos. O trabalho consistiu em reunir as intervenções lúdicas e criativas de adultos e crianças em uma narrativa produzida a partir de falas de uma brincadeira que chamamos de viagem imaginária. Esta brincadeira consistia em imaginar que estávamos em um trem que poderia nos levar a qualquer lugar, transbordando as barreiras espaço-temporais. Para montar o livro, usamos o texto de uma gravação que fizemos de um dos dias que brincamos de viagem imaginária; como paisagem, fotos de cenários montados pelas crianças quando brincavam de cidade; como personagens, as próprias crianças em fotos tiradas no cotidiano; como inspiração, a música de Villa Lobos, com poesia de Ferreira Gullar, e cantada por Adriana Calcanhoto, O Trenzinho Caipira. As viagens são uma junção de imaginação com materialidade em cada passo, desde a inspiração até a confecção do livro.

Palavras-chave: educação infantil; narrativas; creche.

238



CAPA



SUMÁRIO

Combates na dicotomia rural-urbana dos livros didáticos de geografia

Carina Merheb de Azevedo Souza
camerheb@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo: Este trabalho move-se através da minha experiência como professora de Geografia do Ensino Básico na cidade de Campinas-SP; cujo processo investigativo tem como tema a dicotomia estabelecida pelos livros didáticos entre os espaços rurais e urbanos; que engessados nas suas classificações paralisam e asfixiam o pensamento acerca do local onde vivem. O incômodo dessa classificação origina-se a partir da forma estática de se pensar sobre esse assunto; e também como pode afetar outras categorias espaciais da Geografia. Trata-se de uma reflexão sobre as novas linguagens e imagens realizadas pelos alunos a partir de propostas de experimentações que têm como objetivo ultrapassar as fronteiras do currículo habitual, descobrindo potências menores na educação. A escolha pela análise dos livros que é um dos elementos desse trabalho, parte da grande influência que os mesmos exercem nas práticas escolares, pois são adotados pelos docentes muitas vezes como material exclusivo para o ensino. Utilizado como prática pedagógica, na grande maioria das escolas; funciona como referência nas aulas, e assim, determina muitas vezes como os assuntos serão abordados dentro delas. Considerado fonte fidedigna de conhecimento científico por muitos professores, alguns seguem os modelos de aprendizagem adotados pelos livros como uma maneira segura de não "errar" o conteúdo a ser trabalhado em sala, já que o mesmo se constitui através de textos didaticamente elaborados, e inclusive determina imagetivamente suas informações pelo uso de fotografias, mapas, gráficos e tabelas, tornando-se assim maneira garantida e confiável de dados; e ao mesmo tempo funciona como fonte documental.

Palavras-chave: dicotomia; rural-urbano; currículo



CAPA



SUMÁRIO

Práticas escolares emancipatórias: correlação entre teoria e prática

Sonia Maria Vieira da Silva
ivins341@yahoo.com.br
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Rejane Costa da Silva
rejanecosta2209@gmail.com
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: Articular práticas educativas e diferença se revela um dos grandes desafios educacionais. Muitos professores se queixam da dificuldade em lidar com estudantes que apresentam necessidades singulares e tendem a homogeneizar suas práticas. A nossa participação no grupo de pesquisa Formação de professores, pedagogias decoloniais e interculturalidade: agendas emergentes na escola e na universidade nos faz problematizar a diferença e buscar interlocuções que permitam ampliar nossos olhares sobre grupos historicamente oprimidos dentro do processo escolar. Desse modo, ao participarmos da oficina “Fazendo Acontecer”, oferecida pelo Colégio Divertivendo, observamos as alternativas encontradas pelas professoras alfabetizadoras de crianças, na maioria autistas, para atender às necessidades educativas daqueles/as estudantes. A proposta nos revelou a possibilidade de colocar em prática aquilo que as teorias nos propõem. O olhar sensível para as demandas dos/as alunos/as, se traduz em um fazer pedagógico diferenciado, contextualizado e com significado. Desse modo, a análise será norteada metodologicamente a partir de entrevistas semi estruturadas com as professoras e observação de suas práticas educativas. Partimos da hipótese de que pensar práticas educativas articuladas com a escola é relevante para dinamizar o fazer educativo, possibilitando um distanciamento com atividades que continuamente nos subordinam. Desta forma, buscamos nas teorias para a emancipação dos sujeitos subalternos, o suporte para esta outra prática educativa. Defendemos um olhar ampliado para as propostas educativas adequadas às necessidades dos educandos, a partir da articulação diferença e igualdade, o que nos aproxima da perspectiva intercultural crítica de educação que nos propõe pensar os/as educandos/as na sua singularidade, nos colocando na direção contrária às práticas educativas homogeneizantes. A partir do que observamos na oficina, percebemos a riqueza de práticas educativas que colocam a diferença e igualdade no centro do fazer educacional, propiciando ações democráticas, a partir da busca pela igualdade proporcional, como prevê o Artigo 5º da Constituição de 1988.

Palavras-chave: diferença e igualdade; prática educativa; material didático; pedagogias decoloniais.

240



CAPA



SUMÁRIO

O canto ainda tem sentido: estudo sobre o ensino musical em escolas de educação básica em La Unión no Chile

Adriana do Nascimento Araújo Mendes
aamend@iar.unicamp.br
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Angélica Contreras Pena
angeco27@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo: satisfação de criar a possibilidade de que as crianças vivenciem a música como parte de sua formação escolar, talvez seja a maior motivação que um professor de música tem. Mas, o que acontece quando a aula de música enfrenta fatores que podem atingir negativamente o desempenho do ensino-aprendizagem? A partir do trabalho de mestrado em andamento, dentro da linha de pesquisa Música, Cultura e Educação do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Profa. Dra. Adriana N. A. Mendes, este artigo busca descrever um recorte da realidade da aula de música nas escolas de Educação Básica da cidade de La Unión no Chile, através de pesquisa documental e de campo. A pesquisa teve como ponto de partida a legislação educacional chilena vigente. Em seguida, foi feito o contato com as escolas que aceitaram participar do estudo e foi elaborado um questionário. Posteriormente, em outubro de 2014, observamos professores e alunos de primeiro a quarto ano de três escolas municipais, com o intuito de ver a aplicação do programa de estudo de música no espaço da sala de aula. Os dados foram coletados através de anotações em diário de campo, gravações em áudio e questionários. Como resultados parciais, podemos mencionar que fatores como: professores especialistas, especialização, não obrigatoriedade da disciplina, implementação e abordagem dos programas de estudos de música de primeiro a quarto ano propostos pelo governo, são tópicos relevantes para refletir sobre a realidade das escolas que participaram desta pesquisa.

Palavras-chave: educação musical chilena; ensino fundamental; programa de estudo de música; formação de professores.



CAPA



SUMÁRIO

241

O olhar da criança (trans)forma a creche: relato de experiência

Maria José da Costa Silva
mariajose.costasilva@hotmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Rosinete Lima Setubal
rosinetesetubal@hotmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo: O presente trabalho busca evidenciar os olhares das crianças que frequentam a Creche e a importância de percebê-los cotidianamente a fim de construir mudanças a partir do que eles expressam. Essa observação deve ser realizada não apenas pelo educadores que permanecem mais tempo com as crianças, mas perpassa todos os que ali trabalham. Para chegar a tal objetivo, foram reunidos os registros dos olhares e falas de crianças que revelam tanto a representação de sua vivência na instituição e na família quanto suas necessidades emocionais. A análise das informações colhidas indica a existência de uma infância de crianças com mães, chefes de família, que trabalham o dia inteiro e necessitam deixar o (s) filho (s) na instituição, além disso, possuem uma rotina esmagadora, e a afetividade, o cuidado, entre outros aspectos, permanecem em segundo plano. Enquanto isso, na Creche, desde um olhar tristonho, um pedido de abraço, de beijo, de afeto, até atitudes para chamar a atenção, possuem um significado. Ressalta-se ainda que é imprescindível sensibilizar o olhar para com a criança independente de sua formação e/ ou função que desempenha na instituição, pois a sensibilização propicia a seleção e implementação de ações eficazes para atender suas necessidades. É olhando o outro, aprendendo com ele que a confiança se estabelece e dá-se início à transformação.

Palavras-chave: olhar; creche; relato de experiência; transformação

O descobrimento do Brasil e suas diferentes rotas para descobrir como se faz história

Adriana Luppi Drugowich
adriana.luppi@terra.com.br Professora
Colégio Integral - Campinas - SP

Marcia Ladeia Reis
marcia.integral@gmail.com
Colégio Integral - Campinas - SP

Raquel Souza Magro
raqmagro@gmail.com
Colégio Integral - Campinas - SP

Resumo: O pano de fundo é o descobrimento do Brasil, alunos de quarto ano do Ensino Fundamental1 e seus professores... Como realmente aconteceu? A rota conhecida: o descobrimento ao acaso, índios preguiçosos, colaborativos... O que, no entanto, levaria um navegador tão experiente a se "perder" e se distanciar tanto de sua rota? Foram perguntas como essas que nos motivaram e nos acompanharam durante o estudo desse tema... Ir além do material didático, de verdades absolutas, das respostas prontas, das possibilidades de reflexão e descobrir um "novo descobrimento" para o Brasil. A nova rota foi traçada dia após dia, a partir das discussões provocadas pelos pontos levantados no material, mas não se encerraram nele. As trocas de experiências entre as professoras das turmas, da coordenação e as falas dos alunos nortearam essa navegação. O objetivo final estava além da chegada dos portugueses nas novas terras e do anúncio de "Terra à vista!", mas na oportunidade de uma leitura crítica de um fato histórico, sobre a possibilidade de diferentes versões para um mesmo acontecimento, de entender que a história é compreendida pela visão de quem a conta e, por isso, a necessidade de construção de perspectivas sob diferentes olhares. Nada foi descartado, do material às avaliações formais, passando pelas discussões coletivas. Tudo abasteceu e tornou o descobrimento do Brasil pelos europeus um fato ainda mais importante: a continuidade da construção do que é história, de como e por quem ela é contada.

Palavras-chave: história do Brasil; memória; reflexividade



CAPA



SUMÁRIO

243

Rodas temáticas

Rafael Vigentini

rafael-vigentini@hotmail.com

Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR; Secretaria de Estado da Educação de São Paulo

Resumo: A atividade proposta foi realizada com alunos dos três anos do ensino médio e consistiu na realização de rodas de conversas sobre temas que envolveram questões relacionadas à nossa realidade social e política. As rodas sempre foram realizadas em círculos, geralmente no pátio da escola. A escolha pelo círculo teve uma estratégia pedagógica, já que é a melhor maneira de permitir que todos os integrantes estejam na mesma posição, incluindo o professor, garantindo uma estrutura democrática. A realização da atividade contou com algumas regras e princípios que deveriam ser seguidos, que foram apresentadas aos alunos no início de cada debate. O princípio mais importante era o do respeito aos valores democráticos, e por ser um espaço de debate, deveríamos garantir o respeito à diversidade de opiniões, sempre aceitando as divergências, mas nunca ferir os direitos humanos, com qualquer forma de manifestação racista, machista, homofóbica, etc. No espaço da roda, por ter como princípio o respeito à democracia, todas as falas e opiniões foram expressas a partir de um processo de inscrição de falas, incluindo as falas do professor, quando fosse expressar sua opinião. O meu papel na roda, enquanto professor foi conduzir e problematizar o debate, onde realizei uma abertura da discussão e apresentei questões para os integrantes pensarem e debaterem. A partir de cada fala, observei as possibilidades de problematização das falas, de maneira a conduzir o debate para uma discussão mais aprofundada, a partir de elementos do pensamento sociológico, histórico e filosófico. O que percebi com a realização da atividade é que houve uma boa participação dos alunos nas rodas temáticas, expressando suas opiniões e pontos de vistas sobre os diversos temas, e foi bem recebido pelos alunos participantes, que puderam lançar um olhar para questões nem sempre percebidas em seu próprio cotidiano.

Palavras-chave: educação; roda temática; diálogo; democracia

A formação da prática do educador: alfabetização científica dos saberes das representações socioambientais

George Queiroga Estrela
george.q.estrela@gmail.com
Universidade Federal de Rondônia - UFRO

Jacinto Pedro Pinto Leão
jacintoleao@yahoo.com.br
Universidade Federal de Rondônia - UFRO

Mônica Gomes Monteiro Feitosa
mgfeitosa@globo.com
Universidade Federal de Rondônia - UFRO

José Jarlison dos Santos
jjs.jaru@zipmail.com.br
Universidade Federal de Rondônia - UFRO

Resumo: O presente estudo tem como objetivo apresentar a prática do educador que trabalha com a alfabetização científica dos saberes das representações socioambientais, presentes na vida cotidiana dos sujeitos do processo ensino e aprendizagem. O objetivo está orientado pelo seguinte problema: como a formação da prática do educador é construída durante a alfabetização científica dos saberes das representações socioambientais da vida cotidiana dos sujeitos do processo ensino e aprendizagem? Com relação aos procedimentos metodológicos, foram realizadas pesquisas de natureza qualitativa e de campo, em duas escolas públicas do ensino fundamental do município de Guajará-Mirim/RO. Utilizou-se como instrumento de coleta dos dados, a realização de entrevistas semi-estruturadas com os professores e, com os alunos, aplicou-se estudos da elaboração e das pinturas por meio de desenhos, visando observar e analisar as representações socioambientais, vivenciadas por eles. Em seguida, os alunos apresentaram os significados das representações socioambientais sustentáveis e não-sustentáveis constituintes dos desenhos. Os resultados evidenciaram que a formação prática do educador ambiental está articulada ao processo de ensino e aprendizagem da alfabetização científica da permanente leitura dos saberes das representações socioambientais, elaboradas pelos alunos. A prática docente e dos alunos, na alfabetização científica, foi, permanentemente, construída e articulada às vivências cotidianas, visíveis e invisíveis nas imagens dos desenhos e na práxis educativa, para ampliar a leitura crítica e reflexiva dos contextos e dos textos das representações socioambientais.

Palavras-chave: formação da prática; alfabetização científica; representações socioambientais.



CAPA



SUMÁRIO

245

Ressignificando os saberes na sala de aula

Kelly Soares
kellyribs@gmail.com
Prefeitura Municipal de Monte Mor - SP

Resumo: A proposta aqui é compartilhar as experiências positivas de sala de aula e mostrar que a ação efetiva do professor com uma visão renovada e ampliada sobre a sua prática e seus alunos, pode fazer toda a diferença no processo de ensino-aprendizagem. O professor em sua trajetória profissional precisa refletir rotineiramente aonde quer chegar. Questionar-se, se os padrões pré-estabelecidos funcionam e para que e para quem servem. Não há metodologia e propostas que possam dar certo sem que seja feita adequações para a clientela que se apresenta todo começo de ano letivo. É essencialmente importante que o docente conheça de fato sua turma, considere a realidade que se apresenta sem que ela seja fonte limitadora de aprendizagem, e sim desafios para que os alunos tenham a oportunidade através da sua realidade de adquirir conhecimento. A postura do professor diante destes desafios deve ser de liderança e de co-autoria. De mestre e discípulo (que observa também para aprender). Faz-se necessário que o professor esteja aberto para conhecer e ter acesso aos conhecimentos prévios de seus alunos e com eles e através deles construa uma prática construtiva, com elementos concretos e significativos para os alunos. Deve procurar ser mediador, curioso, transformador e não inibidor e restritivo. Todos nós temos alguns dons, talentos e vivências diferentes, e é a partir deles que aprender começará a fazer sentido. As informações serão resignificadas e transformadas em conhecimento. Por isso a importância de uma avaliação constante e permanente utilizando-se de várias ferramentas, um olhar mais criterioso no dia a dia. Ainda, sem esquecer-se da importância de se realizar um trabalho coletivo e agregador. Buscar parcerias dentro e fora da escola, incluindo sempre a participação dos pais neste processo de aprendizagem, mostrando as possibilidades de se fazer uma Educação diferenciada sem deixá-los a margem deste processo.

Palavras-chave: experiência; possibilidades de aprendizagem; resignificar.

Idas e vindas no registro de uma atividade

Ana Maria de Camargo Milani
ana.cmilani22@gmail.com
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: No ano de 2010, assumi o cargo de Professora de Educação Básica na rede pública de Campinas e ingressei numa sala de agrupamento II, com crianças de 1 ano e 5 meses à 3 anos. Contei com o apoio da equipe de monitores e de uma professora, também do agrupamento II, para me adaptar à rotina, ao número de crianças e para entender as reais necessidades das crianças atendidas. No percurso, pude perceber que as dificuldades enfrentadas na realização do que havia planejado, se deu por conta das demandas do atendimento individual. As interrupções nas atividades ocorriam constantemente, por conta de situações e/ou necessidades imediatas de: trocar uma fralda, fazer a higiene, seguir os horários das refeições, atender uma família que chegou para trazer informações de sua criança, atender uma criança que estava chorando, entre tantas outras. A cada novo dia, somando-se o que estava por terminar com o que, nos diferentes períodos do ano se fez necessário incorporar no trabalho, uma grande lacuna estava formada no processo o que, muitas vezes, me fez sentir perdida em minha própria organização. A equipe de monitores seguiu me auxiliando e, por isso, foi possível encaminhar as propostas pedagógicas e vê-las concretizadas ao final do ano. Em 2013, participei do Grupo de Estudos Currículo e Registro em Vídeo no Espaço Escolar. Logo no início do curso, fui informada que realizaria, como produto final, a edição de um vídeo. Aproveitei a oportunidade e me lancei um desafio: filmar as crianças realizando uma atividade do dia a dia sem interrupções, de modo a contemplar todo o processo de vivência das crianças naquela atividade. Foram vários os dias em que sequer saímos da preparação, foram vários outros dias em que conseguimos avançar, mas não concluir a atividade. Os detalhes? Conto pessoalmente.

Palavras-chave: planejamento; registro; processo.



CAPA



SUMÁRIO

247

Por um triz

Daniela Quevedo Pacheco
daniela_quevedo@yahoo.com.br
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo: Este trabalho visa apresentar alguns momentos da pesquisa “Escutando vozes, o que a fala de crianças e de adolescentes tem a ensinar ao professor”, projeto de mestrado cuja ideia é analisar narrativamente as gravações feitas pela autora em “oficinas de rádio” ministradas ao longo de dois anos de trabalho com dois grupos: um, de adolescentes internos da Fundação Casa e também usuários do Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil – Espaço Criativo, localizado na região sudoeste de Campinas, onde as terças-feiras cerca de 10 adolescentes (o número não era fixo e variava a cada semana) gravavam canções e textos espontâneos, sem um roteiro antecipado, para um programa de rádio que seria feito para o serviço de saúde; e outro, de um grupo de alunos da EMEF Joel Job, em Araras, formado por crianças de 8, 9 e 10 anos participantes do Programa Mais Educação que gravaram nas oficinas ministradas toda quinta-feira, músicas, vinhetas e “programetes” feitos, também de maneira espontânea, para serem veiculados na rádio da Escola. Defendo que essas produções podem ser chamadas de narrativas. Narrativas que constituem um discurso inacabado, já que além do conteúdo gravado considere todas as circunstâncias que envolveram as oficinas: o lugar, o tempo, as emoções e os dizeres que escapavam, que iam além do programa de rádio e que ora aproximavam ora distanciavam, de maneiras diferentes, cada participante. Ajudada por meu diário de bordo escrevi narrativas que me auxiliaram nessa trajetória de ir além das gravações e que me impulsionaram a estar cotidianamente realizando um movimento de ressignificação, e porque não dizer, me levando ao extremo, ao limiar, a estar, assim como as crianças, sempre por um triz.

Palavras-chave: educação; rádio; psicanálise; criança; adolescente

A construção do olhar: narrativas de percursos, experiências e aprendizagens na construção coletiva de uma escola de educação de jovens e adultos (EJA)

José Antônio de Oliveira
joseantonio.ol@uol.com.br
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: O propósito desta comunicação é o de se constituir num espaço de socialização de narrativas múltiplas e singulares de percursos, aprendizagens e experiências vividas por professores e alunos no contexto da construção coletiva da Educação de Jovens e Adultos (EJA), numa escola pública do município de Campinas. Para isso, a proposta é trazer a experiência do professor/pesquisador por meio de relatos de aula ou de "pipocas pedagógicas", como propõe o Grupo de Estudos de Pesquisa em Educação Continuada (GEPEC), e a experiência dos alunos partilhada por meio de textos escritos. Além de pensar sobre essas narrativas, as possíveis reflexões/experiências narradas pelos ouvintes/participantes também podem contribuir para caminharmos no sentido da construção do olhar (Chauí, 1988), para refletirmos sobre as formas de ser/constituir-se professor/aluno em percursos tecidos em meio a diferenças. Como o olhar do outro e as experiências vividas na interação com o outro (professor/aluno) me trans-forma? Como professores e alunos constroem e (re)constroem sentidos que possibilitam alimentar utopias de uma escola pública e de qualidade para jovens e adultos? As bases teóricas para tessitura da comunicação proposta são tomadas nas reflexões de autores que refletem sobre as questões colocadas, tais como Chauí (1998), Geraldi (1994), Larrosa (1994; 2004), Ponzio (2010).

Palavras-chave: narrativa; formação de professores; educação de jovens e adultos.



CAPA



SUMÁRIO

Que bicho será que perdeu a pena?

Irotides D. de Andrade Magnani
irotides@uol.com.br
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Sônia Maria Facine
sonia.ffacine@yahoo.com.br
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: No início do ano, vivenciamos o período de acolhimento: crianças e educadores precisavam se conhecer, se descobrir, estabelecer vínculos de uma convivência diária. Começamos realizando experiências sensoriais, que envolviam manipular diferentes materiais, experimentando texturas, sabores, sons, aromas, cores... Isso também permitiu a interação lúdica e significativa entre os membros do grupo. Após o período de acolhimento e de conhecimento do grupo, iniciamos nossos passeios pelo entorno da escola, observando, sentindo, ouvindo. Em um desses passeios, uma criança chamou a atenção para uma pena que estava caída no chão. Era uma pena preta e grande e todos ficaram curiosos. Essa pena foi levada para a escola. Na sala, conversamos sobre a pena e muitas perguntas surgiram. E foi uma dessas perguntas que deu o nome ao nosso projeto: "QUE BICHO SERÁ QUE PERDEU A PENA?". A partir dessa pergunta, planejamos o desenvolvimento do projeto. Não queríamos trabalhar o tema apenas com expressões artísticas sobre ele, embora esse aspecto também seja importante. Para a equipe de educadores, era importante despertar nas crianças o interesse por descobrir, investigar, pesquisar, saindo da superficialidade e trazendo novos elementos, novas perguntas e novas respostas à curiosidade do grupo, criando um projeto carregado de significados para todos os envolvidos. A partir da pena encontrada, tivemos o ponto de partida e traçamos, então, os primeiros passos e não sabíamos o quanto esse projeto despertaria interesse nas crianças. No decorrer do ano, novas perguntas foram surgindo e novos caminhos foram sendo delineados.

Palavras-chave: educação Infantil; projetos; lúdico.

Diga-nos o que sente: ampliar o olhar a partir de perguntas que a escola não faz

Elisabete Cardieri
ecardieri.unesp@gmail.com
Universidade Estadual Paulista - UNESP – Botucatu

Ana Carolina da Silva Barreto
a.carolinabarreto@gmail.com
Universidade Estadual Paulista - UNESP – Botucatu

Resumo: O processo educativo se realiza a partir de relações interpessoais que integram as múltiplas dimensões da experiência humana (afetivo-emocional, intelectual, relacional, cultural, histórica, etc). No contexto escolar, muitas vezes, há uma ênfase para as dimensões racional e intelectual e minimizam-se experiências afetivo-emocionais que sustentam as vivências cotidianas e histórias de vida que cada um tece no processo de aprender e ensinar. O Projeto que desenvolvemos na Escola Estadual “Prof. Francisco Guedelha”, localizada no município de Botucatu, tem como objetivo oportunizar momentos de partilha que favoreçam a reflexão sobre vivências humanas e a percepção da dimensão de singularidade que caracteriza cada um de nós. Dentre as ações realizadas, para esse trabalho, destacamos dados e reflexões sobre duas perguntas propostas aos alunos, numa atividade realizada no início deste ano letivo, que indagavam sobre experiências afetivas: “A frase que eu mais gosto de ouvir é...” e “Eu fico triste quando...”. Os resultados enfatizam as expressões de acolhimento, carinho e aceitação, e, por outro lado, destacam o incômodo das situações relacionadas com brigas, xingamentos e desprezo vivenciadas no cotidiano. A atividade realizada e os dados coletados foram apresentados à equipe gestora e aos professores da escola possibilitando um olhar diferenciado sobre os alunos e sobre cada turma, em particular. As reflexões suscitadas contribuíram para ampliar o nosso olhar sobre a comunidade escolar e estão direcionando o desenvolvimento de atividades, dinâmicas e outras ações que favoreçam a percepção de que a partilha das concepções que cada um traz amplia o olhar sobre si e sobre o outro em sua diferença, e nos convida a buscarmos vivências efetivas de acolhimento e reconhecimento (MATURANA, 1997, 2003), fundadas na prática do diálogo e da escuta (FREIRE, 1968, 1997), bem como a superação de situações banais que geram mal estar e gestos de agressividade e desrespeito.

Palavras-chave: Práticas educativas; Escuta; Relações escolares; Educação sensível.



EIXO 3

Sessões de Diálogos

Subjetividades, memória e educação das sensibilidades

Ampliar os diálogos em torno das práticas das memórias e das sensibilidades na educação e das suas relações com a formação reflexiva dos sujeitos, desvelando a experiência como parte fundamental na constituição das subjetividades.



O Brasil que eu quero

Adriana Ramos Marthi
adriano_marthi@hotmail.com
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar – Campus Sorocaba

Carolina Fantato Pedrazzoli
carolfantatopedrazzoli@gmail.com
Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP

Resumo: Este trabalho foi realizado na ONG “Ação Amor”, em Alumínio/SP. Neste ano, a ONG definiu como tema de trabalho “Brasil para florir”. Nossa proposta teve como objetivo proporcionar um novo olhar dos educandos para o Brasil, estimulando reflexões sobre as dificuldades e as potencialidades que o país apresenta para nosso crescimento moral e projetando o Brasil que busco construir. Inicialmente, fizemos um levantamento das potencialidades e dificuldades identificadas no Brasil. Após a identificação dos pontos positivos e negativos, propusemos que refletissem sobre o Brasil que desejam, identificando ações realizáveis para construí-lo e representando-a em forma de desenho e construção de um globo terrestre ressaltando o Brasil que quero. Os pontos positivos identificados foram natureza, caridade, família, escola, alimentos, amizade, alegria. As dificuldades encontradas foram violência, mendigos, falta de educação/respeito, falta de escola para todos, desmatamento, lixo nas ruas, desperdício de água, maltrato aos animais, uso de drogas como álcool e maconha. Na reflexão do Brasil que desejam construir concluíram que para superar as dificuldades toda a sociedade necessita edificar em sua intimidade respeito, educação, amor ao próximo, cuidar da natureza, dos animais, não desperdiçar água, reciclar o lixo, cuidar da saúde, casas para todos, união, cultura. O desenho realizado foi a proposta do que cada um pode fazer para ajudar a construir o Brasil que desejamos, trabalhando assim com o aperfeiçoamento moral de cada criança. Através desta atividade, os educandos tiveram a oportunidade de olharem para si mesmos e identificarem as dificuldades e potencialidades que carregam, fazendo uma comparação com figuras como José de Anchieta, que apesar de suas dificuldades, trouxe diversas potencialidades no campo educativo e na propagação do cristianismo no Brasil. Avaliamos que a atividade atingiu seus objetivos, pois as crianças identificaram características importantes, que estão ao alcance de transformação, auxiliando-os na construção de valores para a vida.

Palavras-chave: educação pela natureza; educação pela arte; sujeito; valores.

O discurso do professor de língua portuguesa: alteridade e subjetividade

Silvane Aparecida de Freitas
silvane@uems.br
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - UEMS

Sílvia Cristina do Amaral Almeida
silviacristinasaura@yahoo.com.br
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - UEMS

Resumo: Pretendemos, nesta comunicação, analisar o processo de constituição identitária do sujeito professor de Língua Portuguesa, sua identidade e as diversas ideologias presentes em seu discurso. O elemento problematizador da pesquisa em andamento concentra-se na questão “Que concepções de língua/linguagem possuem os professores de língua Portuguesa?” Assim, alguns questionamentos nos nortearam para que pudessemos entender o que pensam os professores de Língua Portuguesa, quais seriam os objetivos do ensino de língua para esses professores? Como se dá a formação em serviço desses professores? Que identidades possuem esse sujeito professor? No intuito de problematizar esses questionamentos levamos em consideração o seguinte objetivo geral: investigar as crenças sobre língua e linguagem dos professores de Língua Portuguesa da rede estadual dos municípios de Santa Albertina, Santa Rita D'Oeste, S/P. Como objetivos específicos, delimitamos os seguintes: coletar memórias dos professores de Língua Portuguesa sobre o seu fazer pedagógico; problematizar o discurso do professor de Língua Portuguesa sobre sua prática; refletir sobre as concepções que esses professores possuem sobre língua/linguagem e ensino de língua; investigar sobre o que pensam esses professores sobre o processo de formação em serviço. Mediante os dados coletados, passamos a analisar recortes discursivos desses professores, no intuito de verificar os traços do outro presente no discurso do professor, bem como refletir sobre suas identidades constituídas na e pela linguagem. Mediante o exposto, consideramos que o discurso do professor, enquanto sujeito de seu fazer pedagógico, é atravessado por diversos outros que o constitui.

Palavras-chave: discurso; professor; sujeito



CAPA



SUMÁRIO

Uma Homenagem à Maria Carolina: lembrando uma experiência de aprendizado.

Marcia Regina Poli Bichara
marciabichara@hotmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo: “Uma homenagem à Profa. Dra. Maria Carolina Bovério Galzerani, na qual eu, como professora e pesquisadora, procuro lembrar como os estudos orientados por esta professora transformaram minha maneira de entender e praticar o ensino de história, bem como o entendimento do que é viver na sociedade moderna capitalista. Em quase duas décadas de contato com esta professora e orientadora, pude repensar minhas práticas educacionais, minha compreensão do que é ser professora e do que é o aluno do qual sou responsável. Tanto um quanto o outro, produtores de conhecimentos. Nas práticas de leitura, nos relacionamentos, na percepção de tempo e espaço, como as sensibilidades humanas foram sendo moldadas pela sociedade moderna capitalista. Porém, longe de tomar as constatações como ruas de mão única, sem volta nem esperança, percebo-me hoje como capaz de poder arriscar buscar brechas para uma educação que tenha o humano tomado em sua completude. Em que se busque uma educação das sensibilidades capaz de resistir ao tipo de educação que Carolina descrevia como formadora de “cidadãos são concebidos como, economicamente, na sua utilidade máxima e politicamente dóceis”. E a melhor lição desta professora foi a de que o trabalho com a memória, tomada em pé de igualdade com a história, pode nos ajudar a retomar, na agorabilidade, a capacidade de se sentir por inteiro, pertencente a um grupo, a um tempo, a um lugar, ou seja, à história, com possibilidade de tomá-la em nossas mãos. Com a perda desta querida professora, fica a certeza de que este trabalho deve ser continuado.

A Arte da fotografia na educação infantil: a escola vista pelos olhares das crianças pequenas, dos bebês e dos educadores.

Lilian de Cássia Alvisi
lalvisi@yahoo.com.br
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Paula Alves de Souza
Prefeitura Municipal de Campinas - SP
polasouza@yahoo.com.br

Roberta Sêco Pereira Gonçalves
robetaspg@yahoo.com.br
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: O projeto realizado no Centro de Educação Infantil José Fidelis, da rede municipal de Campinas, apresentou como tema central a relação entre memória e fotografia. Compreendemos a fotografia como uma linguagem artística, que registra e provoca reflexões sobre o momento vivido expresso no ato do clicar. Discutimos sobre memória compartilhada concebida como trabalho coletivo à medida que traz elementos significativos e relevantes que constituem as histórias dos diferentes atores e sobre a arte de fotografar. Durante o processo criativo organizamos oficinas envolvendo familiares, educadores e crianças para apreciação de várias obras artísticas (fotos, filmes e documentários) e para o conhecimento de diferentes técnicas para produções fotográficas. Tivemos como desafio promover situações em que a criança vista como protagonista de todo o processo criativo pôde a partir da fotografia revelar cenários, que nos levaram a refletir sobre diferentes olhares referentes aos espaços e tempos escolares e não escolares. Exposições fotográficas com a participação da comunidade local, produções imagéticas dos familiares, dos educadores e das crianças e portfólios temáticos constituíram os produtos finais, que corroboraram para avaliação dos princípios educativos propostos pelo projeto pedagógico da unidade escolar. Dessa forma desvelamos diferentes concepções referentes à infância e à criança no universo da educação infantil. Esse projeto além de registrar momentos de vivências infantis, contribuiu para que a memória a partir da fotografia possibilitasse às crianças e aos educadores troca de saberes e reflexão sobre seus tempos e espaços focalizados pelas lentes da câmera fotográfica compartilhada pelas vivas mãos de bebês e das crianças pequenas.

Palavras-chave: memória; educação infantil; fotografia.



CAPA



SUMÁRIO

Pracear proposições corporais

Maira Leonilda Marchiori
mairaleonildamarchiori@yahoo.com.br
Escola Técnica Tenente Aviador Gustavo Klug – Pirassununga – SP

Renata Bittencourt Meira
renata@iarte.ufu.br
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Resumo: As praças criam marcos nas cidades do interior. São lugares de memórias, passagens, encontros. Transversalizam ecos antigos e contemporâneos em seu hibridismo de sons, formas, cheiros. Espaço potente para desmemoriar o corpo em proposições contemporâneas. A presente pesquisa é um recorte de abordagens corporais com alunos do ensino médio integrado ao técnico de uma escola de Pirassununga no espaço de praças do interior de São Paulo. As tensões existentes entre a memória do espaço e o processo performativo dão suporte para construções de subjetividades. Pensar os corpos brincantes que pedem passagem nos espaços de rua à guisa de uniformes técnicos é tecer escutas entre escola e comunidade, dentro e fora, passado e presente, corpo disciplinado e corpo indisciplinado. Os repertórios de experimentações corporais são investigados pelos alunos possibilitando pensarem as relações teatrais, memória, performance, educação somática e estética da recepção. O acervo do estudo conta com ensaios fotográficos dos percursos orientados pelo conceito de punctum cunhado por Barthes. A metodologia ancorada pelas escutas visuais é cartográfica e prima por coletâneas de impressões conjuntas com os alunos. A latência dos inventários pessoais dos alunos compõe linhas de afetos construídos na presença de performar a praça, pracear os corpos, dimensionar relações e desterritorializar comportamentos.

Palavras-chave: corpos brincantes; processo performativo; praças; cartografias corporais; punctum.

Teatro de bonecos em contexto educacional: em busca de relações dialógicas

Luana Mara Pereira
mpereira.luana@gmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Resumo:

O presente trabalho é fruto de uma reflexão sobre a linguagem do teatro de bonecos como possível facilitador para o estabelecimento de uma relação dialógica entre professor e aluno em contextos educativos. Esta reflexão foi iniciada ao final de minha graduação em Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas, quando desenvolvo meu trabalho de conclusão de curso - TCC a partir da inquietação colocada à cima. Naquele momento, voltei-me para uma prática de estágio curricular de um ano realizada em uma escola estadual. Apoiada em Paulo Freire, com sua proposta de relação dialógica, e em Jorge Larrosa Bondía, com a proposta de construção do saber pela experiência, analiso as especificidades da arte-educação, do teatro-educação e do teatro de bonecos no trabalho pedagógico enquanto narro minhas vivências em sala de aula. Hoje, passados quatro anos da conclusão do curso e tendo, neste período, ministrado oficinas de teatro de bonecos tanto em contextos não escolares (comunidade) como em ambientes universitários (voltadas para alunos do curso de Pedagogia), revisito a pesquisa desenvolvida munida destas outras experiências que acabaram por reafirmar o que já se encontrava apontado no TCC. Ao ser levado para o contexto educativo, o teatro de bonecos, sendo teatro e sendo arte, acaba por assumir muitas das especificidades do teatroeducação e, conseqüentemente, da arte-educação, além de ter suas próprias especificidades. O que pude perceber durante este meu percurso apontado à cima é que o trabalho com esta linguagem em contexto educativo facilita sim o estabelecimento de uma relação mais próxima da preconizada por Freire. Obviamente a técnica não se basta por si só, nem tampouco é imprescindível para que se alcance tal objetivo, mas o que percebi em minhas práticas é que ela tem grande potencial para possibilitar o encontro educador-educando de forma dialógica.

Palavras-chave: teatro de bonecos; relação dialógica; relação professor-aluno; arte-educação; teatro-educação



CAPA



SUMÁRIO

259

A esfera do sentido na história do “menino lia e a escola não sabia” tomando como referência o conceito de linguagem escrita na perspectiva histórico cultural

Eliana de Cássia M. Lisboa
lia_mlisboa@yahoo.com.br
Pontifícia Universidade Católica - PUC - Campinas

Resumo: O título “O menino lia e a escola não sabia” é, no mínimo, provocador. Muitas hipóteses podem ser levantadas. A primeira diz respeito ao conceito de conhecimento. Desconhecer algo nunca foi, dentre as possibilidades do conhecimento filosófico ou científico, algo digno de se envergonhar, mas algo que nos coloca em busca do saber, como aconselha o filósofo Sócrates de forma atemporal. A segunda abarca o impulso imediato de tentar traçar o perfil psicológico do tal menino. Quais eram as condições sociais reais da criança na escola, será que ele não sabia de fato? Será que sabia ele e se recusava, em comportamento clássico de manifestação de “rebeldia” frente ao sistema segregante? Será que até então, os signos da linguagem escrita nunca haviam feito sentido para ele? Como não é nossa intenção trabalhar com conjecturas, vamos, então, apoiar-nos na hipótese que se confirma na Teoria Histórico Cultural em que o conceito de sentido e de apreensão da função social da escrita torna-se condição fundamental dentro do processo histórico de desenvolvimento da linguagem escrita. Nosso objetivo é, portanto, defender como a obtenção do sentido e da função social da linguagem escrita possibilitou a compreensão do código para “O menino que lia e a escola não sabia”, adotando os pressupostos que descreve Vygotsky na história do desenvolvimento cultural da criança. Pensando no processo de internalização da linguagem como princípio e não como resultado, de saber utilizar a ferramenta escrita de forma estritamente mecânica e descontextualizada.

Palavras-chave: narrativa; memória; linguagem

Transmutar o tempo de formação da professora

Jaqueline de Meira Bisse
jaqueline_bisse@yahoo.com.br
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: Transmutar, transformar o que é vil em algo precioso! Alquimista de mim mesma, ser capaz de transmutar-me professora. Trabalhar numa dimensão diferenciada de conhecimento, que não se explicita apenas no nível da reflexão, mas, sobretudo no da ação, exige de mim como professora- pesquisadora um envolvimento tão profundo com meu trabalho capaz de conduzir-me ao encontro de uma estética e ética próprias, singulares. Quando encontro a estética e a ética interior e as projeto numa dimensão transcendente estou exercendo a atitude transdisciplinar. A pesquisa transdisciplinar permite a emergência de contradições e exige o trabalho criterioso com polaridades. Esse exercício vivido na sua plenitude permite a revisão e a construção de novas teorias a respeito da educação. Essas novas experiências permitem vivenciar e pensar o tempo de outro modo, abalando o persistente hábito de espacializar a temporalidade e de conceber estaticamente a memória. A pesquisa-ação transdisciplinar exige uma gestação prolongada, uma gestação em que o pesquisador se aninha no útero de uma nova forma de conhecimento - a do conhecimento vivenciado e não apenas refletido, de um conhecimento percebido, sentido e não apenas pensado. Ao narrar e dançar minha própria vida encontro-me, então, com imagens simbólicas, pré-visões orientadoras neste processo de TransFormação.

Palavras-chave: formação de professores; memórias; metáforas pessoais



CAPA



SUMÁRIO

Impressões de estudantes sobre o vestibular: uma educação das sensibilidades na preparação para os processos seletivos

Mateus Leme de Sousa
mateusleme90@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo: Este artigo tem como objetivo investigar diferentes visões de sujeitos sobre o vestibular da Universidade Estadual de Campinas, produzindo conhecimentos, subjetividades e sensibilidades acerca da abordagem dada ao conhecimento escolar e de suas impressões sobre o momento de preparação para os processos seletivos. Com base na bibliografia referente à pesquisa narrativa, como Connelly e Clandinin, e apropriando-se das potencialidades do conceito de mônadas de Walter Benjamin, realizaram-se diálogos com diferentes sujeitos por meio de entrevistas orais. Assim, foram entrevistados alunos concluintes do ensino médio de uma escola privada de Campinas que, no momento do contato, estavam em fase de realização dos vestibulares, fazendo-os refletir a respeito suas percepções sobre seu universo escolar e suas experiências com os processos de seleção para o ensino superior. Partindo de referenciais teórico-metodológicos tais como Benjamin e Peter Gay, a análise das impressões dos estudantes aponta para um evidente incômodo gerado pela pressão das provas, junto da caracterização do período de preparação para o vestibular como um momento de sacrifício e trauma. Nesse sentido, ao possibilitar a produção de discursos e conhecimentos acerca deste tema por indivíduos geralmente silenciados, intenciona-se romper com o vazio de subjetividades e com a corrente naturalização das angústias geradas na competição pelo ingresso no ensino superior. Espera-se, com isso, contribuir para o campo da formação de professores por possibilitar entrecruzamentos de visões acerca do vestibular de sujeitos que refletem e falam de diferentes lugares. Dessa forma, o presente trabalho se insere na defesa de uma educação das sensibilidades, por uma formação mais reflexiva que dialogue e dê espaço para as diferentes narrativas que existem no espaço da escola.

Palavras-chave: vestibular; subjetividades; educação das sensibilidades;

A escola que eu vejo

Adriana Carvalho Koyama
koyama@unicamp.br
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Marcemino Bernardo Pereira
marcemino@uol.com.br
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP; Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: Propomo-nos a relatar uma experiência de educação que buscou contribuir para o fortalecimento de novas práticas, diretamente voltadas à educação das sensibilidades, em suas relações com um lugar de memória especialmente significativo para nós, professores: a escola. Nessa experiência buscamos descobrir, a partir de uma aproximação estética, algumas das múltiplas vozes e temporalidades que nela se entrecruzam, na polissemia de seus significados, a partir dos olhares de estudantes e de suas percepções sobre esse espaço, visto como patrimônio. Nós, professores autores dessa proposta, no contexto do Programa Mais Cultura nas Escolas (MEC/Minc), com dois grupos de estudantes do Ensino Fundamental II da Escola Municipal Padre Melico Cândido Barbosa (PMC Campinas), criamos esse movimento que propomos relatar. A perspectiva teórica e metodológica que nos guia vincula-se à corrente histórico-cultural, focalizando os sujeitos das comunidades escolares como produtores de saberes, cuja racionalidade sensível é capaz de reencantar práticas de produção de conhecimento cultural e educacional, muitas vezes instrumentalizadas e hierarquizadas, as quais acabam por despoetizar as relações educativas, excluindo sujeitos e saberes. Tal referencial metodológico reconhece o processo educativo como construção cultural em constante transformação, e, desse modo, possibilita integrar experiências culturais ao projeto político pedagógico da escola, bem como fortalecer a afetividade e a criatividade no processo de ensino e aprendizagem e ampliar os diálogos com diferentes dimensões culturais presentes na tessitura do conhecimento educacional e docente.

Palavras-chave: educação; formação de professores; memória; educação das sensibilidades; educação patrimonial



CAPA



SUMÁRIO

Le Petit Kirikou - A construção da identidade infantil a partir do (re)conhecimento do outro: uma experiência em Escola de Educação Integral

Daniela Dos Santos Caetano
danielascaetano@gmail.com
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Hélica Silva Carmo Gomes
helica@gmail.com
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Luciana Crispim
crispinluciana@gmail.com
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: Sabe-se que o termo Educação Integral consiste em proporcionar aos (às) alunos (as) o pleno desenvolvimento de suas capacidades físicas, intelectuais e emocionais, valorizando os aspectos da cultura universal em que os conhecimentos humanos são produzidos, assim como os aspectos socioculturais que compõe os repertórios individuais e/ ou coletivos de determinados grupos ou comunidade com os quais se identificam. Neste sentido, o presente artigo versa sobre o ensino-aprendizagem do Francês como Língua Estrangeira Moderna em escola de educação integral por meio da temática da diversidade étnico-racial em cumprimento a lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica. Para tanto, iniciamos com uma breve contextualização acerca da implementação da EEI no município de Campinas e suas fundamentações legais para então, lançar o olhar para além do território Francês no ensino do idioma subsidiado pelo viés da francofonia, que imprime à língua francesa pontos de vista multiculturais, como no caso em questão, o contato com o continente africano representado pelo filme Kirikou do diretor Michel Ocelot e pela canção Kirikou de Youssou N' Dour. No diálogo com os princípios educacionais da EEI e entre os diferentes autores buscamos compreender de que maneira a abordagem étnico-racial empreendida pelo Projeto Kirikou produziu significações e atuou na construção das subjetividades dos estudantes, na medida em que os mesmos se identificaram, ou não, com a história do pequeno herói africano e compreenderam, através das complexas relações entre as personagens, as diferentes maneiras de ser e existir no mundo.

Palavras-chave: escola de educação integral; língua estrangeira; diversidade étnico-racial.

Memória e narrativas: processo de reflexão sobre a escrita e leitura de si na constituição profissional

Ana Paula Souza Brito
anapaulabrito04@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Michel Serigato Mansano
mserigato@hotmail.com
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Resumo: O presente texto tem como objetivo problematizar as narrativas produzidas em dois processos de pesquisa de mestrado sobre o tema Orientação Pedagógica. A partir do registro autobiográfico, os pesquisadores puderam refletir sobre as condições efetivas que possibilitaram constituir a subjetividade, a profissionalidade e a pesquisa. Utilizando o recurso da memória, emergiu o estatuto de reflexão sobre a própria trajetória, como percurso histórico de configuração de relações, concepções e imagens, que impactam a constituição e subsidiam a prática da pesquisa. Isso porque nossas experiências estão inter-relacionadas à história, à cultura e às práticas sociais de outros sujeitos, num constante processo de produção de sentidos. Por intermédio da linguagem temos a possibilidade de objetivar o pensamento, materializando a consciência em signos e significados, num processo dialético de apropriação. A memória foi evidenciada como possibilidade de transformação, como elemento mediador para análises mais aprofundadas sobre a história, as experiências e a profissão. Ou seja, foi a partir da memória, enraizada no espaço, nos gestos e nas imagens, que se buscou no passado as situações potencializadoras para a reflexão, tendo como influência as questões do presente. São tempos que se entrecruzam no movimento de pensar o que somos e o que poderíamos ser, permeados pela historicidade. É o discurso narrativo da memória oportunizando o enxergar-se e criando possibilidades para reflexão sobre o devir. Dessa forma, a narrativa de si e sobre si representou um instrumento técnico-semiótico, na medida em que oportunizou análise e interpretação de dados, significação sobre as experiências, tomada de consciência sobre o processo formativo e produção de conhecimento no campo educacional, a partir do distanciamento e da visão exotópica sobre os acontecimentos.

Palavras-chave: memória; narrativa; orientação pedagógica.

A roda da conversa na educação infantil: a criança como sujeito.

Regina Broco Lima da Silva
regina.broco@ig.com.br
Centro Universitário Salesiano - UNISAL; Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: A instituição da roda da conversa no espaço de sala de aula pode oferecer possibilidades para que a criança se constitua como sujeito? A roda da conversa pode proporcionar uma interlocução com os colegas, contribuindo para a organização do trabalho em sala de aula, atendendo as necessidades e proposições das crianças?

Por meio da roda da conversa, uma proposta de Freinet, a presente pesquisa pretende um cotejo entre duas experiências envolvendo duas escolas: uma particular freinetiana e outra pertencente ao ensino municipal, ambas na cidade de Campinas, contextualizando cada uma das unidades, indicando pontos que se aproximam e outros que se distanciam, focando a constituição e organização da roda da conversa na educação infantil e as possibilidades de ampliação da criança como sujeito dentro do ambiente educacional.

Na educação infantil a criança precisa lidar com várias intervenções que muitas vezes acabam provocando um silenciamento de sua voz, não considerando suas necessidades e opiniões em muitos momentos.

Com o cotejo há uma intenção em refletir como as diferentes escolas oportunizam que as vozes das crianças sejam ouvidas e em que medida elas contemplam que sejam consideradas como sujeitos históricos, sociais e culturais dentro do ambiente educacional.

Ao observarmos a sociedade contemporânea e seus mecanismos de controle vemos uma infância capturada, crianças manipuladas e encarceradas em etapas do desenvolvimento, em projetos quantificáveis e cronológicos, movimentos que levam a pensar no futuro, distanciando-se do hoje e do agora. Por outro lado, o ambiente educacional pode abarcar experiências na educação infantil, permitindo um constante processo de criação e recriação da criança.

O espaço da educação infantil pode se desprender de movimentos mais rígidos e deterministas para buscar vivências mais autênticas e consonantes com um conceito de infância que abarca a intensidade da experiência, levando a criança a se refazer e se interpretar continuamente como sujeito.

Palavras-chave: educação infantil; infância; roda da conversa; Freinet.

Memórias e narrativas fotográficas: sensibilidades docentes (trans)formadas pelo olhar (do) outro

Nara Rúbia de Carvalho Cunha
primaverascompartilhadas@gmail.com
Secretaria de Educação de Minas Gerais - MG; Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo: Entre maio de 2012 e maio de 2013, foi desenvolvida por professores de Educação Básica, lotados em escolas públicas de Ouro Preto, e pesquisadores do GEPEC/FE-Unicamp, uma pesquisa-ação de formação docente nucleada no Museu Casa Guignard e intitulada Primaveras Compartilhadas. Trazemos para esse diálogo narrativas fotográficas produzidas e partilhadas por tais professores, tomando-as como sentelhas de sentido de uma experiência que buscou produzir conhecimento por uma via coletiva e dialógica, tomando as sensibilidades urbanas contemporâneas como mote das discussões e as memórias como meio de questioná-las ou de tensionar diferentes visões de mundo nelas amalgamadas. Nesse exercício, percebemos que as narrativas expressam e potencializam uma (trans)formação de sensibilidades mediada pelo olhar (do) outro.

Palavras-chave: memórias; formação docente; educação das sensibilidades; narrativa; fotografia.



CAPA



SUMÁRIO

Fala outra escola: indicações sobre as tendências dos trabalhos apresentados no evento promovido pelo grupo de estudos e pesquisa em educação continuada (2002 -2013)

Bruna Celli D'Abruzzo Degrecci
bruninha_cellii@hotmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Ana Maria Falcão de Aragão
anaragao@terra.com.br
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo: Ao realizar uma pesquisa com o Fala outra escola para ver as indicações sobre as tendências dos trabalhos apresentados no evento promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Continuada durante os anos de 2002 – 2013 percebi que o evento foi se estruturando e organizando de maneira diferenciada para potencializar o que ali era dito: uma escola outra, mostando que a escola é um espaço mais amplo que a ação docente. Vale ressaltar que a presente pesquisa teve como objetivo analisar acerca do estado da arte das produções dos educadores apresentados nos Seminário Fala Outra Escola, realizando uma análise crítica dos trabalhos, identificando focos de interesse dos pesquisadores e suas contribuições para a formação de uma escola Outra. Para analisar todo o material encontrado, utilizei o método de Análise de Conteúdos que proporcionou construir uma visão acerca das temáticas, de seus fundamentos e de suas implicações e, mais especificamente, no que se refere à formação de professores. Dessa forma, o conhecimento assim levantado e analisado oferece a possibilidade de abertura de novas perspectivas que ampliem os saberes, o que pode permitir a construção de novos caminhos para se pensar a formação docente e uma escola Outra que tanto desejamos para formar cidadãos conscientes de seu papel e sua atuação na sociedade em que vivemos.

Palavras-chave: GEPEC; estado da arte; formação de professores, desenvolvimento profissional docente; Seminário Fala Outra Escola

Objetos artísticos como dispositivos de experiências

Juliana Zarur de Andrade Silva
juliana.zarur@gmail.com
Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro - ISEJ; Fundação de Apoio à Escola Técnica - FAETEC

Resumo: Partindo do estudo dos Bóldes, criados por Hélio Oiticica, os alunos dos Espaços de Educação Especial de jovens e adultos do ISEJ/FAETEC criaram caixas de sensações com o intuito de investigar as possibilidades de experiências que cada uma das produções poderia trazer aos espectadores-participantes. Os alunos transcenderam as proposições de Oiticica e acabaram por aproximar suas criações das “self-box” ao decidirem, conjuntamente, aliar as pesquisas sensoriais ao tema da “saúde”, criando objetos que materializam experiências mnemônicas pessoais. Os alunos se apropriaram do conceito de símbolo, metáfora e abstração – o que é uma tarefa complexa para deficientes intelectuais e alunos do espectro autista – já que tiveram de criar seus projetos e pensar nos materiais que melhor traduzissem suas respectivas ideias, antes de as concretizarem. Os objetos se configuraram como verdadeiros dispositivos de experiências tanto para os espectadores, quanto para os alunos-artistas – se considerarmos a acepção de experiência como algo que se passa em nós, que nos transforma e que produz saberes particulares – tendo, ainda, funcionado como material adaptado para outros “estudantes especiais” em suas trajetórias de compreensão do universo simbólico e das possibilidades de relação entre corpo e objeto artístico; entre arte e vida. Durante o processo criativo, os alunos se expressaram a partir de vídeos/depoimentos e textos escritos, o que demonstra que se apropriaram das próprias criações ao ponto de teorizarem a respeito delas. Este trabalho corresponde a uma análise do percurso desses artistas/alunos durante a elaboração e exposição de suas criações e representa uma possibilidade de prática educacional que desafia os estudantes a caminharem em direção ao pensamento abstrato e a produzirem símbolos.

Palavras-chave: experiência; educação especial; arte, símbolo, memória.



CAPA



SUMÁRIO

O menino no espelho e o reflexo do aluno

Gisélia Oliveira de Sá Neves
eguges@gmail.com
Prefeitura Municipal de Santa Isabel - SP

Resumo: O menino no espelho é um romance de Fernando Sabino utilizado como acionador cognitivo para se compreender as narrativas sobre experiências de vida como atividade de autoescuta e conseqüentemente o conhecimento de si. A trama da história foi apresentada, em sala de aula, a uma turma de alunos de 3º Ano do Ensino fundamental. Após assistirem ao filme em DVD, os alunos, a exemplo da personagem do enredo, assumiram o papel de narrador de suas próprias histórias. Dessa perspectiva, num exercício de autoconhecimento, imaginando que uma cópia de si mesmo saísse do espelho, que narrativa poderia se apresentar? Consistiu no exercício reflexivo sobre histórias que permeavam o desenvolvimento pessoal e escolar de cada aluno mediante a redescoberta de suas vivências que potencializadas puderam transformar o comportamento diante dos desafios da vida. O desenvolvimento integral do aluno extrapola o âmbito escolar e é resultante das experiências que servem de base para a construção de conhecimento ao longo de sua existência. Como exemplificação dessa atividade apresentam-se as narrativas de um aluno dessa turma, menino amadurecido pelas dificuldades que a vida lhe impôs, mas que ao organizar sua própria história conseguiu perceber contribuições da escola para as mudanças no seu modo de compreender e sentir o mundo, passando a apresentar um comportamento diferente não só em sala de aula. Em síntese, o trabalho com narrativas dos alunos como exercício de autoescuta demonstra que, a partir da reflexão do sujeito sobre sua própria experiência, projeta-se uma prospecção do que esses indivíduos esperam do futuro e se levantam pistas de que tipo de contribuição eles esperam da escola para a autorrealização.

Palavras-chave: narrativas; escuta; autoconhecimento; autorreflexão.

Experiência estética e prática docente: O exercício de sensibilidade e formação

Luciana Haddad Ferreira
haddad.nana@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP; Instituto Integral - Campinas - SP

Resumo: Ao dialogar com presente texto, o leitor irá se deparar com uma investigação que evidencia a relação entre experiência estética e formação de professores atuantes no Ensino Básico. Foram produzidos e avaliados dados referentes às percepções dos professores diante das experiências que participam. Considerou-se, para tanto, os grupos de formação continuada constituídos durante o projeto. Contando com referencial teórico pautado na abordagem Histórico-Cultural (especialmente L. S. Vigotski), a pesquisa articula seus pressupostos com contribuições do campo da Filosofia da Educação, por meio das obras de John Dewey e Walter Benjamin. Outros autores contemporâneos, que abordam temas referentes à Educação Estética, Formação Docente e Reflexividade também compõem o referencial teórico. Com o intuito de fazer o entrelaçamento entre tais conceitos e as experiências vividas nos grupos de formação, a pesquisa se pauta em abordagem qualitativa com utilização de diferentes instrumentos metodológicos, que oferecem múltiplas imagens dos saberes e das experiências dos docentes. Como categorias de análise dos dados produzidos, a pesquisa aborda os aspectos referentes aos conhecimentos sensíveis, aos processos reflexivos e às construções narrativas, elementos que são ressaltados pelos próprios professores como potencialmente formativos.

Palavras-chave: experiência; formação de professores; sensibilidades; educação estética; memória



CAPA



SUMÁRIO

A ideia de que se faz de um rio

Ana Carolina Sales Pacheco
caroltuca@hotmail.com
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP - Rio Claro

Tainá da Rosa Vilela
taina.rvilela@gmail.com
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP - Rio Claro

João Pedro Pezzato
jpezzato@rc.unesp.br
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP - Rio Claro

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar, estudar, relacionar e discutir as diferentes formas de representações de um rio, por diferentes personagens envolvidos em atividades/oficinas realizadas em uma escola municipal rural integral do município de Itanhaém, na qual acontece à divulgação científica do programa PELD - Itanhaém (Pesquisas ecológicas de longa duração). No ano de 2014 foram diversas atividades, se configurando em 2015 como PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola, intitulado: "Educação e Natureza: divulgando a ciência através da experiência e construção do conhecimento". Os dados para o presente estudo foram coletados ao longo de 15 meses, entre os anos de 2014 e 2015 mediante observação participante do cotidiano escolar com principal atenção e produção de alguns materiais na oficina de meio ambiente. A partir destes abre-se neste trabalho a reflexão de que o conhecimento escolar também está fundamentado nas experiências de vida e de que as manifestações dos envolvidos em sua representação de "rio" carregam vivências e sentimentos. As representações trazidas pelos sujeitos podem desta forma, configurar-se como pressupostos indiciários na construção de conhecimentos, trazendo o desconhecido a partir do já conhecido e promovendo a aprendizagem com base na reflexão sobre as experiências narradas. O entendimento do "rio" de cada um e como ele é passível de modificações ao longo do tempo se apresenta frutífero, a diversidade que temos, em cada momento e em cada um vem à tona em diversas situações e atividades propostas. Mostrando a importância de trabalhos que se configuram na perspectiva da construção do conhecimento, da subjetividade e da memória.

Palavras-chave: divulgação científica, cultura escolar, Itanhaém, bacia hidrográfica e narrativa.

Narrativas e sensibilidade: aproximações a partir do conceito de talento artístico

Luciana Haddad Ferreira
e-mail: haddad.nana@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP; Instituto Integral - Campinas - SP

Resumo: Narrar pode ser modo de tornar inteligível uma experiência sensível. Pode ser forma de simbolizar, sensivelmente, reflexões que se originaram no campo das ideias. Narrar é ação que nos permite articular saberes, criar relações, rememorar e projetar-nos para outras possibilidades. Diante de tais premissas, tomo as narrativas pedagógicas como uma importante maneira de desenvolvimento do talento artístico (artistry) do professor. Ao abordar o conceito, Donald Schön, alerta sobre a necessária sensibilidade do professor para entender as questões do cotidiano, uma perspectiva que pode estar explícita ou ser implícita em sua atuação. Rompendo com abordagens inatistas, o pesquisador toma posse da palavra talento e a ela atribui sentido amplo que nos permite compreender que a atividade profissional docente não depende apenas do seu domínio técnico acerca dos saberes escolares. A forma de explicar o talento em Schön (2000) nos remete à ideia de profissional que é artista da própria prática, busca estabelecer diálogo com a comunidade por sua sensibilidade e do olhar singular para o mundo. Ele usa seus atributos não apenas para exprimir um universo simbólico que é só seu, mas para contestar, questionar, propor, denunciar e inspirar outros movimentos. Neste contexto, a escrita docente, ao relatar as ações do cotidiano, os conflitos e as descobertas, é permeada por associações e pontes entre diversos campos do conhecimento e pode manifestar níveis aprofundados de reflexão. Considerando principalmente o caráter subjetivo e marcado pela impressão pessoal dos textos narrativos, o fator poético e de forte potencial criativo desta forma expressiva, é possível afirmar que para escrever narrativas reflexivas do próprio trabalho, é necessário lançar mão do talento artístico. Numa atitude reflexiva e ao mesmo tempo criadora, o professor faz da escrita ferramenta que possibilita compreender limites, contornos e diálogo sensível.

Palavras-chave: educação estética; narrativas; memória; formação de professores



CAPA



SUMÁRIO

A instituição escolar e a produção da invisibilidade dos corpos: inquietações em um espaço de exclusão. Por uma educação como possibilidade de liberdade

Rebecca Helena Cheri
rebecca_cherri@hotmail.com
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar - Campus Sorocaba

Resumo: Convido você a compreender a lógica do sistema capitalista ocidental que, inserido dentro da escola, promove nos educandos a invisibilidade dos corpos, exclusão e anula uma educação como possibilidade de liberdade. O que destaco neste trabalho é meu posicionamento que até o presente momento estava enraizado, escondido e que agora aflorou, confesso que foi o mais difícil de realizar, por me posicionar diante dos fatos e atitudes que me revoltam, já que dentro do cenário acadêmico o padrão de escrita usado em menor quantidade é o da primeira pessoa do singular. A neutralidade e o medo da exposição são características da escola, que necessita criar mão de obra qualificada, para futuramente o indivíduo seja obediente, reprimido, ingênuo e silenciado. Realizando dentro do cotidiano escolar diversos modos de violência e repressão nos educandos. Entretanto as punições destacadas acima fazem parte da sociedade capitalista obscura e preconceituosa que molda, rotula e padroniza o homem, transformando-o em uma máquina que sofre calada e aceita o que é imposto. Uma realidade mascarada e imposta que oferece um discurso de amor ao próximo, qualidade de vida e respeito a diversidade cultural. Ofereço a vocês, meu modo de encarar sociedade, embasada em grandes autores e estudos realizados na minha graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba.

Palavras-chave: cultura; escola; diversidade; instituição; preconceito.

A ampliação da percepção visual como caminho para um desenho cultivado: dos rabiscos à figuração

Ana Carolina Braga Ferraz
carolbf27@gmail.com
Instituto Integral – Campinas - SP

Rosana Ricci Becker de Lima
roricci64@gmail.com
Instituto Integral – Campinas - SP

Resumo: Sabemos que aos 5 anos, as crianças já demonstram prazer e contentamento ao expressar-se por meio do desenho, mesmo que este ainda não apresente formas concretas. Também compreendemos que dos 3 aos 5 anos é comum observar esta prática como uma experiência prazerosa, dos rabiscos à figuração. Para que o desenvolvimento da capacidade de representação pelo desenho ocorra, é necessário estimular a percepção visual, incentivando diferentes “leituras” do mundo, desde as primeiras séries da Educação Infantil, antes mesmo dos 2 anos. A correspondência de imagens e formas, que assegura ampla capacidade expressiva, é desenvolvida quando levamos as crianças a experimentar o mundo através de movimentos amplos e experiências sensoriais, que promoverão a sensibilidade artística para o desenho cultivado, para que a criança se torne gradativamente capaz de desvendar o universo visual de seu cotidiano, imprimindo sua leitura de mundo com prazer e segurança. Buscamos desenvolver experiências diversificadas que envolvessem as crianças e possibilitassem seu desenvolvimento. Valemo-nos de registros de atividades sensoriais, de práticas de “desenho coletivo” e relatos de rodas de história, com o objetivo de despertar o gosto pela leitura e descobrir o mundo por meio das imagens que podem ser “lidas”. Desta experiência formativa tiramos diversas lições, importante não somente para saber mais sobre o desenvolvimento social e cognitivo de nossos alunos, mas como também aprendemos mais sobre a docência na Educação Infantil e refletimos sobre a importância do trabalho coletivo que construímos. Assim, levamos as crianças a conhecerem melhor a si mesmas e a compreenderem que por sermos parte de um grupo, cada uma tem participação fundamental, com suas individualidades e subjetividades.

Palavras-chave: desenho cultivado - sensibilidade artística - educação infantil e desenvolvimento infantil.



CAPA



SUMÁRIO

275

As sensações como artifícios potencializadores de memórias e narrativas: cores, sons, cheiros e imagens

Rodrigo Luiz de Jesus Santana
rodrigasantanageografia@gmail.com
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ - São Gonçalo; Centro Educacional Paulo Freire

Inês Ferreira de Souza Bragança
inesbraganca@uol.com.br
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ - São Gonçalo; Centro Educacional Paulo Freire

Resumo: O presente trabalho é um desdobramento da monografia apresentada ao curso de Geografia intitulada “Instituto de Educação Clélia Nanci - Lugar de Memórias e de construção identitária dos estudantes do Curso Normal” cujo objetivo consistiu em analisar as memórias escolares dessa instituição tradicional da cidade de São Gonçalo, localizada na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro. Com enfoque na tríade memória, identidade e lugar, fazemos no trabalho em tela um recorte da referida pesquisa, focalizando movimentos em que os sentidos do corpo ativam a memória, aprimoram e potencializam as narrativas. Cores, sons, cheiros e imagens revelam a experiência e a escola como lugar de memória (NORA, 1993). Nessa perspectiva, entrevistamos três mulheres-memória do IECN, mulheres essas que passaram grande parte da sua vida na escola. Elas falaram de suas experiências por meio da percepção de mundo, uma percepção que acontece graças aos sentidos do corpo, através das sensações (CARLOS, 1996). Promover as narrativas (BENJAMIN, 1993) desses sujeitos escolares revelou em cada fala, cada memória, cada depoimento o papel da instituição educativa na vida afetiva e relacional das entrevistadas. O caminho trilhado possibilitou a desaceleração do nosso dia a dia corrido e promoveu assim a experiência (LARROSA, 2002) única e subjetiva, mas que reflete a história coletiva da instituição de ensino. Usar a sensação para atingir essas memórias afetivas e perceber a escola como lugar de memórias favoreceu configurações únicas, que aos poucos revelam as múltiplas histórias e identidades da escola e dos seus sujeitos escolares. A pesquisa usa a sensação como artifício importante para a ressignificação da história e para trilhar o caminho da memória como vida (BRAGANÇA, 2009).

Palavras-Chave: memórias; narrativas; sensações; lugar de memória; experiência.

Cultura Tradicional da Infância: pesquisa, registro e valorização de memórias a partir do levar a brincar

Lucilene Ferreira da Silva
lucilene-lu@uol.com.br
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo: Paulatinamente, por diversos fatores, as crianças vêm perdendo os espaços de brincar e à perda dos espaços físicos se complementa a perda do repertório de brincadeiras. O sistema educacional brasileiro, que prioriza a alfabetização, esquece que há muitas formas de se aprender e ensinar e que seu público alvo é formado por crianças que precisam: de espaços que possibilitem se exercitarem com liberdade; de natureza que favoreça as descobertas a partir do olhar e da prática; de ouvidos que as escutem e as compreendam nas suas formas de ser, agir, pensar e descobrir e principalmente, brincar para se exercitarem na sua melhor forma de expressão e aprendizado.

O presente trabalho trata de uma experiência desenvolvida desde 2003 no projeto OCA Escola Cultural, com extensão para escolas públicas e creches do município de Carapicuíba, que a partir do levar a brincar, vem garantindo este direito a centenas de crianças, além da valorização e registro do repertório de brincadeiras de bisavós, avós, pais, jovens, adolescentes e crianças do município de Carapicuíba. Este projeto contempla: pesquisa, registro, compartilhamento e publicação do repertório de brincadeiras tradicionais da comunidade da Aldeia de Carapicuíba, formada predominantemente por migrantes de vários estados brasileiros; alfabetização de crianças e adultos da comunidade a partir deste repertório; alfabetização musical a partir da Música Tradicional da Infância; atividades de brincadeiras na instituição, em creches e escolas públicas de ensino fundamental do município de Carapicuíba-SP; formação de jovens multiplicadores da ação de brincar e formação de educadores.

Palavras-chave: criança; brincar; cultura infantil; música tradicional da infância; brincadeiras tradicionais.



CAPA



SUMÁRIO

Memórias que marcam a vida docente e redimensionam sua prática no cotidiano escolar

Ana Paula da Silva Conceição Oliveira
ana.pedagogia@yahoo.com.br
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ - São Gonçalo

Clarissa Moura Quintanilha
clarissa_quintanilha@hotmail.com
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ - São Gonçalo

Juliana Godoy de Miranda Perez
julianagodoym_perez@hotmail.com
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ - São Gonçalo

Resumo: Este trabalho objetiva pesquisar as memórias escolares (re) vividas por mestrandos do Programa: “Processos Formativos e Desigualdades Sociais” da Faculdade de Formação de Professores – UERJ, emergidas na oficina realizada pelas autoras e articulá-las ao processo de construção da identidade profissional do professor. Perceber a necessidade de conexão entre teoria e prática requer reflexões importantes no âmbito acadêmico que transportem para a ação toda leitura e aprendizagem construída no universo educacional. À luz de Antônio Nóvoa (1992), o presente artigo busca dialogar com a tríade: “Adesão, Ação e Autoconsciência”, apresentada pelo autor como sustentação do processo identitário docente. Percebemos a relevância do espaço acadêmico quando aprendemos a valorizar as narrativas e a dialogar com a escola. Não cabe um distanciamento ou separação do eu professor com o eu sujeito, pois o professor e a pessoa estão diretamente ligados. (NÓVOA, 1992). Realizamos uma oficina pedagógica como possibilidade de compartilhamento de lembranças dos tempos de escola relacionando-as com os modos de ser professor de cada mestrando do curso in loco. Através desta proposta verificamos a importância de ressignificar as vivências, práticas escolares valorizando o coletivo e inspirando o amadurecimento docente. Buscamos conhecer memórias valiosas, repletas de sentido e que ao serem dialogadas sugerem novas formas de enxergar o professor, o aluno e a escola. Escola esta que almejamos reinventar, reconstruir e reformar com o coletivo, a partir de dentro.

Palavras-chave: memória; identidade; formação docente.

Um dedo de prosa: encontro narrativo e estético de dois professores em formação.

Thaís Efigênia Magalhães Marques
thaisa.marques@yahoo.com.br
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-MG

Gilberto de Souza Soares
gilsouzasouares@gmail.com
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-MG

Resumo: Este texto é uma proposta de encontro das nossas narrativas enquanto professores em formação inicial. Ao alicerçarmos nosso entendimento e olhar sobre os alunos como: sujeitos históricos, fomos também atravessados por esse olhar ao perceber que nos tornamos amigos pessoais; espelhos reflexivos da formação profissional um do outro; e, agentes sensíveis de uma relação interdependente de autonomia emancipatória. Pensando nesse processo de transformação chamado formação docente inicial, começamos a refletir sobre o(s) lugar(es) que partimos, fundimos e direcionamos nosso olhar. Dessa forma, convidamos os leitores desse texto a serem nossos novos interlocutores e participarem desse “dedo de prosa” em que propomos uma avaliação reflexiva dos processos a partir de nossos Trabalhos de Conclusão de Curso, que se apoiaram nas autobiografias para discutir práticas pedagógicas e formação inicial. Vislumbramos como possibilidade de uma reflexão que seja efetivamente profunda, o relato de nossa(s) experiência(s), relacionando os referenciais teóricos articulados na graduação e seus desdobramentos em nossa formação e atuação profissional. Para então assumirmos que nunca encerraremos a busca pelo aprendizado, sempre haverão horizontes a almejar. Temos clareza que somos seres inacabados e que este texto não é o fim, mas o começo de um longo caminho que vamos trilhando na amizade, e nas instituições escolares por onde passamos e passaremos.

Palavras-chave: narrativas; autobiografias; formação; estética do olhar.



CAPA



SUMÁRIO

Reeducando os sentidos para uma educação de corpo inteiro

Izabella Ribeiro da Silva
izabella.usina@hotmail.com
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar e refletir sobre a proposta metodológica do Curso: “Corpo, Arte e Natureza”. Parceria entre Ministério da Educação (MEC) e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), este Projeto de Extensão em Educação Infantil contou com duas edições: a primeira no ano de 2013, e a segunda no ano seguinte. Com duração de um semestre cada uma, os encontros foram realizados aos sábados pela manhã, na Escola de Educação da Universidade e contemplou professores de Educação Infantil da rede pública municipal de todo o Estado do Rio de Janeiro. O curso foi organizado em módulos, onde foram ministradas oficinas nas áreas das artes visuais, corpo e movimento, literatura, teatro, circo e danças populares. A proposta era oferecer uma formação continuada que considerasse a dimensão sensível, a arte, o contato com o outro e com a natureza. Por meio da experimentação, reflexão e compartilhamento de experiências de formação, de atuação profissional e históricos de vida. Em tempos de infundáveis discussões em torno da necessidade de reinvenção de uma escola que tem privilegiado o intelecto em detrimento do sensível e das subjetividades, entende-se que se faz necessária a promoção de uma formação tanto docente quanto discente, que tenha como proposta uma reeducação dos sentidos, para um educação de corpo inteiro, integral. Nesta Sessão de Diálogo do Fala Outra Escola 2015, a proposta é compartilhar e refletir as vivências do Curso de Extensão, por meio de registros de fotos, vídeos, falas e diários de bordo dos docentes participantes desta experiência, que deu origem ao Grupo de Pesquisa Frestas: Formação e Ressignificação do Educador- saberes, trocas, artes e significados. Vamos trocar olhares?

Palavras-chave: docência; educação infantil; artes; educação; subjetividade

Mais do que história de amor: a construção doutro imaginário sobre o gênero romance no ensino médio

George França
franca.george@ufsc.br
Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina - CA/CED/UFSC

Daniela Cristina da Silva
dani.letrasport@gmail.com
Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina - CA/CED/UFSC

Resumo: A organização curricular dos estudos de Literatura no Ensino Médio é pautada por um viés historiográfico dominante desde as antologias românticas, que em muito destoam das reestruturações já empreendidas pelas políticas públicas de ensino de Português para o Ensino Fundamental. Nesse sentido, por se esperar que os estudantes reconheçam determinados gêneros mais ou menos formalizados de uso da linguagem, dá-se como corriqueiro que não compreendem, no trabalho com o Romantismo, as distinções e intersecções entre conceitos como o gênero romance e a estética romântica. No entanto, em nossa prática docente, temos verificado o quanto se confundem essas noções, não apenas pelos nomes e pela imprecisão conceitual de que o gênero padece em virtude do quanto, ao longo da modernidade, suas fronteiras foram esgarçadas, como também pelo modo como o Romantismo impregnou o termo “romance” de nuances idealizadas, amorosas e platônicas. Este trabalho pretende apresentar uma proposta de organização realizada pelos autores para os conceitos de romance, romance romântico e Romantismo no primeiro trimestre de 2015, que culminou na leitura de *A luneta mágica*, de Joaquim Manuel de Macedo, e na produção de uma exposição fotográfica, incluída na Mostra de Trabalhos do mesmo evento. Abordaremos o conjunto de atividades iniciado com leituras de fragmentos diversos de romances, não restritos ao “estilo de época” que organiza o material didático; passaremos pela abordagem da ligação íntima dos folhetins com as novelas e pela adaptação que fizemos de fragmentos de romances românticos para o suporte da radionovela; e, por fim, chegaremos às leituras do texto de Macedo, uma das primeiras, senão a primeira manifestação de literatura fantástica no Brasil, problematizadora de noções morais como bem e mal absoluto, que culminaram na apresentação dos olhares dos estudantes em uma exposição fotográfica de monóculos.

Palavras-chave: ensino de literatura; romance; romantismo; práticas pedagógicas; fotografia.

As pedras bonitas podem falar! Memórias de velhos professores de Itaporanga/SP sobre a docência

Sandra Antonia Convento de Moura Ferraz
sandramouraferraz@gmail.com
Universidade de Sorocaba - UNISO

Resumo: Na sociedade capitalista, em que velhos necessitam lutar para continuar sendo capazes de sobreviver, faz-se necessário refletir sobre seus feitos e possibilitar que os fios de seus relatos deixem de ser traços de solidão, para se emaranharem em tramas conjuntas, constituintes de uma sociedade gerada por suas ricas contribuições. Os participantes da pesquisa são professores aposentados, com idade mínima de 75 anos, que exerceram a docência na cidade de Itaporanga, São Paulo. O objetivo principal da pesquisa é analisar as marcas nas formas de viver a velhice, como produtos de singularidades históricas e culturais e investigar o tempo intrínseco no curso do envelhecimento, na tentativa de desvelar as possíveis marcas da profissão na gestão da velhice. O trabalho pretende contribuir para a formação de novos professores, por meio do compartilhar de experiências vividas, em um processo de (des/re)construção da formação da identidade profissional daqueles que ainda atuam, abrindo o leque de observações sobre as práticas e o processo de formação docente e, ainda, fortalecer o papel da história oral na construção da pesquisa e das raízes locais. A metodologia está pautada na pesquisa narrativa, que considera a experiência de vida como história, sendo que as histórias serão trazidas não como parte da pesquisa, mas sim como a própria pesquisa. Nessa perspectiva, objetiva-se que as contribuições da história oral venham fortalecer a cidadania e a constituição de uma sociedade cada vez mais plural e democrática.

Palavras-chave: Prática docente; História Oral; Narrativas; Memória.

O (en) canto da Odisséia e as narrativas docentes

Cyntia Simioni França
cynthiasimioni@yahoo.com.br
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP; Universidade Norte do Paraná - UNOPAR

Resumo: Proponho-me, a focalizar uma pesquisa-ação, desenvolvida por um projeto de formação, intitulado “O Canto da Odisseia e as Narrativas Docentes: dois mundos que dialogam na produção de conhecimento histórico educacional”, em nível de doutorado, orientada pela professora Maria Carolina Bovério Galzerani, ligado ao Grupo de Pesquisa GEPEC e ao Kairós: história, memória e sensibilidades, da Faculdade de Educação da Unicamp, ambos em Campinas, no Estado de São Paulo. Este projeto de formação se constituiu com a participação de professores da educação básica, que aceitaram o convite de narrar coletivamente as suas experiências formativas, em 2014, na Escola Estadual Barão do Rio Branco, na cidade de Londrina, no Estado do Paraná. Escolhi a obra Odisseia, do autor Homero, datado entre o século VIII a.C., traduzida por Antônio Pinto de Carvalho, para acompanhar esta viagem de pesquisa, pois entendo que se constitui como um importante documento histórico (THOMPSON, 1981). Esta literatura foi trabalhada com os professores como um documento potencializador do processo de rememoração das experiências vividas. (BENJAMIN, 1985) Neste projeto-ação busquei desenvolver uma pesquisa coletiva para a produção de memórias, narrativas orais e escritas para a produção de conhecimento histórico educacional. Apostei no trabalho colaborativo (de fazer pesquisa com os professores e não sobre os professores), ao mesmo tempo, autônomo e inventivo, com a potencialidade de promover a produção de conhecimento histórico educacional, no qual o professor tem um papel de sujeito ativo. Estabeleci um diálogo com Walter Benjamin e com o historiador Edward Palmer Thompson (1981) para a tessitura dessa pesquisa.

Palavras-chave: narrativas docentes; memórias; experiências.



CAPA



SUMÁRIO



284

EIXO 4

Sessões de Diálogos

Escola como experiência política

Abordar experiências políticas realizadas frente aos desafios do cotidiano escolar e às relações de poder, na busca da qualidade social da educação, do empoderamento dos sujeitos e grupos/ organizações/movimentos/e na transformação da escola e de suas utopias.



A contribuição africana para o cuidado da criança no campo da educação

Elaine Roberta Silvestre Machado
elainemachado@hotmail.com
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar - Sorocaba-SP

Dulcinéia de Fátima Pereira
dulceferreira@ufscar.br
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar - Sorocaba-SP

Resumo: Estamos vivendo tempos de vínculos frágeis, relações afetivas marcadas pelo descompromisso e expansão da lógica de mercado para além do campo econômico. Diante deste cenário, a racionalidade ocidental tem se mostrado insuficiente para entender e propor alternativas para esse impasse globalizado. É preciso percorrer outros territórios, conhecer experiências que veiculem novos modos de existência e convivialidade se quisermos forjar uma sociedade que seja mais humana. O trabalho que ora apresentamos busca refletir sobre modos de cuidar em comunidade de algumas culturas tradicionais africanas e tece algumas considerações sobre sua contribuição para qualificar a educação ocidental que também tem sido solapada pelas políticas neoliberais, para isso buscamos também reconhecer e legitimar a produção de conhecimento de pesquisadores africanos.

Palavras-chave: cuidado; cultura tradicional africana; políticas neoliberais.

A gestão de uma instituição de educação infantil É o processo de construção coletiva do projeto Político-pedagógico

João Severino de Oliveira
joaoiacanga@gmail.com
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Resumo: O presente trabalho objetiva dissertar sobre o trabalho da equipe gestora no processo de construção e consolidação do projeto político pedagógico de uma instituição de educação infantil. Conforme aponta a produção especializada na área (PALMEN, 2014), por exemplo, preconiza que há muitos trabalhos que problematizam a educação infantil de forma geral, bem com trabalhos que trazem reflexões sobre a gestão da educação, todavia, a produção de conhecimento que aborda a gestão de uma instituição de educação infantil é escassa. Palmen ressalta que as produções revelam práticas que reproduzem perfis organizacionais próprios de outras etapas educacionais, convergindo na relevância deste trabalho. Desvelar os sentidos que permeiam o trabalho dos gestores na educação infantil, em concordância com KUHLMANN JR (2001), demanda entrelaçamento com questões que dizem respeito à história da infância, da família, da população, da urbanização, do trabalho e das relações de produção, numa perspectiva sócio-histórica. Implica apontar a complexidade que constitui e influencia esta etapa da educação no tocante aos condicionantes socioeconômicos, políticos, educacionais e culturais no contexto brasileiro.

Nessa perspectiva, aponta-se como crucial o trabalho da equipe gestora (diretor, vice-diretor e orientadora pedagógica) no sentido de coordenar, articular e garantir as condições, contextos e espaços para o diálogo sobre as diferentes concepções de educação e sociedade que subjazem aos projetos individuais coexistentes na unidade escolar. Com base no relato da experiência de uma instituição em relação à construção coletiva do projeto político pedagógico, apontar-se-á as etapas que o constituem, objetivando socializar os caminhos em que a equipe gestora assume no desafio de fortalecer o trabalho coletivo, que parte do respeito e valorização de cada profissional, na construção de um projeto unitário de escola que potencializa o diálogo, o registro, a avaliação, a sistematização, o dissenso, a produção de conhecimento e a transformação da realidade subjacente, propondo superar a alienação.

Palavras-chave: projeto político-pedagógico; gestão democrática participativa; educação infantil.

Relações raciais e pedagogias decoloniais na escola básica: narrativas outras e seus entrecruzamentos com práticas pedagógicas emancipatórias e interculturalidade crítica

Danielle de Deus França Gomes Galvão Vaz
teacherdanifranca@gmail.com

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

Resumo: Um relato de experiência sobre pedagogias “outras” e empoderamento estudantil na escola básica normalista. Este trabalho tem por objetivo apresentar reflexões acerca da temática Pedagogias Decoloniais, a partir de uma pesquisa realizada em uma escola básica normalista de nível médio e da experiência com a oficina intitulada “Identidade e Estética Étnico-Racial” no tocante aos debates sobre a lei 10.639 e das relações raciais na escola. Parte-se uma perspectiva Intercultural crítica para explicitar as reflexões acerca dos traços culturais subalternos no âmbito das relações raciais na escola. Desta forma, entende-se que entender a escola básica pelo viés Pós-Colonial seja uma agenda emergente e que esta contribua para a descolonização dos currículos praticados na busca pelo empoderamento e pela emancipação dos sujeitos envolvidos de forma coletiva. A partir das rodas de conversas entre e debates sobre filmes, vídeos da internet e convidados integrantes de movimentos sociais inseridos nos estudos das Ciências Sociais, foram abordados temas como feminismo negro e religiões de matrizes africanas, o que culminou em diversos trabalhos realizados por parte dos estudantes e dos bolsistas, mudanças na estética dos educandos que puderam expressar suas identidades no que tange à estética negra, a religião e cultura, bem como a ancestralidade. Esse “trânsito” escola-universidade contribuiu para que ambos bolsistas do PIBID Ensino Médio e normalistas pudessem repensar a escola e trazer estas experiências para ambos os espaços interferindo diretamente nas tomadas de decisões dos partícipes na busca por uma “outra” escola e uma “outra” universidade.

Palavras-chave: interculturalidade crítica; pedagogias decoloniais; empoderamento; formação docente

Denúncia e superação: aconteceu no chão da escola

Grace Caroline Chaves Buldrin Chautz
gbuldrin@gmail.com
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

Ivete da Silva Pereira
iveteadvlis@gmail.com
Prefeitura Municipal de Campinas - SP

A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho.
(Paulo Freire, 1996)

Resumo: A escrita do presente trabalho emana do contar de uma experiência política movida pela realidade escolar. Muitos são os entraves do cotidiano e ao sermos tomados pelas adversidades tentamos ir além da simples denúncia, em busca de uma ação que traga alento a nossas práticas pedagógicas, tão desvalorizadas. Assim, esse trabalho pretende contar sobre o que aconteceu em uma escola de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino da cidade de Campinas/SP. Uma escola situada na periferia de Campinas, sem a presença do profissional denominado Orientador Pedagógico, devido à falta de funcionários na rede de ensino. De repente a pergunta: - Como envolver a equipe docente em uma proposta pedagógica engajada com a realidade e que dialogue entre si? Quem faria a ponte do trabalho? Movida por esses questionamentos decidimos escrever um projeto de Educação Ambiental, tema dialogado em um curso de formação continuada da rede de ensino em questão, que culminou no desafio de pensar um projeto voltado para princípios fundantes que permeiam o tema meio ambiente, atrelado a intencionalidade de um trabalho pedagógico impregnado de dialogicidade. O curso aconteceu no ano de 2013 e o projeto fora desencadeado no ano de 2014, com vistas a integração de uma equipe de profissionais que não pretendiam ficar à deriva de um sistema massacrante. As crianças eram a preocupação primeira dessa equipe de profissionais da educação que pretendeu ultrapassar a denúncia. Essa denúncia transforma-se em superação quando essa equipe depara-se com a possibilidade de enxergar em seus trabalhos, o contar da VIDA na escola, o que culminou em uma experiência política eminentemente utópica.

Palavras-chave: política educacional; cotidiano escolar; formação continuada.

Gestão democrática: formação e transformação

Flávia Maria de Campos Vivaldi
flamacavi@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Mariana Guimarães Wrege
mari.wrege@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Resumo: Ao longo dos anos, a gestão escolar vem sofrendo profundas transformações, superando-se as antigas características que antes estava presentes, como: o autoritarismo, a fragmentação, e a centralização. Tais transformações têm levado à adoção de práticas mais participativas, democráticas, interativas, visando estabelecer parcerias e buscar soluções para os problemas. O presente artigo tem como objetivo descrever dois diferentes modelos de gestão escolar: o estático e o dinâmico, apontando suas características e consequências para o trabalho com a educação, analisando também como cada um deles pode contribuir ou não para uma gestão mais participativa, democrática, voltada para a autonomia. O modelo estático de gestão contribui para a hierarquização e verticalização dos sistemas de ensino e das escolas. Nele, o trabalho em grupo é fragmentado em funções e tarefas específicas, havendo prevalência da ideia de que a objetividade é a garantia de bons resultados e desconsiderando a subjetividade dos envolvidos. Já no modelo dinâmico de gestão escolar a responsabilidade maior do dirigente é a de articular e mobilizar, contribuindo à promoção de uma cultura organizacional voltada para resultados e desenvolvimento. As organizações têm vida, contando com a participação conjunta de todos os profissionais e membros de modo sinérgico. O trabalho é realizado de modo cooperativo, pautado na realidade global, viva e construída diariamente por todos os envolvidos. O ambiente social e o comportamento humano são dinâmicos e imprevisíveis e, portanto, são coordenados e orientados, e não controlados.

Palavras-chave: gestão democrática; autonomia; gestão escolar; trabalho coletivo.

Refletindo sobre as práticas sociais no desenvolvimento do ensino da leitura e escrita

Cristiane Ribeiro Cabral Rocha
criscabralrocha@yahoo.com.br
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS

Resumo: O presente artigo apresenta resultado de uma investigação realizada em uma Escola Estadual, no município de Campo Grande MS. Tem como objetivo apresentar a relevância da alfabetização como prática social, que envolve a vivência da criança na aquisição da leitura e escrita, trabalhando a alfabetização/letramento, trazendo para a vivência escolar uma contextualização de momentos da vida cotidiana, por meio do uso de panfletos de supermercado, sendo essa uma ação da prática docente para oportunizar o ensino tanto da matemática, quanto das demais disciplinas do currículo escolar. Para alcançar os objetivos, empreendeu-se uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa. O presente artigo discorre brevemente sobre os vários momentos em que esteve a alfabetização no Brasil, segue relatando a experiência vivenciada na sala de aula durante o desenvolvimento da pesquisa. Posteriormente, uma análise das narrativas dos alunos, destacando suas falas e experiências e, finalmente refletindo a partir delas, observando o processo de alfabetização da perspectiva do letramento aproximando o chão da escola aos ambientes seculares. A análise dos dados dessa pesquisa possibilita compreender a necessidade dos professores alfabetizadores empenharem esforços no sentido de promover estratégias cada vez mais significativas para o ensino/aprendizagem dos alunos, considerando o mundo letrado e as práticas sociais que existem fora dos muros da escola.

Palavras-chave: prática-docente. Leitura e escrita. Estratégias de ensino.

Ei, tem alguém aí?

Silvia Elaine Pisco Del Grande
silviapisco@ig.com.br
Instituto Integral - Campinas-SP

Maria Manuela Fernandes Barros
m.manuelabarros@yahoo.com.br
Instituto Integral - Campinas-SP

Nara Helena Freitas
narafreitas2007@gmail.com.br
Instituto Integral - Campinas-SP

Resumo: O trabalho literário com o livro “Ei! Tem alguém aí?” do autor Jostein Gaarder, proporcionou o entrelaçamento de temas como: origem e fases da vida, princípios da evolução, planetas e outras galáxias, além de reflexões filosóficas a respeito do sentido das perguntas e respostas e, de situações de auto conhecimento. Como finalização do projeto de leitura, as crianças foram convidadas a desenvolver um trabalho sobre algum tema de interesse abordado no livro com livre expressão como: produção de poesias, elaboração de perguntas, ilustrações, esculturas ou colagens. Percebemos que o trabalho com o livro desperta nas crianças um grande interesse pelas questões nele implícitas. Acreditamos em um trabalho para a autonomia de pensamento, e também para a busca do conhecimento. Esta experiência tem nos revelado que continuamos trilhando um caminho comprometido com a educação não só do saber, como também do ser.

Palavras-chave: projeto literário; entrelaçamento temático; educação do ser

Por uma nova ágora

Gustavo Ricciardi F. Aguiar
gustavorfa@yahoo.com.br
Colégio Rio Branco - Campinas

Lucas Kiyoharu Sanches Oda
lucaosanches@gmail.com
Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP; Colégio Rio Branco - Campinas

Resumo: No contexto atual da educação brasileira, em raras vezes a sala de aula pode propiciar situações dialógicas para a produção de saberes, por conta de cobranças variadas relacionadas à agenda, burocracia, motivação, ideologia e currículo. A criação de espaços dialógicos além da sala de aula, nos quais temas relevantes de discussão podem ser abordados, despidos da formalidade e obrigações do cotidiano escolar, pode gerar experiências transformadoras. Nesses espaços, à moda das ágoras da antiguidade clássica, temas atuais, de fundamental importância para a sociedade e para a constituição de sujeitos, podem ser dialogizados de forma responsável, nas quais as vozes têm que assumir lugares ideológicos. Esta comunicação e artigo discutirão sobre os processos e resultados de experiências como essas desenvolvidas no Colégio Rio Branco Campinas. Nesses encontros, onde temas atuais foram discutidos, pretendeu-se apresentar pontos de vista aos alunos para uma maior contextualização dos temas a fim de que se originasse um contexto dialógico no qual os alunos iriam produzir seus discursos e assim assumissem politicamente seus lugares sociais. Serão apresentados também como os ecos desses discursos propiciaram, nas aulas posteriores, novas reflexões interdisciplinares.

Palavras-chave: dialogia; debate; ágora



CAPA



SUMÁRIO

Perspectivas de um coletivo de formação continuada de professoras

Danielle Piza
daniellepiza32@gmail.com
PCRJ

Flávia Casseres
flavia.casseres@ig.com.br
Colégio Pedro II

Lidia Satil
lsatil@ig.com.br
PCRJ

Liliane Neves
lilianenevesmoura@gmail.com
Cap-UerJ

Luciana de Britto
lullis.girl@ig.com.br
PCRJ

Resumo: Falar da escola como experiência política é falar de sua essência, de uma de suas nuances primordiais, porque não há escola sem troca, sem comunicação, sem exposição de opiniões, sem conflitos. Não há a possibilidade dos atores da escola se envolverem em projetos e questões pessoais se negarem uns aos outros, como se fosse possível manter as bordas da individualidade intactas. A Escola é um lugar político por natureza. E nesse lugar de encontros e desencontros, construções e desconstruções múltiplas, muitas vezes os sujeitos se isolam – ou são isolados – e por isso relações fundamentais se perdem ou são deturpadas. Quando falamos que a escola é um espaço de conflitos, isso significa dizer que as relações envolvem tensões, negociações, propostas, retomadas, colocação e mudança de opiniões. Mas muitas vezes essas livres demandas, se tornam empecilhos para a realização de um espaço escolar de troca, de afeto, de atitudes significativas para uma aprendizagem efetiva dos sujeitos que lá estão. As políticas neoliberais vigentes têm sido percebidas nas ações de cerceamento dos espaços de discussão político pedagógicas da/na escola. As tensões têm sido abafadas ou transformadas em objetos de ataques pessoais dificultando o diálogo e a troca com o outro, que deveriam ajudar na constituição do nosso ser. Essa possibilidade de transformação tem sido parte desse projeto político. Porém, nas bordas, nas margens, nos entre-lugares, há coletivos que buscam encontros de resistências a este modelo. Que convidam o outro para constituí-lo e alterá-lo. E sobre um desses coletivos que debruçamos nossos olhares. Para as questões político e pedagógicas que dele emergem e que nos ajuda a pensar “uma outra escola”.

Palavras- chave: formação de professores; coletivos; ação político-pedagógica

294



CAPA



SUMÁRIO



GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO CONTINUADA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
CAMPINAS – SÃO PAULO

VII Seminário Fala (Outra) Escola

“Teu olhar trans-forma o Meu?”

CADERNO DE PROGRAMAÇÃO

Organizadores do Caderno

Daniela Quevedo Pacheco
Guilherme do Val Toledo Prado
Heloísa Helena Dias Martins Proença
Liana Arrais Serodio
Luciana Haddad Ferreira
Maria Natalina Oliveira Faria



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação - 2015



CAPA



SUMÁRIO

Organização do Evento

Comissão Organizadora

Adrielli Matias dos Santos
Alexandre Tadeu de Andrade Dias da Silva
Ana Maria Falcão de Aragão
Bianca Fiod Affonso
Bruna Celli Degrecci
Cristina Maria Campos
Daniela Quevedo Pacheco
Fabiana Marques Barbosa Nasciutti
Glória Pereira da Cunha
Grace Caroline Chaves Buldrin Chautz
Heloísa Helena Dias Martins Proença
Juliana Terra
Liana Arrais Serodio
Luciana Haddad Ferreira
Lucianna Magri de Melo Munhoz
Marcemino Bernardo Pereira
Marciene Aparecida Santos Reis
Maria Fernanda Pereira Buciano
Maria Natalina Oliveira Faria
Marissol Prezotto
Mateus Leme de Sousa
Patrícia Regina Infanger Campos
Raul Cabral França
Renata Barroso de Siqueira Frauendorf
Rosaura Angélica Soligo
Wilson Queiroz



CAPA



SUMÁRIO

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaboração:

Guilherme do Val Toledo Prado (Coord.)
Daniela Quevedo Pacheco (Org.)
Heloísa Helena Martins Proença (Org.)
Liana Arrais Serodio (Org.)
Lucianna Haddad Ferreira (Org.)
Maria Natalina Oliveira Faria (Org.)

Elaboração da Ficha catalográfica

Rosemary Passos – CRB-8ª/5771

Realização: GEPEC – Grupo de Estudos
e Pesquisa em Educação Continuada

Se52c Seminário Fala Outra Escola (7.: 2015 : Campinas, SP). Caderno de programação VII Seminário Fala Outra Escola : o teu olhar trans-forma o meu? [...] / VII Seminário Fala Outra Escola ; 14 a 17 de julho de 2015; Guilherme do Val Toledo Prado (coordenador); Daniela Quevedo Pacheco (organizadora) ... [et al.]. – Campinas, SP: GEPEC, 2015.

ISBN 978-85-7713-173-0

1. Formação docente. 2. Reflexividade. 3. Saberes docentes. 4. Práticas pedagógicas. I. Prado, Guilherme do Val Toledo (Coord.). II. Pacheco, Daniela Quevedo (Org.) [et al.]. III. Título.

15-056-BFE

20a CDD – 370.71

Julho - 2015

ISBN: 978-85-7713-173-0

® Todos direitos reservados – Permitida a reprodução em qualquer meio, desde que citada a fonte.



Comissão Científica

Adail Ubirajara Sobral (UCPEL- RS)
Adriana Carvalho Koyama (UNICAMP)
Adriana Varani (UNICAMP)
Adriana Alves Fernandes Costa (UFRRJ)
Adriana de Melo Ramos (UNESP)
Adriana Stella Pierini (UNISAL-SP)
Ana Maria de Campos (UNISAL-SP)
Ana Maria Falcão de Aragão (UNICAMP)
Antonio Simplicio de Almeida Neto (USP)
Carla Helena Fernandes (UNIVAS)
Carmen Lúcia Vidal Pérez (UFF)
Carmen Diolinda da Silva Sanches Sampaio (UFRJ)
Cláudia Regina Alves Prado Fortuna (UEL)
Cláudia Roberta Ferreira (UNICAMP; Fundação Bradesco)
Corinta Maria Grisolia Geraldi (UNICAMP)
Eliane Greice Davanço Nogueira (UEMS)
Elison Paim (UFSC)
Flávia Anastácio de Paula (UNIOESTE)
Francisco Evangelista (UNISAL-SP)
Guilherme do Val Toledo Prado (UNICAMP)
Inês Ferreira de Souza Bragança (FFP/São Gonçalo-UERJ)
Jacqueline de Fatima dos S. Morais (FFP/São Gonçalo-UERJ)
José Amâncio Tonezzi Rodrigues Pereira (UFPB)
João do Prado Ferraz de Carvalho (UNIFESP)
João Wanderlei Geraldi (UNICAMP)
Juliana Terra (FACH)
Laura Noemi Chaluh (UNESP)
Liana Arrais Serodio (UNICAMP)
Luciana Esmeralda Ostetto (UFF)
Luciana Haddad Ferreira (UNICAMP)
Mairce da Silva Araujo (FFP/São Gonçalo-UERJ)
Marcemino Bernardo Pereira (UNICAMP)
Maria Ângela Borges Salvadori (USP)
Maria de Fátima Guimarães (USF)
Maria José de Oliveira Nascimento (IFSP)
Maria Sílvia Duarte Hadler (UNICAMP)
Marisol Barenco Correa de Mello (UFF)
Nara Caetano Rodrigues (UFSC)
Renata Cristina Barichello Cunha (UNIMEP)
Rúbia Cristina Cruz (UNISAL-SP)
Sílvia Maria Cintra da Silva (PUCCAMP)
Sumaya Mattar (USP)
Tânia Regina Laurindo (UNIARARAS)
Valdemir Miotello (UFSCAR)

Apoio Técnico

Duini Magalhães Redondo (Comunicação e Divulgação Institucional/FE)
Edgar da Rocha - Ficha de Inscrição (Informática/FE)
Roberta Rabello Fiolo Pozzuto (Webmaster/FE)
Thais Rodrigues Marin (Relações Públicas /FE)

Realização



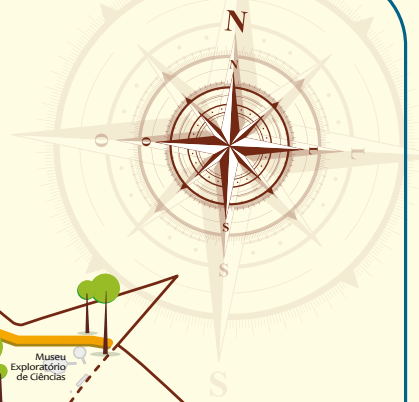
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO CONTINUADA



CAPA



SUMÁRIO



área de expansão
Future building area

legenda
map key

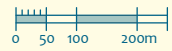
- Portarias Entrance
- Vias Streets
- Limite Legal Legal Limit
- Edifícios Buildings
- Estacionamentos Parking

acesso rodoviário
getting here by car

Dispositivos Móveis Unicamp

Cantinas e Pontos Comerciais
Restaurants and other Businesses

unicamp
campus barão geraldo

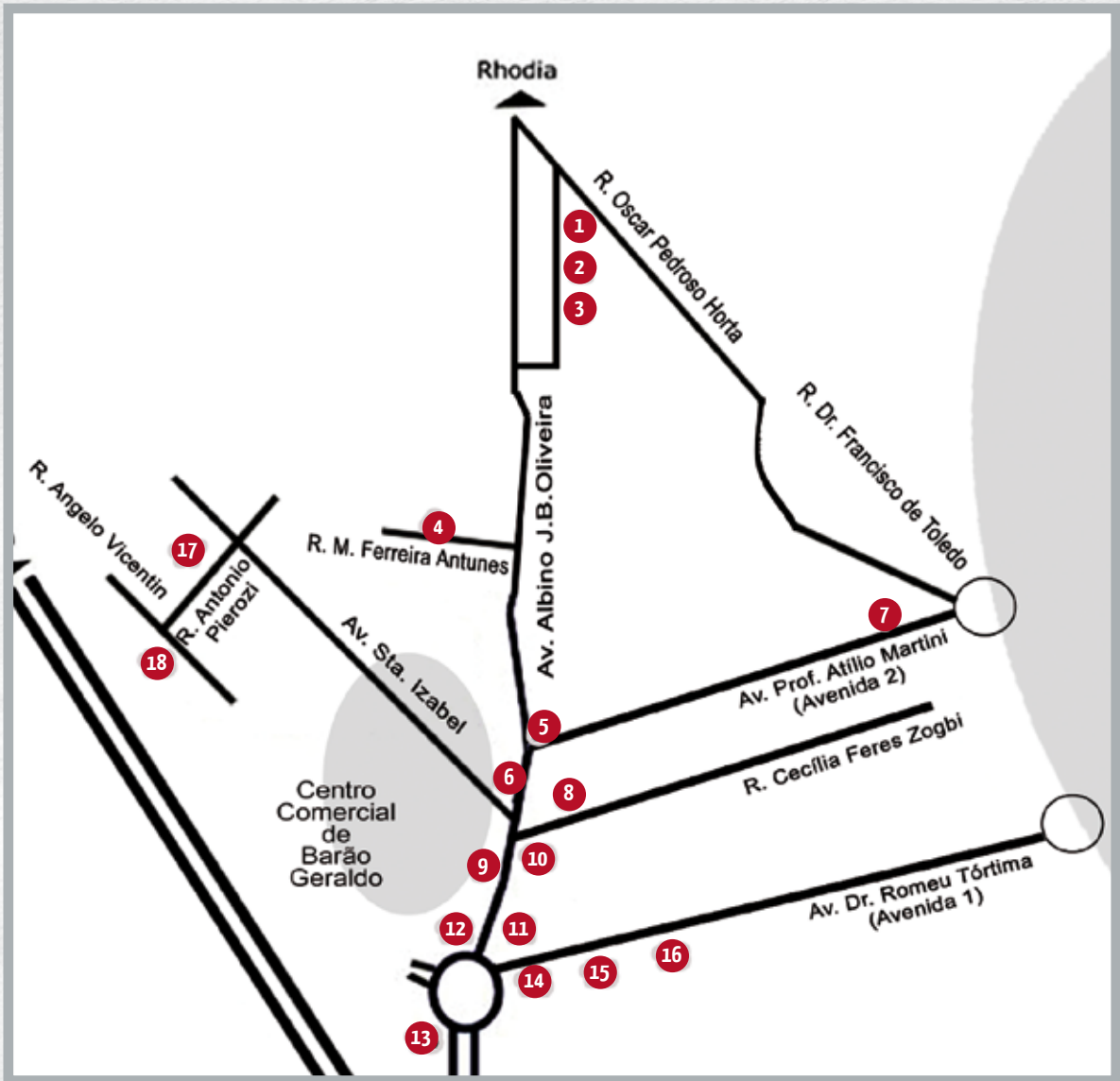


Opções para almoçar na Unicamp

- 1** Cantina da Faculdade de Educação Física (FEF) / R\$ 15 por pessoa
- 2** Restaurante universitário (RU/bandejão) / R\$ 10 por pessoa
- 3** Cantina do Diretório Central dos Estudantes (DCE) / R\$ 32,90 kg
- 4** Feirinha (apenas às quartas e quintas-feiras) / Barracas com massas, yakisoba, pastel, lanches, tapioca, doces e outros
- 5** Cantina do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) / Lanches, salgados e sucos
- 6** Cantina do Belo (Instituto de Biologia - IB) / R\$ 38,90 kg; lanches + suco de laranja R\$ 16; pratos feitos com preços variados
- 7** Cantina da Faculdade de Educação (FE) / R\$ 31,90 kg
- 8** Cantina do Gatti / Comida vegetariana; R\$ 15 prato do dia com todas as porções ou R\$ 2,50 por porção
- 9** Restaurante da Adunicamp / R\$ 38 self service e R\$ 24 prato executivo
- 10** Restaurante da Casa do Professor Visitante / R\$ 29,00 por pessoa
- 11** Restaurante da Faculdade de Engenharia Mecânica (FEM) R\$ 39,90 kg
- 12** Restaurante Terraço / R\$ 38,99 kg
- 13** Restaurante Del Sol / R\$ 35,90 kg; acima de R\$ 10,00 gastos no almoço, ganha um copo do suco do dia ou um café expresso
- 14** Restaurante universitário (RU/bandejão) / R\$ 10 por pessoa



Barão Geraldo e Cidade Universitária



RESTAURANTES FORA DO CAMPUS

Barão Geraldo e Cidade Universitária

- 1 PADARIA ROMANA**
R. Maria Tereza Dias da Silva, 790 - Tel: (19) 3289-1400 / Buffet variado por quilo /
- 2 PANETTERIA DI CAPRI**
R. Maria Tereza Dias da Silva, 530 - Tel: (19) 3289-3338 / Buffet variado por pessoa /
- 3 TÁBUA DE MARÉS**
R. Maria Tereza Dias da Silva, 288 - Tel: (19) 3289-3261 / Culinária caiçara, ribeirinha e internacional - à la carte /
- 4 CASA DA MOQUECA**
Rua Maria Ferreira Antunes, 123 - Tel: (19) 3289-3131 / Peixes, frutos do mar e carnes - à la carte /
- 5 SUBWAY**
Av. Albino J. B. de Oliveira, 1556 - Tilli Center - Tel: (19) 3201-8410 /
- 6 MC DONALD'S**
Av. Albino J. B. de Oliveira, 1430 - Tel: (19) 3289-0318 /
- 7 AULUS VIDEOBAR & RESTAURANTE**
Av. Prof. Atílio Martini, 939 - Tel: (19) 3289-4453 / Buffet variado por quilo /
- 8 RESTAURANTE SALSINHA E CEBOLINHA**
Rua Cecília Feres Zogbi, 20A - Tel: (19) 3249-1423 / Buffet variado por quilo /
- 9 ESTAÇÃO BARÃO BAR E RESTAURANTE**
Rua Horácio Leonardi, 76 - Tel: (19) 3289-0863 / Buffet variado por quilo ou por pessoa /
- 10 EMPÓRIO DO NONO**
Av. Albino J. B. Oliveira, 1128 - Tel: (19) 3289-0041 / Pratos à la carte /
- 11 MASSAS UNIVERSO**
Av. Albino J. B. Oliveira, 576 - Tel: (19) 3289-5369 / Rodízio de massas e carnes /
- 12 SUPERMERCADOS DALBEN**
Av. Albino J. B. Oliveira, 511 - Tel: (19) 3289-0136 / Buffet variado por quilo /
- 13 ESTÂNCIA GRILL**
Av. Albino J. B. Oliveira, 271 - Tel: (19) 3289-8697 / Rodízio de carnes /
- 14 SOLAR DOS PAMPAS**
Av. Dr. Romeu Tórtima, 165 - Tel: (19) 3289-1484 / Buffet variado por pessoa ou por quilo /
- 15 SUMIRÊ**
Av. Dr. Romeu Tórtima, 304 - Tel: (19) 3249-1264 / Comida japonesa /
- 16 CASA DE MARIA BISTRÔ**
Av. Dr. Romeu Tórtima, 368 - Tel: (19) 3365-2530 / Cozinha contemporânea à la carte /
- 17 Restaurante Raízes Zen**
R. Antonio Pierozi, 96 - Tel: (19) 3305-2667 / Buffet vegetariano variado por quilo /
- 18 ARMAZÉM NOBRE**
R. Antonio Pierozi, 226 - Tel: (19) 3289-3216 / Pratos à la carte



Programação Geral

Dia 14/07/2015 (terça Feira)

HORÁRIO	ATIVIDADE	LOCAL
9h às 16h	Credenciamento	Salão Nobre FE
14h às 16h	Mostra Cultural Os Infinitos Olhares da/na Escola Curadoria Marciene Aparecida Santos Reis (GEPEC-ECC) Renata B. S. Frauendorf (GEPEC - Instituto Avisalá)	FE - Prédio Anexo I

EXPOSITORES

A COLCHA QUE VIROU LIVRO

Margarida dos Santos
Renata Alves
Livia Pimental
Zilda Chaves
Maria da Penha Eloy
Ana Paula Venâncio

A LÍNGUA ALÉM DAS PALAVRAS - FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA: REFLEXÃO, EXPERIÊNCIAS E COLETIVIDADE

Ana Carolina Medeiros Gatto
Vieira Carvalho

CAFÉ DA SEMENTE DE FEIJÃO ANDU: UM RECORTE DO PROJETO FLO-RA NA COMUNIDADE XUCURU KARIRI WARKANÁ DE ARUANÃ, MG E AS POSSIBILIDADES DO CURRÍCULO NARRATIVO

Beatriz Sales da Silva

COLETIVO CÊ: CULTIVANDO OS SABERES DA EXPERIÊNCIA

Hércules Soares Almeida

CONSTRUIR E APROPRIAR--SE DO ESPAÇO PEDAGÓGICO DE UMA ESCOLA INFANTIL: TESSITURAS DA PRÁTICA DE UMA EMEI EM PORTO ALEGRE/RS

Sabrina Garcez
Magda Raquel D'ávila Pereir

CONTAÇÃO DO MUNDO: POIS NENHUM MURO SEPARA A ESCOLA DA REALIDADE

Priscila Duarte dos Reis
Gauthier Figueiredo Neto
Alice Akemi Yamasaki

CULTURA TRADICIONAL DA INFÂNCIA: PESQUISA, REGISTRO E VALORIZAÇÃO DE MEMÓRIAS A PARTIR DO LEVAR A BRINCAR

Lucilene Ferreira da Silva

“DA CAVERNA À SALA-CELA”, PASSANDO PELO ‘
ARCO DOS FALSOS TRIUNFOS’

Maria José de O. Nascimento

DESCONSTRUINDO A CHAPEUZINHO - AMPLIANDO OLHARES
SOBRE A CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS

Sabrina Vasconcelos
de Oliveira Ribeiro

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PARCERIA
ENTRE SAÚDE E EDUCAÇÃO

Thais Fernanda Oliveira
Rolim de Moura

ENTENDENDO A DENGUE E AMPLIANDO CONHECIMENTOS

Roberta Aun Marchetti
Vaz Velota

LUNETAS MÁGICAS

George Luiz França
Daniela Cristina da Silva

MINHA ESCOLA CONTA A HISTÓRIA

Mareide Lopes de Arruda

MONSTROS DO IMAGINÁRIO

Maria Nascimento Pereira

O JOGO NO ENSINO DA SEQUÊNCIA NUMÉRICA DOS NÚMEROS
NATURAIS PARA OS ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Marlene Xavier Francisco

O QUE É ISTO?

Eliana Maria Cantos

O QUE TE CAUSA INQUIETAÇÃO?

Silvania Maria Chaves

“OLHAR POR ONDE PISO” - PASSOS POR ONDE PASSAMOS,
EU E MEUS CAMINHOS

Paulo Cesar Campos

OUSAR: APRENDENDO COM O OLHAR DA
CRIANÇA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Cecilia Alejandra Parra

PROPOSIÇÕES CORPORAIS EM PRAÇAS PÚBLICAS

Maira Leonilda Marchiori

REDIMENSIONAR E RESIGNIFICAR ESPAÇOS ESCOLARES
ATRAVÉS DA PRÁTICA DE MODALIDADES ARTÍSTICAS
NA INTERFACE EDUCANDO-EDUCADOR

Thelma Ragusa Guimarães

REESCREVENDO CLÁSSICOS

Ester Malka Broner Giannella
Maria Carolina Soares Barretti

RITMOS, SONS E AFRICANIDADES: A CONSTRUÇÃO
DA DIMENSÃO SENSÍVEL

Elaine Regina Cassan

TEATRO E PROTAGONISMO JUVENIL NA ESCOLA PÚBLICA:
LABORATÓRIO SENSORIAL ARTES DOS SENTIDOS-2014

Maria Cristina Silva

UM BLOG COMO FERRAMENTA PARA A EDUCAÇÃO MUSICAL

Patricia Kawaguchi Cesar

VER COM AS MÃOS E TOCAR COM OS OLHOS!

Benedita Machado de Mello



CAPA



SUMÁRIO

307

HORÁRIO	ATIVIDADE	LOCAL
14h às 17h	Feira de livros e materiais educativos	FE – Prédio Anexo I
16h às 17h	Apresentação cultural SerEstando Mulheres	
17h15 às 18h45	Convidada Ana Cristina Colla (LUME/Unicamp)	FE – Prédio Anexo I
	Mesa de Abertura Diálogos sobre escola e educação das sensibilidades	FE – Salão Nobre
	Convidados Cláudia Fortuna (UEL) Maria Ângela Borges Salvadori (FEUSP) Márcia Poli Bichara (GEPEC)	
	Coordenação Bruno Felipe Vieira (SEE SP)	

Dia 15/07/2015 (quarta-feira)

HORÁRIO	ATIVIDADE	LOCAL
09h às 10h30	1^{as} Rodas de Conversa Narrar processos, compartilhar possibilidades: desafios na construção de uma política municipal de formação continuada Convidados: Heloísa Helena Dias Martins Proença (GEPEC) Jacimara M. Siqueira Miranda (PM Indaiatuba/SP) Kelli Regina Sander (PM Indaiatuba/SP) Coordenação Cyntia Simioni França (GEPEC)	Centro de Convenções Auditório I

308

HORÁRIO

09h às 10h30

ATIVIDADE

Escola de Educação Integral:
cotidiano e desafios de formação

Convidados:

Guilherme do Val Toledo Prado (GEPEC)
Maria Sílvia P. de Moura Librandi
da Rocha (PUCCamp)
Maria Fernanda Pereira Buciano
(GEPEC - PM Campinas/SP)

Coordenação:

Carla Clauber da Silva (GEPEC - PM Joinville/SC)

LOCAL

Centro de Convenções
Auditório II

Política e Educação em Africanidades
com a participação de alunos

Convidados:

Wilson Queiroz e seus alunos
(GEPEC - PM Campinas/SP)
Luci Crispim Pinho Micaela (UNISAL Campinas/SP)

Coordenação:

Francisco Evangelista (UNISAL Campinas/SP)

Centro de Convenções
Auditório III

9h às 16h

Feira de Livros

Centro de Convenções

11h à 12h30

2^{as} Rodas de Conversa

Memória e Educação das Sensibilidades
na Formação de Professores

Convidados:

Nara Rúbia de Carvalho Cunha (GEPEC - SEE/MG)
Adriana Carvalho Koyama (GEPEC - CMU Unicamp/SP)
Luciane Salado (PM Campinas/SP)

Coordenação:

Ruy Braz da Silva Filho (GEPEC - PM Campinas/SP)

Centro de Convenções
Auditório I

A Articulação entre Universidade e Escola:
saberes necessários para participação no
Projeto Bolsa Alfabetização

Convidados:

Marisa Garcia (SEE/SP)
Marli Amélia Lucas Pereira (FAAT Atibaia/SP)
Silvana Saraíd da Silva (FAAT Atibaia/SP)

Coordenação:

Renata B. S. Frauendorf (GEPEC - Instituto
Avisalá São Paulo/SP)

Centro de Convenções
Auditório II



CAPA



SUMÁRIO

HORÁRIO	ATIVIDADE	LOCAL
09h às 10h30	<p>Políticas Públicas e Experiências Docentes</p> <p>Convidados: Angela Maria de Melo (SINTESE, RESE, RMA-SE) Joseane Maria Parice Bufalo (PM Campinas/SP) Anderson Yassuhiro Afuso (PM Campinas/SP)</p> <p>Coordenação: Leila Angélica Oliveira Moraes de Andrade (SINTESE; RESE; RME-SE)</p>	Centro de Convenções Auditório III
12h30 às 14h	Intervalo para almoço (livre)	Área interna e externa da UNICAMP
14h às 15h30	<p>3ª Rodas de Conversa</p> <p>Escola e produção do conhecimento: uma relação possível</p> <p>Convidados: Nara Caetano Rodrigues (PROFLETRAS/UFSC; Col. Apl. CED/UFSC) José Carlos da Silveira (Col. Apl./UFSC) Lisiane Vandresen (Col. Aplicação/UFSC)</p> <p>Coordenação: Fabiana Marques B. Nasciutti (GEPEC)</p>	Centro de Convenções Auditório I
	<p>Eu tô voltando pra casa: narrativas sobre formação e desenvolvimento profissional</p> <p>Convidados: Ana Paula Gaspar Melim (UCDB/MS) Juliana Terra (GEPEC-FACH, SEE/SP) Maria Natalina Oliveira Farias (GEPEC - PM Hortolândia/SP)</p> <p>Coordenação: Elizete Oliveira de Andrade (GEPEC - UEMG/Unidade Carangola)</p>	Centro de Convenções Auditório II

HORÁRIO	ATIVIDADE	LOCAL
14h às 15h30	<p>Os professores e seus alunos: aprendizagens compartilhadas em Educação Estética, com a participação de alunos</p> <p>Convidados: Mônica Fernanda Bonomi e seus alunos (PM Campinas/SP) Vanessa Paola Rojas Fernandez e seus alunos (PM Campinas/SP) Cristina Maria Campos e seus alunos (GEPEC-PM Campinas/SP)</p> <p>Coordenação: Maria José Oliveira Nascimento (GEPEC - IFECT/SP)</p>	Centro de Convenção Auditório II
16h às 21h30	Feira de livros e materiais educativos	Faculdade de Educação – Prédio Anexo I
16h30 às 17h30	Intervalo para o café	Faculdade de Educação – Prédio Anexo I
16h30 às 17h30	<p>Encontro com Autores</p> <p>Pipocas Pedagógicas III: narrativas outras da escola (Pedro & João / 2015)</p> <p>Autores: Cristina Maria Campos e Guilherme do Val Toledo Prado (org.)</p> <p>Pipoquinhas: papo de criança (Pedro & João / 2015)</p> <p>Autores: Juliana Terra, Cristiane Antônio, Mariana Guimarães, Jessica Caputti Moraes (org.)</p> <p>Caixinha de palavras sem pressa (GFK Comunicações / 2015)</p> <p>Autores: Rosaura Soligo e Carlos Skliar</p> <p>Educação de Surdos: Desafios para a Prática e Formação de Professores</p> <p>Autora: Camila machado de Lima</p> <p>Arquivos Online: Ação Educativa no Universo Virtual</p> <p>Autora: Adriana Koyama</p>	Faculdade de Educação – Prédio Anexo I



1ª Sessão de Diálogos

Local: Faculdade de Educação – Prédio Anexo I

Horário: 17h30 às 19h30

Sala ED04 – Piso 2

Eixo 1 – Formação docente e práticas profissionais

SABERES EXPERENCIAIS NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS E PROFESSORES ALFABETIZADORES A PARTIR DO PNAIC

Sabrina Garcez
Magda Raquel D'Ávila Pereira

PNAIC: COMPARTILHANDO SABERES NA DIVERSIDADE DO SOLO PANTANEIRO DE AQUIDAUANA - MS

Mareide Lopes Arruda

A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES NO CONTEXTO DO PNAIC: O QUE DIZEM OS ORIENTADORES DE ESTUDO SOBRE ESSE PROCESSO

Giovana Azzi de Camargo
Daniela Gaspar Pedrazzoli
Bagnasco

GÊNEROS DISCURSIVOS: UMA REFLEXÃO POLIFÔNICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES NO CONTEXTO PNAIC-UNICAMP

Heloísa Helena Dias
Martins Proença
Lígia Formico Paoletti

O PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA: UMA DENTRE VÁRIAS PERSPECTIVAS

Eliana Aparecida
Barbosa Boscolo

Sala ED05 – Piso 2

Eixo 1 – Formação docente e práticas profissionais

ENSAIANDO POSSIBILIDADES OUTRAS DE PESQUISA COM PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES (DE MÚSICA)

Rafael Ferreira de Souza

UM OLHAR PARA A CULTURA AFRICANA E INDÍGENA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Henrique Leonardo Dutra

OS DESCAMINHOS TAMBÉM NOS FAZEM CHEGAR: PESQUISA DE CAMPO COM PROFESSORES ALFABETIZADORES INDÍGENAS

Micilene Teodoro Ventura
Sandra Novais Sousa

A FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE SÃO PAULO: O LÓCUS NA ESCOLA

Mauricio Sousa

Sala ED07 – Térreo

Eixo 2 – Cotidiano e práticas educativas

PROJETO UMA LENDA, DUAS LENDAS, TANTAS LENDAS

Sezilia Elizabete R. Garcia Olmo
De Toledo

PROJETO PEIXE VIVO

Juliana Terra
Lais Ramos Rechinelli

O QUE TE CAUSA INQUIETAÇÃO?

Silvania Maria Chaves

IDAS E VINDAS NO REGISTRO DE UMA ATIVIDADE

Ana Maria de Camargo Milani



1ª Sessão de Diálogos

Local: Faculdade de Educação – Prédio Anexo I

Horário: 17h30 às 19h30

Sala EDO2 – Térreo

Eixo 2 – Cotidiano e práticas educativas

ENTRE BALBUCIOS E PALAVRAS: RODA DE CONVERSA NA CRECHE	Michelle Guidi Gargantini Presta
AS TRANSFORMAÇÕES NO TRABALHO DOCENTE: A ESCUTA DO OUTRO	Crislaine Matozinhos S. Modesto
A ESCUTA E O DIÁLOGO COMO PRINCÍPIOS FORMATIVOS DAS PRÁTICAS ALFABETIZADORAS	Katia Ferreira Moreira
ESPAÇOS DE CONVERSA: LUGARES DO NARRAR	Adriana Stella Pierini

Sala EDO9 – Piso 2

Eixo 1 – Formação docente e práticas profissionais

Eixo 2 – Cotidiano e práticas educativas

FORMAR-SE PROFESSOR DE SURDOS NO COTIDIANO: TRANSFORMANDO O OLHAR A PARTIR DA EXPERIÊNCIA COM A SURDEZ	Tiago Ribeiro Aline Gomes da Silva
QUE BICHO SERÁ QUE PERDEU A PENA?	Irotides de Andrade Magnani
A CONSTRUÇÃO DO OLHAR: NARRATIVAS DE PERCURSOS, EXPERIÊNCIAS E APRENDIZAGENS NA CONSTRUÇÃO	Sônia Ferreira Facine
COLETIVA DE UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)	José Antônio de Oliveira Sílvia Elaine Pisco Del Grande Maria Manuela F. Barros
EI! TEM ALGUÉM AÍ?	Nara Helena Freitas

Sala EDO1 – Térreo

Eixo 3 – Subjetividades, memória e Educação das Sensibilidades

UMA HOMENAGEM À MARIA CAROLINA: REMEMORANDO UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZADO.	Marcia Regina Poli Bichara
A ESFERA DO SENTIDO NA HISTÓRIA DO “MENINO LIA E A ESCOLA NÃO SABIA” TOMANDO COMO REFERÊNCIA O CONCEITO DE LINGUAGEM ESCRITA NA PERSPECTIVA HISTÓRICO CULTURAL	Eliana de Cássia Martins Lisboa
O DISCURSO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA: ALTERIDADE E SUBJETIVIDADE	Silvane Aparecida Freitas Sílvia Cristina do Amaral Almeida
TEATRO DE BONECOS EM CONTEXTO EDUCACIONAL: EM BUSCA DE RELAÇÕES DIALÓGICAS	Luana Mara Pereira



CAPA



SUMÁRIO

1ª Sessão de Diálogos

Local: Faculdade de Educação – Prédio Anexo I

Horário: 17h30 às 19h30

Sala ED06 – Piso 2

Eixo 4 – Escola como experiência política

RELAÇÕES RACIAIS E PEDAGOGIAS DECOLONIAIS NA ESCOLA BÁSICA:
NARRATIVAS OUTRAS E SEUS ENTRECruzamentos PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS EMANCIPATÓRIAS E INTERCULTURALIDADE CRÍTICA

Danielle de Deus França
Galvão Vaz

DENÚNCIA E SUPERAÇÃO: ACONTECEU NO CHÃO DA ESCOLA

Grace Caroline Chaves Buldrin
Chautz
Ivete Da Silva Pereira

GESTÃO DE UMA INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL E O PROCESSO
DE CONSTRUÇÃO COLETIVA DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

João Severino Oliveira

PERSPECTIVAS DE UM COLETIVO DE FORMAÇÃO
CONTINUADA DE PROFESSORAS

Danielle Correa Reis
de Toledo Piza
Liliane Corrêa Mesquita Neves
Luciana de Britto
Flavia Lúcia Casseres
de Oliveira
Lidia Soares Satil

2ª Sessão de Diálogos

Local: Faculdade de Educação – Prédio Anexo I

Horário: 19h30 às 21h30

Sala ED04 – Piso 2

Eixo 1 – Formação docente e práticas profissionais

A EXPERIÊNCIA E A AFETIVIDADE A FAVOR DA GESTÃO DEMOCRÁTICA
COORDENADOR PEDAGÓGICO: CONSTITUIÇÃO, ATRIBUIÇÃO E FORMAÇÃO.

Aline de Sousa Gabos
Lenine Ferreira da Silva

AS AÇÕES DE COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA ESPAÇO COLETIVO
DE CONSTRUÇÃO PERMANENTE DA PRÁTICA DOCENTE

Ana Luiza Tayar Lima

OLHARES TRANS-FORMADOS DO COTIDIANO ESCOLAR: DIÁLOGO E
REFLEXÕES SOBRE ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO DOCENTE

Patrícia Regina Infanger
Campos

2ª Sessão de Diálogos

Local: Faculdade de Educação – Prédio Anexo I

Horário: 19h30 às 21h30

Sala EDO5 – Piso 2

Eixo 1 – Formação docente e práticas profissionais

A PARCERIA ENTRE PROFESSORES EXPERIENTES E ESTUDANTES DA PEDAGOGIA: UMA DISCUSSÃO SOBRE O PROCESSO DE FORMAÇÃO NO CONTEXTO DO PIBID

Giovana Azzi de Camargo

DIÁRIO DE CAMPO REFLEXIVO COMO PRÁTICA FORMATIVA EM ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Juliana Cristina Chaves Buldrin Baiocchi

CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO NO PROCESSO FORMATIVO DO LICENCIANDO EM GEOGRAFIA

José Renato Ribeiro
Monique Fernanda Setin

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ESCOLAS DO CAMPO SOB O OLHAR DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA

Elizete Oliveira de Andrade

Sala EDO9 – Piso 2

Eixo 1 – Formação docente e práticas profissionais

FORMAÇÃO CONTÍNUA NA ESCOLA: CÍRCULO DE CONTRIBUIÇÕES

Keila Santos Pinto

PRÁTICA DOCENTE: UM AGIR SOCIOSSITUADO

Jeane Maria Rodrigues
Lezinete Regina Lemes

LIÇÕES APRENDIDAS NA EXPERIÊNCIA DOCENTE COLETIVA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL

Maristela Marçal
Jaqueline de Meira Bisse

CONVERSAS E FORMAÇÃO DOCENTE:
TRANSITAR EM VIAS INTERDISCIPLINARES

Aghatha Amaral Andrade

Sala EDO7 – Térreo

Eixo 2 – Cotidiano e práticas educativas

O USO DO JOGO NAS PRÁTICAS ALFABETIZADORAS:
RECURSO PARA A APRENDIZAGEM

Tatiana Andrade Fernandes
Andréia Osti

LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA.

Nathalia Ferraz Rodrigues

MOMENTO DE LEITURA LITERÁRIA: UM CONVITE À FRUIÇÃO

Fabiana Cristina Ventura

O TEXTO LIVRE COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO NA ALFABETIZAÇÃO

Ana Flávia Valente Buscariolo



CAPA



SUMÁRIO

2ª Sessão de Diálogos

Local: Faculdade de Educação – Prédio Anexo I

Horário: 19h30 às 21h30

Sala EDO2 – Térreo

Eixo 2 – Cotidiano e práticas educativas

CONVERSA AO PÉ DO OUVIDO: A TRANSFORMAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL DE UMA GESTORA

Andrea Andrade Marangoni
Rodrigues

PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DE MÃOS DADAS
CONTANDO EXPERIÊNCIAS

Grace Caroline Chavees Buldrin
Chautz
Diana Julia S.Vignatti Gomes

TRAJETÓRIA DE UM DIRETOR EDUCACIONAL NA
EDUCAÇÃO INFANTIL: RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS E
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE CRIANÇAS

Marcus Vinícius de Brito Coelho

A ESCOLA POPULAR E O POPULAR NA ESCOLA: O PROCESSO DE
CONSTRUÇÃO CURRICULAR EM UMA ESCOLA DE PETROPERIFERIA

Douglas Rodrigues Ribeiro

Sala EDO1 – Térreo

Eixo 3 – Subjetividades, memória e Educação das Sensibilidades

A ARTE DA FOTOGRAFIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
A ESCOLA VISTA PELOS OLHARES DAS CRIANÇAS PEQUENAS,
DOS BEBÊS E DOS EDUCADORES.

Paula Alves Souza
Lilian de Cássia Alvisi
Roberta Sêco Pereira Gonçalves

A RODA DA CONVERSA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
A CRIANÇA COMO SUJEITO

Regina Broco Lima da Silva

A AMPLIAÇÃO DA PERCEPÇÃO VISUAL COMO CAMINHO PARA
UM DESENHO CULTIVADO: DOS RABISCOS À FIGURAÇÃO

Rosana Ricci Becker De Lima
Ana Carolina Braga Ferraz

CULTURA TRADICIONAL DA INFÂNCIA: PESQUISA, REGISTRO E VALO-
RIZAÇÃO DE MEMÓRIAS A PARTIR DO LEVAR A BRINCAR

Lucilene Ferreira Da Silva

Sala EDO6 – Piso 2

Eixo 4 – Escola como experiência política

GESTÃO DEMOCRÁTICA: FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

Flávia Maria de Campos Vivaldi
Mariana Guimarães Wrege

REFLETINDO SOBRE AS PRÁTICAS SOCIAIS NO
DESENVOLVIMENTO DO ENSINO DA LEITURA E ESCRITA

Cristiane Ribeiro Cabral Rocha

POR UMA NOVA ÁGORA

Lucas Kiyoharu Sanches Oda
Gustavo Ricciardi Aguiar

A CONTRIBUIÇÃO AFRICANA PARA O CUIDADO
DA CRIANÇA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

Elaine Roberta S. Machado
Dulcineia de Fatima Pereira

Dia 16/07/2013 (quinta-feira)

HORÁRIO	ATIVIDADE	LOCAL
9h às 10h30	Conferência de Abertura: O Teu Olhar trans-forma o Meu Convidada: Profa. Dra. Idália da Silva Carvalho Sá-Chaves (Universidade de Aveiro – Portugal)	Centro de Convenções – auditório 3
9h às 16h	Feira de Livros	Centro de Convenções
10h30 às 11h	Apresentação Cultural: Rap do Sinistro Convidado: Doutor Sinistro	Centro de Convenções
11h às 12h30	4^{as} Rodas de Conversa Culturas e Infâncias no cotidiano escolar: práticas e formação Convidados: Tânia Regina Laurindo (FAM Americana/SP, Unisal Americana/SP) Roseane Daminelli Gomes (PM Campinas/SP) Patrícia Sanches Bodine (PM Campinas/SP) Coordenação: Lais Rechinelli (PM Campinas/SP)	Centro de Convenções Auditório I
	Educação sensível: formação e experiência na docência Convidados: Luciana Esmeralda Ostetto (UFF Nitério/RJ) Marissol Prezotto (GEPEC - EC Campinas/SP) Luciana Haddad Ferreira (GEPEC - Colégio Integral Campinas/SP) Coordenação: Marciene Aparecida Santos Reis (GEPEC-EC Campinas/SP)	Centro de Convenções Auditório II



HORÁRIO	ATIVIDADE	LOCAL
11h às 12h30	<p>Cala a boca já morreu? Experiências de participação política de alunos no ensino fundamental com a participação dos alunos</p> <p>Convidados: Heronilda Alcântara (PM Campinas/SP), Marcemino Bernardo (GEPEC-PM Campinas/SP) Ana Maria Falcão de Aragão (GEPEC)</p> <p>Coordenador: Mateus Leme de Sousa (GEPEC)</p>	Centro de Convenções Auditório III
12h30 às 14h	Intervalo para almoço (livre)	Área interna e externa da UNICAMP
14h às 15h30	<p>5^{as} Rodas de Conversa</p> <p>Entrelaçamento entre práticas de formação e narrativas (auto)biográficas</p> <p>Convidados: Inês Ferreira de Souza Bragança (UERJ Rio de Janeiro/RJ) Adriana Stella Pierini (GEPEC - PM Campinas/SP) Juliana Godói de Miranda Perez (UERJ, PM Itaboraí/RJ)</p> <p>Coordenação: Patrícia Regina Infanger Campos (GEPEC - PM Campinas-SP)</p>	Centro de Convenções Auditório I
	<p>Escola-comunidade: fortalecimento dos processos de participação e pertencimento</p> <p>Convidados: Dulcinéia de Fátima Ferreira (UFSCar) Paulo César Franco (ONG Amigos da Juréia/SP) Ana Maria de Campos (GEPEC)</p> <p>Coordenação: Daniela Quevedo Pacheco (GEPEC)</p>	Centro de Convenções Auditório II

HORÁRIO	ATIVIDADE	LOCAL
14h às 15h30	Formação ética: o que a escola tem a ver com isso? Com participação dos alunos Convidados: Rosaura Angélica Soligo (GEPEC - Instituto Abaporu/SP) Vanessa França Simas (GEPEC-PM Paulínia/SP) Liana Arrais Serodio (GEPEC) Coordenação: Cláudia Roberta Ferreira (GEPEC – Fund. Bradesco Campinas/SP)	Centro de Convenções Auditório III
	A Pedagogia Freinet e a Formação Docente Convidados: Ruth Joffily Dias (PM Paulínia/SP) Rúbia Cristina Cruz (GEPEC, UNISAL e PM Campinas/SP) Coordenação: Lucianna Magri de Melo Munhoz (GEPEC)	Salão Nobre da FE
16h às 21h30	Feira de Livros e materiais educativos	Faculdade de Educação – Prédio Anexo I
16h às 16h30	Atividade Cultural: Danças Circulares Convidadas: Mairany Gabriel e Luciana Esmeralda Ostetto	Faculdade de Educação – Prédio Anexo I
16h30 às 17h30	Intervalo para o café	Faculdade de Educação – Prédio Anexo I
16h30 às 17h30	Encontro com Autores Danças circulares na formação de professores: a inteireza de ser na roda (Letras Contemporâneas / 2014) Autora: Luciana Esmeralda Ostetto Educar, investigar e formar: novos saberes (UA Edições / 2014) Autores: Idália Sá-Chaves, (org.) Baú de Histórias (Mercado de Letras / 2015) Autores: Francisco Evangelista, Adriana Alves Fernandes Costa (org.)	Faculdade de Educação – Prédio Anexo I

3ª Sessão de Diálogos

Local: Faculdade de Educação – Prédio Anexo I

Horário: 17h30 às 19h30

Sala ED04 – Piso 2

Eixo 1 – Formação docente e práticas profissionais

A CONTRIBUIÇÃO DA PROVINHA BRASIL NA ATUAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR

Celi Traude Kellermann

ESCRITAS DOCENTES: QUE CAMINHOS PERCORREM NA PRÁTICA DOCENTE DE PROFESSORES ALFABETIZADORES?

Mônica Pinheiro Fernandes

FORMAÇÃO E AVALIAÇÃO: OS SENTIDOS ATRIBUÍDOS PELOS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA AOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA NO CONTEXTO DA AVALIAÇÃO EXTERNA – SARESP

Ana Carolina Medeiros
Gatto Vieira Carvalho

FORMAÇÃO CONTINUADA, PROFISSIONALIZAÇÃO DE PROFESSORES: POR UMA CONSTITUIÇÃO DA TERMINOLOGIA

Julio Moreto

Sala ED05 – Piso 2

Eixo 1 – Formação docente e práticas profissionais

PARCEIRA NA SALA DE AULA: POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES

Pamela Aparecida Cassão

NARRATIVAS DO ENCONTRO NA EDUCAÇÃO PELA PESQUISA

Nima Imaculada Spigolon
Elaine Regina Cassan

OLHAR COM O OUTRO: TRANS.FORMAR EXPERIÊNCIAS

Marissol Prezotto
Marciene Aparecida Santos Reis

A VOZ DE UM PROFESSOR - FORMADOR QUE SE INVENTA E REINVENTA A PARTIR DA/COM/NA ESCOLA

Renata Barroso de Siqueira
Frauendorf

Sala ED06 – Piso 2

Eixo 1 – Formação docente e práticas profissionais

ATELIÊ DE ARTE NA ESCOLA: O OSSO ESCONDE O CORAÇÃO

Luciana Mendes Velloso
Rosvita Kolb Bernardes

COMO ME MOSTRO PROFESSORA: O DISCURSO IMAGÉTICO SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Denise Rezende Barboza

(FOTO)GRAFANDO E (DES)VELANDO INFÂNCIAS

Andréia Regina de O. Camargo

O TEU OLHAR TRANS-PORTA O MEU?

Glória Pereira da Cunha

Sala EDO7 – Térreo

Eixo 2 – Cotidiano e práticas educativas

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM EM LEITURA E ESCRITA: UMA PERSPECTIVA DE COMPREENSÃO

Aline Gasparini Zacharias
Andréia Osti

ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NA ESCOLA REGULAR E A PRÁTICA DOCENTE: RESSIGNIFICAÇÕES EM FOCO

Maria Inês De Almeida Pelegrini
Carla Helena Fernandes

O ENSINO DE CIÊNCIAS PARA ALUNOS/AS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO: “TATEANDO” SIGNIFICADOS NO LABIRINTO DAS NARRATIVAS

Fernando Fidelis Ribeiro
Eliane Greice Davanço Nogueira

RETALHOS DE NARRATIVA, ESCRITA E ORALIDADE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Karina Mayara Leite Vieira

Sala EDO2 – Térreo

Eixo 2 – Cotidiano e práticas educativas

O ENSINO DE FÍSICA EM DIÁLOGO COM PROJETOS DE TRABALHO: ACOMODANDO CONFLITOS

Cláudio Barcellos

RESENHAS LITERÁRIAS NO YOU TUBE: PRÁTICAS DE LEITURAS DA CULTURA JUVENIL NA ATUALIDADE

Alessandra da Costa Abreu

A INTERDISCIPLINARIDADE EM ATIVIDADES DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA ESCOLA

Nara Caetano Rodrigues

PARA ALÉM DAS AULAS PRESENCIAIS: PREPARANDO OS ALUNOS PARA OS VESTIBULINHOS

Lieko Sakamori

Sala EDO1 – Térreo

Eixo 3 – Subjetividades, memória e Educação das Sensibilidades

IMPRESSÕES DE ESTUDANTES SOBRE O VESTIBULAR: UMA EDUCAÇÃO DAS SENSIBILIDADES NA PREPARAÇÃO PARA OS PROCESSOS SELETIVOS

Mateus Leme de Sousa

MAIS DO QUE HISTÓRIA DE AMOR: A CONSTRUÇÃO DOUTRO IMAGINÁRIO SOBRE O GÊNERO ROMANCE NO ENSINO MÉDIO

George Luiz França

A INSTITUIÇÃO ESCOLAR E A PRODUÇÃO DA INVISIBILIDADE DOS CORPOS: INQUIETAÇÕES EM UM ESPAÇO DE EXCLUSÃO. POR UMA EDUCAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE LIBERDADE.

Rebecca Helena Cheri

A IDEIA DE QUE SE FAZ DE UM RIO

Ana Carolina Sales Pacheco
Tainá da Rosa Vilela
João Pedro Pezzato

NARRATIVAS E SENSIBILIDADE: APROXIMAÇÕES A PARTIR DO CONCEITO DE TALENTO ARTÍSTICO

Luciana Haddad Ferreira



CAPA



SUMÁRIO

4ª Sessão de Diálogos

Local: Faculdade de Educação – Prédio Anexo I

Horário: 19h30 às 21h30

Sala ED04 – Piso 2

Eixo 1 – Formação docente e práticas profissionais

UM CURSO EM FORMAÇÃO: CORPO, ARTE E NATUREZA - UNIRIO

Michelle Dantas Ferreira
Adrienne Ogêda Guedes
Greice Duarte Brito
Nuelna Vieira

NARRATIVAS DE FUTURAS PROFESSORAS-PESQUISADORAS:
(TRANS)FORMAÇÃO E GRUPO DE PESQUISA

Jaqueline Regina Mota da Costa
Rosilda Ferreira Costa
Jacqueline de Fátima dos
Santos Morais

O OUTRO QUE ALTERA-ME E ALARGA-ME: PERSPECTIVAS DE UMA
“OUTRA” FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Liliane Corrêa Mesquita Neves

A PRÁTICA DA LEITURA PRIVILEGIADA COMO EXERCÍCIO ALTERITÁRIO
NA PESQUISA NARRATIVA

Liana Arrais Serodio
Claudia Roberta Ferreira

Sala ED05 – Piso 2

Eixo 1 – Formação docente e práticas profissionais

SEMINÁRIO DE BOAS PRÁTICAS NA ESCOLA

Rafaela Martins

OLHARES TRANS-FORMADOS PELA EXPERIÊNCIA
DA DIÁSPORA ACADÊMICA

Bianca Fiod Affonso
Mariana Teixeira Vasconcelos
Julia Nunes Tsuda

METODOLOGIAS DIALÓGICAS DE FORMAÇÃO

Rosaura Angélica Soligo

O PROFESSOR E O CIENTISTA

Tainá da Rosa Vilela
Ana Carolina Sales Pacheco
João Pedro Pezzato

4ª Sessão de Diálogos

Local: Faculdade de Educação – Prédio Anexo I

Horário: 19h30 às 21h30

Sala EDO6 – Piso 2

Eixo 1 – Formação docente e práticas profissionais

FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA E A CONVERSAÇÃO NA ESCOLA: O OLHAR DO OUTRO NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO PROFESSOR

Marcilena Assis Toledo
Carla Helena Fernandes

A ESCOLA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO

Dejanira Fontebasso Marquesim

TRANSFORMANDO OLHARES PELA PESQUISA NO/COM O COTIDIANO: A FORMAÇÃO DA PROFESSORAALFABETIZADORAPESQUISADORA

Annete Lanzarotti Hosken
Marta Cristina Motta Macedo

FORMAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE: CONSTRUÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA DE PRÁTICAS DE LEITURAS INTERDISCIPLINARES

Jacinto Pedro Pinto Leão
Janine Félix da Silva
Sandra Andréa de Miranda
Rosemeire Ferrarezi Valiante

Sala EDO7 – Térreo

Eixo 2 – Cotidiano e práticas educativas

COMBATES NA DICOTOMIA RURAL-URBANA DOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA

Carina Merheb de Azevedo
Souza

ALFABETIZAÇÃO E CIDADANIA: EXPERIÊNCIAS COM EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE NO COTIDIANO ESCOLAR

Alessandra da Costa Abreu
Sandra dos S. Pinto da Conceição
Luiza Marques Dias
Danusa Tederiche B. de Faria

ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: RECONHECENDO A CIDADE

Pedro Henrique Oliveira Gomes

UM ECOSISTEMA ARTIFICIAL: AS CIDADES

Juliana Andréa Manfrinato

Sala EDO2 – Térreo

Eixo 2 – Cotidiano e práticas educativas

OS SEGUNDOS QUE DURAM O ETERNO: A EXPERIÊNCIA DO TEMPO NA ESCOLA

Kaluany Honda Leone
Gabriela Castro Andrade

A ESCOLA COMO ESPAÇOTEMPO DE CRIAÇÃO, INVENÇÃO E TÁTICAS COTIDIANAS

Igor Helal Anderson

MÚLTIPLOS OLHARES PARA UMA ESCOLA QUE SONHA EM SER DIFERENTE

Vânia Medeiros Gasparello

A FORMAÇÃO DA PRÁTICA DO EDUCADOR: ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA DOS SABERES DAS REPRESENTAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS

George Queiroga Estrela
Jacinto Pedro Pinto Leão
Mônica Gomes Monteiro Feitosa
José Jarlison dos Santos

4ª Sessão de Diálogos

Local: Faculdade de Educação – Prédio Anexo I

Horário: 19h30 às 21h30

Sala ED09 – Piso 2

Eixo 2 – Cotidiano e práticas educativas

ARTE EM MOVIMENTO: O RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Carine Mendonça Alves

DIGA-NOS O QUE SENTE: AMPLIAR O OLHAR A PARTIR DE PERGUNTAS QUE A ESCOLA NÃO FAZ

Elisabete Cardieri
Ana Carolina da Silva Barreto

PROJETO APROXIMANDO CULTURAS

Josane Batalha S. da Silva
Débora Noemi Inouye
Ghislayner Aparecida Santos

INTERARTE: ENTRE PAPEIS E TECIDOS

Celia Marcia Rigoletto Idrani
Karina A C Baggio
Rosmary A. S. F. Paulino
Fernanda L Santoro

Sala ED01 – Térreo

Eixo 3 – Subjetividades, memória e Educação das Sensibilidades

O OLHAR DO PROFESSOR FORMADOR DE PROFESSORES

Alda Mendes Baffa

AS SENSACIONES COMO ARTIFÍCIOS POTENCIALIZADORES DE MEMÓRIAS E NARRATIVAS: CORES, SONS, CHEIROS E IMAGENS

Rodrigo Luiz de Jesus Santana
Inês Ferreira de Souza Bragança

OBJETOS ARTÍSTICOS COMO DISPOSITIVOS DE EXPERIÊNCIAS

Juliana Zarur Silva
Adriana Carvalho Koyama

A ESCOLA QUE EU VEJO

Marcemino Bernardo Pereira

Dia 17/07/2013 (sexta-feira)

HORÁRIO

9h às 17h

ATIVIDADE

Feira de Livros e materiais educativos

LOCAL

Faculdade de Educação
– Prédio Anexo I

Dia 17/07/2013 (sexta-feira)

5ª Sessão de Diálogos

Local: Faculdade de Educação – Prédio Anexo I

Horário: 9h às 11h

Sala ED04 – Piso 2

Eixo 1 – Formação docente e práticas profissionais

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E NOVAS TECNOLOGIAS: O OUTRO NA CONSTRUÇÃO / USOS DE OBJETOS DE APRENDIZAGEM PARA A ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS SURDAS

Janaina Cabello

CARACTERÍSTICAS E CONSEQUÊNCIAS DA DISLEXIA: UMA QUESTÃO DOCENTE?

Silvana Chatagnier
Borges Perez

LINGUÍSTICA E PEDAGOGIA: UM DIÁLOGO NECESSÁRIO

Isabella de Cássia
Netto Moutinho

EXPERIÊNCIA ESTÉTICA PARA ALÉM DA SALA DE AULA

Lana Costa Faria

Sala ED05 – Piso 2

Eixo 1 – Formação docente e práticas profissionais

ENTRE FIOS E TRAMAS, A CONFECÇÃO DE UMA PEÇA: EU E MINHA IDENTIDADE

Errivaine Ap. Ferreira Gomes
Clayton José Budin

GRUPOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA: A INTERLOCUÇÃO ENTRE GEOGRAFIA E HISTÓRIA

Fabiana Bardela Lopes
Acacia Aparecida da Silva
Heronilda De Alcantara
Maximiliano Elias
Rafael Fernandes da Mata
Marcos Zacarias Farhat Junior

METANARRATIVAS BAKHTINIANAS: UMA ETAPA DOS ESTUDOS DO GRUBAKH

Liana Arrais Serodio
Guilherme do Val Toledo Prado

DOCÊNCIA E DISCÊNCIA – CORPO, ARTE E NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Isis Lucena Carvalho

5ª Sessão de Diálogos

Local: Faculdade de Educação – Prédio Anexo I

Horário: 9h às 11h

Sala EDo6 – Piso 2

Eixo 1 – Formação docente e práticas profissionais

QUANDO A FORMAÇÃO INICIAL DÁ LUGAR À FORMAÇÃO CONTINUADA: DILEMAS DE PROFESSORAS INICIANTES

Bruna Fabiane Baptistella
Christiane Fernanda da Costa
Luana Priscila de Oliveira

REDES E COLETIVOS DOCENTES: POSSIBILIDADES DE (TRANS) FORMAÇÃO DO OLHAR?

Jacqueline de Fatima dos Santos Morais
Aline Gomes da Silva

CARREIRA E IDENTIDADE DOCENTE

Pâmela Christina G. de Morais
Luiz Augusto Normanha Lima

PRÁTICAS EDUCATIVAS E FORMAÇÃO DE EDUCADORES

Debora de Lima Marreiro

Sala EDo7 – Térreo

Eixo 2 – Cotidiano e práticas educativas

EXPERIÊNCIAS COM A TECNOLOGIA AUDIOVISUAL NA ESCOLA: O TEU OLHAR TRANS-FORMA O MEU?

Maria Paula Belcavello

REAPROVEITAMENTO DE MATERIAIS PARA A CONFECÇÃO DE JOGOS EDUCATIVOS

Domenico Gallicchio Neto
Fabiana Bardela Lopes

LEITURA E ESCRITA COMO POSSIBILIDADE DE TRANS-FORMAÇÃO DOCENTE E DISCENTE NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Juliana Cristina Chaves Buldrin
Baiocchi

POR UM TRIZ

Daniela Quevedo Pacheco

Sala EDo2 – Térreo

Eixo 2 – Cotidiano e práticas educativas

VAMOS VER O QUE O ESGUICHO PODE FAZER

Andressa Lutiano

PENSAMENTOS, PALAVRAS, OLHARES OUTROS QUE NOS TRANS-FORMAM: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE FALAS INFANTIS NO COTIDIANO ESCOLAR

Daniel Pereira Oliveira
Mairce da Silva Araújo
Rose Mary Castro de Oliveira
Magdalena
Ruttyê Silva de Abreu

QUE BRINCADEIRA É ESSA?!

Cristina Maria Campos
Paulo Cesar de Campos

REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA SALA DE LEITURA

Lenita dos Santos Ferreira

5ª Sessão de Diálogos

Local: Faculdade de Educação – Prédio Anexo I

Horário: 9h às 11h

Sala ED09 – Piso 2

Eixo 2 – Cotidiano e práticas educativas

O EU E O OUTRO EM UM PROCESSO TEATRAL COLETIVO – AS RELAÇÕES ENTRE PROFESSORES E ALUNOS NO ESPETÁCULO “HAMLET”, DA ESCOLA DE TEATRO DA FUNDAÇÃO DAS ARTES

Sérgio de Azevedo
Maria Celia Luca
Danilo Araujo Oliveira
Marco Aurélio Domingues

PRODUÇÃO DE FANZINES: SUJEITOS LEITORES E ESCRITORES EM AÇÃO NA ESCOLA PÚBLICA

Eva Pereira Rocha

PRÁTICAS ESCOLARES EMANCIPATÓRIAS: CORRELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Rejane Costa da Silva

HISTORIANDO MEMÓRIAS ESCOLARES COM ALUNOS/AS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO

Karyne Alves Baroldi

Sala ED01 – Térreo

Eixo 3 – Subjetividades, memória e Educação das Sensibilidades

MEMÓRIA E NARRATIVAS: PROCESSO DE REFLEXÃO SOBRE A ESCRITA E LEITURA DE SI NA CONSTITUIÇÃO PROFISSIONAL

Michel Serigato Mansano
Ana Paula Souza Brito

MEMÓRIAS E NARRATIVAS FOTOGRÁFICAS: SENSIBILIDADES DOCENTES (TRANS)FORMADAS PELO OLHAR (DO) OUTRO

Nara Rúbia Carvalho Cunha

EXPERIÊNCIA ESTÉTICA E PRÁTICA DOCENTE: O EXERCÍCIO DE SENSIBILIDADE E FORMAÇÃO

Luciana Haddad Ferreira

FALA OUTRA ESCOLA: INDICAÇÕES SOBRE AS TENDÊNCIAS DOS TRABALHOS APRESENTADOS NO EVENTO PROMOVIDO PELO GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO CONTINUADA (2002 – 2013)

Bruna Celli D'Abruzzo Degrecci
Ana Maria Falcão de Aragão



CAPA



SUMÁRIO

6ª Sessão de Diálogos

Local: Faculdade de Educação – Prédio Anexo I

Horário: 11h às 13h

Sala ED04 – Piso 2

Eixo 1 – Formação docente e práticas profissionais

A FORMAÇÃO CONTINUADA DE TUTORES-FORMADORES:
INTERLOCUÇÕES CONSTITUÍDAS EM DIFERENTES ESPAÇOS.

Adriana Barbosa Soares

ESCOLA EM MOVIMENTO: EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO NA LICENCIA-
TURA EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA COM AS CRIANÇAS PEQUENAS

Marcio da Costa Berbat

CORPO SENSÍVEL NA EAD

Ana Paula Poubel Canela

REFLEXÕES DAS ALUNAS TUTORAS SOBRE SUAS
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO SUPERIOR

Elispaula Inácio P.de Souza
Lezinete Regina Lemes
Weslaine Evaristo Soares

Sala ED05 – Piso 2

Eixo 1 – Formação docente e práticas profissionais

A FORMAÇÃO DOS ALFABETIZADORES- O QUE REVELAM SEUS
RELATOS (SOBRE A ÓTICA DE UMA ALFABETIZADORA)

Cátia Soares Madaleno Menezes
Eliane Greice Davanço Nogueira

PESQUISA-FORMAÇÃO ONLINE: CAMINHOS METODOLÓGICOS
DE UMA PESQUISA COM PROFESSORAS ALFABETIZADORAS

Denise Rezende Barboza

GRUPAD – GRUPO DE ESTUDOS ALFABETIZAÇÃO EM DIÁLOGO:
CONSTRUINDO CONHECIMENTOS SOBRE UMA ESCOLA
OUTRA NUM GRUPO COLABORATIVO

Heloísa Helena Dias M. Proença
Adriana de Cássia Facio Serrano
Ana Luiza Tayar Lima
Cristina Maria Campos
Idelvandre Vilas Boas S. Santos
Maria Claudia Belluzzo Maia
Maria Teresa Cruz de Moraes
Rafaela Martins
Renata Barroso de S. Frauendorf
Tatiane Gaspar Lima

EXPERIÊNCIAS DO – DISCENTES NO/DO GEFEL

Margarida dos Santos
Renata Alves da Silva Martins
Alzira Alves da Silva
Joana Braz
Lidia Soares Satil
Zilda Chaves de Oliveira She-
miko
Marlucia da Costa

6ª Sessão de Diálogos

Local: Faculdade de Educação – Prédio Anexo I

Horário: 11h às 13h

Sala EDO6 – Piso 2

Eixo 1 – Formação docente e práticas profissionais

A POÉTICA DA CRIANÇA DE 0 A 3 ANOS E A ARTE CONTEMPORÂNEA NA FORMAÇÃO CONTINUADA

Benedita Machado de Mello

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFESSORAS BRINCANTES: DESCOLONIZANDO OLHARES

Marta Regina Paulo da Silva
Rafaela de Ávila Cardoso
Rosemeire Silva dos Santos
Talita da Silva Fim

NARRATIVAS E ALTERIDADE ENTRE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL: O PROGRAMA DE RESIDÊNCIA DOCENTE DO COLÉGIO PEDRO II

Camila Machado de Lima

O QUE PENSAM OS PROFESSORES? UMA ABORDAGEM SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA AUTORREGULAÇÃO E DA AUTONOMIA POR MEIO DA LITERATURA INFANTIL

Adriana Batista de Souza Koide

Sala EDO7 – Térreo

Eixo 2 – Cotidiano e práticas educativas

O CANTO AINDA TEM SENTIDO: EXPERIÊNCIAS DE ESCOLAS EM LA UNIÓN, CHILE.

Angélica Maria Contreras Peña
Adriana do N.b Araújo Mendes

BRINCAR, INTEGRAR E (RE) SIGNIFICAR

Anália Bressane L. Froidi
Solange Aparecida Corrêa

ATELIÊS E CANTINHOS SÃO A MESMA COISA?

Lucianna Magri Melo Munhoz

EU POSSO PARTICIPAR DA ASSEMBLEIA?

Marciane Aparecida Santos Reis
Marissol Prezotto

Sala EDO2 – Térreo

Eixo 2 – Cotidiano e práticas educativas

CONTOS DE BRUXAS: VAMOS PRODUZIR?

Camila Oliveira

HISTÓRIAS CONTAM OUTRAS HISTÓRIAS

Bianca Bellini Emmanoell
Gabriella Missio Von Ah
Juliana Rigacci

O QUE PODE CONTAR UMA CARTA?

Gabriela Caldeira Aranha
Gislaine C. Bonalumi Ferreira

VIAGENS IMAGINÁRIAS: A CONSTRUÇÃO DE UM LIVRO A PARTIR DE NARRATIVAS CRIADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ruy Braz da Silva Filho
Luciane Martins Salado



CAPA



SUMÁRIO

029

6ª Sessão de Diálogos

Local: Faculdade de Educação – Prédio Anexo I

Horário: 11h às 13h

Sala ED09 – Piso 2

Eixo 2 – Cotidiano e práticas educativas

RODAS TEMÁTICAS

Rafael Vigentin

AS TRANSFORMAÇÕES NO TRABALHO DOCENTE:
A ESCUTA DO OUTRO

Milena Batista da Silva
Carolina Silva Costa
Crislaine M. Silva Modesto

A INTEGRALIDADE DO SER DA ESCOLA INTEGRAL:
POR UMA EDUCAÇÃO MAIS ESTÉTICA

Michelle Dantas Ferreira
Bárbara Prudente de A. Rodrigues

ORIENTAÇÃO SEXUAL

Juliana Andréa Manfrinato

Sala ED01 – Térreo

Eixo 3 – Subjetividades, memória e Educação das Sensibilidades

LE PETIT KIRIKOU- A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INFANTIL
A PARTIR DO (RE)CONHECIMENTO DO OUTRO: UMA
EXPERIÊNCIA EM ESCOLA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL

Daniela Dos Santos Caetano
Hélica Silva Carmo Gomes
Luciana Crispin

O MENINO NO ESPELHO E O REFLEXO DO ALUNO

Gisélia Oliveira de Sá Neves

REEDUCANDO OS SENTIDOS PARA UMA
EDUCAÇÃO DE CORPO INTEIRO

Izabella Ribeiro da Silva

PRACEAR PROPOSIÇÕES CORPORAIS

Maira Leonilda Marchiori

Dia 17/07/2013 (sexta-feira)

HORÁRIO

ATIVIDADE

LOCAL

13h às 14h

Intervalo para o almoço

Área interna e externa
da UNICAMP

7ª Sessão de Diálogos

Local: Faculdade de Educação – Prédio Anexo I

Horário: 14h às 16h

Sala ED04 – Piso 2

Eixo 1 – Formação docente e práticas profissionais

CONTRIBUIÇÕES DA ESCRITA NA FORMAÇÃO
DE LICENCIANDOS EM PEDAGOGIA

Hayla Emanuelle Torrezan
Laura Noemi Chaluh

PIBID: CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO INICIAL
DE LICENCIANDOS EM PEDAGOGIA

Isabele Candiotto Sacilotto
Laura Noemi Chaluh

O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO BÁSICA COMO FORMADOR DE
SEUS PARES: A EXPERIÊNCIA DE PROFESSORES-FORMADORES

Clayton José Budin
Flavia Medeiros Sarti

O QUE SE ENCONTRA QUANDO SE ENCONTRAM OS SUJEITOS
DA FORMAÇÃO: ESCRITA DE PROFESSORAS RESIDENTES DO
PROGRAMA DE RESIDÊNCIA DOCENTE DO COLÉGIO PEDRO II

Luisa Azevedo Guedes

Sala ED05 – Piso 2

Eixo 1 – Formação docente e práticas profissionais

REPENSANDO A PRÁTICA

Katia Salvador de S.Coutinho
Maria de Fátima Dias Almagro

A CONSTITUIÇÃO DO HABITUS E DO CAPITAL CULTURAL
DE PROFESSORES-MESTRES DA PRIMEIRA TURMA
DO MESTRADO PROFISSIONAL DA UIEMS

Sandra Novais Sousa

DESAFIOS AO EDUCADOR NA TRANSIÇÃO DO QUINTO
PARA O SEXTO ANO NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO
DE SÃO PAULO: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO

Renata Sales de Moraes Borges

FORMAÇÃO E PRÁTICA DOCENTE EM LÍNGUA PORTUGUESA
NA UNIVERSIDADE NACIONAL DE TIMOR-LOROSÁE:
RELATO DA EXPERIÊNCIA CODOCENTE

Samuel Penteadó Urban

Sala ED06 – Piso 2

Eixo 1 – Formação docente e práticas profissionais

“TEACHER, HÁ UMA BARREIRA ENTRE NÓS”

Dirlaine Beatriz F. de Souza

QUANDO AS PALAVRAS CONTAM A MATEMÁTICA:
UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO DE FORMADORES

Maria Angela de Melo Pinheiro
Adriana Stella Pierini

FLAGRANTES DE UMA COMUNIDADE DE LEITORES

Maria Teresa Cruz de Moraes

TEORIA E PRÁTICA: DIALOGANDO COM
AS EXPERIÊNCIAS NO ESPAÇO ESCOLAR

Jeanne Chaves Rodrigues
Mariana Quinelato F. Medeiros



CAPA



SUMÁRIO

331

7ª Sessão de Diálogos

Local: Faculdade de Educação – Prédio Anexo I

Horário: 14h às 16h

Sala EDO7 – Térreo

Eixo 2 – Cotidiano e práticas educativas

O DESCOBRIMENTO DO BRASIL E SUAS DIFERENTES
ROTAS PARA DESCOBRIR COMO SE FAZ HISTÓRIA.

Raquel de Souza Magro
Márcia Ladeia Reis
Adriana Luppi Drugowich

AS POTENCIALIDADES DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS
PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Marcel Silva Nascimento
Francisco Evangelista

CABELO CRESPO E CORPO NEGRO NA SALA DE AULA

Beatriz Regina Barbosa
Marta Santos

UM OLHAR SOBRE MEU BAIRRO

Rafael Vigentin

Sala EDO2 – Térreo

Eixo 2 – Cotidiano e práticas educativas

RESSIGNIFICANDO OS SABERES NA SALA DE AULA

Kelly Soares

PENSAMENTOS, PALAVRAS, OLHARES OUTROS QUE
NOS TRANSFORMAM: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AS
FALAS INFANTIS NO COTIDIANO ESCOLAR

Ruttyê Silva de Abreu

O OLHAR DA CRIANÇA (TRANS)FORMA A CRECHE:
RELATO DE EXPERIÊNCIA

Maria José da Costa Silva
Rosinete Lima Setubal

OLHE, MEU DESENHO CRESCEU! :
UMA EXPERIÊNCIA COM LUZ E SOMBRA.

Elaine Ferraresi Serediuk

Sala EDO9 – Piso 2

Eixo 2 – Cotidiano e práticas educativas

O LETRAMENTO EM LÍNGUA INGLESA UMA PRÁTICA SÓCIO-CULTURAL

Rodrigo Avella Ramirez

FORMAÇÃO DE PROFESSORES CONTINUADA. ONDE, COMO ACONTECE?

Elaine Cristina Oliveira Nunes

TCHAU SUJEIRA

Tatiane Gaspar Lima

TRASMUTAR O TEMPO DE FORMAÇÃO DA PROFESSORA

Jaqueline de Meira Bisse

7ª Sessão de Diálogos

Local: Faculdade de Educação – Prédio Anexo I

Horário: 14h às 16h

Sala ED01 – Térreo

Eixo 3 – Subjetividades, memória e Educação das Sensibilidades

LIM DEDO DE PROSA: ENCONTRO NARRATIVO E ESTÉTICO DE DOIS PROFESSORES EM FORMAÇÃO.

Gilberto Souza Soares
Thaísa Efigênia M. Marques

AS PEDRAS BONITAS PODEM FALAR! MEMÓRIAS DE VELHOS PROFESSORES DE ITAPORANGA/SP SOBRE A DOCÊNCIA

Sandra Antonia Convento de Moura Ferraz

MEMÓRIAS QUE MARCAM A VIDA DOCENTE E REDIMENSIONAM SUA PRÁTICA NO COTIDIANO ESCOLAR

Ana Paula da Silva C. Oliveira
Clarissa Moura Quintanilha
Juliana Godói de Miranda Perez

O BRASIL QUE QUERO

Adriano Ramos Marthi
Carolina Fantato Pedrazzoli

Dia 17/07/2013 (sexta-feira)

HORÁRIO

ATIVIDADE

LOCAL

16h15 às 16h45

Mesa de Encerramento do VII FALA Outra ESCOLA

Salão Nobre da FE

Convidados:

Ana Maria Falcão de Aragão (GEPEC)
Adriana Carvalho Koyama (GEPEC, CMU Unicamp/SP)
Guilherme do Val Toledo Prado (GEPEC)
Rúbia Cristina Cruz (GEPEC - Unisal Campinas/SP e PM Campinas/SP)

16h45 às 17h30

Apresentação Cultural - MARACATU

Salão Nobre da FE

Convidados:

Grupo MARACATUCÁ

VII Fala *outra* Escola

REALIZAÇÃO



APOIOS



Coordenadoria de
Desenvolvimento
Cultural



Faculdade de educação - UNICAMP
julho de 2015